

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

JANAÍNA COSTA TEIXEIRA

**AS TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM TRANSFRONTEIRIÇA: AS
REPRESENTAÇÕES DO PODER LOCAL E DO TURISMO DE COMPRAS EM PONTA
PORÃ (BR) E PEDRO JUAN CABALLERO (PY)**

PORTO ALEGRE - RS
2024

JANAÍNA COSTA TEIXEIRA

**AS TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM TRANSFRONTEIRIÇA: AS
REPRESENTAÇÕES DO PODER LOCAL E DO TURISMO DE COMPRAS EM PONTA
PORÃ (BR) E PEDRO JUAN CABALLERO (PY)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientadora: Dra. Adriana Dorfman

**PORTO ALEGRE - RS
2024**

CIP - Catalogação na Publicação

Costa Teixeira, Janaína

As transformações na paisagem transfronteiriça: as representações do poder local e do turismo de compras em Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY) / Janaína Costa Teixeira. -- 2024.

307 f.

Orientadora: Adriana Dorfman.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geociências, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. fronteiras. 2. paisagens transfronteiriças. 3. Pedro Juan Caballero. 4. representações. 5. Ponta Porã. I. Dorfman, Adriana, orient. II. Título.

JANAÍNA COSTA TEIXEIRA

**AS TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM TRANSFRONTEIRIÇA: AS
REPRESENTAÇÕES DO PODER LOCAL E DO TURISMO DE COMPRAS EM PONTA
PORÃ (BR) E PEDRO JUAN CABALLERO (PY)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientadora: Dra. Adriana Dorfman

Aprovada em 15 de março de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Adriana Dorfman (Orientadora) – UFRGS

Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares – UFRGS

Dr. Alex Dias de Jesus – IFPI

Dr. Marcos Leandro Mondardo – UFGD

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos pela colaboração, pelas ajudas tão indispensáveis ao longo desse caminho são para todos (as) aqueles(as) que contribuíram para o meu crescimento enquanto pesquisadora e ser humano.

Agradeço o apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo suporte técnico e financeiro por tantas vezes. Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS – PPGEA/UFRGS, pelos recursos, serviços e atendimentos prestados por meio de sua equipe técnica e corpo docente de altíssimo gabarito.

Agradeço à minha orientadora Professora Doutora Adriana Dorfman, que me ajudou e que fez parte dessa jornada, de aprendizado constante e de muitas descobertas por meio dos Estudos Fronteiriços. Pois seu incentivo que, literalmente, nos levou para outras fronteiras de saberes e existências marcadas pela nossa persistência e esperança: do verbo esperar.

Agradeço ao Professor Dr. Alex Dias de Jesus, a quem devo profunda gratidão, pois seus apontamentos foram imprescindíveis para a finalização do processo criativo e orgânico dessa tese.

Agradeço aos amigos e colegas de graduação Andrea Santos de Araújo e Maximiliano Paschoaloti Messa, pois os nossos diálogos constantes surtiram um efeito revigorante, dando um fôlego novo para essa pesquisadora, nos momentos de dúvida.

Os agradecimentos são para os colegas, amigos, mestres na arte de fazer da própria existência uma profissão de fé, de busca por tornar esse mundo mais humano e solidário; com mais equidade, tais como a professora Eliana Lamberti, o professor Marcos Leandro Mondardo, o professor Carlos Busón Buesa, professor Sacha Anibal Cardona Benitez e a professora Marilene Ribeiro, pessoas que compuseram, o novo imaginário da fronteira entre Pedro Juan Caballero (PY) e Ponta Porã (BR). Ao professor Roberto Verdum pelas trocas de valor inestimável no contexto dos estudos sobre o tema da paisagem. Com seus saberes e práticas educacionais coletivas tornam a paisagem de fronteira um espaço sociopolítico de discussão e debates profundos cheios de inovação e pluralidade. Agradeço ao Prof. Dr. Camilo Pereira Carneiro Filho pelas indicações de referências e pelos mapas que ilustram essa tese. Agradeço às conversas, às falas, às ajudas em diversos momentos, no presencial, depois em meio virtual em função da distância e da pandemia.

Agradeço à equipe e à coordenação do projeto de extensão Promoção da Equidade Étnico-racial no SUS Porto Alegre/RS, nas pessoas da Professora Dr^a. Fernanda Souza de Bairros e da Prof^a Msa. Elaine Oliveira Soares, por terem me acolhido enquanto mulher negra,

pesquisadora e bolsista de pós-graduação por um ano e sete meses, que representou um mergulho profundo nos estudos sobre negritude, ancestralidade e história da constituição da sociedade brasileira.

Agradeço às colegas Vivian Letícia Godoy, Júlia Ribes Fagundes, Leni Barata, Lenise Ferreira e à Aline Robles Brito do Nascimento (*in memoriam*), que foram imprescindíveis na construção desta pesquisa, pois nossas conversas e trocas de conhecimentos me fizeram olhar de forma crítica, sem perder de vista o caráter lúdico, que é estudar algo a partir da curiosidade e do genuíno interesse pelo saber/aprender. São pessoas incríveis que se doaram e estiveram sempre atentas aos meus pedidos de ajuda, obrigada, amadas do meu coração!

Agradeço aos professores que compuseram a minha banca de qualificação Professor Luiz Fernando Mazzini Fontoura, professor Paulo Roberto Rodrigues Soares e ao professor Marcos Leandro Mondardo, por suas falas e apontamentos, que serviram de estímulo para os trabalhos de campo, no sentido de responder às lacunas existentes na escrita deste trabalho.

Agradeço aos amigos e familiares pelo apoio e acolhida carinhosa, nos raros encontros de família, ao longo desses sete anos, em que precisei me ausentar diversas vezes; e me isolar para a reflexão necessária tantas outras vezes. Sou muito grata pela minha família que é fonte de ânimo e incentivo inigualáveis; nesses dezessete anos de vida acadêmica, sempre estiveram comigo. Agradeço às minhas admiráveis amigas Paola Pereira, às irmãs Thays Gonçalves e Thayane Gonçalves.

À minha psicóloga Fernanda Francisca por ter feito parte desta jornada de autodescoberta e superação de desafios, gratidão.

Agradecer a Deus, a Jesus Cristo e ao Espírito Santo é nosso dever sempre, pois somos parte Dele.

Em momentos assim, num barco ou numa praia, pela janela de um trem ou em uma casa em um bairro qualquer, a paisagem está sempre atraindo nossa atenção. É como se estivéssemos em um teatro, diante de uma cenografia recém revelada por um abrir de cortinas. Bela ou feia, clara ou mal iluminada, próxima ou distante – não importa – somos atraídos pela paisagem como são os olhares dos espectadores atraídos pelo palco. E o que vemos ou percebemos estimula nossa imaginação e desenvolve nossa capacidade de observação. Àquilo que os olhos veem juntam-se os estímulos sonoros provenientes de uma circunstância qualquer e já não somos alvo apenas do que vemos, mas também do que ouvimos (Celso Nunes, 2002, p.216).

RESUMO

Para discutir as paisagens transfronteiriças nas cidades gêmeas de Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai), este trabalho considera dois eixos principais: a produção da memória, em disputa pelo patriarcado e oligarquias de um lado, e grupos invisibilizados, de outro; e as atividades comerciais que se relacionam à condição fronteiriça. Como metodologia, foram realizadas revisões bibliográficas, trabalhos de campo, entrevistas abertas e análise fotográfica. Com base na elaboração de fotografias e análise destas representações foram compostas imagens, paisagens de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero (PP – PJC). Verificou-se que monumentos e objetos patrimonializados remetem à Guerra Guasú, representando heróis de guerra e personagens das oligarquias e detentores do capital financeiro e das terras, que historicamente dominaram esse lugar. Ao mesmo tempo, os shopping centers e a linha internacional, repleta de lojas enfileiradas, conduzem os turistas pelo universo do consumo, e as ruas são funcionalizadas para que as pessoas as percorram experimentando uma paisagem transfronteiriça. Como resultados, distinguiram-se paisagens fronteiriças (caracterizadas pela iconografia estatal) e paisagens transfronteiriças (ligadas às inter-relações e trocas realizadas por diferentes atores). Foi proposta a seguinte classificação para as paisagens transfronteiriças: paisagens transfronteiriças urbanas, culturais, de turismo de compras e históricas, enquanto formas características da complementaridade das cidades gêmeas. A paisagem transfronteiriça urbana é aquela que congrega infraestruturas urbanas transfronteirizadas, ao interconectar por meio das ruas a mobilidade das pessoas locais e extra locais. A paisagem transfronteiriça turística de compras é marcada pelos estabelecimentos comerciais e outras atividades conectadas ao movimento dos fornecedores, compradores e/ou turistas nas cidades gêmeas. A paisagem transfronteiriça cultural é marcada por prédios funcionalizados que visa a preservação da memória na paisagem. Já a paisagem transfronteiriça histórica caracteriza-se pelos monumentos históricos e pelas expressões da integração regional e da potência dos agentes locais que se consolidaram por meio dos homenageados ícones, que representam o poder local (empresários, políticos e seus associados históricos) enquanto nicho político e econômico detentores das forças que influenciam nas decisões sobre o território. Na paisagem transfronteiriça histórica está impressa nos elementos que representam as figuras notórias das classes políticas e de alto poder econômico, que representam as elites locais. Os agentes do poder local que são os empresários, políticos e os seus associados históricos operam entre tensões e conflitos por hegemonia na região fronteiriça. Esses atores orbitam as estruturas do poder e se

consolidaram ao passo que, os demais representantes regionais são apagados, invisibilizados ou silenciados na paisagem transfronteiriça. As paisagens se sobrepõem, a histórica também é cultural; a urbana também é referência do turismo de compras, que está interconectada com as demais. Essas paisagens estão em permanente atualização, em processos de revitalização, oriundos de projetos estatais, em parceria com agentes do setor privado. A paisagem na Linha Internacional materializa a ideia da fronteira enquanto transfronteiridade, com seus conflitos, disputas e permanências.

Palavras-chave: fronteiras; paisagens transfronteiriças; iconografias; representações; Pedro Juan Caballero; Ponta Porã.

ABSTRACT

To discuss the cross-border landscapes in the twin cities of Ponta Porã (Brazil) and Pedro Juan Caballero (Paraguay), this work considers two main axes: the production of memory, in dispute between patriarchy and oligarchies on the one hand, and invisible groups, on the other.; and commercial activities that relate to the border condition. As a methodology, bibliographical reviews, fieldwork, open interviews and photographic analysis were carried out. Based on the preparation of photographs and analysis of these representations, images and landscapes of Ponta Porã and Pedro Juan Caballero were composed. It was found that monuments and heritage objects refer to the Guasú War, representing war heroes and characters from the oligarchies and holders of financial capital and land, who historically dominated this place. At the same time, shopping centers and the international line, full of lined up stores, guide tourists through the universe of consumption, and the streets are functionalized so that people can walk through them experiencing a cross-border landscape. As results, border landscapes (characterized by state iconography) and transborder landscapes (linked to interrelationships and exchanges carried out by different actors) were distinguished. The following classification was proposed for cross-border landscapes: urban, cultural, shopping tourism and historical cross-border landscapes, as characteristic forms of the complementarity of the twin cities. The urban cross-border landscape is one that brings together cross-border urban infrastructures, by interconnecting the mobility of local and extra-local people through streets. The cross-border tourist shopping landscape is marked by commercial establishments and other activities connected to the movement of suppliers, buyers and/or tourists in the twin cities. The cultural cross-border landscape is marked by functionalized buildings that aim to preserve memory in the landscape. The historical cross-border landscape is characterized by historical monuments and expressions of regional integration and the power of local agents that were consolidated through the honored icons, which represent local power (businessmen, politicians and their historical associates) as a political niche and economic forces that influence decisions about the territory. In the historical cross-border landscape it is imprinted in the elements that represent the notorious figures of the political classes and high economic power, which represent the local elites. Agents of local power, who are businesspeople, politicians and their historical associates, operate amidst tensions and conflicts for hegemony in the border region. These actors orbit the power structures and have consolidated themselves, while the other regional representatives are erased, made invisible or silenced in the cross-border landscape. The

landscapes overlap, the historical is also cultural; urban is also a reference for shopping tourism, which is interconnected with the others. These landscapes are constantly being updated, undergoing revitalization processes, arising from state projects, in partnership with private sector agents. The landscape on the International Line materializes the idea of the border as transboundary, with its conflicts, disputes and permanence.

Keywords: borders; transboundary landscapes; iconographies; representations; Pedro Juan Caballero; Ponta Porã.

RESUMEN

Para discutir los paisajes transfronterizos en las ciudades gemelas de Ponta Porã (Brasil) y Pedro Juan Caballero (Paraguay), este trabajo considera dos ejes principales: la producción de memoria, en disputa entre patriarcado y oligarquías, por un lado, y la invisibilidad. grupos, por el otro.; y actividades comerciales que se relacionan con la condición fronteriza. Como metodología se realizaron revisiones bibliográficas, trabajo de campo, entrevistas abiertas y análisis fotográfico. A partir de la elaboración de fotografías y el análisis de estas representaciones se compusieron imágenes y paisajes de Ponta Porã y Pedro Juan Caballero. Se encontró que monumentos y objetos patrimoniales hacen referencia a la Guerra de Guasú, representando héroes de guerra y personajes de las oligarquías y tenedores de capitales financieros y tierras, que históricamente dominaron este lugar. Al mismo tiempo, los centros comerciales y la línea internacional, llena de tiendas alineadas, guían al turista por el universo del consumo, y las calles se funcionalizan para que las personas puedan caminar por ellas experimentando un paisaje transfronterizo. Como resultados, se distinguieron paisajes transfronterizos (caracterizados por la iconografía estatal) y paisajes transfronterizos (vinculados a interrelaciones e intercambios realizados por diferentes actores). Para los paisajes transfronterizos se propuso la siguiente clasificación: urbano, cultural, turismo de compras y paisaje transfronterizo histórico, como formas características de la complementariedad de las ciudades gemelas. El paisaje urbano transfronterizo es aquel que reúne infraestructuras urbanas transfronterizas, al interconectar la movilidad de personas locales y extralocales a través de las calles. El panorama de compras turísticas transfronterizas está marcado por establecimientos comerciales y otras actividades relacionadas con el movimiento de proveedores, compradores y/o turistas en las ciudades gemelas. El paisaje cultural transfronterizo está marcado por edificios funcionalizados que pretenden preservar la memoria en el paisaje. El paisaje histórico transfronterizo se caracteriza por monumentos históricos y expresiones de la integración regional y el poder de los agentes locales que se consolidaron a través de los íconos homenajeados, que representan el poder local (empresarios, políticos y sus asociados históricos) como nicho político y fuerzas económicas. que influyen en las decisiones sobre el territorio. En el paisaje histórico transfronterizo está impreso en los elementos que representan a las figuras notorias de las clases políticas y de alto poder económico, que representan a las élites locales. Los agentes del poder local, que son empresarios, políticos y sus asociados históricos, operan en medio de tensiones y conflictos por la hegemonía en la región fronteriza. Estos actores orbitan las estructuras de poder y se

han consolidado, mientras que los demás representantes regionales son borrados, invisibilizados o silenciados en el paisaje transfronterizo. Los paisajes se superponen, lo histórico también es cultural; Lo urbano es también un referente para el turismo de compras, que está interconectado con los demás. Estos paisajes están en constante actualización, pasando por procesos de revitalización, derivados de proyectos estatales, en colaboración con agentes del sector privado. El paisaje sobre la Línea Internacional materializa la idea de la frontera como transfronteriza, con sus conflictos, disputas y permanencias.

Palabras clave: fronteras; paisajes transfronterizos; iconografías; representaciones; Pedro Juan Caballero; Ponta Porã.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1 - Linha Internacional e área urbana central, 2021 | 18 |
| Figura 2 - Detalhe linha internacional, 2021 | 18 |
| Figura 3 - Fronteira entre Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY) | 19 |
| Figura 4 - Monumento das Cuias, 2023 | 20 |
| Figura 5 - Matriz de observação sistemática de Aceguá, BR/ Aceguá, UY | 70 |
| Figura 6 - Matriz de observação sistemática de Nogales, MEX/ Nogales, EUA | 71 |
| Figura 7 - Rancho de ervateiros em Punta Porã, 1877 | 110 |
| Figura 8 - Laguna Punta Porã - Pedro Juan Caballero (década de 1990)..... | 112 |
| Figura 9 - Transportista del San Pedrano Ramírez en la “matula”, 1890..... | 113 |
| Figura 10 - Marco de zonas limítrofes entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, 1872. | 116 |
| Figura 11 - Placa da obra na Linha Internacional, PJC-PP, PTU - 2023..... | 126 |
| Figura 12 - Homens trabalhando na pavimentação da rua. PTU, 2023..... | 127 |
| Figura 13 - Placa da obra na Linha Internacional, PJC-PP, PTU 2023..... | 127 |
| Figura 14 - Prédio do 4º Batalhão da Polícia Militar, Castelinho entre PP, 2019..... | 128 |
| Figura 15 - Placa da obra de restauração do prédio do 4º Batalhão da Polícia Militar, Castelinho entre PP, 2023..... | 129 |
| Figura 16 - Prédio do 4º Batalhão da Polícia Militar, ‘Castelinho’ (Fundos), PP, 2019..... | 129 |
| Figura 17 - Prédio do 4º Batalhão da Polícia Militar, Castelinho (fundos) em fase de restauração, PP, 2023. | 130 |
| Figura 18 - Prédio do 4º Batalhão da Polícia Militar, Castelinho, em fase de restauração, (lateral) em PP, 2023. | 130 |
| Figura 19 - Oficinas de música nas dependências do prédio da FUNCESPP, PP, 2019..... | 131 |
| Figura 20 - Oficinas de artes nas dependências do prédio da FUNCESPP, PP, 2019 | 131 |
| Figura 21 - Fachada da FUNCESPP anterior ao período da reforma em PP, 2019. | 133 |
| Figura 22 - Fachada da FUNCESPP fechada em função das reformas estruturais do prédio, PP, 2023..... | 134 |
| Figura 23 - Lateral do prédio da FUNCESPP vazio em função das reformas estruturais do prédio, PP, 2023. | 135 |
| Figura 24 - Fábrica de tintas em Pedro Juan Caballero (PY), PTU, 2019..... | 142 |
| Figura 25 - Funcionárias trabalhando em maquiladora localizada em PJC, PTU, 2019..... | 143 |

| | |
|--|-----|
| Figura 26 - Fotografia de rua próxima à linha internacional, 2019 e na sequência o mesmo trecho em obras - PTU, 2023..... | 146 |
| Figura 27 - Fotografia de rua próxima à linha internacional - PTU, 2023..... | 146 |
| Figura 28 - Base para calçamento de rua próxima à Linha Internacional - PTU, 2023 | 147 |
| Figura 29 - Estádio Municipal Campeones de Amambay - PTU, 2023 | 148 |
| Figura 30 - Estádio Municipal Campeones de Amambay - PTU, 2023 | 148 |
| Figura 31 - Laguna Punta Porã, PJC - PTU, 2019..... | 149 |
| Figura 32 - Laguna Punta Porã PJC - PTU, 2023..... | 149 |
| Figura 33 - Laguna Punta Porã vista dos pedalinhas, PJC - PTU, 2023..... | 150 |
| Figura 34 - Centro Cultural Intendente Carlos Domínguez, PJC - PTU, 2023..... | 150 |
| Figura 35 - Fachada do Centro Cultural Int. Carlos Domínguez, PJC - PTU, 2023 | 151 |
| Figura 36 - Carreta Campesina, ao lado da laguna Punta Porã, PJC - PTU, 2023..... | 151 |
| Figura 37 - Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro PJC - PTU, 2023 | 152 |
| Figura 38 - Mercado Público de PJC - PTU, 2023..... | 152 |
| Figura 39 - Universidad Columbia del Paraguay, PJC - PTU, 2023..... | 153 |
| Figura 40 - Monumento artístico próximo a Laguna Punta Porã, PJC - PTU, 2023..... | 153 |
| Figura 41 - Monumento artístico próximo ao Parque do Ervais, PP - PTU, 2023 | 154 |
| Figura 42 - Foto sequência A cena pública I. Laguna Punta Porã, PJC – PTU..... | 154 |
| Figura 43 - Foto sequência A cena pública II. Laguna Punta Porã, PJC – PTU | 155 |
| Figura 44 - Foto sequência A cena pública III. Laguna Punta Porã, PJC – PTU..... | 155 |
| Figura 45 - Foto sequência A cena pública VI. Laguna Punta Porã, PJC – PTU..... | 155 |
| Figura 46 - Edifício da Comuna de Pedro Juan Caballero antes da reforma e ser convertido em Museu de arte contemporânea e do folclore local, PTC, 2019..... | 160 |
| Figura 47 - Edifício da Comuna de PJC restaurado e convertido em centro cultural, PTC, 2020..... | 160 |
| Figura 48 - Réplica do gabinete do Intendente Sr. José Carlos Acevedo, 2023..... | 162 |
| Figura 49 - Exposições de fotografias e utensílios, trajetórias e histórias dos povos originários no Museu de arte contemporânea e do folclore local, PTC, 2023..... | 163 |
| Figura 50 - Exposições de fotografias e utensílios, trajetórias e histórias dos povos originários no Centro Cultural Intendente Carlos Dominguez de arte dos povos originários e do folclore local, PTC, 2023..... | 164 |
| Figura 51 - Marechal Francisco Solano López (1827-1870) destaque entre os heróis da Guerra do Paraguai, (1864- 1870), Centro Cultural Intendente Carlos Dominguez, PTC, 2023..... | 165 |

| | |
|--|-----|
| Figura 52 - Fotografia da esposa do Marechal Solano López, Sr ^a Elisa Lynch e na parte inferior, expositor com armamentos de utilizados na Guerra do Paraguai. Acervo do Museu Centro Cultural Intendente Carlos Dominguez de PJC, PTC, 2020..... | 166 |
| Figura 53 - Fotografia trabalhadores da produção ervateira. Acervo do Museu Centro Cultural Intendente Carlos Dominguez de PJC, PTC, 2023..... | 167 |
| Figura 54 - Gravura de trabalhadores da produção ervateira, também retratado em croquis e pinturas. Acervo do Museu de PJC, PTC, 2023 | 168 |
| Figura 55 - Fotografia trabalhadores da produção ervateira, também retratado nas pinturas. Acervo do Museu de PJC, PTC, 2023..... | 169 |
| Figura 56 - Trabalhador com fardo de erva mate sobre os ombros. Acervo do Museu de PJC, 2023..... | 170 |
| Figura 57 - Porta-retratos de família na réplica do quarto de uma das irmãs Montiel Ortellano, 2023..... | 171 |
| Figura 58 - Universidad del Norte (UNINORTE) em frente à Universidad Politécnica y Artística del Paraguay (UPAP), PJC, 2023..... | 174 |
| Figura 59 - Universidade Central do Paraguai (UCP), PJC, 2023 | 175 |
| Figura 60 - Loja de Pneus nas proximidades do Shopping China, PJC, PTTC, 2023..... | 176 |
| Figura 61 - Rua da Loja de Pneus nas proximidades do Shopping China, PJC, PTTC, 2023..... | 177 |
| Figura 62 - Loja da Pneus Goodyear próximo ao Shopping China, PTTC, 2023..... | 177 |
| Figura 63 - Pneus sobre a calçada na Linha Internacional, PP-PJC, PTTC, 2023 | 178 |
| Figura 64 - Loja de Pneus próximo ao Planet Outlet, PP-PJC, PTTC, 2023 | 178 |
| Figura 65 - Comércio de pneus na Linha Internacional, PP-PJC, PTTC, 2023 | 179 |
| Figura 66 - Loja de pneus na Linha Internacional, PP-PJC, PTTC, 2023..... | 180 |
| Figura 67 - Grande volume de pneus expostos, PTTC, 2023..... | 180 |
| Figura 68 - Loja de pneus na Linha Internacional, PTTC, 2023 | 181 |
| Figura 69 - Rua com lojas de pneus enfileiradas, PTTC, 2023..... | 181 |
| Figura 70 - Lojas de pneus na Linha Internacional, PP-PJC, PTTC, 2023 | 182 |
| Figura 71 - Comércio de pneus na Linha Internacional, PTTC, 2023..... | 182 |
| Figura 72 - Loja e oficina de pneus na Linha Internacional, PTTC, 2023 | 183 |
| Figura 73 - Lojas de pneus na Linha Internacional, PTTC, 2023 | 184 |
| Figura 74 – Comércio movimentado na Linha Internacional, PTTC, 2023..... | 184 |
| Figura 75 - Vendedores ambulantes na Linha Internacional, PTTC, 2023 | 185 |
| Figura 76 - Loja de pneus, com detalhe para funcionário trocando um dos pneus da caminhonete sobre a calçada, PTTC, 2023..... | 185 |

| | |
|--|-----|
| Figura 77 - Comércio na Linha Internacional, PTTC, 2023..... | 186 |
| Figura 78 - Comércio na Linha Internacional, circulação de pessoas e carros, PTTC, 2023. | 187 |
| Figura 79 - Comércio na Linha Internacional, PTTC, 2023..... | 187 |
| Figura 80 - Comércio na Linha Internacional, lojas de artigos de bazar, PTTC, 2023 | 188 |
| Figura 81 - Comércio ao lado de uma loja de multimarcas, PTTC, 2023 | 188 |
| Figura 82 - Comércio na Linha Internacional, PTTC, 2023..... | 189 |
| Figura 83 - Lojas com produtos nacionais e importados na linha internacional, PTTC, 2023 | 189 |
| Figura 84 - Comerciantes que ocupam a praça para vender poltronas e cadeiras, PTTC, 2023 | 190 |
| Figura 85 - Comércio na Linha Internacional, trabalhadores que fazem entregas de motocicletas e bicicletas, PTTC, 2023 | 190 |
| Figura 86 - Comércio na Linha Internacional (final de tarde), PTTC, 2023..... | 191 |
| Figura 87 - Comércio na Linha Internacional, motocicletas estacionadas, PTTC, 2023 | 191 |
| Figura 88 - Comércio na Linha Internacional, PTTC, 2023..... | 192 |
| Figura 89 - Fluxos de veículos em ambos os lados da fronteira, PTTC, 2023..... | 192 |
| Figura 90 - Comércio na Linha Internacional, proximidades do Shopping West Garden, PTTC, 2023 | 193 |
| Figura 91 - Vista do Shopping West Garden, PTTC, 2023..... | 193 |
| Figura 92 - Detalhe para a segurança no entorno do Shopping West Garden, PTTC, 2023 .. | 194 |
| Figura 93 - A cena pública da paisagem fronteiriça, PTTC, 2023 | 195 |
| Figura 94 - Comércio na Linha Internacional, a cena pública, PTTC, 2023..... | 195 |
| Figura 95 - Loja de eletroeletrônicos, comércio na Linha Internacional, PTTC, 2023..... | 196 |
| Figura 96 - Circulação de pessoas nas imediações da Linha Internacional, PTTC, 2023..... | 196 |
| Figura 97 - Comércio de ventiladores expostos na calçada, PTTC, 2023..... | 197 |
| Figura 98 - Mural com referências de elementos históricos de PP na fachada da Câmara Municipal de PP - PTH, 2019..... | 198 |
| Figura 99 - Mural na fachada reformada da Câmara Municipal de PP – PTH, 2023..... | 198 |
| Figura 100 - Referencias do patrimônio histórico de PP-PJC na Câmara Municipal - PTH, 2023 | 199 |
| Figura 101 - Representações de integração regional, PP, PTH, 2023..... | 200 |
| Figura 102 - Mapa temático - Percursos entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, 2023 | 201 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 - Tema Conceito e Fundamentação Teórica e Conceitual, 2019..... | 29 |
| Quadro 2 - Fundamentação Teórica e Conceitual, 2020. | 47 |
| Quadro 3 - Quadro de temas e conceitos e a fundamentação teórica e conceitual, 2021..... | 59 |
| Quadro 4 - Quadro Roteiro Metodológico para leitura da Paisagem, 2019. | 72 |
| Quadro 5 - Etapas propostas para o desenvolvimento do método..... | 79 |
| Quadro 6 - Desenho da Tese, 2019 | 81 |
| Quadro 7 - Roteiro de Campo II, 2023 | 89 |
| Quadro 8 - Editais das obras financiadas com o FONPLATA, 2022, 2023 e 2024..... | 94 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Tabela 1 - População de Pedro Juan Caballero, 1975 - 2021 | 120 |
|---|-----|

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 14 |
| 1.1 | Objetivo Geral..... | 22 |
| 1.1.1 | Objetivos específicos | 23 |
| 1.2 | Hipótese | 23 |
| 1.3 | Justificativa | 24 |
| 2 | REFERENCIAL TEÓRICO: PENSANDO A GEOGRAFIA DAS | |
| | FRONTEIRAS | 28 |
| 2.1 | A PAISAGEM: UM CONCEITO EM TRANSFORMAÇÃO..... | 28 |
| 2.1.1 | Território | 31 |
| 2.2 | As fronteiras e suas múltiplas possíveis interações | 33 |
| 2.3 | Transfronteiridades | 37 |
| 2.4 | PAISAGEM COMO CATEGORIA DE ANÁLISE NA | |
| | CONTEMPORANEIDADE | 39 |
| 2.4.1 | A PAISAGEM DE FRONTEIRA | 49 |
| 3 | METODOLOGIA DA PESQUISA: do propósito à proposta e o rumar .. | 63 |
| 3.1.1 | Recursos Operacionais e Metodológicos | 82 |
| 3.2 | O Trabalho de campo I | 83 |
| 3.3 | O Trabalho de campoII | 89 |
| 3.3.1 | Contribuições do Campo II..... | 91 |
| 4 | AS PAISAGENS DE PONTA PORÃ E DE PEDRO JUAN CABALLERO | |
| | DE 1870 A 1900 | 97 |
| 4.1 | Da guerra às paisagens fronteiriças..... | 97 |
| 4.1.1 | A Presença da mulher na Guerra do Paraguai | 103 |
| 4.1.2 | As paisagens de Ponta Porã e de Pedro Juan Caballero de 1870 a 1900..... | 107 |
| 5 | AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM TRANSFRONTEIRIÇA .. | 124 |
| 5.1 | As paisagens transfronteiriças urbanas - PTU | 125 |
| 5.2 | A geopolítica dos mercados globais na fronteira: dos monopólios | |
| | internacionalizados às maquilas tipo exportação..... | 136 |
| 5.2.1 | Os projetos de internacionalização por meio da dinâmica das Empresas | |
| | Maquiladoras de Exportação..... | 139 |
| 5.3 | Paisagens transfronteiriças culturais - PTC | 157 |
| 5.4 | Paisagem transfronteiriça turismo de compras - PTTC | 174 |
| 5.5 | Paisagem transfronteiriça histórica - PTH | 197 |

| | | |
|----------|---|------------|
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 203 |
| 7 | REFERÊNCIAS..... | 208 |
| | APÊNDICE A: Relatório de campo - visita técnica às cidades de Ponta Porã (Br) e Pedro Juan Caballero (Py) 10 de outubro a 28 de outubro de 2019..... | 217 |

1 INTRODUÇÃO

Apresentamos uma breve trajetória da autora: sou Janaina Costa Teixeira, filha de Olinda Gomes Costa e de Artidor Rodrigues Teixeira; neta de Maria Bemvinda de Castro e de Adão Gomes Costa. Sou natural de Porto Alegre, RS. Durante a minha vida estudantil, frequentei escolas estaduais, sou a primeira filha de seis de uma família pobre, que sempre morou em lugares de periferia e com poucos recursos. Comecei a trabalhar aos 14 anos como empregada doméstica e babá, fui panfleteira, auxiliar de serviços gerais, atendente de telemarketing – por dez anos. Até que cheguei à universidade – UFRGS, este fato mudou a minha vida. Por que a partir do ano de 2005 fiz graduação em Geografia, bacharelado e licenciatura; depois o mestrado em Geografia também. Durante o mestrado obtive uma bolsa de pesquisa da CAPES entre os anos de 2014 e 2016, pelo período de 24 meses. Foram muito produtivos os trabalhos de campo e as oportunidades de viajar e participar dos seminários e debates referente aos temas mais vibrantes da geografia e das geociências. Depois do mestrado fui contratada para ocupar um cargo em caráter temporário como Técnica – Nível Médio – Geoprocessamento, como servidora civil no 1º Centro de Geoinformação – DCT – DSG (Ministério da Defesa – Exército Brasileiro)¹, entre 22 de janeiro de 2018 e 31 de maio de 2019. E ao término do contrato temporário no CGEO, iniciei minhas atividades como bolsista de Apoio Institucional no Projeto “Promoção da Equidade Étnico-racial no SUS”, pela FAURGS entre os anos de 2019 e de 2020. Nesse período aprendi muito sobre negritude, ancestralidade, das práticas e saberes da cultura afro-brasileira. Sendo muito importantes pesquisa em relações étnico-raciais e a relevância de existência de uma Política de Saúde Integral da População Negra no sentido de promover a saúde e a mudança de perspectiva na trajetória desta pós-graduanda. Em 07 de junho de 2021 fui nomeada ao cargo de Técnica – Administrativa da Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul na condição de concursada e servidora pública, que se tornou um marco na minha jornada profissional e acadêmica. Pois segui engajada enquanto pesquisadora e participante das disciplinas da universidade. Foram muitos os aprendizados, proficiências, amadureci intelectualmente, me formei. Entrei no serviço público como concursada, aos 43 anos, finalmente tive um emprego o qual me garantiu estabilidade financeira. O doutoramento em Geografia, iniciado no ano de 2017, foi um marco e a consagração do meu esforço por persistir em ir além daquilo que eu

¹ Primeiro Centro de Geoinformação - 1º CGEO, a Diretoria de Serviço Geográfico (DSG) é o órgão de apoio técnico-normativo do Departamento de Ciência e Tecnologia (DCT). Disponível em: <<https://1cgeo.eb.mil.br/>>. Acesso em 11 de nov. de 2023.

mesma havia me permitido almejar, enquanto mulher negra, de periferia. Visto que a academia é um espaço embranquecido, no qual as pessoas pretas ainda são invisibilizadas em seus saberes e práticas de intelectualidade. Por isso, sou a favor das políticas de ações afirmativas, no quesito cota, enquanto alternativa para a que pessoas pretas e pardas (negras), que constituem 56% da população no Brasil (IBGE, 2022), tenham acesso à reparação sócio-histórica, como forma de redução das desigualdades sociais, da erradicação da pobreza e pela restituição de direitos sociais das mulheres negras e dos homens negros.

Compartilhei esta pesquisa, de forma democrática, estando verdadeiramente implicada na sua difusão, pois entendi que somente através de um envolvimento corpóreo é que somos capazes de olharmos para dentro; e depois para fora com afeto. Pesquisar a fronteira e os demais conceitos como: espaços fronteiriços, regiões transfronteiriças; foi um imenso desafio. A fronteira é também um lugar, para além do lugar de ‘passagem’, mas também de permanência e de pertencimento, seja por meio dos modos de vida transfronteiriços, seja em função das trocas comerciais que se dão nesses espaços de múltiplos usos e possibilidades culturais e econômicas, contrariando os estigmas e as ideias preconcebidas de fronteira.

Destacamos como local de estudo a região fronteira entre Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, por tratar-se de uma região de grande fluxo de pessoas e circulação de mercadorias e serviços, que passou por muitas intervenções no traçado urbano, através de projetos paisagísticos, com forte influência das políticas econômicas locais e extra locais.

A pesquisa busca discutir a fronteira como processo explicitado na paisagem, apresentando complexidades históricas, políticas e culturais, contribuindo com um estudo sobre a paisagem transfronteira como lugar de profunda manifestação de pertencimento. Tratar das transformações na paisagem: dinâmica, forma, função e estrutura e de como essas concretizam as dinâmicas das fronteiras auxilia no entendimento dos processos no espaço geográfico. Para realizar essa investigação, aprimoramos nosso arcabouço teórico, elaboramos o referencial metodológico teórico, e, com base nestes, fizemos as saídas de campo. Por meio de consultas ao acervo local e ao Portal Unbral Fronteiras², buscamos analisar as imagens e as

² O Portal UNBRAL FRONTEIRAS que é a sigla de Portal de Acesso Aberto das Universidades Brasileiras sobre Limites de Fronteiras, é uma plataforma eletrônica que reúne trabalhos de pesquisadores (as) e estudantes que produzem pesquisa no âmbito das fronteiras nacionais e internacionais. Destacamos o Unbral Fronteiras como um dos repositórios em que estão disponíveis os trabalhos de pesquisadores cujas dissertações, teses e monografias discutem paisagem e fronteira em seus aspectos históricos, culturais, socioeconômicos e geopolíticos. Elaboramos um levantamento dos textos constantes na plataforma, no sentido de compreendermos quais os conceitos e metodologias que cada um desses utilizou e quais os caminhos metodológicos percorridos até os resultados alcançados.

fotografias da área de estudo, mapas, com olhar atento aos elementos paisagísticos, oriundos dos processos sociais, tais como: traçado arquitetônico, inovações técnicas e urbanísticas e as distintas formas de interação com a paisagem. Com o auxílio desse levantamento de dados, elencamos evidências sobre as hipóteses apontadas nesta pesquisa, que são: as transformações na paisagem fronteiriça, estão diretamente associadas aos processos de implementação do comércio na linha de fronteira, como forma de atrair público e indiretamente relacionadas ao trânsito entre os países em face da condição fronteiriça, que mobiliza setores diversos e vinculados à dinâmica local e regional. E demarcar a presença do Estado enquanto um dos agentes mais relevantes no processo de influência nas transformações da paisagem transfronteiriça, pois esse atua diretamente na gestão dos espaços produzidos pela sociedade que o ocupa para o trabalho e pelas atividades desenvolvidas nesses territórios.

Esta pesquisa tem como propósito apresentar as paisagens transfronteiriças pela ótica das construções sócio-históricas e culturais por meio da produção de imagens (fotografias) e de sua análise. O desafio é ultrapassar as outras traduções da fronteira, numa tentativa de ir além das releituras presentes em outros estudos fronteiriços. Consideramos que as paisagens transfronteiriças, enquanto objeto de estudo, nos colocam perguntas profundas e complexas a respeito desta dinâmica regional. As imagens capturadas na fronteira entre Pedro Juan Caballero e Ponta Porã são fundamentais para a caracterização dos argumentos apresentados nas discussões que seguem ao longo deste trabalho. Com foco nas categorias de análise forma, função, estrutura e processo / dinâmica, propostas por Santos (1985), podemos perceber as metamorfoses do espaço habitado enquanto *locus* de expressão das paisagens transfronteiriças urbanas, culturais, históricas e de turismo de compras, presentes nas fotografias analisadas por suas composições e conjuntos de imagens que são a base desta pesquisa. Os destaques dessa pesquisa são as investigações e levantamentos do trabalho de campo, a análise das produções teóricas que se fundamentam na fronteira histórica e contextualizada nas práticas econômicas e geopolíticas locais e extra locais, as quais alternam expressões de interdependência/ complementaridades e competitividade inter-regionais. A área de estudo foi escolhida por agregar elementos de uma paisagem transfronteiriça, como o fato de se configurarem como um conurbação, serem classificadas como cidades gêmeas e estar em constante contato em função de ser uma fronteira seca, além de estar marcada por uma construção histórica de profundos vínculos de parentesco entre seus fundadores, representantes das oligarquias locais.

A ideia central é lançar pontos de luz sobre as práticas fronteiriças expressas nas paisagens, sob a ótica das contextualizações imagéticas e das representações e iconografias

das paisagens transfronteiriças. Apesar de essa região ter sido palco de batalhas do período da Guerra do Paraguai (1864 – 1870), a maior parte do tempo é marcada por um convívio que apresenta uma complementaridade econômica sociocultural, alternada por situações de competitividade entre as cidades fronteiriças, no caso Pedro Juan Caballero e Ponta Porã.

Conforme estimativa do Instituto Brasileiro de Economia e Estatística (IBGE), o município de Ponta Porã, possuía, em 2022, um total de 92.017 pessoas em uma área de aproximadamente 5.359,354 km² com uma densidade demográfica de 17,17 hab/km² (2022). A origem de Ponta Porã começa com a formação de um povoado denominado inicialmente Punta Porá, que surgiu dentre os campos de erva-mate. Antes da Guerra do Paraguai, Ponta Porã era apenas uma região no interior do Paraguai habitada por tribos de povos originários, como os Nhandevas e os Kaiowás, do povo Guarani, que viviam do cultivo de pequenas roças, da pesca e da coleta. A região era também local de parada de carreteiros que faziam o transporte de erva-mate. Em 1777 uma expedição militar chegou a esta região, tendo como objetivo, explorar o solo. Em 1862 chegou o grupo do tenente militar Antônio João Ribeiro, que se fixou na cabeceira do rio Dourados (onde hoje é o município de Antônio João) e fundaram ali a Colônia Militar dos Dourados. Em 1864, época da Guerra do Paraguai, a Colônia Militar dos Dourados foi destruída pelos paraguaios, onde veio a falecer o tenente Antônio João Ribeiro.

Em 1872, após o fim da Guerra do Paraguai, houve a fixação da região fronteiriça do Brasil com o Paraguai, na qual também constavam os respectivos limites com o Brasil, que respeitava os convênios da época colonial e reivindicava ao Brasil somente as terras já ocupadas ou exploradas por portugueses e brasileiros. A partir daí a região de Ponta Porã passa a ser possessão territorial brasileira.

Em 1880, chega na região o senhor Nazareth, um militar que vem com a missão de comandante e ergue seu acampamento junto à lagoa do Paraguai, onde hoje é a cidade de Pedro Juan Caballero. Em 1882, Tomás Laranjeiras já explora e industrializa a erva-mate em Ponta Porã e exporta para Argentina. Em 1892 chegou ali à Guarnição da Colônia Militar de Dourados para proteger a região. Nesse mesmo ano, Ponta Porã começa a tomar seus primeiros impulsos de progresso econômico, com a chegada até ali de muitos migrantes gaúchos, que vieram com a finalidade de praticar a agropecuária. Em 1897 é criado o primeiro destacamento Policial em Ponta Porã e nomeado como Comandante o Senhor Nazareth. Em 1900 Ponta Porã torna-se distrito de Bela Vista. Em 18 de julho de 1912 foi criado o Município de Ponta Porã, deixando de ser distrito de Bela Vista (IBGE, 2023). A população é composta por diversos grupos étnicos, além do marcante traço de miscigenação entre

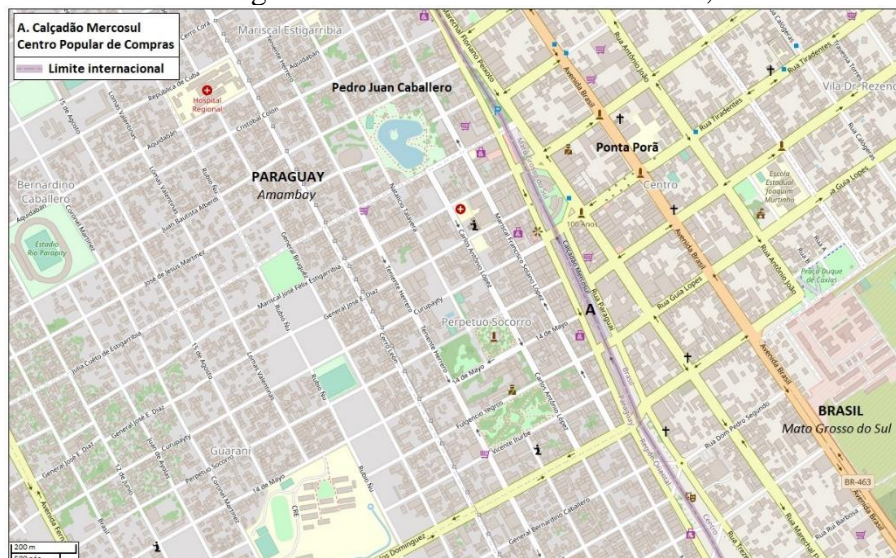
indígenas, brancos e negros, em função de sucessivos processos migratórios e do contato com os povos originários (nativos) durante o período colonial e subsequente a esse. Isso proporcionou uma pluralidade cultural e *sui generis*, na qual se incluem a população fronteiriça oriunda do Paraguai.³ Na sequência, apresentamos os mapas de localização das cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, capital do Departamento de Amambay com destaque para a Linha Internacional, para o calçadão do MERCOSUL e para o Centro Popular de Compras com detalhes do arruamento em ambos os lados da fronteira entre Brasil e Paraguai, conforme as Figuras 1, 2 e 3.

Figura 1 - Linha Internacional e área urbana central, 2021



Fonte: Open Street Map (2021). Adaptação: Camilo Pereira Carneiro (2021).

Figura 2 - Detalhe linha internacional, 2021



Fonte: Open Street Map (2021). Adaptação: Camilo Pereira Carneiro (2021).

³ Adaptado de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) Ponta Porã. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/ponta-pora.html>>. Acesso em 25 de mar. 2024.

Figura 3 - Fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Essa fotografia foi captada logo que cheguei à cidade de Ponta Porã, em pesquisa de campo na Linha Internacional e na fronteira entre as cidades; no campo II (20 a 24/09/2023). Interessante destacar os marcos simbólicos, tais como as bandeiras, as referências de elementos regionais como o tereré e o chimarrão representando a união das culturas, como está representada na figura 4 o monumento das cuias. PP-PJC fazem fronteira seca, que unem as duas cidades, dois estados e mais, dois países, Brasil e Paraguai.

Figura 4 - Monumento das Cuias, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

São mais de 11 km de fronteira seca, ou seja, uma linha imaginária que separa as duas nações. Nesta fronteira movimentada, pelo comércio local, recentemente tornaram-se cidades universitárias, interligadas pela cultura do tereré, da chipa e sopa paraguaia, e que juntas somam mais de 200 mil habitantes (2022)⁴. Podemos destacar a forma entusiasmada como Prado (2016) descreve a convivência entre os países e o quão promissoras são as relações entre Pedro Juan Caballero e Ponta Porã:

A região fronteira entre as cidades de Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai) reflete a mudança de visão para com a fronteira e na construção de um espaço múltiplo, de novas identidades e ao mesmo tempo dinâmico explanando hoje uma aproximação que em outros momentos da história não foi possível concretizar (PRADO, 2016).

A cidade de Pedro Juan Caballero (PY) apresenta um total de 122.190 habitantes de acordo com a estimativa feita pelo Departamento de Estatísticas, Pesquisas e Censos (2020); desse total, 103.247 habitantes estão na zona urbana do distrito, o restante da população está na zona rural. É a cidade mais populosa e desenvolvida da região norte do país e concentra 71% da população departamental. Em uma área de aproximadamente 5.678km², com

⁴ UENO. A. Conhecendo a Fronteira entre Ponta Porã/MS e Pedro Juan Caballero-PY. Disponível em: <<https://diariomsnews.com.br/noticias/conhecendo-a-fronteira-entre-ponta-pora-ms-e-pedro-juan-caballero-py/>>. Acesso em 08 de out. 2023 (Adaptado).

densidade demográfica próxima de 15,5 hab./km². Pedro Juan Caballero, por ser capital do departamento do Amambay, exerce no Paraguai papel mais sofisticado que aquele desempenhado por Ponta Porã em relação ao Brasil. De acordo com a Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira (PDFF), realizado pelo Ministério da Integração Nacional (BRASIL, 2005a), as duas cidades têm uma interação transfronteiriça do tipo sinapse. Conforme Araújo, 2020 destacou que:

(...) as trocas entre as aglomerações urbanas são intensas e ativamente apoiadas pelos Estados contíguos (infraestrutura de articulação; mecanismos de apoio e regulamentação ao comércio), sendo mais visível que no tipo capilar a justaposição de fluxos comerciais internacionais e interurbanos (MACHADO, 2005, p. 275-279).

O turismo é um grande aliado da economia pedrojuanina, onde habitantes de Mato Grosso do Sul e de outros estados cruzam a fronteira para realizar compras tanto de caráter pessoal, quanto para vendas do lado brasileiro. Os produtos procurados são os importados como pneus, perfumes, bebidas, alimentos e eletrônicos. O turismo cultural também é de grande importância para a região de Cerro Corá, distante 38 km de Pedro Juan Caballero, pois essa área foi palco da Guerra do Paraguai ou Guerra da Tríplice Aliança e da morte de Francisco Solano López, sem deixar de mencionar alguns sítios arqueológicos de importância internacional devido às escritas rupestres no local e o possível descobrimento de uma cidade pré-colombiana (SOUZA; MONDARDO, 2017). As trocas comerciais fazem parte da dinâmica local da paisagem de fronteira, pois os fluxos são favorecidos por políticas públicas de incentivo ao consumo e mais especificamente pelas práticas de turismo de compras e contato com culturas diversas.

As cidades gêmeas são produtos de processos de territorialização em regiões limítrofes. No decorrer das últimas décadas surgiram muitas cidades gêmeas, que agregaram valor ao local, como multiculturalidade, diversidade gastronômica e de festejos que são compartilhados entre as populações de ambas as cidades gêmeas, ao atribuírem novos sentidos a esses espaços de transnacionalidade. É importante ressaltar que de acordo com o Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional (MDIR), que em 1º de janeiro de 2019 foi fundido ao Ministério das Cidades consoante com a Portaria n. 125 de 2014 estabeleceu o conceito de cidades gêmeas, das quais serão consideradas apenas os municípios "cortados pela linha de fronteira, seja essa seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação". De acordo com a mesma portaria "não serão consideradas cidades gêmeas aquelas que apresentem, individualmente, população

inferior a 2.000 (dois mil) habitantes". Ao passo que muitas delas buscam fazer da fronteira uma atração turística e um polo multicultural, em função das suas peculiaridades regionais.

Nesta pesquisa, daremos destaque para as cidades gêmeas de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, pois se trata de uma região de relações comerciais muito ativas e permanentes. Além de guardarem características muito peculiares, como o fato de serem uma fronteira seca, que possibilita o trânsito de um lado ao outro. Por dividirem os mesmos problemas ambientais e socioeconômicos, e por buscarem o desenvolvimento regional desta área da fronteira, utilizam os recursos e potencialidades, as quais, na maioria das oportunidades, ambas as cidades compartilham.

Um dos principais usos da linha de fronteira é o turismo de compras, típico de certas fronteiras e cidades gêmeas. Esse uso produz uma paisagem, que a diferencia das demais. A paisagem de fronteira ligada ao turismo de compras pode ser disputada por agentes que consideram que a linha de fronteira é estratégica e simbólica (devendo, portanto, expressar valores nacionais), entre aqueles que usam a fronteira como lugar de trânsito (em suas operações comerciais) e aqueles que a tem como lugar de permanência, seu lugar de origem, e se autodenominam fronteiriços.

Diante disso, esta pesquisa propõe analisar a paisagem transfronteiriça entre as cidades de Ponta Porã, Brasil, e Pedro Juan Caballero, Paraguai, através do turismo de compras, tendo como ponto de partida a seguinte problemática: De que forma é possível ler as tensões entre os projetos de diferentes agentes (posicionados em diferentes escalas) através das transformações da paisagem fronteiriça?

1.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as tensões entre os agentes públicos e privados e as transformações da paisagem transfronteiriça a partir da intervenção do Estado, enquanto um dos agentes que influenciam nos processos de produção e transformação do espaço social, por meio de projetos urbanísticos, que visam atrair turistas para o Centro Popular de Compras por meio da revitalização e de projetos extra locais.

1.1.1 Objetivos específicos

I. Analisar os processos que deram origem às transformações da paisagem transfronteiriça entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero e os fatores determinantes para os processos de intervenção socioterritorial, representados por elementos como as iconografias e a transfronteiridades locais;

II. Avaliar as cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero sob a ótica da produção de paisagens transfronteiriças por meio de imagens e fotografias históricas e atuais, com foco para as formas, funções, estruturas e processos relacionados nessa dinâmica.

III. Discutir a Linha internacional como instrumento de integração, de trocas comerciais e como símbolo de presença do Estado nas obras de revitalização da Linha Internacional, e de que forma é possível ler essas transformações da paisagem em Pedro Juan Caballero e em Ponta Porã.

IV. Destacar a subjetividade da paisagem que requer uma atenção a/à pesquisador/a, a partir da exploração sobre novos olhares. E dos resultados dos percursos.

1.2 HIPÓTESE

Processos de revitalização, oriundos de projetos estatais, que atuam em parceria com agentes do setor privado, possibilitam a transformação da forma, função estrutura e dinâmica da paisagem transfronteiriça. À medida que cidades gêmeas tendem a compartilhar equipamentos públicos, se tornam comuns as relações de complementaridade e a interdependência, como forma de superar as crises econômicas em escala local; assim como têm entre seus objetivos em comum a inserção nos mercados globais.

1.3 JUSTIFICATIVA

O estudo de fronteiras tem se consolidado na academia do Brasil como forma de estar integrado aos países vizinhos na América Latina em função da geopolítica regional. Como tema central, é estudado por pesquisadores de diversas áreas, sendo principalmente temática vigente de programas de pós-graduação *stricto sensu*. Todavia, é importante observar que a conurbação transfronteiriça de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero (a segunda maior do país e a principal fronteira seca) é ainda objeto de análise de poucos profissionais de fora da Geografia.

Pessoalmente, motivou esta pesquisadora a possibilidade de conciliar o desejo de aprofundar os estudos no campo da temática da fronteira iniciados na disciplina Estudos Fronteiriços - ilegalidades em 2017, com a oportunidade de me debruçar sobre um tema atual e de grande relevância para o entendimento dos processos de formação e consolidação das fronteiras como polos de alteridade e pertencimento.

Destacamos a presença do Estado nos processos de territorialização na fronteira e reconhecemos a importância do poder público nos processos de governança e gestão nos usos do território e das transformações a partir da tomada de decisões e intervenção estatais. Esse que por meio dos seus símbolos nacionais e representações, tem total relevância nos estudos sobre as fronteiras. Elas também representam a marcação da territorialidade do Estado.

Entendemos que as dissonâncias de pertencimento, as quais sublinhamos ao longo da tese, são dissonâncias em relação às iconografias estatais na territorialidade das paisagens transfronteiriças. Nesse sentido, não somente da territorialidade que o Estado produz em termos da paisagem de fronteira, mas também da natureza e das pessoas no lugar. As marcas do tempo caracterizam as rugosidades socioespaciais como formas remanescentes de outras temporalidades geográficas. Identificamos através da paisagem a ação do Estado que atua para a preservação de certas marcas como: quartéis, marcos de fronteira, que têm como intuito vivificar as políticas de preservação estabelecidas.

Esses elementos, enquanto rugosidades, se relacionam com diferentes atores no território por meio de suas representações, reforços de memória coletiva e renovando suas finalidades ao longo do tempo, tornando-se estruturas perenes e simbólicas que remetem a uma lembrança de poderio bélico; ou de um nacionalismo ufanista. Existem projetos de paisagem fronteira diferentes à medida que esses têm como objetivo uma valorização da fronteira enquanto polo de encontro cultural e comercial diferenciados. Além de políticas públicas que visam a esse enfoque, investidores dos setores privados da economia buscam

nesses projetos que remodelam essas regiões meios de atraírem novos perfis de consumidores (consumidores de cultura, de turismo de compras e de natureza).

Cabe ressaltar que os conceitos de "paisagem fronteiriça" e "paisagem transfronteiriça" não são intercambiáveis, pois o primeiro faz menção ao estudo do lugar como elemento limítrofe, o qual é composto por estruturas estatais reforçados pela presença de sistemas de segurança e fluxo de pessoas, mercadorias e serviços. Ao passo que a paisagem transfronteiriça é o processo de reelaboração da ideia de fronteira, que se está associado a elementos de afetividade, memória coletiva e pertencimento além da hierarquização geopolítica e regional. Produzindo uma lógica que interpenetra e atravessa os conceitos de demarcação, pois seus efeitos práticos ultrapassam o limite internacional. Na medida em que se diluem esses marcos ao se sobreporem as vivências e formas de estabelecer relações com esse espaço.

A paisagem fronteiriça é entendida como o local onde estão os marcos e limites visíveis no território. A paisagem transfronteiriça é onde estão localizadas as construções sociais e espaço-temporais, que se misturam ao poder do Estado, que diluem os regramentos e normas, na existência que vivencia essa transfronteiridade. Em alguns momentos temos uma paisagem que reflete um dos dois lados que é a paisagem fronteiriça e em outros momentos notamos uma paisagem de transição e integração regional. A questão é que não podemos generalizar, pois os processos que originam as paisagens são distintos e se desenvolvem em diferentes lugares e com sistemas e metodologias também diversas. Contudo, o que é, de fato, notória é a presença do Estado e o estabelecimento de vínculos regionais locais, que se transnacionalizam, à medida que existem necessidades comuns de interdependência e competitividade e complementaridade regionais.

A paisagem transfronteiriça traz elementos visuais que distinguem esses espaços urbanos dos demais, tais como marcos territoriais que expressam os limites geopolíticos no local. Porém, entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, notamos uma relação de integração que, como comentou Souza (2018), é uma convivência que se complementa culturalmente de forma supralegal, isto é, que está para além das normas jurídicas, mas que encontrou na condição fronteiriça um modo de vida próprio, específico da fronteira. Isso se reflete na paisagem, nas relações com o poder público, com "os de fora", a qual procura superar as dificuldades em nome de algo maior.

Nesse sentido, iremos tratar dos processos que desencadearam essas formas de estruturação socioespacial na fronteira, que por ser seca, sem obstáculos naturais, imprime uma fluidez ao trânsito de pessoas, mercadorias e serviços. Essa configuração nos coloca uma

dicotomia geolocacional, pois sabemos que são nações distintas. Porém, dada a sua proximidade, Brasil e Paraguai, ao menos na linha Internacional, constituíram fortes laços das suas gentes - seja pelos vínculos afetivos e de pertencimento, seja por seus negócios em comum -, intercâmbio dos seus conhecimentos. Em uma região historicamente marcada pelo trânsito, pelo tráfico, pelas clandestinidades; a fronteira tem se revelado por meio de suas paisagens transformadas em polos de cultura e de alteridade⁵.

A tese está estruturada da seguinte forma: elaboramos uma introdução para apresentar os propósitos desse trabalho, bem como para localizar o leitor nas escalas temporais e socioespaciais. No capítulo 1 temos um breve histórico sobre o contexto de formação sócio territorial e econômico das cidades gêmeas no âmbito de seus territórios e construções socioculturais, a fim de darmos densidade histórica, com destaque para as identidades culturais e da relação da guerra com as paisagens. No capítulo 2 tratamos do referencial teórico no qual pensamos a geografia das fronteiras. No capítulo 3 tratamos a parte metodológica aplicada à tese com base no referencial teórico abordado. Essa abrange os recursos operacionais e a experiência dos trabalhos de campo I e II. O capítulo 4 é um compilado do contexto sócio-histórico que parte da ideia da construção de uma memória coletiva que emergiu dos destroços da Guerra do Paraguai até a ascensão e derrocada do comércio das grandes companhias ervateiras da região. No capítulo 5 apresentamos as análises das imagens captadas na região de fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Apresentamos os detalhes dos campos I e II com destaque para os percursos e subjetividades da paisagem. Elaboramos uma classificação das imagens em paisagem transfronteiriça urbana (PTU), paisagem transfronteiriça de turismo de compras (PTTC), paisagem transfronteiriça cultural (PTC) e a paisagem transfronteiriça histórica (PTH). Estabeleceu-se essa ordem de apresentação da classificação por trata-se de como os percursos foram desenhados ao longo dos campos I e II nas observações e na captação das imagens. Nos resultados elaboramos análises sobre o contexto das transformações da paisagem transfronteiriça, com um olhar para a presença do Estado como agente determinante nas formas como esse território é usado. Seja nos projetos que envolvem os agentes privados que são detentores do poder econômico local. Seja as maquilas localizadas em Pedro Juan Caballero, seja no turismo de compras que se mantém como carro-chefe de Ponta Porã. Mas também querendo destacar os processos de transfronteiridades que perpassam as relações

⁵ Para Martins, a fronteira não se restringe à fronteira geográfica ela pode se apresentar no âmbito: cultural, visões de mundo, espacial, étnicas e principalmente a fronteira do humano e deixa explícito que a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade (MARTINS, 2009).

familiares de parentesco e o quanto a fronteira se faz permeável no sentido de desenvolver sentimento de pertencimentos e alteridade, os quais dissolvem os limites normativos da paisagem transfronteiriça.

Os textos de Baller (2014) e Brambilla (2015), que trabalham com a geografia política dos territórios e os estudos de paisagem sobre a ótica do conflito socioespacial. Estes que são basilares para a compreensão dos processos que deram origem às transformações nas paisagens transfronteiriças em PP-PJC. As tensões envolvendo distintos atores sociais que revelam disputas por protagonismo regional por meio de estratégias de controle territorial e hegemonia da narrativa por meio da articulação econômica e geopolítica com agentes extra locais. No próximo capítulo apresentamos o referencial teórico que dão o embasamento necessário para o desenvolvimento deste trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO: PENSANDO A GEOGRAFIA DAS FRONTEIRAS

Neste capítulo apresentamos a base conceitual e os autores com seus respectivos trabalhos, os quais dão embasamento teórico ao nosso escopo de referências sobre as principais categorias de análise que compõem esta pesquisa. Os conceitos de paisagem, território, fronteira, transfronteiridade e espaço são centrais na discussão. Temos ainda os conceitos de lugar, região e territorialidade como acessórios, pois auxiliam nas análises. As categorias de análise fronteiras e transfronteiridade serão abordadas separadamente, pois demandam atenção aos processos que dão origem a essa classificação. Entendemos que os conceitos surgem conforme a evolução do pensamento geográfico, uma vez que conceitos mais consolidados como paisagem de fronteira, convivem com categorias mais atuais como paisagem transfronteiriça.

2.1 A PAISAGEM: UM CONCEITO EM TRANSFORMAÇÃO

Apresentando os conceitos de modo a abranger as possíveis formas de observar o objeto de pesquisa. Faremos a segmentação dos autores apresentando os conceitos desenvolvidos por eles para assim podermos buscar a aproximação com a metodologia adotada nesta pesquisa. O conceito de paisagem é um dos mais explorados nas pesquisas de geografia física, mas há muito para avançar quando pensamos a partir da geografia política ou dos estudos fronteiriços. Os estudos de André Sanguin (1977, 2015) estão centrados nas morfologias da paisagem. Já com as análises de Chiara Brambilla (2015) e de Lara-Valencia (2019) examinam as *borderscapes* a partir dos processos dinâmicos e das identidades culturais. Nas análises de Brambilla, por exemplo, o mar Mediterrâneo é caracterizado como paisagem transfronteiriça, em vista de sua dinâmica e da forma como é compartilhada por distintas culturas. Faremos uma discussão sobre transfronteiridade mais adiante, visto que este também versa como de grande relevância para esta discussão.

Apresentar os diferentes vieses e formulações e depois destacar de que forma essa discussão se aproxima do objeto desta pesquisa para elucidá-lo e fazer deste algo mais compreensível para aqueles que se interessarem por esse trabalho. Não faremos um resumo de tudo, mas sim nos dedicaremos a explicar esses conceitos, por meio do viés geográfico e epistemológico da Geografia crítica. Mais adiante iremos observar como poderemos descrever esse objeto, sua origem e como os instrumentos possibilitam uma análise a partir do objeto de

pesquisa. Entendemos que o conhecimento que surge a partir de outros instrumentos nos servem como um aprimoramento a partir do conhecimento prévio ou já estabelecido. Na sequência, apresentamos, no quadro 1, os nomes de alguns autores com trabalhos que foram abordados nessa pesquisa.

Quadro 1 - Tema Conceito e Fundamentação Teórica e Conceitual, 2019

| CONCEITO | FUNDAMENTAÇÃO |
|------------------------------|--|
| ESPAÇO | Milton Santos (1985); Marcelo Lopes de Souza (2013) |
| PAISAGEM | Roberto Verдум (2016); Milton Santos (2014); Jean Gottmann (1959; 1960); Marcos Aurélio Saquet (2018), Joan Nogué (2011). |
| TERRITÓRIO | Claude Raffestin (1993); Rogério Haesbaert (1996); Marcos Aurélio Saquet (2018) |
| FRONTEIRA | Lia Osório Machado (2000); Eric Gustavo Cardin (2011); Regina Coeli Machado da Silva (2016); Adriana Dorfman (2009); Fábio Aníbal Jara Goiris (1999); Leandro Baller (2014); Maria Regia Coeli da Silva (2020). Chiara Brambilla, (2015), Francisco Lara-Valencia, (2019, 2020). |
| PAISAGEM DE FRONTEIRA | André Sanguin (2015); Sacha Aníbal Benítez (2019); Eliana Lamberti (2006); Letícia Parente Ribeiro (2013; 2016) |
| TRANSFRONTEIRIDADES | Dan Arreola (1996); Marcos Leandro Mondardo (2009). |

Fonte: Elaboração própria, 2021.

Além deste quadro com os autores de trabalhos que são a base desta pesquisa, no artigo de “Paisaje, territorio y sociedad civil” (2011), o Prof. Dr. Joan Nogué apresenta uma proposta de paisagem que tem se destacado nos últimos vinte anos com o aumento da conscientização ambiental e do avanço da urbanização nos territórios, pois a partir desse debate os projetos urbanísticos começaram a trazer propostas mais integradas com os elementos naturais. Tanto na interação com o entorno, quanto na forma de um empreendimento estar integrado ao contexto de paisagem de beleza cênica. Como no trecho: “El paisaje es cultura y, precisamente por ello, es algo vivo, dinámico y en continua transformación, en continua mutación.”. Expressas nas transformações da paisagem, que divide opiniões; por um lado essas mudanças representam a implantação de novas

infraestruturas nos territórios que podem valorizá-los. Entretanto, essa proposta de estética inovadora, afeta diretamente os perfis de moradores dessas áreas, que nem sempre são simpáticos a tais transformações na fisionomia da paisagem local. Nesse sentido, podemos destacar a importância da paisagem na formação e consolidação de identidades territoriais que devem ser consideradas nesses processos de remodelação do espaço. Como este trecho de Joan Nogué;

En general, la gente se siente parte de un paisaje, con el que establece múltiples y profundas complicidades. Este sentimiento es legítimo, ancestral y universal y, si bien es verdad que la tensión dialéctica entre lo local y lo global generada por lo que habitualmente entendemos por globalización está afectando muchísimo a los lugares, también lo es que, en buena medida, seguimos actuando como una cultura territorializada y, en ella, el paisaje ejerce un rol social y cultural destacado (NOGUÉ, 2011).

A paisagem ganha destaque, pois atua como um catalisador de discussões que ora geram conflitos de interesses entre os grandes projetos urbanos e as comunidades remanescentes que compõem essas paisagens. Ora produzem debates acalorados sobre a necessidade de inserção dos territórios locais nos mercados globais, como sinônimo de desenvolvimento. Alguns desses embates primam pela preservação do meio ambiente e pela valorização dos espaços de cultura que esses territórios abrigam e que deve servir de referência e fonte de aprendizado para as gerações futuras. Esse excerto de Roberto Lobato Corrêa (1998) destaca o entendimento do Carl Sauer sobre a paisagem;

Sauer considera a paisagem como o conceito-chave da geografia. A paisagem é o conjunto de formas naturais e culturais associadas em área. Materialidade e extensão são atributos essenciais da paisagem Saueriana, não se admitindo o uso do termo como metáfora, como paisagem política ou econômica. As **formas** que constituem a paisagem estão integradas entre si, apresentando **funções** que criam uma **estrutura**. A paisagem constitui, assim, em uma unidade orgânica ou quase orgânica. Trata-se de morfologia na qual **forma, função e estrutura** são elementos centrais (CORRÊA, 1998).

O entendimento de Corrêa sobre a diferença entre Sauer e Cosgrove a respeito do conceito de paisagem: diferentemente de Sauer, Cosgrove não considera a paisagem na perspectiva da morfologia. Influenciado fortemente por John Ruskin, intelectual inglês do século XIX, que se dedicou ao estudo da paisagem, Cosgrove (1929) enfatiza a experiência que se pode ter da paisagem, possibilitando a criação de significados. A paisagem não é apenas morfologia, mas insere-se também no mundo dos significados, estando impregnada de simbolismo. É nessa perspectiva que Cosgrove interessa-se pela gênese da ideia de paisagem

na Europa e não pela sua gênese em termos morfológicos. É no renascimento que a ideia da paisagem emerge, vinculada à ação prática em um período de transformações sociais, técnicas, políticas e artísticas, aí se incluindo a pintura, com a adoção da perspectiva linear, que permite representar a paisagem em três dimensões em um plano de duas dimensões. A paisagem é um "modo de ver" (COSGROVE, 1985). Como forma de propor a integração dessas teorias, trazemos o entendimento de Berque (1998), que destaca:

Talvez como síntese destas questões possamos apresentar o brilhante pensamento de Berque, segundo o qual a paisagem é simultaneamente uma marca, uma geo-grafia, que é impressa pela sociedade na superfície terrestre, e ao mesmo tempo estas marcas são matrizes, ou seja, constituem a condição para a existência e para a ação humana. Se por um lado ela é vista por um olhar pelo outro ela determina este olhar. Nas palavras do autor, "(...) a paisagem é plurimodal (passiva-ativa-potencial). Como é plurimodal o sujeito para o qual a paisagem existe; (...) a paisagem e o sujeito são co-integrados em um conjunto unitário que se autoproduz e se autorreproduz" (COSGROVE, 1985, p.86).

O pensamento de Berque está presente nesta pesquisa pois embasa os argumentos apresentados ao longo das análises. De forma a utilizar um conceito de paisagem que soma aos nossos propósitos teóricos-metodológicos ao fixarmos a ideia de paisagem marca da ação humana.

2.1.1 Território

Podemos afirmar que a investigação sobre o território e os estudos voltados para as suas características de diversidades, dinamismos e permanências ganharam força nos trabalhos de Jean Gottmann (1952), Marcos Aurélio Saquet (2007) e Luca Muscarà (1967 e 1976), pois são necessários o entendimento e reconexão com o contexto da paisagem fronteira, que nos remetem ao poder de influência dos territórios na geopolítica global e vice-versa. Deste modo, aqueles territórios que eram imprecisos em termos de limitação passaram a contar com linhas retas que definiram os seus limites. Para Raffestin (1993, p.167) "a linearização da fronteira é uma tendência do Estado moderno, que não foi desmentida desde o século XV, para culminar, no século XX, nas linhas rígidas, por vezes impermeáveis porque contornadas por muros (Muro de Berlim, por exemplo)". Eis que nesse momento, o mapa é posto como elemento que demarca e define as fronteiras – nem tão impermeáveis.

Assim, o Estado moderno, munido das técnicas das ciências e dos mapas como instrumento de controle absoluto do território, insere o sentido de soberania plena sobre os

seus limites espaciais. Nesse caso, as fronteiras aparecem na formação territorial funcionando como elemento de descontinuidade geoespacial e política e por vezes fragmentando sociedades, línguas, e momentos históricos. Em meio a um debate entre alemães e franceses sobre qual a fronteira linear seria a mais correta, ou pelo fato de entender que a fronteira natural se prestaria de forma mais fidedigna aos limites territoriais do Estado, surge a proposta de Ancel (1930) que contrapõe a obra *Grenze*, de Haushofer (1927). Ancel rebate que a fronteira deveria ter sua fonte na história, em que estaria o "sentimento ou espírito de fronteira", o qual em verdade, expressaria o significado coletivo de "pertencer" a um espaço comum, nacional (MARTIN, 1997). De fato, muitos foram os debates e enfrentamentos promovidos por europeus, visto que o contexto histórico era frutífero para discutir as fronteiras, em suas múltiplas interpretações, em seus aspectos jurídicos e políticos. Conforme discutiremos nos próximos tópicos. De fato, é importante destacar que o conceito de território perpassa todo esse trabalho. Coloca-se assim, o território não como mero cenário inerte sobre o qual instalam-se múltiplos elementos, mas como agente ativo que influencia diretamente as possibilidades sociais e econômicas (LAMBERTI, 2006). Visto que nossa análise sobre a paisagem está assentada em um espaço geográfico territorializado e, portanto, marcado pelos aspectos socioterritoriais de seu tempo.

2.1.1.2 Fronteira

O conceito de fronteira é um marco nos estudos de geografia, pois agrega em seu entorno discussões territoriais, cartográficas, que vão desde a concepção de multiescalaridades à geopolítica dos lugares. Por esse motivo, o conceito de fronteira possui muitas formas de interpretação (de acordo com o ponto de observação – referência histórica e fontes discursivas). No Brasil, grande contribuição foi dada pelos trabalhos de Lia Osório Machado (1997, 1998), que aborda a fronteira como algo para além dos limites institucionalizados. Essa autora também conceituou de forma específica as linhas que servem de limitadores convencionais dos poderes de intervenção dos outros Estados sobre os territórios vizinhos. Além de apresentar a fronteira como expressão do encontro e cenário de pluralidade. Segundo Martins (1997,12), "É na fronteira que se pode observar melhor como as sociedades se formam, se desorganizam ou se reproduzem". Também temos os trabalhos de Chiara Brambilla que discutem as fronteiras como espaços de trocas de existências que se multiplicam ao permitirem-se a fluidez do trânsito entre os territórios vizinhos. As fronteiras

são vistas como fontes de inovação tecnológica e alteridade. Pois permite as vivências de distintas formas de transitar e intercambiar essas identidades das paisagens de fronteira (BRAMBILLA, 2015). Além desses, temos trabalhos que nos auxiliam no entendimento da fronteira enquanto recurso e lugar de oportunidades, também como experiência de encontros de diferenças. Entre esses trabalhos temos a tese de doutorado da Prof.^a. Dr.^a. Adriana Dorfman intitulada “Contrabandistas na fronteira gaúcha: escalas geográficas e representações textuais” (2009), que aborda toda a construção da fronteira para além do imaginário e apresenta a proposta da Condição fronteiriça.

O trabalho de Dorfman, Felix e Filizola intitulado: Ensinando fronteiras: projetos estatais, representações sociais e interculturalidade (2021), que apresenta trabalhos e artigos relacionados ao tema que pesquisam outras fronteiras latinas e norte-americanas como o projeto conjunto Paisagem transfronteiriça: Ensinando e pesquisando em ambas Aceguás e ambos Nogales (Dorfman; Lara-Valencia; Velozo, 2020) revela uma diversidade de estudos relacionados às temáticas das transfronteiridades e relações fronteiriças. São textos que discutem os processos de formação das relações internacionais e territorializadas, discutem os projetos que visam à securitização, como as políticas de cercamentos das faixas de fronteiras. Assim como os programas que têm como foco tornar as fronteiras espaços de convívio e de trocas socioculturais, além das práticas educacionais no âmbito da geografia política, pois os fluxos de mercadorias, pessoas e serviços tendem a fazer da fronteira um não lugar. Ainda que com essa dinâmica de ser vista como um lugar de passagem, as fronteiras também são constituídas de elementos de pertencimento e fixidez do espaço territorial.

2.2 AS FRONTEIRAS E SUAS MÚLTIPLAS POSSÍVEIS INTERAÇÕES

O conceito de fronteira esteve relegado ao local deslembado, inóspito que servia somente às defesas das possessões territoriais, como limite de controle e soberania. Aos poucos a fronteira deixou de ser o fim de um determinado território e passou a ser o lugar das comunicações e das trocas comerciais, passando de confinamento a ecúmeno.

Esse intercâmbio entre análises acadêmicas e práticas dos fronteiriços tem muito a contribuir para os estudos fronteiriços, pois as formas paisagísticas de fronteira estão carregadas de práticas semelhantes voltadas para o trabalho e para a produção do espaço. Essas estão entre os processos que cunharam o conceito de território enquanto presença do Estado enquanto representante de unidade e soberania. As práticas estatais de desenvolver estratégias de controle de manutenção em face à geopolítica, por vezes utilizando-se de

métodos e as técnicas de descrição, representação gráfica e fotográfica para o registro da paisagem. Tais recursos utilizados para o controle do território têm como consequências: um maior poder geopolítico de influenciar os países vizinhos, uma fronteira mais ativa, conflituosa, ou uma região esvaziada de pessoas e de propósitos econômicos e culturais ou “fronteiras mortas”. De fato, tudo depende do quanto essas trocas se dão em cada expressão de fronteira e de como se consolidaram tais mudanças. Reflexos dessas transformações na dinâmica da paisagem ou mesmo a observação de elementos marcadores de transfronteiridade na região, com o passar do tempo o que fora criado com fins de securitização tornaram-se meios de pesquisa a fim de ressignificar o espaço vivido a partir das suas vivências em coletividade.

Nesse sentido, a fronteira passou a ser parte relevante do Estado com o surgimento da modernidade. Ainda que sempre tenha sido ponto de atenção nas comunidades tradicionais e primitivas. Inicialmente, essas sociedades demarcavam seus limites por meio de marcas na paisagem como por cursos de rios, montanhas, por exemplo. De fato, esse contexto de definição das fronteiras se deu em cenário marcado pelo pensamento eurocêntrico, uma vez que as fronteiras foram sendo construídas ao longo do surgimento das diversas sociedades e da noção de propriedade privada, florescendo assim a ideia de fronteiras, enquanto limite de um território apropriado. Para as sociedades primitivas a fronteira tinha conotações religiosas; como o lugar que teria forte ligação com o sagrado, logo muitos rituais de purificação e oferendas eram praticados nas fronteiras, que também carregava a ideia de limite entre o começo, isto é, a vida, e o fim, a morte. (FERRARI, 2014).

Já na Antiguidade, com o surgimento dos grandes impérios e de sociedades mais sedentarizadas, a noção de fronteira ganhou um caráter mais tendente ao expansionismo, como no caso do Império Romano. Nesse entremeio histórico a fronteira foi tratada com importância eventual e passou a ter mais relevância no período renascentista, pois tornou-se instrumento de poder e de apropriação simbólica do território; após o avanço das ciências como a geometria, cartografia, que eram utilizadas para fazer a representação do espaço geográfico por meio do estudo, análise e confecção de cartas ou mapas, as quais ao longo do tempo adquiriram um caráter mais técnico e sofisticado.

No continente americano, o uso da expressão fronteira ou boundary está associada ao ideal norte-americano de "conquista do Oeste" como um propósito de apropriação do território. Essas teorias ganharam notoriedade com as teorias do historiador Frederick Jackson Turner (1861-1932), que ressalta o papel dos pioneiros que progrediram pelo território durante a Marcha para o Oeste. Com destaque para o caráter expansionista, teve seguidores no

Brasil e na América Latina. Para Maristela Ferrari (2014), por haver diferença na nomenclatura de fronteira entre europeus e norte-americanos seja a dinâmica de formação dessas fronteiras no tempo e no espaço, provocou uma distinção entre a ideia da fronteira encontro com o outro ou a fronteira que era quase sinônimo de confronto – a europeia; com a fronteira como o lugar desconhecido a ser desbravado – a norte-americana. Uma vez que, na Europa, quando se formaram as primeiras fronteiras já não havia "terras livres", por isso a necessidade de defesa e proteção das fronteiras. Ao passo que, no continente americano, difundiu-se a ideia de que as terras deveriam ser conquistadas e "livradas dos selvagens", para se tornar a terra dos desbravadores norte-americanos, que logo tomaram posse. Nesse sentido, as tensões e conflitos por espaço na Europa ainda são constantes no tocante às fronteiras entre vizinhos seculares. Também existem conflitos de fronteira entre EUA e México e com os latino-americanos que tentam atravessar a fronteira ilegalmente. Algo que está no contexto da contemporaneidade em virtude dos processos migratórios, causados por tensões geopolíticas, instabilidades sociais e, sobretudo, pelas crises econômicas e humanitárias.

Portanto, para a Ferrari (2014), permaneceu a necessidade de distinguir limite de fronteira, pois por muito tempo esses conceitos foram marginalizados nas discussões teóricas e somente voltaram a ser observados com o advento dos blocos econômicos, os quais beiram o caráter supranacional, fazendo ressurgir a importância desses conceitos básicos na geopolítica. E mais precisamente com a globalização, surge como movimento que busca flexibilizar os fluxos comerciais e de pessoas, por meio de estratégias dos Estados e das suas fronteiras, ainda que tenhamos exemplos de fortalecimento das políticas de controle territorial subordinadas ao Estado. A proposta de uma aldeia global, sem limites para o trânsito de pessoas, revela-se uma utopia. Nesse contexto, discutir limites e fronteiras busca colocá-los novamente no debate sobre a produção do espaço, resignificando - os – enquanto conceitos reemergentes – nesse cenário globalizado. Reforçando um dos paradoxos da globalização que se caracteriza pela fluidez de mercadorias e capitais e a contenção de pessoas. A porosidade que se observa nas fronteiras, é muito mais resultado da rigidez do que da fluidez.

Ao tratarmos dos conceitos de limite e fronteira temos muitos autores que discutiram sobre suas distintas definições. Para Raffestin (1993 - 1997), Martin (1997), e Machado (1997, 1998, 2000, 2005) esses termos não guardam o mesmo sentido. Podemos destacar entre os mais citados, que o limite é a imposição geopolítica territorial, ao passo que, a fronteira é entendida como zona geográfica entre os sistemas estatais distintos. Assim, o limite é uma figura abstrata de conotação política, logo está distante de ser representativo na vida prática. Porém, a fronteira pode ser habitada, podendo haver intercâmbios culturais e

comerciais. No caso o limite é um instrumento de poder político do Estado. Sem dúvida, o limite tende a mudar juntamente com as transformações socioeconômicas, geopolíticas. Ainda que siga sendo "um elemento técnico cartográfico para dividir o espaço terrestre e para distinguir o campo de domínio territorial de um sistema político" (FERRARI, 2015, p.21). Para essa autora, fica evidente que fronteira e limites não são sinônimos, uma vez que, fronteiras ainda que estejam naturalmente direcionadas para fora, têm um grande potencial de integração social.

Os conceitos são os mais diversos, mas os mais emblemáticos são aqueles que apresentam a paisagem de fronteira como elemento central de um diálogo sobre temas transfronteiriços, destaca-se as possibilidades desta associação tão peculiar entre sociedade, território e suas fronteiras em um processo duradouro de trocas comerciais e culturais. Como na definição dada por Lia Osório Machado sobre a diferença entre fronteira e limite:

Se é certo que a determinação e defesa dos limites de uma possessão ou de um Estado se encontram no domínio da alta diplomacia, as fronteiras pertencem ao domínio dos povos. Enquanto o limite jurídico do território é uma abstração, gerada e sustentada pela ação institucional (...), a fronteira é lugar de comunicação e troca (MACHADO, 2000, p.1).

Assim, os limites são criados por critérios legislativos e burocráticos enquanto as fronteiras são espaços de grande interação, que as tornam referências de dinamismo e fluidez. Ao passo que os limites têm um caráter concentrador, tende a ser um fator de segregação, pois está associado à ideia de posse. A autora ressalta as características da fronteira como elemento chave para os intercâmbios, enquanto zona de interação, por ter uma paisagem específica, com muita transitividade e diversidade devido aos limites internacionais e aos fluxos e interações transfronteiriças, como as relações entre algumas cidades gêmeas.

As zonas fronteiriças são plurais, riquíssimas em suas práticas cotidianas e diversidade de contextos regionais políticos e socioeconômicos. Portanto, é necessário esforço e dedicação para entender as relações transfronteiriças, sem perder de vista a importância dos limites para a soberania dos territórios. Ambas as visões - de fronteira e de limite - guardam um vasto campo para a pesquisa. Contudo, a geografia, com seu viés científico, possibilita um diálogo com as transfronteiridades contemporâneas, suas iconografias e representações.

Entendemos que para Gottmann⁶ o peso das representações sociais e culturais na diferenciação dos espaços e das organizações humanas preparam a noção gottmanniana de iconografia (GOTTMANN, 1952). Ou seja, “a iconografia depende da organização social, pois essa pressupõe que em certos lugares corresponderá a um significado social comum que cada indivíduo da comunidade saberá decifrar” (SILVA, 2017). Nesse sentido, se estabelece um contraponto entre circulação e iconografia, pois ao passo que a primeira é mobilizada por fenômenos como a globalização e os fluxos de pessoas; a segunda é preservada por “três elementos constitutivos essenciais de toda sociedade e de toda iconografia regional: a religião, o passado político e a organização social. Essas três categorias de símbolos constituem uma iconografia muitas vezes complexas, mas sempre eficaz” (GOTTMANN, 1952, p. 220). Nesse sentido, existe um processo de manutenção das interações entre as pessoas que estão fixadas ao território, por questões jurídicas, políticas e religiosas, que cria um viés de pertencimento e aglutinação social no entorno da figura do Estado.

2.3 TRANSFRONTEIRIDADES

A paisagem transfronteiriça está associada a um critério de interdependência, complementaridade e vida em comum entre cidades gêmeas e seu entorno por meio dos fluxos de mercadorias e serviços. Em relação à categoria "transfronteiriça", recorrente ao longo deste trabalho, é primordial destacar, conforme colocam Rückert e Grasland (2016), que o

Processo de transfronteirização e regiões transfronteiriças são conceitos em construção, o que reflete a tentativa teórico-metodológica de explicitar os atuais processos em curso em diferentes realidades macro e microrregionais. Isto, por sua vez, impõe análises diferenciadas em um universo com realidades fronteiriças muito particulares de inúmeros casos localizados em vários continentes. Ambos os conceitos podem ser entendidos como diferenciações territoriais – isto é, múltiplas formas territoriais emergentes nos cenários de reestruturações territoriais contemporâneas (RÜCKERT; GRASLAND, 2016, p. 93-94).

Nos estudos em regiões de fronteira e de transfronteiridades são relevantes os trabalhos de Daniel Arreola (1996, 2013, 2010), que pesquisa fronteiras, paisagens, identidade cultural, criação de lugares; fronteiras mexicano-americanas; hispânico/ latino-americanos. Em suas pesquisas sobre a geografia histórica visual das cidades fronteiriças mexicanas,

⁶ Jean Gottmann foi incorporada pelo livro do Silva em SILVA, A. A. Introdução ao pensamento de Jean Gottmann. (Orgs.) Pierre Camu, Paul Claval, André-Louis Sanguin, Amaël Cattaruzza – Curitiba: CRV, 2017. 204p.

retrata os lugares através de imagens históricas e icônicas como cartões postais da fronteira da Baixa Califórnia. Ganha destaque o seu trabalho com imagens em cartões postais fotográficos das cidades fronteiriças mexicanas de Sonora, 1900-1950 (ARREOLA, 1996). Sua pesquisa está relacionada a esse trabalho, pois está pautado na investigação das paisagens por meio de imagens de fronteira, que evoca o processo de elaboração uma pesquisa focada nas fotografias, assim como nos cartões postais das cidades de fronteira.

Mondardo (2009) desenvolveu trabalhos direcionados aos estudos das identidades de fronteira (trans) territorial entre Brasil e Paraguai, assim como atua a partir da observação e da percepção da paisagem nas cidades fronteiriças de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, e cidades vizinhas próximas, em que faz análises sobre as relações de interatividade entre cultura e modos de vida e o quanto esses cotidianos são reproduzidos com base na (di)visão territorial, de identidades e transfronteiridade que se inter-relacionam e se dividem caracterizando a dialética da fronteira expressa nas paisagens e em seus agentes transformadores. Em seus trabalhos, descreve a arquitetura das cidades vizinhas e sua forma de organização: os hábitos, suas características direcionadas ao comércio e ao consumo, a transitoriedade das ruas que variam de acordo com o seu público, o centro de compras tão inconfundível. Seu artigo “Identidades na fronteira (trans) territorial entre Brasil e Paraguai: olhares das relações de contato e de contraste” (2009) colaborou para o trabalho de campo, pois antes de partirmos para a parte empírica, essa imersão nas descrições e impressões de Mondardo nos deram parâmetros de investigação e nos despertaram um olhar sensível para as paisagens transfronteiriças das cidades gêmeas.

Como, por exemplo, nas trocas que existem entre as populações de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero em sua conversa durante o trabalho de campo com a professora Vandí:

Também, segundo a professora, Ponta Porã (Brasil) arca com a saúde de vários paraguaios, mas em contrapartida, Pedro Juan Caballero (Paraguai), vende produtos mais baratos para os brasileiros. Há uma interação das possibilidades e/ou potencialidades de cada país. Ocorre uma verdadeira troca das potencialidades de cada lugar, que são apropriados por brasileiros e paraguaios (MONDARDO, 2009 p.16).

Este autor trabalha com a ideia de transfronteiridade nas relações socioespaciais entre distintas identidades que convivem em territórios. Tais relações podem ser conflituosas, como as formas que as comunidades indígenas são tratadas ainda que já estivessem ocupando essas terras há muito mais tempo que as sociedades modernas. Tais territorialidades se constituem na/da fronteira, dentre essas a conexão entre o profano e o sagrado na paisagem

transfronteiriça. Entende-se que conversar com pessoas que vivenciam essas práticas em seu cotidiano ajuda a entender como se dão esses processos de apropriação e produção do espaço vinculados ao social, histórico e cultural.

2.4 PAISAGEM COMO CATEGORIA DE ANÁLISE NA CONTEMPORANEIDADE

Chegamos ao conceito chave desta pesquisa: paisagem. Esse é também uma das categorias de análise de Milton Santos (1985), que elaborou a partir da concepção de que o produto do trabalho humano que transforma o espaço geográfico ao longo do tempo produz sucessivos resultados desses trabalhos que se sobrepõe no espaço, revelando inovações técnico-científicas e informacionais. Juntamos a esse a concepção das rugosidades, que são os vestígios de outros tempos ou acúmulos de tempos distintos, desde os estudos dos naturalistas-viajantes aos geógrafos, que elaboraram modelos teóricos-metodológicos integrados da paisagem estão presentes nas investigações desta pesquisa. Todos (as) esses (as) pesquisadores (as) tinham um fascínio por essas representações socioespaciais, ao ponto de construir métodos e técnicas aplicadas pela descrição, representação gráfica e fotográfica no registro da paisagem para transformá-la em conhecimento. Essas pesquisas são perpassadas por elementos que reforçam a leitura dos marcadores históricos tais como: prédios, conjuntos arquitetônicos em meio urbano como as metrópoles e megalópoles. Conforme a sua definição: "A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade" (SANTOS, 1997). Identificamos nesses processos as transformações da paisagem em função dos eventos produzidos pelo trabalho humano que sobrepõe elementos desses espaços produzidos em função das distintas temporalidades visíveis e não visíveis.

Em nosso entendimento a paisagem pode ser entendida como o acúmulo de diferentes tempos, que explicitam em suas formas e estruturas um conjunto de conceitos de vida em sociedade. Esse acúmulo de distintos momentos socioculturais e políticos produzem uma imagem que está carregada de significados ideológicos, estéticos, com base no dinamismo de estratégias de controle, domínio dos seus recursos e imposição de interesses primordialmente humanos, que tentam subjugar a paisagem conforme o seu ideal, distanciando-se, deste modo, da paisagem natural. Ao recorrermos ao conceito de paisagem logo nos vem à mente as

discussões de paisagem natural e paisagem artificial ou paisagem humanizada, como aborda Verdum (2012).

“Para entender as paisagens, seus significados e suas mudanças, é preciso debruçar-se sobre a trajetória da interação entre Homem e Natureza e ser capaz de compreendê-las como construções sociais e coprodução. (...), que refletem sobre as transformações nas paisagens, analisam as mudanças nas formas de perceber, sentir e ser, assim como sugerem pistas para o seu estudo e metodologias de investigação deste vibrante tema da Geografia atual” (SUERTEGARAY; VERDUM; BASSO, 2012).

Em seus livros intitulados: “Paisagem: Leituras, Significados e Transformações” (VERDUM et al, 2012) e “Rio Grande do Sul: Paisagens e Territórios em Transformação” (SUERTEGARAY; VERDUM; BASSO, 2012). Neste sentido, considerando paisagem como um constituinte do espaço geográfico (sistema de objetos), Milton Santos concebe a paisagem como a expressão materializada do espaço geográfico, interpretando-a como forma “Paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza”. Ou ainda, a paisagem se dá como conjunto de objetos reais concretos” (SANTOS 1997). Desse modo, o conceito de paisagem tem contribuído para o entendimento das interações sociedade e natureza. As investigações epistemológicas de Milton Santos, desde sua fase inicial têm suscitado tais inquietações sobre o pensamento geográfico no que tange à paisagem. Também aplicamos a ideia de paisagem marca e paisagem matriz de Berque, (1998). Esse destaca que A paisagem é uma *marca*, pois expressa uma civilização, mas é também uma *matriz* porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação - ou seja, da cultura - que canalizam, em um sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno (BERQUE, 1998).

Para os geógrafos, pensar na evolução das sociedades envolve o aprofundamento dos estudos das categorias de análise que embasam a formação do pensamento geográfico. Pensar a evolução das sociedades, no desenvolvimento científico, está diretamente atrelado ao processo e estruturação de categorias de análise que se readaptam aos processos sociais. Como espaço, território, sociedade contribuem para o reconhecimento da dimensão plural da paisagem na elaboração do conhecimento humano. Esse progresso social se dá a partir do trabalho e dos avanços no meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1996), que corresponde ao desenvolvimento dos processos de produção e reprodução do meio geográfico, os quais são responsáveis pelas novas configurações de paisagens com suas distintas representações e iconografias, tais como as paisagens transfronteiriças se

apresentam. Buscamos fazer uma reflexão sobre o espaço como substrato para a formação do conceito de paisagem (BALLER, 2014). O espaço, enquanto base para pensar como as transformações desta paisagem, que concretizam as mudanças na dinâmica de fronteira, e são o foco da investigação que apresentamos. Para Brambilla, (2015), a paisagem de fronteira tem relevância quando essa tem significado para aqueles que vivem essa paisagem e são parte deste contexto socioespacial:

Consequentemente, o conceito da paisagem de fronteiras permite uma compreensão da transição de uma “política do ser” para uma “política do devir”; e o potencial crítico das fronteiras pode ser explicado em sua dupla função como marcadores de pertencimento e lugares de tornar-se. Isso requer uma releitura e compreensão sutil e crítica da fronteira, não como uma entidade auto evidente, mas como um recurso em termos da construção de novas imaginações (geo) políticas, imaginários sociais e espaciais e imagens culturais (BRAMBILLA, 2015, p. 15, tradução nossa).⁷

No trecho a autora sinaliza para um método alternativo de pesquisar a fronteira, como algo a ser pensado para além das normas técnicas estáticas, mas que sejam capazes de promover uma “visão caleidoscópica” das práticas socioculturais cotidianas e que possam interagir, complementarmente, com diferentes pontos de vista políticos, sociais e artísticos.

Para chegarmos a esse nível de aprofundamento, recorreremos à obra de Milton Santos (1978), que explica a formação de cidades em redes de intercomunicação a partir de paisagens concebidas por sociedades que se sucedem em avanços técnicos, científicos e informacionais. E assim, temos uma constante mudança das maneiras de racionalizar e perceber os territórios enquanto substratos de confluências de distintos interesses públicos e privados. Até chegarmos à concepção de paisagem como o espaço concebido, como um construto social fundamentado em sucessivos processos de produção e de reprodução desses espaços. Ainda como sendo a sobreposição de distintos tempos expressos no trabalho vivo, sobre as formas naturais.

Para categorizar as mudanças no meio social, Santos (1985) articula no mesmo conceito as concepções de espaço e de tempo que passam a atuar na paisagem com foco nas

⁷ Consequently, the concept of the borderscape enables an understanding of the transition from a “politics of being” to a “politics of becoming”; and the critical potential of borders can be accounted for in their double function as both markers of belonging and places of becoming. This requires a nuanced and critical re-reading and understanding of the border not as an entity taken for granted, but as a resource in terms of the construction of novel (geo)political imaginations, social and spatial imaginaries, and cultural images (BRAMBILLA, 2015).

rugosidades que são “as formas remanescentes de períodos anteriores” (SANTOS, 1985, p.75). Assim como nos estudos sobre as transformações socioespaciais, de maneira integrada, como uma estrutura complexa de interações contínuas entre espaço e tempo.

Em sua obra “Espaço e Método” (1985), o autor destaca que as rugosidades estão diretamente relacionadas às novas funções que a sociedade imprime à paisagem. Contudo, ressalta ainda que, para toda a tentativa de inovação ou mudança, existe um processo inverso de resistência denominada de formas semipermanentes. Tais formas somente têm relevância quando inseridas em um contexto estrutural, que as modifica dentro das suas próprias realidades espaciais, em um processo de fazer, desfazer e refazer infindável dessas estruturas graças ao aprimoramento do trabalho humano. As rugosidades são vestígios de processos sucessivos em determinados locais, que por demanda social ou natural sofreram modificações em suas características iniciais e tiveram suas disposições arquitetônicas e organizacionais alteradas.

Certamente, discutir tais temas e procurar correlações entre eles é uma tarefa bastante desafiadora, e de grande relevância, pois se trata de uma rede complexa de elementos que se interconectam e interpenetram gerando um emaranhado de organizações e de sistemas heterogêneos entre si, mas que tem como resultado os novos desenhos e usos da paisagem. Pensando nas iconografias e representações expressas nas paisagens que se somam aos diferentes acúmulos de tempo sobre o espaço, de que se constituem essas paisagens multiescalares em termos socio-territoriais. Além disso, temos outro desafio que é compreender de que forma a condição fronteira faz-se presente também nas interações sociais locais e explicitam os lugares de fronteira como fonte de recursos, trocas, circulação de pessoas e de alteridade transfronteira em forma de processos sócio territoriais.

O conceito de paisagem teve mudanças significativas ao longo da evolução do pensamento geográfico. Tanto a construção do conjunto de elementos que constituem essa paisagem, quanto a consolidação da dicotomia entre paisagem natural e artificial, ou aquela formada a partir do trabalho humano. Na obra de Marcelo Lopes de Souza com o título “Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial”, o conceito de paisagem é analisado com base em autores como: Troll, Hartshorne, Duncan e Duncan, Cosgrove, Santos, entre outros. Com a ideia de que a paisagem é o espaço que é objeto da atenção do observador, o que ele toma como foco de investigação, delimitação, de fato, a paisagem, em seu sentido tradicional ou eurocentrado. E ainda, ressalta que para ser paisagem deve atuar como uma condicionadora de sociabilidade e integradora das interações sociedade-natureza. “A paisagem é uma forma, uma aparência - e não há nada de intrinsecamente ruim nisso, a não

ser que a nossa própria limitação mental faça disso algo ruim" (SOUZA, 2013, p.51). Entendo que o autor trata o conceito de paisagem como uma representação visual dos elementos que constituem as nossas memórias coletivas, ao representarmos o espaço geográfico por meio dos nossos trabalhos interações entre homem e natureza⁸. Tais eventos resultam em distintas iconografias de paisagem, que tendem à diversidade, e mais especificamente em expressões como o multiculturalismo de fronteira.

A paisagem é uma categoria de análise contemporânea que ganhou novos esforços de interpretação por parte de pesquisadores. Assim como o território ganhou outros contornos teóricos nas últimas décadas em função dos sucessivos avanços técnicos e informacionais. Seja por meio das formas, da dinâmica dos fenômenos, seja na investigação das estruturas e suas respectivas funções, as quais são mutáveis dadas as suas características e em virtude das práticas sociais, e na produção do espaço. O autor destaca com ênfase a ação integradora entre sociedade-natureza que a paisagem desempenha e reflete como fonte de interações que dão sentido de humanidade ao espaço e sensação de pertencimento a esse espaço.

Assim, de acordo com essa trajetória das interações (homem-natureza), destaca-se o trabalho de Verdum, (2016), que analisou as relações de diferentes formas de paisagem como o espaço rural e urbano e suas complexidades epistemológicas, desenvolvidas junto ao grupo de pesquisa Pagus. O contato com esses estudos nos possibilita entender que o autor trata, efetivamente, sobre a paisagem, por meio de estudos profundos sobre os distintos aspectos: físicos, geomorfológicos, socioeconômicos e culturais. Concedendo um enfoque mais sócio territorial e ambiental às suas análises, uma vez que explora as interações e os resultados desse intercâmbio entre as atividades humanas e o espaço transformado; também muito citado como sendo o espaço vivido e o espaço produzido, nos trabalhos de Milton Santos (1985). Esse interesse no entendimento dessas pesquisas que muito nos informa sobre uma paisagem que está associada à própria experiência de vida em sociedade e dos impactos que tais interações produzem no meio ambiente.

O espaço está vinculado aos conceitos mais arraigados à geografia, enquanto ciência das localidades e seus fenômenos históricos e culturais. Juntamente com a ideia de espaço social surgem também outras categorias de análise como: a forma, a função, a estrutura e a dinâmica desse complexo conjunto de elementos, que formam a paisagem enquanto construto

⁸ Para a pesquisa socioespacial e para as humanidades, a paisagem é sempre, de certo modo subjetivamente (e culturalmente) construída. Como bem expressou Simon Schama em seu magnífico *Landscape and Memory*, "[b]efore it can ever be repose for the senses, landscape is the work of the mind. Its scenery is built up as much from strata of memory as from layers of rock" (SCHAMA, 1996: 6-7); e mais adiante: "[i]t is our shaping perception that makes the differences between raw matter and landscape" (SCHAMA, 1996:10).

humano. De fato, é preciso apresentar esses elementos e conceitos para podermos adentrar no trabalho de pesquisa propriamente dita. Nos trabalhos de Marcelo Lopes de Souza é possível encontrar pistas de uma paisagem antropológica repleta de um viés de intenções e interesses que se interceptam, gerando conflitos.

Já na temática de Verdum (2016), Berque (1998) e de Santos (1978, 1985) a paisagem era examinada como interação entre sociedade e natureza e acúmulo de diferentes tempos no espaço por distintos interesses de ordem social, econômica e geopolítica. Logo, o espaço não está sujeito somente às intempéries naturais, mas também à intencionalidade humana, seja no âmbito sociopolítico, seja no campo cultural, na contemporaneidade. Nesse sentido, optamos pelos trabalhos de Verdum (2016) e Santos (1978, 1985), que desenvolvem os conceitos de paisagem enquanto estrutura, forma, função e dinâmica, que se trata de um constructo social e de constante transformação, isto é uma concepção de arranjo socioespacial, para além da percepção pura e simples centrada na percepção do indivíduo de maneira isolada. Para Santos;

A paisagem é palimpsesto, um mosaico, mas que tem um funcionamento unitário. Pode conter formas viúvas e formas virgens. As primeiras estão à espera de uma reutilização, que pode até acontecer; as segundas são adrede criadas para novas funções para receber inovações. As funções que são mais susceptíveis de criar novas formas são bancos, hipermercados, o Estado, *shoppings centers* etc., além de certas funções públicas. Fora estas são poucas as funções capazes de criar novas formas, e é por isso, mais comum o uso das preexistentes por meio da readaptação. É o caso das casas de saúde, escolas, serviços diversos, fabricas menores etc., que se instalam em antigos casarões ou prédios deixados por outras atividades, com readaptação de formas velhas para novas funções (SANTOS, 1994 p.77).

Para Verdum, (2020) a ideia de paisagem natural versus paisagem humana, nos remete à reflexão sobre o que é e o que não é natural em nossa contemporaneidade. Visto que nos mais diversos espaços estão a presença humana, como fator de intervenção, seja para usufruir e transformar, seja para implementar estratégias de preservação desses resquícios de natureza. A discussão sobre a necessidade de preservarem-se as paisagens, em seu estado natural, muitas vezes é colocada em contraposição ao ideal de progresso e até mesmo de desenvolvimento econômico. Esse conjunto de teorias desenvolvimentistas são conceitos de uma outra concepção de civilização – com ideias muito eurocêntricas -, e que fazem menção a um outro momento técnico e até mesmo histórico-cultural. Nesse sentido, Verdum destaca que muito do que vemos em termos de natureza preservada, são em verdade “passivos ambientais”, os quais devem ser conservados, enquanto elementos que fazem parte de uma outra forma de entender e de conviver com essas paisagens, que ainda se mantêm inexploradas. Visto que as transformações tecnológicas e de infraestrutura nos permitem

pensar em soluções mais inteligentes e menos depredatórias das paisagens naturais ou desses passivos ambientais, que nos restaram.

Esse contraponto surge entre os pesquisadores que pensam a paisagem no sentido de apresentar o questionamento de se nada mais é cem por cento natural, por que se haveria de preservar as paisagens interpretadas como naturais e com isso refrear os projetos de desenvolvimento econômicos locais? Assim, cabe fazer a crítica aos processos que se fundamentam no progresso a todo o custo, pois, na maioria das vezes esse “custo”, pode significar a extinção de muitas espécies de fauna e flora endêmicas e a sobrevivência das comunidades indígenas, ribeirinhas e quilombolas. Conceber paisagem como recurso é restringir demasiadamente suas possibilidades em termos epistemológicos e práticos. Pois ela nos permite ler as transformações técnico-científicas no espaço, por meio das marcas nos seus territórios, ou sendo fator de integração social, como é o caso das paisagens fronteiriças.

Notamos esse processo nas paisagens fronteiriças e nos elementos que representam essa transfronteiridade, enquanto constructo social nas relações de vizinhança perpassadas por parentescos e origens regionais em comum, nas decisões políticas locais, que contam com o parecer da governança da cidade ao lado, para ser efetivada. São formas de articular políticas públicas a partir das relações de (co) ordenação ou uma organização conjunta das decisões em termos de gestão no sentido de buscar a racionalização dos recursos e a complementaridade nos serviços de uso comum. Percebe-se essa articulação entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, ao menos em termos de itens como: saúde, educação, economia local e segurança pública.

O contexto sócio-histórico e cultural se constitui como elemento crucial para a conceituação de paisagem a partir dos movimentos econômicos, geopolíticos e de subjetividades sócio territoriais. Podemos pensar na elaboração segmentada da paisagem como um ato subjetivo. E por isso, algo impalpável à compreensão de um conceito fundado teoricamente, que teria as valências de ser esquematizadas, reproduzível como um experimento. Contudo, identificamos naqueles trabalhos uma apreensão coletiva do que seria a paisagem como um produto humano em constante interação com o meio, o qual está em constante mudança, ao passo que guarda as características e reminiscências de outros tempos. Como Santos (1985) destaca que constituem as rugosidades espaciais, marcas de outras formas e funções no território, que foram suplantadas, acúmulos de tempos sobre as estruturas vigentes. Nesse sentido, a paisagem está sempre em transformação na medida em que as sociedades estão constantemente se reorganizando no espaço social, pois existe uma tendência

aos fluxos econômicos, de trânsito, das adaptações aos novos cenários e às intercorrências que surgem ao longo do tempo.

A paisagem muda em favor de um ideal de progresso, de “desenvolvimento”, muda, pois, essa está conectada ao movimento de progresso social em caráter multiescalar. Nesse contexto, a ideia de paisagem adotada neste trabalho é a da construção social e tomada a partir da formação desta a partir do olhar da coletividade. Com base em uma vivência mais ampla, por isso tratamos da paisagem transfronteiriça, pois envolve um conjunto de relações e de interações que conectam extensões territoriais internacionalizadas. No caso da fronteira, por meio de laços de afetividade e de uma subjetividade coletiva na qual está imersa esta sociedade, que conserva uma relação muito próxima com o país vizinho, que se entende como parte de um território conurbado, como cidades gêmeas, ou cidades irmãs. Essas interações estão fundamentadas na complementaridade econômica, cultural e nas trocas e tensões de ser e de estar na fronteira com todas suas contradições e potencialidades.

Ao nos depararmos com um espaço transformado com uma paisagem moldada pela ação humana, percebemos o quão relevante é para os estudos geográficos o entendimento dessa definição para o desdobramento das categorias de análise que são: forma, estrutura, função e dinâmica espacial para o entendimento deste processo evolutivo, que está expresso na paisagem. E refletir sobre esse conceito é a base para mais avanços nesta pesquisa, pois é importante que esses elementos presentes na tessitura socioespacial estejam bastante permeados como formadores de todo um sistema de crenças que nortearão os demais propósitos desta pesquisa, focada nas transformações da paisagem fronteira a partir das atividades humanas.

Partimos do conceito de espaço, que ganhou visibilidade nos trabalhos de Milton Santos, ao passo que este desenvolveu ideias sobre as categorias de análise para explicar as nuances e complexidades que compõem o conceito de paisagem, enquanto sobreposição de sucessivos tempos e como obra do trabalho humano a partir de suas necessidades de um meio moderno, isto é; que se implantou as novas técnicas, em detrimento de estruturas obsoletas e que caíram em desuso. O autor inseriu outras categorias de investigação e propôs um olhar que interagisse com esse espaço percebendo seus usos e propriedades, suas dinâmicas e possibilidades de agregar ao pensamento sobre o espaço geográfico em questão. Os que norteiam decisões políticas que refletem nas estruturas espaciais em forma de paisagem remodelada aos novos padrões de uso e até de consumo em seu caráter multiescalar. E como as inovações podem ser integradas ao local de acordo com suas características podendo ser

agregadas ao contexto, como parte desse ao encontrar uma coexistência em paralelo, compartilhando o mesmo tempo-espaço.

A evolução do espaço que nos permitem uma análise por meio de vestígios, (ou resquícios), produtos em forma de inovações tecnológicas e técnico-científico-informacionais são elementos que ressignificam o espaço social, enquanto meio para atingir objetivos de (re) existência atribuindo valores novos a estruturas e formas presentes, remanescentes de um passado que está visível na paisagem, então dá-se outros usos preenchendo de sentido essas estruturas anacrônicas, testemunhos de tempos passados.

Por esse motivo o espaço, enquanto construção social é fluido, elástico e, sobretudo, plural, pois, nos permite ver através dele sua flexibilidade e resiliência aos processos de transformação que constituem a paisagem. Esses processos estão intrinsecamente ligados aos fenômenos sociais, os quais atuam em um constante agregar / desagregar de territórios. Portanto, entendemos que o espaço, que foi analisado, transformado, observado e percebido tornado paisagem, para contextualizar a expressão das transformações da paisagem, é a base para os estudos fronteiriços nesta pesquisa.

Na sequência apresentado o Quadro 2 que agrupou os conceitos e autores que trabalham com aspectos históricos e geográficos de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero e seu entorno. Destacam-se elementos de identidade fronteiriça, história e cultura inter-regional e conflitos e tensões no entorno das atividades econômicas comerciais e do turismo de fronteira:

Quadro 2 - Fundamentação Teórica e Conceitual, 2020.

| TEMA CONCEITO | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E CONCEITUAL |
|---------------------------------------|--|
| RELAÇÕES TRANSFRONTEIRIÇAS | Jonas Ariel Cantaluppi de Souza (2018); Eric Gustavo Cardin (2011); Eliana Lamberti (2006). |
| TERRITÓRIALIDADE HISTÓRICA | Apolonio Jiménez Benítez (1991); Sacha Anibal Benitez Cardona (2019). |
| TRANSFRONTEIRIDADES | Marcos Leandro Mondardo (2009) |

Fonte: Elaboração própria, 2021.

Nessas produções percebe-se que existem, nitidamente, a intenção de representar os trabalhos desenvolvidos a partir das relações de transfronteiridades, identidade e de interatividade entre cultura, economia e formação da sociedade e das possibilidades da paisagem transfronteiriça. Assim como relações nem sempre harmoniosas e por vezes conflituosas que o fato de um convívio tão próximo pode desencadear entre as cidades gêmeas. As problemáticas difusas nos territórios de países limítrofes e as incertezas que ser

fronteiriço e de transitar por esses espaços influenciam nas relações interpessoais e territorializadas. Essas que são, por vezes, superficiais e efêmeras; por outras, profundas e arraigadas à condição fronteiriça. Esses autores pensam a política, a economia e a interculturalidade de forma integrada com o ensino e com a construção da história local que dialoga com o exterior, isto é, com o fato de ser e estar na fronteira. Em Sanguin (2015), é possível notar por meio de citações de vários autores como Sauer, Raffestin, Häyrynem que seguem a mesma linha de raciocínio. Pois, para esses autores, a paisagem surgiria do percebido, do vivido, das interações entre o ser humano e o território, dos sucessivos processos de construção social. Muitos dos argumentos evidenciam uma preocupação com a paisagem de fronteira como um conjunto de interações entre a paisagem natural e a paisagem cultural.

De forma geral, a paisagem de fronteira é, ao mesmo tempo, um espaço percebido e um espaço vivido, por agregar aspectos naturais, papéis históricos, usos socioeconômicos, imagens mentais e representações culturais (HÄYRYNEM, 2009), ainda que não seja uma especificidade das paisagens transfronteiriças são aspectos que permeiam esses espaços. Nesse sentido, é compreensível que a imagem da paisagem de fronteira seja interpretada como uma região composta por elementos contrastantes e até mesmo confusos, ao olhar de um observador pouco atento aos processos sócio-históricos. No entanto, é importante destacar que muitas localidades fronteiriças abrigam riquezas históricas e simbólicas de relevante valor intercultural. Ainda fazendo referência ao artigo de Sanguin (2015), esse trata das relações fronteiriças ao redor do mundo, comenta sobre as características e especificidades de cada fronteira como as da Europa, América do Norte e na América Latina. O quanto as fronteiras europeias estão voltadas para o turismo de montanhas e para a visitação de *free shops*; e nas famílias que se afeiçoaram às paisagens de fronteira e aos seus atrativos comércios locais. Destaca-se que o turismo aumentou a partir das melhorias de infraestrutura e de equipamentos de lazer (*shopping centers*, bares, cafeterias, restaurantes, grandes estacionamentos; entre outros) para acolher visitantes, assim como a implementação de políticas de incentivo ao desenvolvimento local com foco nas áreas de fronteira.

O mesmo ocorre na fronteira dos Estados Unidos com o México, para onde muitos norte-americanos se dirigem em busca de tratamentos médicos e procedimentos estéticos a baixo custo, quando comparados aos praticados no seu país de origem. Esse vai e vem de turistas atrás de atendimentos médicos nas cidades fronteiriças do México somente é possível porque existe uma rede de facilitadores que lucram muito com pacotes de viagens, criando um fluxo comercial na fronteira. Na América Latina, temos a forte presença dos *Free Shops* e do

turismo de ecologia, para que as pessoas possam conhecer os aspectos ecológicos de biodiversidade de cada região. Esse tipo de proposta tem atraído turistas de todo o mundo. Como forma de arrecadar em moeda estrangeira, o comércio local atua sob uma política de incentivo às trocas comerciais, aos *Free shops* nas localidades situadas na fronteira entre Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai; por exemplo.

Com relação às paisagens urbanas de fronteira, Sanguin (2015) apresenta todo um cenário sobre a origem, formação histórica e importância de algumas cidades gêmeas, muitas destas de origem estratégica, como ponto de observação, de segurança da linha de fronteira, defesa das regiões limítrofes ou entrepostos comerciais. De fato, é interessante observar a evolução das cidades gêmeas no contexto das fronteiras, propriamente dita, ao desenvolverem estreitamento de laços com seus vizinhos, criarem sistemas que aproximam as línguas. O autor apresenta exemplos de cidades fronteiriças em que o idioma é uma forte barreira à integração. Contudo, existem cidades que apresentam relações estreitas e até mesmo a língua falada atua como um ponto de confluência, de vinculação entre identidades locais.

2.4.1 A PAISAGEM DE FRONTEIRA

A paisagem é um construto humano com todos os seus elementos naturais, artificiais e sociológicos. Associados aos fortes apelos sociais, econômicos e tecnológicos, que ora visam a autonomia, ora a integração territorial. Enquanto lugar onde as relações e interações se tornam materiais, como lugar de potencial de influência política, pois agrega complexas dinâmicas de fluidez e permanências locais que se mesclam a novas tecnologias globalizantes.

O entendimento da paisagem de fronteira tem sido abordado com muito interesse nos trabalhos de André-Louis Sanguin em seu artigo Paisagens de Fronteira: variações de um importante tema da Geografia política (2015). E mais tarde no trabalho de Leandro Baller, em Fronteiras e Fronteiriços: a construção das relações socioculturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014), (2014) que trata do universo da fronteira a partir de suas relações socioeconômicas e geopolíticas. Como na proposta de paisagem de fronteira, apresentada nas conceituações de Chiara Brambilla (2015), que considera as questões de mobilidade e interação entre povos e culturas

No caso das análises de André Sanguin (2015), o autor aponta a paisagem de fronteira como um resultado das geomorfologias do espaço geográfico que se agrega aos processos de produção e de reprodução desses espaços, com base em características estruturais e sócio territoriais. Conforme destaca o autor em seu artigo sobre as paisagens de fronteira que podem

ser observadas no mapa mundipolítico enquanto abertas, fechadas, acessíveis e inacessíveis, festivas ou como regiões anecúmenas. No mesmo trabalho, o autor reforça o dilema da desfronteirização-fronteirização e ao final identifica novas tendências e os caminhos futuros em setores específicos. Para Sanguin, (2015) desde suas origens, a União Européia é o sujeito de um processo de desnaturalização de fronteiras, isto é, desfronteirização da qual a área Schengen representa a quintessência geográfica política. Entretanto, os eventos de 11/09, o aumento do terrorismo fundamentalista e o impulso da pressão migratória para os Estados Unidos, a Europa e a Índia parecem validar o retorno do muro de fronteira enquanto um assunto geográfico e um instrumento político (refronteirização). Os muros, as barreiras, as cercas e as barricadas aparecem como uma ferramenta chave do Estado na luta contra o crime, o tráfico de drogas, e, sobretudo, a imigração ilegal. O autor sinaliza para a necessidade de uma retomada do conceito de paisagem de fronteira, por meio de uma “reavaliação geográfica e de uma reescrita no âmbito da literatura científica” (SANGUIN, 2015, p.389), uma vez que expressa uma condição socioespacial com símbolos e representações próprias e com características regionais distintas.

Os trabalhos do professor e historiador Sacha Aníbal Benítez entre eles “A la sombra de los perobales História del poblado de Punta Porã Génesis de dos ciudades 1870- 1902” (2019), nos permitem transitar por esses espaços de reminiscências e de embate por (re)existência em permanente interatividade que é a paisagem de fronteira. O autor reconstitui toda a história de fundação das cidades de Ponta Porã no estado do Mato Grosso do Sul (BR) e Pedro Juan Caballero, capital do departamento de Amambay, no Paraguai, a partir das suas relações econômicas, políticas e culturais. Essas surgidas da necessidade e dos resultados de um longo processo de adequação a suas situações, enquanto territórios soberanos, mas interdependentes. Tais processos que nem sempre direcionaram para o consenso ou para soluções justas e equânimes em termos de interesses geopolíticos. Porém essa convivência tornou-se um exercício que envolve diplomacia entre os agentes. E o quanto desde os tempos de formação das cidades essas caracterizam pela interdependência/ complementaridade e concorrência por visibilidade, atração de mercado consumidor e investimento dos atores econômicos na região fronteira.

Os trabalhos da professora Eliana Lamberti (2006) apresentaram toda a trajetória de pesquisa sobre as relações econômicas entre as cidades gêmeas, desde a política de reexportação dos produtos dos países asiáticos para a revenda nos *free Shops*, até as possibilidades de tornar as regiões de fronteiras um polo turístico, agregando valor aos processos históricos e de transformação das paisagens fronteiriças. Em linhas gerais, esses

pesquisadores buscam destacar a produção do espaço por meio das interações sociais, das trocas comerciais, e das vivências que transcendem a ideia de território como um limitador das ações. Suas pesquisas são complexas e vão desde as multiterritorialidades, à composição histórica das cidades gêmeas enquanto produtora de interações sociais e econômicas que se interseccionam em complementaridade econômica e cultural, também denominadas interdependência local. O desafio urbano é que as cidades gêmeas têm os mesmos problemas intrínsecos a qualquer cidade, acrescidos daqueles que lhes são particulares (TORRECILHA, 2013, p. 10). Nesse sentido, a paisagem de fronteira está inserida em um contexto global em termos de busca por progresso e visibilidade comercial, ao passo que pelo fato de ser fronteira, necessita desenvolver outras estratégias para além de descobrir e expor suas potencialidades e minimizar as suas deficiências. Fatores como competitividade entre cidades e falta de diálogo entre os governos vizinhos geram descompassos econômicos e perda de oportunidades de ganhos mútuos em termos regionais.

Uma fonte importante sobre a evolução do pensamento geográfico está nas contribuições de Jean Gottmann, que em sua trajetória enquanto geógrafo despontou como um pesquisador das relações geopolíticas nos territórios europeu e norte-americano. Em seus relatórios e artigos discutiu temas como autonomia, independência e autodeterminação dos povos, a evolução do meio urbano por meio da produção do espaço pelo trabalho humano expressos nas representações e iconografias. Trata da geografia política e da geopolítica em seus artigos, os quais são repletos de investigações sobre a evolução do processo de construção das mais distintas territorialidades, em especial as urbanas, e suas formas impressas nas relações sociais. Como no caso da formação do território de Israel, com todos os seus impasses e disputas abertas e de caráter secular com seus vizinhos. Jean Gottmann nos revela as dinâmicas da formação de estados nacionais em que estão imersas outras questões (religiosas, culturais, políticas), que interferem na constituição da paisagem. Uma vez que a paisagem nunca está inerte, mas em constante transformação. Em função desses contextos de tensões, conflitos, perdas de território, nota-se uma fragilização do conceito de soberania, ao menos como o conhecemos. Esse autor produz trabalhos interessantes sobre o processo de urbanização e metropolização do estado da Virgínia (EUA), que passa por transformações profundas até se consolidar como uma conurbação entre as cidades dos estados vizinhos, assim como a evolução regional nos séculos XVII e XVIII e a noção de modo de vida. O estado da Virgínia se destaca pela forma como consolidou-se após longo período marcado por guerras, sua localização e se utiliza de tais características para alcançar essa visibilidade em meio a forte concorrência comercial e industrial na região do Sudeste estadunidense.

Até a ideia de produção de imagens para a exaltação da paisagem enquanto elemento revelador da condição de transfronteiridade, enquanto fenômeno socioespacial e geográfico. As imagens de paisagem têm um papel de revelar as transformações de uma sociedade, as fotografias como um instantâneo da realidade, a partir da percepção de outrem. Para Eliana Lamberti (2006) o potencial turístico e econômico das fronteiras enquanto polo de comércio supera a ideia inicial de ser um centro de comercialização de produtos de reexportação, como aqueles vindos da China ou de outros países asiáticos.

Souza (2018) discute a identidade territorial na fronteira entre as cidades de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, partindo da ideia da identidade como construção sociocultural-territorial. Ao analisar os perfis dos sujeitos que transitam entre as duas cidades e mantêm estreitas relações de parentesco e de pertencimentos ancorados em dois referenciais territoriais destaca as marcas desse trânsito entre um território e outro, em que se afirmam identidades e negam-se ou negociam-se, constroem-se e se (des)constroem outras. Ele ressalta que "O espaço fronteiro cria múltiplas identidades, que convivem simultaneamente em tempos diferentes, no mesmo espaço, mas em múltiplos territórios, (...) a identidade transfronteira, reverberando na criação de um grupo de fronteiriços que se autodenominam "brasiguaios"" (SOUZA, 2018, p.09). Em linhas gerais, a paisagem de fronteira abarca os fronteiriços e sua relação com a fronteira, que é fluida para aqueles que entendem esse território, mas com regramentos e marcada pela hierarquia estatal constantemente visível no território.

Lamberti *et al* (2017) apontam mudanças em trabalhos sobre o "Desenvolvimento, turismo e economia criativa: algumas conexões a partir da realidade fronteira de Ponta Porã / MS" (2017). Nesse artigo, os autores discutem a chegada da globalização aos espaços fronteiriços e suas repercussões nos processos de melhorias dos sistemas produtivos por meio de técnicas homogeneizantes, ao passo que buscam ressaltar a importância do desenvolvimento endógeno. Isto é, que tem por premissa o uso do potencial da comunidade local de liderar o processo de mudança para que o desenvolvimento ocorra (LAMBERTI *et al*, 2017).

A discussão que envolve a conveniência do desenvolvimento do turismo ecológico e da economia criativa é uma realidade bastante recorrente no que tange ao território fronteiro de Ponta Porã em Mato Grosso do Sul. Tanto Lamberti, quanto Buson destacam que existe um potencial para essas práticas dadas as características das cidades gêmeas (Ponta Porã do lado brasileiro e Pedro Juan Caballero do lado paraguaio), como alternativa ao turismo de compras, que tem sido afetado pela economia global e, principalmente, pela alta do dólar. Essa modalidade de turismo é bastante sensível e é rapidamente afetada por mudanças

conjunturais, tanto atinentes à política cambial (paridade entre as moedas dólar e real) como monetária e fiscal (LAMBERTI *et al*, 2017). Ressalta-se o grande potencial turístico de cunho ambiental e cultural, que deem ênfase aos recursos naturais e diversidade como o Parque do Cerro Corá e a Reserva Arqueológica de Gasory, que fazem parte do patrimônio histórico e ambiental de Pedro Juan Caballero (PY).

Em função dessas relações, as cidades buscam se destacar como polos atrativos em termos econômicos e culturais a partir de suas potencialidades turísticas, comerciais e paisagísticas. Ainda no artigo de Eliana Lamberti, entre os resultados encontrados, apontam o potencial para o desenvolvimento do artesanato, uma vez que já ocorreu um trabalho inicial realizado pela Prefeitura de Ponta Porã em conjunto com os artesãos, por exemplo (LAMBERTI *et al*, 2017). Essa experiência do município em questão ainda está na fase embrionária. No trabalho de LAMBERTI *et al*, 2017) a paisagem de fronteira é observada como fonte de potencial atração turístico com destaque para a sua diversidade étnica e cultural e beleza cênica dos pontos de visitação e historicidade.

Para Ribeiro (2013, 2016), trabalhar com as imagens produzidas a partir da pesquisa de campo requer seleção prévia das paisagens conforme o interesse que se quer caracterizar e fundamentar com uma base conceitual que coloque as imagens como o foco das investigações com relação ao objeto que está sendo buscado, partindo-se uma "metodologia visual" que será empregada na Geografia como forma de expressar as marcas e representações das transformações na paisagem transfronteiriças. Essas imagens compõem um aglomerado de figuras, um quadro composto de eventos efêmeros, que Ribeiro (2013, 2016) e Gomes (2007) denominam como a "cena pública". Isto é, o cotidiano que se apresenta nas ruas, as formas como as pessoas se distribuem nos locais, para serem vistas ou ignoradas. Como o fato de estar na rua compoendo a paisagem de uso comum, produz nas pessoas um sentimento de anonimato ou de ser parte do todo, paisagem cena, enquanto momento efêmero. Essa paisagem que se modifica conforme o horário do dia, o dia da semana; também é relacionada às formas e funções da paisagem em sua plenitude socioespacial e territorial.

A pesquisa inicia na seleção das paisagens a serem retratadas. O foco deve ser a fotografia, seu contexto, onde busca-se compor o cenário pessoal único e histórico. A cena pública é um instantâneo do cotidiano. Muitas das fotografias selecionadas para esta tese são produções de imagens das ruas, de locais públicos, de uso comum. A metodologia visual destaca a importância de fazermos um trabalho interno, antes de empreendermos uma sucessão de capturas de imagens sem reflexão. Pois as fotografias devem ter um sentido e uma construção socioespacial que tenha ênfase na Geografia do lugar. A ideia de

aleatoriedade das fotografias dá-se pela amplitude de possibilidades em um contexto de paisagem transfronteiriça. Pois ora se está em uma cidade, ora se está em outra. E nesse sentido os ângulos, os fluxos, os ritmos das imagens se alternam nas paisagens de fronteira em escala temporal. Ao participarmos da Oficina para produção de Imagens Geográficas, percebemos que com a facilitação do acesso às câmeras fotográficas, *smartphones* com câmeras de alta resolução e com grandes capacidades de memória para armazenamento, as fotografias se tornaram acessíveis e, em função disso, se banalizaram. Esse exercício de termos de escolher, aguardar o momento de fazermos o registro fotográfico, selecionarmos o melhor enquadramento, nos trouxe uma lembrança de outros tempos; em que a fotografia era mais rara, mais cara em termos financeiros e mais valorizada. Isto é, tinha um valor sentimental.

Uma outra abordagem é a ideia de fotografar o outro na paisagem ou a paisagem do cotidiano, do qual o observador (fotógrafo), não participa da cena. Ou seja, fomos na contramão de ideia da popularização da *Selfie* em que o “eu” é o centro das atenções no contexto da fotografia e que o propósito único é ser visto naquele local. Ao passo que a metodologia visual de produção de imagens geográficas tem como foco a ação de priorizar o outro ou a cena Urbana. Assim, a paisagem transfronteiriça é o núcleo deste trabalho.

Nesse sentido, um entardecer, um amanhecer, uma fotografia sem figuras humanas, em favor da imagem da cidade; imagens da Linha Internacional e seus frequentadores é o que faz desse exercício uma prática metodológica visual. Assim o geógrafo torna-se um observador das paisagens, com habilidade para captar imagens e composições que tenham sentido espaço-temporal e sócio territorial a partir de um olhar geográfico.

Podemos identificar na paisagem de fronteira elementos que a tornam tão importante para os estudos territoriais e fronteiriços, por apresentarem os embates políticos e ideológicos, assim como as disputas por território, as relações de pertencimento, as quais constituem o espaço social produzido na fronteira. As categorias de análise são perceptíveis como as formas, funções, estruturas e processos estão presentes nas rugosidades no território, estabelecendo sobreposições e sucessivos acúmulos de tempo nessas regiões que são pontos de contato entre nações:

“A paisagem de fronteira, enquanto espaço constituído de forma, função, estrutura e dinâmica é fonte de análise de outros fenômenos sociológicos relevantes para os estudos fronteiriços e para o entendimento das mudanças e ressignificações que estão profundamente arraigadas a essas regiões, o que nos remete às mudanças nas formas, funções, estruturas e dinâmicas dos espaços e das distintas formas de transfronteirizar-se, ao estabelecer profundas relações de complementaridade e interdependência sócio territorial. A paisagem de fronteira é um construto cultural central no processo de construção de uma nação.” (SANGUIN, 2015, p.390).

Além disso, o mesmo autor descreve as diversas formas de relação econômica, social e cultural que se apresentam entre alguns países da Europa; suas trajetórias enquanto complementares social e economicamente como o espaço Schengen, que engloba os países europeus independente de fazerem parte da União Europeia, que estimula a livre circulação de pessoas como forma de tornar o acesso aos países europeus mais fácil para aqueles que desejam visitar, ou trabalhar no velho continente, de forma a tornar esses espaços produtivos e complementares/ integrados economicamente.

Essas relações de incentivo na Europa, o regime *duty-free* buscam transformar as fronteiras em locais de constante trânsito de consumidores de outros lugares, como no caso de países como Andorra, localizada entre a Espanha e a França (SANGUIN, 2014a), que por suas características naturais e paisagísticas, atrai oito milhões de visitantes por ano, que lotam as cidades de carros em busca de espaços aprazíveis como a cordilheira dos Pirineus e da infraestrutura voltada para o turismo de fronteira (SANGUIN, 2016). Esse tipo de paisagem é recorrente em cidades mexicanas próximas dos Estados Unidos (Tijuana, Mexicali, Nogales, Ciudad Juárez, Nuevo Laredo, Matamoros) (ARREOLA, 1996; MURIA; CHÁVEZ, 2011).

André-Louis Sanguin (2014) trata das fronteiras entre cidades gêmeas, que foram divididas a partir de acordos políticos internacionais, aquelas mais comuns, impostos após guerras localizadas como: El Paso (Estados Unidos) – Ciudad Juárez (México) depois da Guerra Mexicano-Americanos de 1848 (SANGUIN, 2014). Existem as cidades que cresceram independentemente de ambos os lados da fronteira, que são comuns: Astara (Azerbaijão) – Astara (Irã), Brazzaville (Congo) – Kinshasa (RDC); por exemplo.

Essas paisagens expressam as representações e iconografias no território. Além do enfoque econômico, territorial e cultural, temos as percepções da paisagem de fronteira como o local de possíveis disputas ideológicas, pontos de tensão entre centro (afastado das suas fronteiras) e periferia. Como um local de segregação espacial (e de integração cultural). Do mesmo modo que o autor destaca em um de seus artigos, ressurgem propostas de construções de muros nas fronteiras europeias e norte-americanas como alternativas às migrações ilegais, utilizando argumentos de que essas barreiras físicas são necessárias para controlar o fluxo migratório e por medida de segurança dos cidadãos. O propósito dos muros é isolar territórios para que seja assegurada a sua integridade e a de seus habitantes, seguindo um discurso de securitização das fronteiras. Contudo, os mesmos muros são representações de medidas de segurança do Estado. Entendemos que isso dificultaria um diálogo mais amigável para buscar soluções e para o enfrentamento aos problemas geopolíticos. Como no caso das migrações,

por exemplo, de forma mais técnica e racional sem abandonar a postura humanitária que a questão demanda.

O desafio de uma impermeabilidade absoluta traz o estabelecimento de normas, vistos, exclusões, processos de confinamento que, finalmente, criam santuários protegidos e uma fragmentação do território (VALLET, 2014). Nesse sentido, concordamos com Brambilla, (2015) que destaca a importância de uma fronteira humanizada e que conte com políticas de fronteiras articuladas às novas tecnologias e uso e apropriação das paisagens de fronteira.

Associados aos processos migratórios temos os fenômenos como o de desfronteirização e refrenteirização que caracterizam a paisagem de fronteira como o lugar que está em constante mudança tal como a expressão *mobile borders*⁹, sujeitas às práticas políticas e aos interesses dos mercados globais. Logo, essa discussão é ponto de partida para as análises do contexto fronteiriço, enquanto região de influência, dadas as suas peculiaridades de distintas territorialidades e culturas múltiplas, que as diferenciam de qualquer outra localidade. Nesse contexto, a paisagem de fronteira sofre transformações em suas macro e microestruturas, que passam a receber influências de diversas outras culturas e representações que geram uma resignificação da paisagem de fronteira. Conforme apresentam Dell’Agnese e Szary (2015) nesse trecho:

A questão começa por reconhecer que o espaço-solo como representação está longe de ser "objetivo": não tem um significado pré-existente, que pode ser entendido da mesma maneira por todo tipo de público, mas, ao contrário, é o resultado de uma soma de interpretações e reinterpretações (DELL’AGNESE; SZARY, 2015, p.8, tradução nossa)¹⁰.

No trecho de Dell’Agnese e Szary (2015) nos atemos ao debate das diversas possibilidades de interpretação do que muitas vezes se apresenta como definitivo ou como as autoras colocam como objetivo, sendo que, em face a essa diversidade de possíveis interpretações, mostra-se passível de outras avaliações. As autoras também contribuem para

⁹Termo próximos às questões propostas por Friedrich Ratzel e Élie Reclus entre os séculos XIX e XX. “Se em Ratzel a fronteira é móvel porque os povos fazem guerra, ela também o é, segundo Reclus, porque os povos farão a revolução. Nos dois casos, estamos diante de uma geografia que, interpretando o mundo, consegue antecipar sua configuração, bem como aprender os complexos desafios da mundialização construindo propostas originais para as questões da política e da sociedade” (FERRETTI, 2014).

¹⁰ The issue starts from acknowledging that the landscape as a representation is far from being "objective": it does not have a preexisting meaning, which can be understood in the same way by every kind of audience but, on the contrary, is the result of a sum of interpretations and re-interpretations. Historically and culturally influenced, the borderscape is the product of an intricate web of intertextualities, and it is full of tropes (DELL’AGNESE; SZARY, 2015, p.8).

esta pesquisa através do conceito de *Borderscape* que apresenta a ideia da estética das paisagens fronteiriças.

“A produção cultural pode ser mais do que uma questão secundária nos estudos de fronteira? O conjunto de artigos a seguir indica claramente uma nova maneira de responder positivamente à pergunta. É importante levar em conta culturas de todos os tipos - sejam elas em conformidade com as categorias "popular", "clássico" ou "vanguardista" para compreender as dinâmicas limítrofes, pois sua compreensão pode ser utilizada de forma útil para ampliar o quadro conceitual a partir da qual, e com qual, consideramos a fronteira. Essa assertiva se baseia principalmente na multiplicação dos artefatos artísticos na fronteira, na própria fronteira, ou sobre os processos de fronteira, cuja diversidade é reconhecida neste número especial de geopolítica. Também se baseia no fato de que a produção cultural e a fronteira desenvolveram uma relação mais do que representacional que parece revelar muitos mecanismos políticos em funcionamento nos espaços afetados por fronteiras e cruzamentos de fronteiras. Inédito até a virada do século, a palavra "borderscape" agora está na moda. Presume-se que tenha sido cunhado pelos artistas performáticos Guillermo Gomez-Peña e Roberto Sifuentes, que o utilizaram pela primeira vez na pequena performance em 1999: *Borderscape 2000 (...)* (DELL'AGNESE; SZARY, 2015, tradução nossa)¹¹.

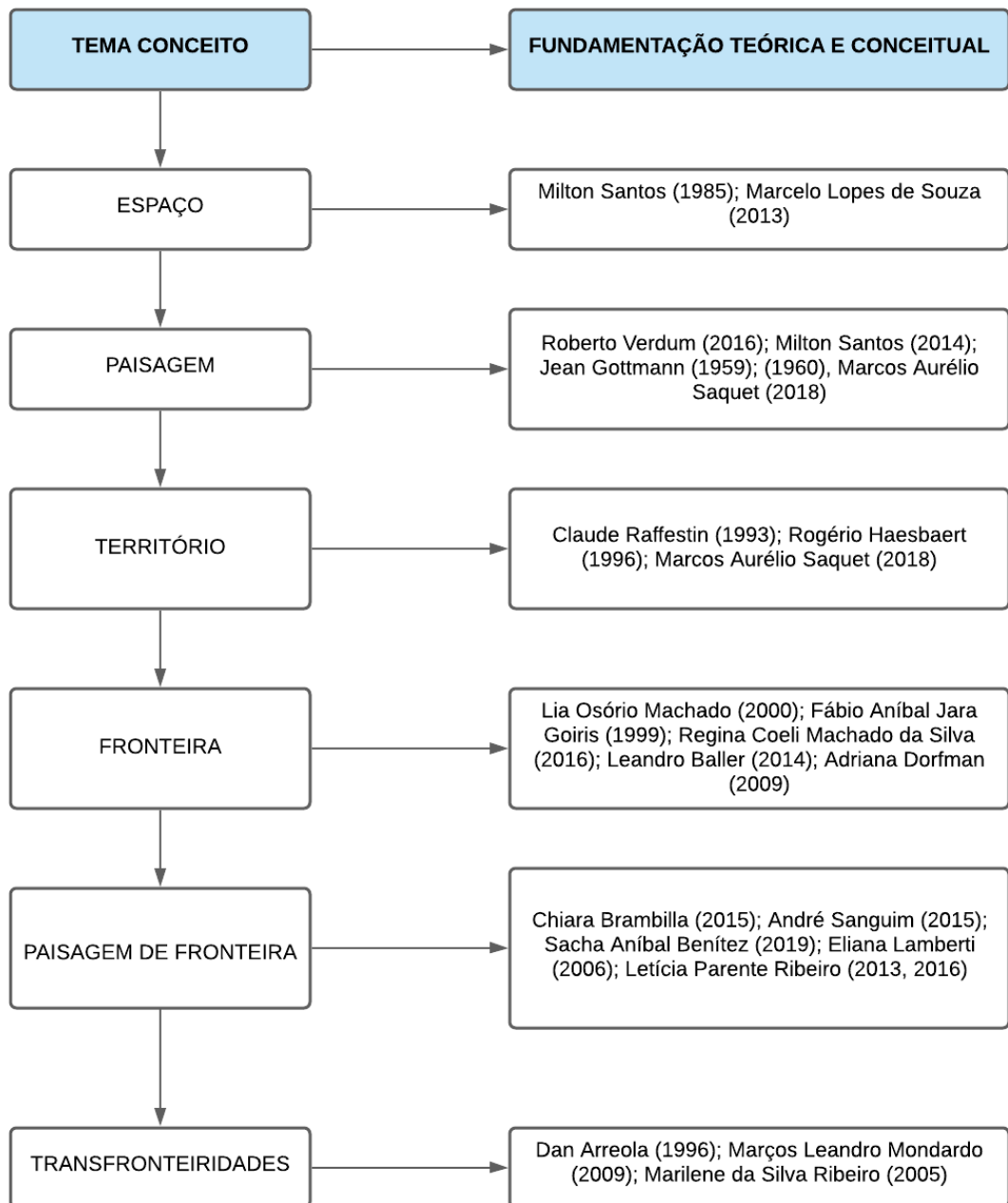
Deste modo, a paisagem de fronteira, além de ser reestruturada externamente em virtude das transformações em suas formas e estruturas materiais devido às decisões políticas ou econômicas, também está sujeita às mudanças em suas funções e, principalmente, em sua dinâmica a partir das intertextualidades do seu diálogo com a temporalidade, à medida que essas constituem-se de sobreposições de existências e de percepções de mundo. Produzindo novas configurações territoriais; em que surge também como componente de mudança, a percepção humana, com sua bagagem cultural, suas diversas identidades que circulam por esses espaços, seja de forma permanente ou transitória, deixando marcas na paisagem fronteiriça, por meio do trabalho que produz esse espaço geográfico diferenciado. As representações e iconografias da fronteira são elementos que constituem a paisagem transfronteiriça como elementos visuais que distinguem esses espaços urbanos dos demais, por meio de seus marcos territoriais que definem a geopolítica local.

¹¹ Can cultural production be more than a side-issue in border studies? That following set of papers clearly makes a move towards a new way of answering the question positively. It is important to take cultures of all kinds - whether conforming with "popular", "classic", or "avant-garde" categories - into account in order to understand bordering dynamics, as their comprehension can usefully be utilized to enlarge the conceptual framework from which, and with which, we consider the border. This assertion is primarily based on the multiplication of artistic artifacts in borderlands, on the border itself, or about the bordering processes, the diversity of which is acknowledged in this special issue of Geopolitics. It also rests on the fact that cultural production and border have developed a more-than-representational relationship that appears to reveal a lot of political mechanisms at work in the spaces concerned by borders and border-crossings. Unheard of till the turn of the century, the word "borders cape" is now trendy. It is presumed to have been coined by the performance artists Guillermo Gomez-Peña and Roberto Sifuentes, who used it for the first time in the little performance in 1999: *Borderscape 2000(...)*."

O entendimento da dinâmica da paisagem de fronteira é complexo, pois abrange além das problemáticas associadas ao lugar como os conflitos gerados pelos distintos poderes que influenciam na região, a criminalidade latente, os fatores de insegurança; temos também as relações socioculturais que tornam a fronteira um lugar de tensão política. Marcadas pelas políticas de securitização das fronteiras, mas também vistas como espaços de muitas trocas e interações que o tempo contribui para estreitar laços de afetividade e de pertencimento ou animosidades seculares.

No Quadro 3 apresentamos os temas e conceitos aplicados à tese além dos autores que embasam a fundamentação teoria e conceitual, que representam as primeiras leituras sobre o tema e seus debates abordam os conceitos basilares, por isso um quadro para destacar esses autores;

Quadro 3 - Quadro de temas e conceitos e a fundamentação teórica e conceitual, 2021.



Elaboração da autora, 2021.

Os temas conceito são pontos de partida para a análise das paisagens, pois compõem o referencial teórico e agrega nas argumentações com base nos estudos e pesquisas de outros autores citados nesse trabalho. Podemos afirmar que a investigação sobre a paisagem de fronteira é pulsante - e realmente – os estudos voltados para as suas características de diversidades, dinamismos e permanências ganharam força nos trabalhos de Jean Gottmann (1952), Marcos Aurélio Saquet (2007) e Luca Muscarà (1967 e 1976). São necessários o

entendimento e reconexão com o contexto da paisagem fronteira, que nos remetem ao poder de influência dos territórios na geopolítica global e vice-versa. Tais estudos tornam-se imprescindíveis para o aprimoramento dos Estudos Fronteiriços e para a promoção de uma geografia das paisagens de fronteira inclusiva e integradora. Superando os conceitos elaborados com base nas geografias imaginárias de fronteira como sendo local permanente de ilegalidades e das violências. Para oferecer espaço às iconografias enquanto lugar de expressão da condição fronteira e das múltiplas representações da paisagem, para além da ideia restrita do ordenamento territorial, ou como mero objeto a serviço do controle estatal.

2.4.1.1 PAISAGEM PARA ALÉM DO UNIVERSAL

O propósito deste capítulo foi trazer uma análise referente ao conceito fixado de paisagem nos nossos achados teóricos, enquanto constructo social, e por isso carregado de subjetividade e intencionalidades, a reflexão nos insta a uma crítica: humano X lugar de fala, familiaridade com o lugar, que nos convoca ao questionamento sobre esse conceito tomado como algo consolidado para as ciências, e principalmente, no que tange o senso comum. A paisagem, enquanto conceito humano, está repleta de elementos de cunho histórico e de valores eurocêntricos. A própria ideia do que é ser humano remete ao contexto do Humanismo e do Renascimento (séc. XV), que colocou o Homem no centro dos estudos, das ates e debates científicos. Ao passo que, esse Homem deveria possuir as características do europeu: que é branco, heterossexual, cis gênero masculino, pertencente à classe social dominante; retratados nas figuras de deuses, membros da nobreza e do mecenato. Em função do contexto sócio-histórico, muito do conhecimento produzido seguiu um padrão universalizante, que desconsiderou as demais formas de existência, também humanas, pertencentes aos outros lugares do planeta. Como o prof. Dr. Silvio Almeida abordou a etimologia do termo raça, no primeiro capítulo de seu livro *O que é racismo estrutural: A raça na história*, em:

Há grande controvérsia sobre a etimologia do termo raça. O que se pode dizer com mais segurança é que seu significado sempre esteve de alguma forma ligado ao ato de estabelecer classificações, primeiro entre plantas e animais e, mais tarde, entre seres humanos. A noção de raça como referência a distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade que remonta aos meados do século XVI. Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas. Foram, portanto, as circunstâncias

históricas de meados do século XVI que forneceram um sentido específico à ideia de raça. A expansão econômica mercantilista e a descoberta do novo mundo forjaram a base material a partir da qual a cultura renascentista iria refletir sobre a unidade e a multiplicidade da existência humana. Se antes desse período ser humano relacionava-se ao pertencimento a uma comunidade política ou religiosa, o contexto da expansão comercial burguesa e da cultura renascentista abriu as portas para a construção do moderno ideário filosófico que mais tarde transformaria o europeu no homem universal (atentar ao gênero aqui é importante) e todos os povos e culturas não condizentes com os sistemas culturais europeus em variações menos evoluídas. (...) A noção de homem, que para nós soa quase intuitiva, não é tão óbvia quanto parece: é, na verdade, um dos produtos mais bem-acabados da história moderna e exigiu uma sofisticada e complexa construção filosófica (ALMEIDA, 2019, p.25).

Neste sentido, a ideia de uma paisagem foi, de fato, abordada para além do universal, para que pudéssemos desfrutar de um arcabouço teórico, o qual fundamentasse uma discussão com base em olhares descolonizados. Chegamos a este ponto, graças ao esforço e dedicação dos que nos antecederam nesse caminho, de profundos embates acadêmicos e enfrentamentos de cunho epistêmico. Como por exemplo, alguns conceitos que ganharam visibilidade / notoriedade em detrimento de outros, a partir da fonte, ou da Escola que o abordou em suas investigações de forma padronizada e elitista. No que tange a lugar de fala, trabalhamos a ideia de paisagem, enquanto composição de imagens, as quais nos chamou a atenção pelo contexto locacional e histórico; expresso nas linhas e contornos demarcadores dessas paisagens. E, nos seus detalhes e movimentos discursivos, a imagem lida como texto e trajetória sócio territorial. Selecionamos nas fotografias de ambas as cidades gêmeas PP-PJC aspectos da memória, e dos fluxos das mudanças, que deixaram “pedaços de passado” à mostra em seus conjuntos arquitetônicos e urbanísticos.

As classificações das imagens são importantes, pois deram a métrica do trabalho, mas a produção, principalmente a captação dessas paisagens por meio das fotografias, foram feitas de forma intuitiva, com foco na subjetividade da pesquisadora. Buscando literalmente capturar aquele cenário, sem melindrar as pessoas que ali estavam. Por isso, as fotografias aparentavam estar esvaziadas do elemento humano. Desta forma, a paisagem transfronteiriça tinha gente, muita gente. E carros, caminhões, tinha comércio; presenciei brigas entre estudantes de medicina (que moravam numa pensão em PP e estudavam em PJC), cenas de acidente de carro em PP. Quase sofri um atropelamento na avenida Brasil; o ritmo do tráfego de veículos é intenso, e muitas vezes um tanto caótico.

Tive uma sensação de estranhamento com PP-PJC, pois o meio urbano entre as cidades possui formas padronizadas, que buscam um espelhamento das infraestruturas, das placas e sinalizações. Como a disposição dos prédios das aduanas das cidades, que ficam exatamente um em frente ao outro. Assim como as bandeiras na entrada da cidade de PP.

Essas remetem às cidades fronteiriças, que em muitos momentos tenta nos posicionar, ou nos ‘geolocalizar’ no espaço. Esta lógica organizacional das cidades gêmeas poderia ser entendida como estratégia de inserção nos mercados globais, por meio da concentração dos prestadores de serviços e dos fornecedores, de modo a facilitar a logística dos fluxos comerciais e da circulação de pessoas. Assim como os modais rodoviários nas cidades, direcionados para o perímetro urbano, para o centro das cidades, de acordo com a lógica de economicidade e otimização dos espaços produzidos.

No próximo capítulo trataremos da metodologia aplicada a esse trabalho, pois é a base para a organização dos recursos utilizados na pesquisa em sua integralidade. A construção metodológica é sem dúvida, um ponto nevrálgico de uma tese, pois muitas são as possibilidades de suporte técnico, teórico e sistemático disponíveis. Ao ponto de a metodologia ocupar grande espaço nas orientações e nos debates sobre: como construir uma pesquisa científica bem-organizada e articulada dentro dos propósitos acadêmicos? A metodologia da pesquisa é o cerne deste trabalho, pois conduziu as formas de gerir todo o trabalho, além de auxiliar o leitor a entender, quais foram os meus propósitos e os motivadores que nortearam estas escolhas ao longo do texto.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA: DO PROPÓSITO À PROPOSTA E O RUMAR

Chegamos a essa metodologia após leituras e reflexões sobre os processos que envolvem o espaço produzido, assim como os conceitos-chave no âmbito da Geografia. Esse caminho nos apontou desafios complexos de sorte que a paisagem e a fronteira com suas transformações se fizeram presentes no sentido de trazer impacto nos estudos e, conseqüentemente, nas nossas escritas. Esse debate serviu como o nosso foco central nesta pesquisa. Neste capítulo, apresentamos o percurso metodológico da pesquisa, detalhando os diversos procedimentos e diversas etapas de elaboração desta tese.

Constituída de indagações e discussões ao longo dessa jornada, através do pensamento geográfico, essa tese parte da leitura e interpretação de obras como: Espaço e Método (1985), Metamorfoses do Espaço Habitado (1988) e A Natureza do Espaço (1996) de Milton Santos e nos estudos de geografia política, *Géographie politique*, de André-Louis Sanguin, (2015 [1977]); entre outros. A metodologia empregada nesta tese se apoia em uma revisão bibliográfica que, além daquela formada pela base conceitual e seus fundamentos teóricos selecionados, buscou, nos estudos fronteiriços, a articulação dos conceitos de paisagem e fronteira, por meio de monografias e de artigos que estão em reciprocidade com os estudos socioterritoriais e epistemológicos da geografia. São trabalhos que convergem com essa tese nos aspectos experimentais e de articulação entre as relações socioespaciais e as representações iconográficas que abarcam essas pesquisas como um todo.

Na proposta de Paulo Cesar da Costa Gomes e Letícia Ribeiro Parente (2013), a partir da produção de imagens urbanas da cena pública, esses geógrafos elaboraram uma série de procedimentos metodológicos, centrados, principalmente, na reabilitação do papel da observação para a pesquisa em Geografia com base na produção de imagens com o caráter documental. Nesse contexto, associamos a metodologia à Matriz de Observação Sistemática empregada em cidades e regiões de fronteira para observar relações de concorrência e complementaridade, propostas por Francisco Lara Valencia (2019). O método desenvolvido por Lara Valencia (2019) desenvolveu uma análise dos setores concêntricos entre cidades gêmeas que permitiu observar como essas relações concorrência e complementaridade se processam nas regiões de fronteira. Para a nossa pesquisa o conceito de matriz é o mesmo utilizado por Berque, (1998) com base no aspecto das interações entre elementos materiais e de intersubjetividade, a partir da percepção coletiva da paisagem e de suas representações. Isto é, para além da análise sócio territorial, buscamos evidenciar uma elaboração que emerge

de relações socioespaciais notáveis por meio de iconografias e de processos visíveis na paisagem.

Destaca-se como referência de análise socioespacial em contexto de paisagem de fronteira o trabalho de André-Louis Sanguin em “Paisagens de fronteira: variações em um importante tema da Geografia Política”, de 2015, que inicia o debate destacando a necessidade de uma reescrita do conceito de paisagem de fronteira. Isto é, nos convoca a repensarmos as ideias de paisagem de fronteira enquanto conceito representativo no âmbito da literatura científica, sob a ótica da geografia política. Logo nas palavras-chave o artigo nos apresenta uma série de expressões que remetem aos processos de apropriação e usos do solo pelo Estado e às distintas formas de mobilizar essas interações entre as sociedades e o ambiente produzido e transformado em paisagem, enquanto iconografia do espaço habitado. A caracterização da região da fronteira, enquanto segmentos territoriais que estão sob o jugo de um poder estatal que deve ter uma finalidade, uma intencionalidade voltada para os interesses dos polos centrais de controle sócio territorial; com ênfase para a fronteira marcada, utilitária enquanto zona tampão, barreira de segurança, de permanente monitoramento. Evidencia-se a profusão de trabalhos e estudos que envolvem a paisagem de fronteira política, que pouco se atem às relações de paisagem de fronteira a partir de fatores geográficos como essenciais nas análises sócio-históricas e territoriais. Ao apresentar a sua interpretação do que é a paisagem de fronteira, Sanguin destaca toda a sua inquietude ao examinar a densa e diversa composição dessas paisagens, que ora se revela parte do Estado, ora mostra-se um ente que apresenta outras interfaces e formas de manifestação:

As paisagens de fronteira são o produto de um conjunto de interações e processos de origem política, econômica e cultural que ocorre no espaço. São espaços específicos na forma de áreas ou limites, espaços esses que podem unir ou separar. Quando se aborda o conceito de paisagem de fronteira, a dificuldade é separar a causa do efeito. Por um lado, é o limite da jurisdição do Estado que se expressa na fronteira política por um uso do solo diferente do Estado oposto? Ou, por outro lado, é a fronteira em si que gera um uso do solo diferente nos dois lados do limite? A consideração de uma abordagem comparativa e o levar em conta do paradigma centro-periferia aparecem como atitude chave (SANGUIN, 2015, p.390).

Entendemos que se pode pensar essas distintas perspectivas de análise da fronteira como extensão territorial estatizada, mas não restrita a esse papel, pois a fronteira é limite e jurisdição estatal, mas também está imersa em relações geopolíticas e culturais na relação de transfronteiridade. Pensando a paisagem de fronteira nesses contextos de interação com a sociedade e os processos de desterritorialização e reterritorialização, sobretudo, quando prestamos atenção às dicotomias entre centro e periferia. Esses são desafios que estão postos

para os (as) geógrafos (as), que buscam discutir as relações na paisagem de fronteira, com o seu caráter mais plural e com um olhar mais atento às categorias de análise do Milton Santos que são: forma, função, estrutura e processo/ dinâmica. Pois esse movimento se faz importante, sob pena de estarmos discutindo relações internacionais ou jurisdição em políticas públicas inter-regionais, ao invés de transformações da paisagem de fronteira a partir dos processos desencadeados pelo trabalho que promove essas mudanças em face das necessidades humanas em escala temporal. Para Sauer (1998) “A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado”. Assim como a metodologia utilizada no artigo de Sauer é a elaboração de um apanhado de produções relacionadas às paisagens culturais ao redor do mundo, com base na análise da configuração da paisagem a partir das formas materiais. Para Sanguin (2015) ao confrontar as possíveis fronteiras e suas características é possível construir-se um discurso das paisagens de fronteira múltiplas com distintos usos (comerciais, turísticos, religiosos, militares), ou ainda, caracterizando-se como um divisor territorial burocrático sem outros propósitos. Tivemos acesso a interlocutores, como o professor Jonas Ariel Cantaluppi de Souza (professor e geógrafo), indicado pelo professor Marcos Mondardo; do professor Sacha Anibal Benitez Cardona, historiador; indicado pelo prof. Jonas. A professora Marilene da Silva Ribeiro (IFMS-PP), indicada pelo professor Camilo Pereira Carneiro Filho (UFG) que nos indicou também a professora Eliana Lamberti (UEMS) e o professor Carlos Buesa Busón (UEMS) os quais apresentaram as suas pesquisas, seus depoimentos que foram utilizadas neste trabalho. Foram diálogos abertos sobre o tema, sobre a geografia local e sobre as manifestações dos processos na paisagem. Conversamos com o diretor de Cultura da Fundação de Cultura e Esporte-FUNCESP, Eder Rubens sobre as obras na sede da FUNCESPP. A forma como dialogamos com esses pesquisadores geógrafos e historiadores, com suas temporalidades e espacialidades tão diferentes, em termos territoriais impressiona por seu dinamismo e a riqueza desta intelectualidade transfronteiriça. Complementam as nossas ideias e contribuem para atingirmos os objetivos propostos. Que de fato, é nos faz pensar que sem as categorias de análise é impossível compreender a paisagem de fronteira com toda a sua complexidade no contexto contemporâneo.

O artigo Turismo de compras e paisagem fronteira em Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, de Teixeira (2019), trata dos processos que envolvem as práticas do turismo de compras e paisagem fronteira em PP e PJC com destaque para as formas de circulação da economia local, bem como o foco nos processos de transformações que essas paisagens apresentam ao longo dos projetos de remodelação em favor do comércio transfronteiriço. O

método aplicado consiste em fazer descrição e interpretação da paisagem transfronteiriça por meio de uso de imagens da linha internacional e do entorno da região de fronteira, observando as imagens que compõem esse cenário e seus elementos arquitetônicos e culturais, como forma de apresentar a percepção imagética das paisagens por meio de fotografias entre as duas cidades gêmeas, fazendo análises das imagens captadas por meio de trabalho de campo. No sentido de apresentar as transformações das paisagens transfronteiriças elencando as categorias de análise forma, estrutura, função e processo do geógrafo Milton Santos. Como parte da metodologia, também ganha destaque as consultas ao Unbral Fronteiras¹², para buscar textos relacionados que exploraram o tema em escala regional. Realizamos leitura de textos que se apropriaram desses conceitos e propuseram suas próprias metodologias para chegar aos objetivos propostos.

Consultamos a acervos de documentos, livros e registros históricos que corroboram com a pesquisa que busca os elementos de transformação dessa paisagem. O principal objetivo do texto é entender os conceitos de paisagem, fronteira e como esses se relacionam no espaço, que se torna substrato para tais expressões sócio territoriais. Tais interações de percepção, que envolvem distintos usos desde a contemplação de uma paisagem transfronteiriça, ao simples cruzar de uma rua na linha internacional e identificar as transformações da paisagem enquanto produto das atividades humanas, a partir dos distintos usos e formas de apropriação do território. Ao observarmos os processos pelos quais passa a paisagem transfronteiriça, identificamos o quanto as categorias e análise de Milton Santos estão presentes na forma como as interações humanas com a natureza promovem as mudanças no sentido de requalificar as espacialidades fronteiriças com base nos projetos urbanísticos e na forma como a população local faz uso desses equipamentos com base em suas vivências e experiências com o território transformado em função de investimentos estatais e pressões de agentes que tem interesses no controle desses espaços inter-regionalizados.

Soma-se a essas ideias, as metodologias de matrizes da análise e as técnicas de descrição da paisagem de Berque (1995), Verdum et al. (2007) e da elaboração de imagens

¹² Portal UNBRAL FRONTEIRAS é uma sigla para Portal de Acesso Aberto das Universidades Brasileiras sobre Limites de Fronteiras, é uma plataforma eletrônica que reúne trabalhos de pesquisadores (as) e estudantes que produzem pesquisa no âmbito das fronteiras nacionais e internacionais. Destacamos o Unbral Fronteiras como um dos repositórios em que estão disponíveis os trabalhos de pesquisadores cujas dissertações, teses e monografias discutem paisagem e fronteira em seus aspectos históricos, culturais, socioeconômicos e geopolíticos. Elaboramos um levantamento dos textos constantes na plataforma, no sentido de compreendermos quais os conceitos e metodologias que cada um desses utilizou e quais os caminhos metodológicos percorridos até os resultados alcançados <<https://unbral.nuvem.ufrgs.br/bd/>>. Acesso em 12 de dez de 2024.

geográficas de Gomes e Ribeiro (2013), que contribuem para a constituição da metodologia do uso de imagens como representação das transformações da paisagem transfronteiriça.

Nesse sentido, refletir sobre a fronteira a partir do referencial teórico selecionado, nos auxilia na organização dessa pesquisa. Esse mesmo arcabouço teórico organiza relações entre essas categorias e sua totalidade no espaço geográfico que são apresentadas como:

“(...) as categorias forma, função, estrutura, processo (...) como as principais que devem ser consideradas na análise geográfica do espaço; este constitui a categoria principal e auxilia na compreensão do território. O espaço, dessa maneira, é construído processualmente e contém uma estrutura organizada por formas e funções que podem mudar historicamente em consonância com cada sociedade. De acordo com Santos (1978), a forma é o aspecto visível, exterior de um conjunto de objetos: as formas espaciais; função é a atividade desempenhada pelo objeto criado; a estrutura-social-natural é definida historicamente: nela, formas e funções são criadas e instituídas. As formas e as funções variam no tempo e assumem as características de cada grupo social. É uma concepção histórica e relacional de geografia e do espaço. O processo significa a ação que é realizada de modo contínuo, visando a um resultado que implica tempo e mudança. Os processos ocorrem no âmbito de uma estrutura social e econômica, resultando de suas contradições internas. Assim, ao considerarmos esses processos em conjunto, podemos analisar os fenômenos espaciais na sua totalidade. Totalidade e tempo são categorias fundamentais para o estudo do espaço. A totalidade possui caráter global e tecnológico; apresenta-se pelo modo de produção, pelo intermédio da FES (Formação Econômica e Social) e da história; é inseparável da noção de estrutura. Portanto, a totalidade espacial é estrutural”. (SAQUET; SILVA, 2008, p. 9).

Nesse sentido, as formas e funções estão imersas em estruturas que se modificam em sua totalidade. Ao passo que as sociedades se apropriam desses espaços por meio de seu trabalho e utilizam técnicas, as quais remodelam esses territórios, com base em processos de transformação da paisagem aos novos usos desses espaços modificados. As tecnologias aplicadas em estruturas de paisagens preexistentes as tornam maleáveis ou susceptíveis à mudança, ainda que parte desses elementos paisagísticos permaneça visível no espaço, enquanto rugosidades arquitetônicas. Uma vez que, de acordo com Santos (1985), a forma é o aspecto visível, podemos relacionar a geografia e o espaço geográfico ao observarmos a paisagem, que é a concretude dos sucessivos processos que foram desencadeados no território pelas sociedades. Assim, a paisagem caracteriza-se como produto desses processos focados na implementação e ampliação do espaço criado a partir do trabalho humano.

Assim como as distintas possibilidades de concepção intelectual como: fronteira-forma, fronteira-estrutura, fronteira-função e por fim, fronteira-processo. Essa concepção apresenta-se como inovadora, à medida que, ressalta a magnitude do elemento fronteira nas relações socioespaciais e de interregionalidades. E o quanto esses elementos estão imbricados, no contexto de mobilidade, fluidez de corpos e instituições (privadas e públicas) e o quanto a

fronteira se presta à função de substrato e de agente dessas interações, ora estruturadas e relacionais, ora articulada regionalmente, que é a ideia de fronteira, enquanto representação territorial periférica ou designada ainda como borda, se referenciarmos a ideia de iconografia.

Desta forma, o entendimento de fronteira como única e múltipla a partir da metodologia aplicada nos trazem resultados e considerações ao refletirmos sobre a paisagem de fronteira e o Estado e como essa construção social ressalta exemplos em um contexto imerso em uma concepção de Estado presente na paisagem de fronteira. Pois o Estado se revela na paisagem por meio de elementos que relacionam o poder com as categorias de análise: forma, função, estrutura e processo e vice-versa. São construções sociais que perpassam a ideia da fronteira, ora marcadas por elementos estatais de segurança e monitoramento, ora permeada por fatores como a interdependência e complementaridade transnacionais, que as cidades gêmeas inspiram – em sentido generalizado.

Esses espaços destacam-se como fronteiras internacionais mais visíveis. Ao passo que, em outros lugares tais contrapontos não se manifestam de maneira tão expressiva, fazemos referência à ideia de lugares opacos versus os lugares luminosos de Milton Santos (2017), que destacam alguns dos fatores que envolvem essas distintas perspectivas. Como as fronteiras que se consolidaram com características de local de separação entre um país e outro, com marcas de diferenciação entre um território- nação e outro por questões geopolíticas.

As fronteiras são formas estruturadas a partir de existências humanas marcadas pelo movimento e pelo trabalho, que transformam o território. Os fluxos são uma constante na fronteira, assim como os processos que criam elementos de fixação a essas paisagens. Tais elementos atribuem a essas paisagens traços de familiaridade e pertencimento inerentes à paisagem de fronteira. Tais circunscrições contribuíram para a agregação de elementos de sociabilidade e pertença ao espaço social. Por que, de acordo com Santos (1979), há uma organização social, um arranjo do espaço, de acordo com os interesses e necessidades de cada grupo.

A metodologia aplicada é a observação no campo, registros fotográficos, o uso de imagens de paisagem transfronteiriça para demonstrar as transformações da paisagem a partir das categorias de análise de Milton Santos, que são a forma, função, estrutura e processos em um contexto de comércio de compras na linha internacional entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. A partir da classificação das imagens observando suas temporalidades, construções históricas, e contexto socioespacial, para chegarmos aos resultados de como se modificaram as paisagens transfronteiriças após a implementação de projetos políticos que tinham como objetivo tornar esses espaços mais atrativos para os consumidores, e viáveis economicamente

para quem vive e trabalha nessas localidades de fronteira, como forma de atrair os investimentos de empresários, o desejo de conhecer e de comprar na região de fronteira Brasil - Paraguai por parte dos turistas brasileiros. E no sentido de sobrepujar a imagem de um território desordenado e dominado pela violência resultante da prática do narcotráfico na região.

São elencadas uma série de questões que acompanham todo o fazer dessas pesquisas e até mesmo ao final das etapas propostas, mostra-se em elaboração permanente de que os saberes são fluidos e constantes em suas temporalidades. Enquanto projeto de algo que não se encerra em si mesmo. Destaca-se a busca por autonomia e simultaneamente ressalta-se o desejo de que fossem preservadas as características dos trabalhos dos viajantes naturalistas, no caso: “(...) quer manter o respeito à pluralidade e complexidade, assim como o encantamento dos materiais deixados por eles” (AMARAL, 2003). Entendemos que essa elaboração seja em relação a sua visão de mundo, e do seu processo criativo. Esses aspectos em conjunto estão inseridos no contexto histórico e cultural da época.

Podemos destacar algumas considerações desse capítulo, entendemos que muitas são as possibilidades de pesquisar e seus métodos a serem aplicados. O papel do pesquisador é buscar elementos no espaço na sociedade que possam dar embasamento os propósitos teóricos e dele se abastecer também como forma de retroalimentação. Os trabalhos desenvolvem metodologias modernas e se pautam nas concepções da pesquisa mais consolidada tais como: procurar por informações e referências bibliográficas em acervos; registros fotográficos e entrevistas, que destacam as narrativas e a oralidade locais. As metodologias apresentadas são muito diversas e se adequam aos objetivos das pesquisas.

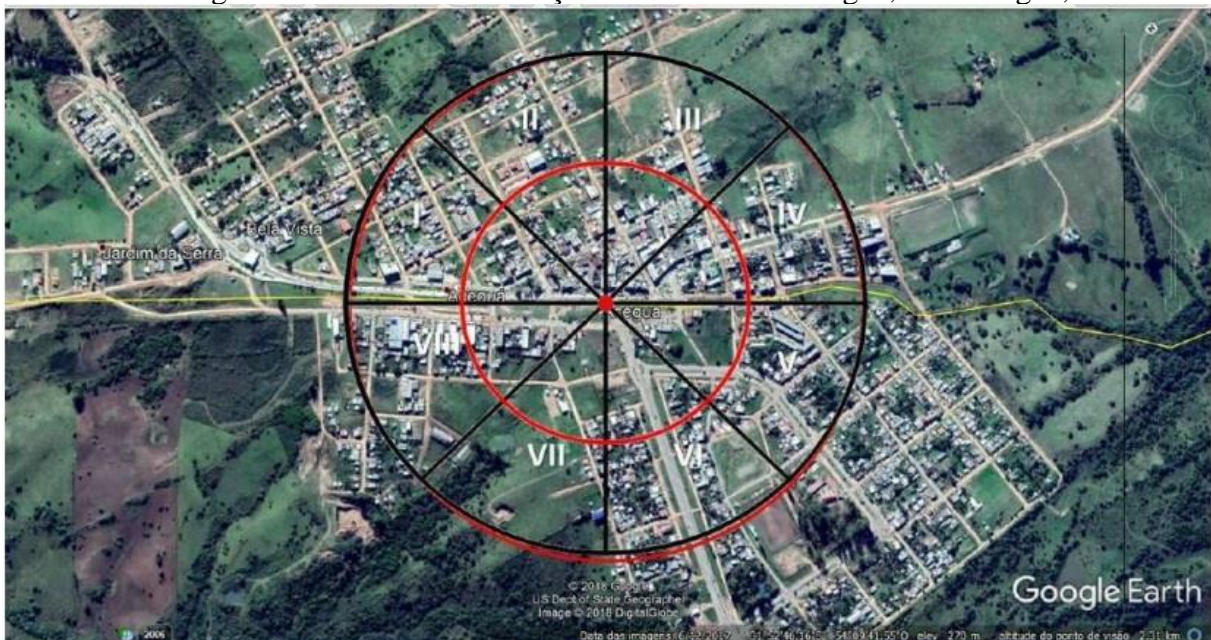
Nesse sentido, as escolhas de quais métodos utilizar definem o destino dos trabalhos e por consequência seus resultados obtidos. Ainda, podemos destacar que a pesquisa na geografia se diferencia pelos usos das categorias de análise, que são as bases da pesquisa geográfica, para analisarmos os fenômenos socioespaciais em consonância com o propósito de teorizar a partir das paisagens enquanto construção humana, com características de representação e ter elementos de iconografias que remetem à presença do Estado. E a ideia de fronteira como constructo estatal, também passa por transformações, pois se mostra potente em termos de trocas culturais, distintas formas de pertencimento e interação transfronteiriça. Acessar essas pesquisas pode trazer mais ideias de investigação, que nos possibilita desenvolver outras formas de pensar a paisagem e a fronteira.

A metodologia desta pesquisa está fundamentada na análise das categorias forma, função, estrutura e processo identificáveis na paisagem. Com base nos trabalhos de

observação, investigação, descrição, por meio da análise perceptiva (BERQUE, 1995; VERDUM *et tal.*, 2007). Associada ao método de Lara-Valencia (2019), que desenvolve em seu trabalho com base na Matriz de Análise Sistemática. Adotamos como roteiro metodológico para realizar a leitura da paisagem, para além da descrição e da análise sistêmica, a forma perceptiva da publicação de Verdum e Fontoura (2009), que traz um roteiro para leituras de paisagem classificada, considerando critérios relevantes à realidade local e regional. Lara-Valencia, em parceria com Dorfman e Velozo (2019), elaboram uma comparação teórico-metodológica entre as formas e funções que cada equipamento público exerce no funcionamento das cidades de Nogales (EUA) e Nogales (MEX) e de Aceguá (BR) e Aceguá (UY), enquanto paralelo de investigação. Entendemos que essas duas metodologias associadas podem nos oportunizar os subsídios necessários para a produção de imagens da região de fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, com um olhar direcionado para a dinâmica das paisagens transfronteiriças que são distintos entre si.

Os autores Dorfman, Lara-Valencia e Velozo (2019), destacam que a aproximação com a Matriz de Observação Sistemática ao Roteiro de Leitura da Paisagem possibilita a análise dos processos que aproximam as cidades gêmeas face as suas características de interdependência e complementaridade. Apresentamos na sequência a Matriz de Observação Sistemática proposta por Dorfman, Lara-Valencia e Velozo (2019):

Figura 5 - Matriz de observação sistemática de Aceguá, BR/ Aceguá, UY



Fonte: Dorfman, Lara-Valencia e Velozo (2019)

Figura 6 - Matriz de observação sistemática de Nogales, MEX/ Nogales, EUA



Fonte: Dorfman, Lara-Valencia e Velozo (2019)

Os autores aprofundaram o entendimento dos aspectos a serem observados recorrendo à obra Espaço e Método, de Milton Santos (1985), que propõe como categorias de análise espacial forma função, estrutura e processo (Dorfman; Lara-Valencia; Velozo, 2019), as quais serão utilizadas nessa pesquisa. Mas como operacionalizar tais conceitos para realizar pesquisas comparadas? Foi necessário criar instrumentos de observação compartilhados, partindo para o estudo dos casos de Ambos Aceguás e Ambos Nogales. Iniciaram com a Matriz de Observação Sistemática proposta pelo Prof. Lara-Valencia. Esse instrumento parte de um diagrama com dois círculos concêntricos com raios de 0,5 km e 1 km cada, que é sobreposto a imagens aéreas ou mapas da área de estudo, tendo como ponto irradiador a linha de fronteira e o principal acesso para cruzá-la. Desta forma, os círculos ficam com uma metade em cada lado do limite. Os círculos são então divididos em quadrantes, que recebem números de um a oito. As figuras 1 e 2 mostram matrizes de observação sistemática para Ambos Aceguás e Ambos Nogales (Dorfman; Lara-Valencia; Velozo, 2019).

Para FONTOURA; VERDUM, 2009 as dinâmicas de cada Unidade de Paisagem (UP)¹³ revelam à sociedade significados que podem ser reconhecidos pelas formas e que podem ser pensados em termos de intervenções que já foram realizadas, bem como daqueles

¹³ Segundo Verdum (2013) Unidades de Paisagem (UP) são as Unidades da Paisagem Natural definidas para o licenciamento ambiental da silvicultura, por considerarem elementos da geologia, da geomorfologia, da vegetação potencial original e dos solos. BohnGass, Sidnei L.; Verdum, Roberto. SUBSÍDIOS AO ZONEAMENTO AMBIENTAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3763-23357-1-PB.pdf>. Acesso em: 08 de jan. de 2022.

que serão propostas. É fundamental o reconhecimento das diversas dinâmicas em cada uma das UP e da maneira com que estas estão diretamente interconectadas. Ainda para Fontoura e Verdum, 2019, com relação a percepção e a concepção da paisagem, para além da ideia de uma pintura e de arte como era entendida na Antiguidade. Na sequência, o Quadro 4 com o Roteiro metodológico para realizar a leitura da paisagem:

Quadro 4 - Quadro Roteiro Metodológico para leitura da Paisagem, 2019.

| Paisagem descritiva | Paisagem perceptiva | Paisagem Sistêmica |
|---|--|---|
| Para a apreensão da paisagem seriam necessárias a enumeração dos elementos presentes e a discussão das formas. Assim, a análise geográfica estaria restrita aos aspectos visíveis do real e, essencialmente, a morfologia da paisagem. | Combinação dos elementos físicos, biológicos e sociais, um conjunto geográfico indissociável, uma interface entre o natural e o social, sendo uma análise em várias dimensões. A complexidade da paisagem é o tempo morfológico (forma), constitucional (estrutura) e a funcionalidade, que não pode ser reduzida em partes. | Como marca, a paisagem pode e deve ser descritiva e inventariada. A paisagem é matriz, porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza. |
| CRITÉRIOS DE ANÁLISE DA PAISAGEM | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Forma, Função, Estrutura e Dinâmica | | |
| Metodologia a partir de dois níveis de análise: | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Da observação e diferenciação da paisagem • Da escala temporal | | |
| Nível de observação e diferenciação | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • A diferenciação espacial (forma e estrutura) • Apropriação e o uso (funcionalidade) | | |
| Propostas de técnicas de avaliação sensorial | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Pela sua globalidade ou pela sua decomposição em unidades. • Conhecer entre esses elementos da paisagem aqueles que são marcantes • Reconhecer que esses elementos evoluem/modificam com o tempo. | | |

Adaptação do Texto de FONTOURA e VERDUM (2019). Elaboração Janaína Teixeira, 2022.

A incorporação desse conceito nos estudos acadêmicos é uma criação moderna. De modo que, para as pessoas em geral, a paisagem propõe duas formas distintas de ser entendida: a visão objetiva e a representação. “A ideia da paisagem como visão objetiva é baseada naquilo que a visão alcança; ou seja, a visão possibilita que se construa a noção de paisagem como um mosaico mais ou menos ordenado de formas e cores.” (FONTOURA; VERDUM, 2009, p.9). “O alcance e os limites da visão nos permitem estabelecer a noção de escala espacial da paisagem,” (FONTOURA; VERDUM, 2009, p.10). Com base nos trabalhos de Francisco Lara que desenvolveu o método da Matriz de Análise Sistemática faremos a investigação e interpretação da paisagem transfronteiriça da região entre Ponta Porã

e Pedro Juan Caballero. Utilizamos essa referência para o desenvolvimento metodológico, pois se trata de aspectos comparativos e de cunho científico dos processos de organização das estruturas e formas da paisagem fronteiriça, assim como as novas funções que adquirem com o passar do tempo em virtude das necessidades sociais e econômicas regionais.

A observação deu origem a um mapa temático¹⁴ composto por 27 pontos entre as cidades gêmeas, que foram fotografados e mapeados na região de fronteira, conforme veremos na sequência. A intenção foi produzir um panorama guiado dos locais listados com seus nomes e pontos plotados no mapa, que nos possibilitou criar esses percursos como um sobrevoo sobre as paisagens transfronteiriças desta pesquisa. A ideia era projetar no espaço estes percursos com as suas respectivas geolocalizações, por meio de um mapa de pontos plotados. Este produto geográfico serve para compor o trabalho, o qual analisou os detalhes das paisagens transfronteiriças: como a sua formação sócio-histórica, as relações geopolíticas entre as cidades gêmeas, as percepções das paisagens e suas iconografias. Até o resultado do mapa o qual direciona uma visada panorâmica desses locais – representados através dos pontos -, no sentido de proporcionar ao leitor uma percepção de contexto transfronteiriço, que é um visível aglomerado urbano aflorado na região de fronteira, com uma ideia de continuidade que transcende os limites regulamentares e jurisdicionais.

Desta forma, é possível apresentar um discurso científico sobre as distintas expressões da paisagem a partir da valorização das rugosidades e na discussão sobre os mesmos processos que produzem os espaços remodelados, ou revitalizados. Esses que dividem opiniões ao tratar de níveis de preservação do patrimônio marcado no presente e do patrimônio, enquanto marca do passado em um contexto de permanente disputa por espaço no âmbito das cidades.

Ao analisarmos as paisagens por meio de imagens podemos identificar as transformações que se deram ao longo do tempo. Assim categorias como forma, estrutura,

¹⁴ Os mapas temáticos são representações gráficas da superfície terrestre ilustradas de acordo com algum critério preestabelecido. Para designar os diferentes aspectos do espaço geográfico, utilizam-se as legendas e os símbolos a elas correspondentes para espacializar determinados fenômenos. Mapas políticos: descrevem as delimitações territoriais de países, estados e municípios, com as delimitações de suas fronteiras. Estas não existem na natureza, trata-se de uma construção intelectual humana representada cartograficamente para a melhor compreensão das divisões do espaço geográfico mundial. Mais do que apenas realizar descrições espaciais sobre determinadas atividades ou fenômenos naturais, os mapas temáticos também possuem o mérito de apresentarem formas distintas de leitura e interpretações da realidade, ofertando ao seu leitor uma melhor noção das manifestações sociais e da natureza, como as atividades culturais de uma região ou os índices pluviométricos de um país. Portanto, a produção dos mapas temáticos vai muito além da representação das áreas e suas formas, trata-se de reinterpretar essas para melhor descrever dados e fenômenos. PENA, Rodolfo F. Alves. "Mapas temáticos"; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/mapas-tematicos.htm>>. Acesso em 16 de janeiro de 2024.

função e processo (dinâmica) são indispensáveis para pensarmos sobre como se deram as transformações e suas expressões na paisagem por conta do avanço do processo de urbanização e muito a respeito da incessante busca por crescimento econômico local.

Assim podemos retornar para as bases teóricas e fazermos comparações com outros momentos históricos e com outras formas de análise da paisagem fronteira. Por meio de fotografias é possível registrar as imagens que compõem a paisagem que revela as categorias de análise, que são os elementos que nos possibilitam fazer as interpretações. Conforme Milton Santos (1985) nos indica:

Todas as partes de uma totalidade devem ser definidas pelo menos grosso modo, ainda que a definição possa tornar-se limitante. Palavras como forma, função, processo e estrutura vêm sendo usadas de maneira tão diferentes que cada uma delas acaba encerrando, para diferentes intérpretes, diferentes nuanças de sentido. As definições aqui testadas pretendem expressar tão-somente o âmago do significado, passível de ser ampliado ou adaptado para o exame de um processo específico num dado contexto espacial. **Forma** é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de um dos seus aspectos num dado instante de tempo. **Função** de acordo com o *Dicionário Webster*, sugere uma tarefa ou uma atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa. **Estrutura** implica a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção. **Processo** pode ser definido como uma ação contínua desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade e mudança) (SANTOS, 1985, p.69).

Embora as definições aparentem simplicidade essas são a base da Estrutura Espaço-temporal de Milton Santos. A compreensão da organização espacial assim como a sua evolução, que somente foram possíveis mediante a interpretação do processo dialético entre formas estruturas e funções através do tempo. E destaca que a paisagem é formada pelos fatos do passado e do presente, sendo ainda o resultado cumulativo desses tempos (e de uso de novas técnicas).

No entanto, essa acumulação a que chamamos paisagem decorre de adaptações (imposições) verificadas nos níveis regionais e locais, não só a diferentes velocidades como também em diferentes direções (SANTOS 1985). A metodologia adotada com relação à seleção das imagens parte dos trabalhos de Paulo Cesar da Costa Gomes (2017) que pesquisou o conceito de paisagem em “Quadros Geográficos – Uma Forma de ver, uma Forma de pensar”. E nos estudos de Letícia Parente Ribeiro (2013) que propõem a produção de imagens geográficas com caráter documental como forma de valorização das imagens a partir da captação de fotografias de paisagem, revelando novas formas de se relacionar com a

produção de imagens no processo de fazer Geografia, enquanto ciência das interações entre a sociedade e o espaço geográfico.

Com base em seus estudos sobre o conceito de paisagem no Japão e na Europa, Berque (1998) chega a uma conclusão acerca das formas como os parâmetros de um conceito são elaborados e aplicados. Pois pela ótica oriental, a paisagem é antes de tudo uma expressão artística, a partir das trocas e interações com o meio. Tais trocas sensoriais produzem uma percepção direcionada à ideia de complementaridade, que está relacionada com a experiência humana associada à natureza. Berque denomina essa interação de ecúmeno, por tratar-se de uma configuração socioespacial percebida e perpassada por uma subjetividade interacional entre o ser humano e o meio que o circunda. Esse processo resulta em uma ideia de paisagem em que o observador está inserido na paisagem, como parte desta. Já para os europeus, a ideia de paisagem ganha contornos marcados pelo método científico da observação e da separação entre o observador e o objeto. Assim, a paisagem é conceito externo ao homem, já inicia sendo elemento de investigação no campo científico e tem o papel de limitar aquilo que é estudado. Deste modo, a paisagem é resultado de uma designação; foi nomeado e classificado como parâmetro de análise a partir da vivência e experiência de um observador externo e imparcial focado na discussão sobre as formas e funções e nas estruturas que se constituem as paisagens no método investigativo ocidental. Assim, torna-se compreensível que ele chega à conclusão de que a paisagem pode ser tanto marca como matriz. Sendo considerada marca, a paisagem expressa uma civilização, com sua trajetória que está fixada no espaço, na figura das estruturas e territorialidades estatais. E é matriz, pois participa dos esquemas de percepção, concepção e ação envolvidos na relação entre sociedade e natureza, logo a “paisagem do seu ecúmeno” (BERQUE, 1998);

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz, porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação - ou seja, da cultura, que canaliza, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, corresponde a paisagem do ecúmeno (BERQUE, 1998).

O roteiro nos permite fazer uma seleção prévia dos elementos que serão utilizados para desenvolvermos as interpretações e avaliações com base em textos e estudos de caráter empírico que se aproximam de nossos objetivos e desta forma será aplicada a este método. Para elucidar a motivação de usarmos mais de uma abordagem apresentamos o trabalho de Verdum e Fontoura, (2009), os quais trazem uma metodologia direcionada para as bases das categorias de Milton Santos, associando à pesquisa de campo que busca classificar a paisagem

e suas distintas representações. Para a produção do diagnóstico de leitura da paisagem, quanto ao método de análise da paisagem, os autores apontam três possibilidades distintas de encaminhamento dessa análise: a descritiva, a sistêmica e a perceptiva (BERQUE, 1995, VERDUM *et al.*, 2007). Optamos pela análise perceptiva da paisagem que é concebida como uma marca e uma matriz, de acordo com as categorias de análise propostas por Milton Santos (1985), e da escala temporal selecionada para a investigação sobre as transformações na paisagem transfronteiriça.

Fontoura e Verdum (2009) destacam que para podermos conceituar os indicadores de percepção da paisagem é proposta a seguinte questão geral: como reconhecer a relação destes indicadores com os novos elementos que a ela são integrados nas escalas espaciais e temporais? Para responder a esta questão, é preciso ter em mente que caracterizar um espaço geográfico qualquer a partir da análise da paisagem pressupõem que se possa caracterizar esse espaço pela utilização de um referencial que auxilie na compreensão das diferentes Unidades de Paisagem (UP) que a compõem (VERDUM *et al.*, 2006). As diferenciações entre as UP estão baseadas, essencialmente, em quatro critérios: a forma, a função, a estrutura e a dinâmica. A **forma** é o aspecto visível de uma determinada paisagem, referenciado por elementos que podem ser facilmente reconhecidos em campo, por meio de registros fotográficos e de produtos do sensoriamento remoto (fotos aéreas e imagens de satélite): o morfológico, a presença de água, a cobertura vegetal e a ocupação das terras. As diferenças das formas dos elementos da paisagem dependem tanto de suas dinâmicas quanto de sua função, ou seja, de sua apropriação e uso social. Sendo assim, a **função** pode ser compreendida pelas atividades que, de certa maneira, foram ou estão sendo desenvolvidas e que são materializados nas formas criadas socialmente (espaço construído, atividades agrícolas, atividades mineradoras e outras) e que também são reconhecidas em campo tanto pelos produtos do sensoriamento remoto quanto pelas diferenças que apresentam em relação aos aspectos das unidades da paisagem em que não ocorrem as diversas formas criadas socialmente. A **estrutura** é outro critério que não pode ser dissociado da forma e da função. Ela é reconhecida como sendo a que contém os valores e as funções dos diversos objetos que foram concebidos em determinado momento histórico. Sendo assim, a estrutura revela a natureza social e econômica dos espaços construídos e, de certa maneira, interfere nas dinâmicas da paisagem anteriores e essas intervenções sociais. A **dinâmica** é a ação contínua que se desenvolve, gerando diferenças entre as UP no que se refere aos resultados dessas dinâmicas, ao longo do tempo, na sua continuidade e na sua mudança. O tempo (geológico e histórico) demarca o movimento do passado ao presente e o deste em direção ao futuro da paisagem (VERDUM *et al.*, 2009, p.15).

Como marca, a paisagem pode e deve ser descrita e inventariada. O ponto de partida continua sendo a descrição da paisagem enquanto perceptível; mas a explicação ultrapassa o campo do percebido, seja pela abstração, seja pela mudança de escala no espaço ou no tempo. Como matriz, a paisagem participa dos esquemas de percepção e de ação que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza (FONTOURA; VERDUM, 2009). Assim, pode-se dizer que a paisagem é o concreto, ou seja, a coisa real, mas, ao mesmo tempo, é a imaginação, a representação, pelas imagens dessas coisas. Cada

um de nós, de acordo com a sua trajetória, a sua consciência e experiência, vê a paisagem de forma pessoal e única. Cada um constrói seus conceitos, que vão se refletir em suas ações e olhares, mas esses olhares são concebidos a partir de uma matriz cultural, do coletivo das pessoas de uma determinada sociedade humana (FONTOURA; VERDUM, 2009).

A ideia é fazer as análises por meio da descrição dos pontos de destaque das imagens como placas, marcos, prédios históricos, pontos turísticos e de relevância para a cultura local e regional a partir do método da análise perceptiva da paisagem transfronteiriça. Monumentos arquitetônicos que estão ligados ao passado, por meio das rugosidades e de valorização histórica desses elementos. E simultaneamente, ao presente observando as novas funcionalidades e formas no desenvolvimento da ideia de transição destas transformações do espaço geográfico.

Como faremos a interpretação das imagens para identificar a transformação da paisagem transfronteiriça entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero?

- a) As imagens captadas na área de estudo se configuram em elementos constituintes do espaço geográfico local, na medida em que podem ser interpretadas como marcas ou marcadores de uma determinada prática sócio territorial.
- b) As imagens captadas como representações ou iconografias na paisagem transfronteiriça e suas formas, funções, estruturas em uma dinâmica que é capaz de influenciar na percepção dessa paisagem.
- c) As imagens captadas são expressões visuais da paisagem transfronteiriça. Logo, a leitura destas por meio de metodologia focada no estudo da paisagem.
- d) As imagens dos prédios públicos, praças e os marcos limítrofes das cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero enquanto paisagens de transfronteiridade, são marcos do processo histórico que originou essas cidades gêmeas, assim como suas relações de interdependência e complementaridade e cultura intercambiantes.

Grupos para a composição dos quadros de análise das imagens

O trabalho de campo nos deu subsídios para essa pesquisa, à medida que tivemos contato com as distintas paisagens possíveis de serem analisadas. Nesse percurso, captamos imagens e selecionamos por conjuntos de imagens que foram sendo organizados na etapa de laboratório. Assim como em Coelho, (2011), a ideia foi elaborar as seleções das fotografias em etapas que auxiliam a fazer os conjuntos de imagens por sua temática ainda que de forma aproximada, para aproveitar o maior número de imagens. Cabe um esclarecimento, o presente estudo está direcionado para a análise referente ao conteúdo da fotografia, ou seja, a paisagem

construída visualmente. De forma que as demais informações - relacionadas aos aspectos formais, ou ao processo de constituição do artefato - serão consideradas de modo sintetizado, discutindo somente uma contextualização geral do documento (COELHO, 2011).

Na etapa 1 faremos a escolha das imagens como forma de entendermos os fatores históricos que resultaram nas atuais configurações no presente em “revisando as imagens do passado”, como forma de traçarmos uma linha do tempo da Linha Internacional entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, por meio de uma pesquisa em acervo histórico da cidade, pois abrangem os registros fotográficos, jornais da época, assim como publicações com entrevistas com os primeiros representantes políticos e produtores locais associados aos negócios de comércio local e regional. Dessa forma, também é possível estabelecermos a delimitação do objeto. Na etapa 2, faremos os agrupamentos ou que denominamos de “Composição” a partir da formação dos conjuntos de imagens. A etapa 3 se reserva a análise das unidades fotográficas ao que definimos como um processo de “descomposições”. É a fase em que faremos a seleção das fotografias por período e na sequência a análise da paisagem. A etapa 4 se destina à interpretação ou leituras das dinâmicas da paisagem enquanto a recomposição sob a luz do momento atual nos permite fazer uma reflexão sobre os valores da paisagem transfronteiriça para a percepção das transformações na Linha Internacional. A respeito da formação dos “conjuntos de imagens”, Mauad (1966) orienta que tais séries devem ser extensas, capazes de dar conta de um universo significativo de imagens, e homogêneas, posto que numa mesma série fotográfica há que se observar um critério de seleção”. Assim, para orientar os agrupamentos foram elencados alguns critérios - formulados a partir dos estudos anteriormente citados - relacionados tanto à forma quanto ao conteúdo da fotografia, tais quais.

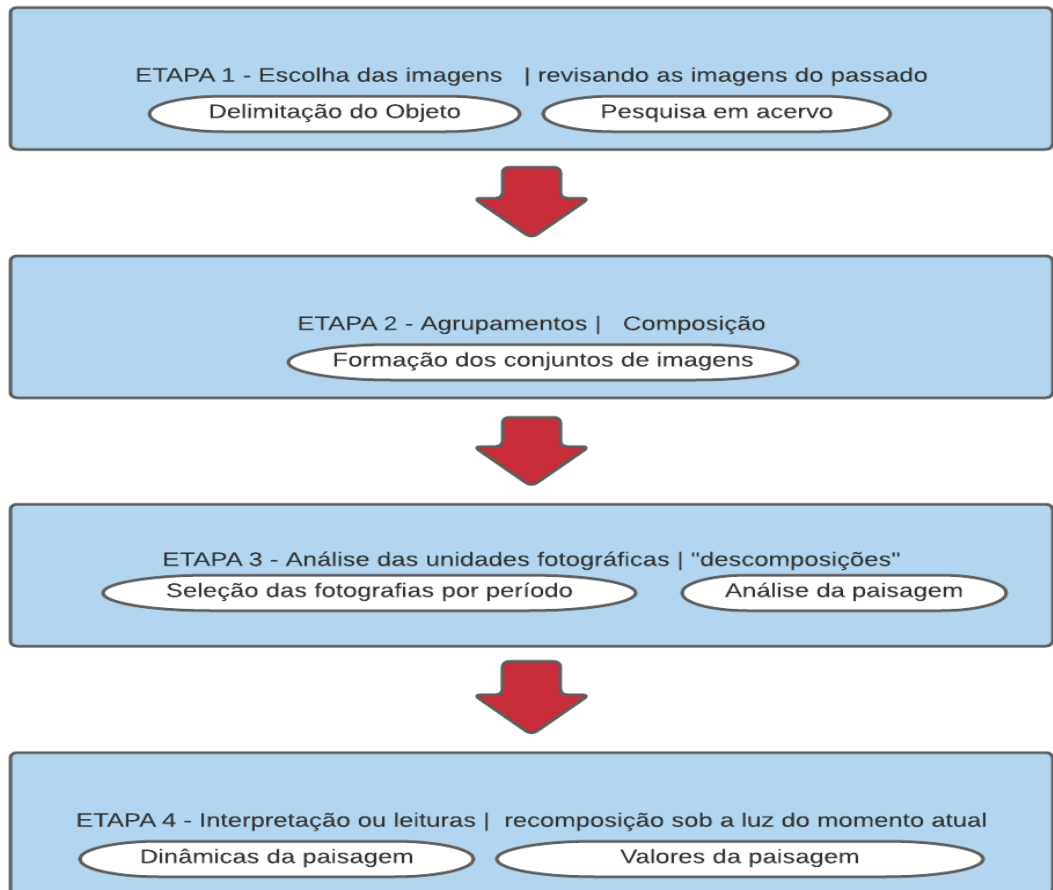
Formato da fotografia: o retângulo horizontal favorece o equilíbrio da imagem, enquanto o retângulo vertical ou o quadrado tendem a gerar maior ambiguidade ou estabelecer tensões na composição. Associada a essa informação poderiam acrescentados dados quanto à tecnologia e ao processo fotográfico empregados: tipo de equipamento, natureza do original, suporte da superfície, fotossensível, tipo de papel, tonalidade, dimensões; etc. (COELHO, 2011). A fotografia, enquanto artefato pode também ser agrupada quanto ao formato da imagem, retângulo horizontal, retângulo vertical ou quadrado.

Temas / Assuntos: o conteúdo representado na fotografia é também uma maneira de formar os conjuntos de imagens. Ao realizar o arrolamento sistematizado dos elementos temáticos é possível identificar ao longo dos momentos históricos as diferentes formas de apropriação e de manifestações da vida social cotidiana. Na observação desse critério podem-

se extrair informações quanto ao espaço, local onde se deu o registro, e quanto ao tempo, data ou época, dados, que estão implícitos ou explícitos no documento fotográfico.

Período: as imagens fotográficas podem ainda ser agrupadas segundo uma ordem cronológica, permitindo a observação das transformações ocorridas em determinado espaço de tempo. Do ponto de vista temporal, Mauad (1996) observa a importância da organização das séries fotográficas segundo uma cronologia, procedimento que auxilia a leitura das informações, tendo em vista que as fotografias, enquanto documentos são portadoras de mensagens que nos informam sobre outras temporalidades. Na sequência o Quadro 5 com o esquema das etapas de investigação, escolha e análises das fotografias:

Quadro 5 - Etapas propostas para o desenvolvimento do método.



Fonte: Coelho, 2011. Adaptação/edição: Janaina Teixeira.

A escolha desse critério de análise das imagens da paisagem, em termos de suas características, partiu das premissas de que todas as imagens são compostas por construções socioespaciais permeadas por representações culturais simbólicas, as quais perpassam

elementos históricos e territoriais. As paisagens foram selecionadas com o intuito de apresentar um espectro de distintas paisagens transfronteiriças que compõem o cenário fronteiriço de PP e PJC. Os processos que deram origem a essas paisagens diferenciadas em urbanas, culturais, históricas, e de turismo de compras são um reflexo das transformações do contexto socioespacial impulsionado pelos avanços tecnológicos científicos e informacionais.

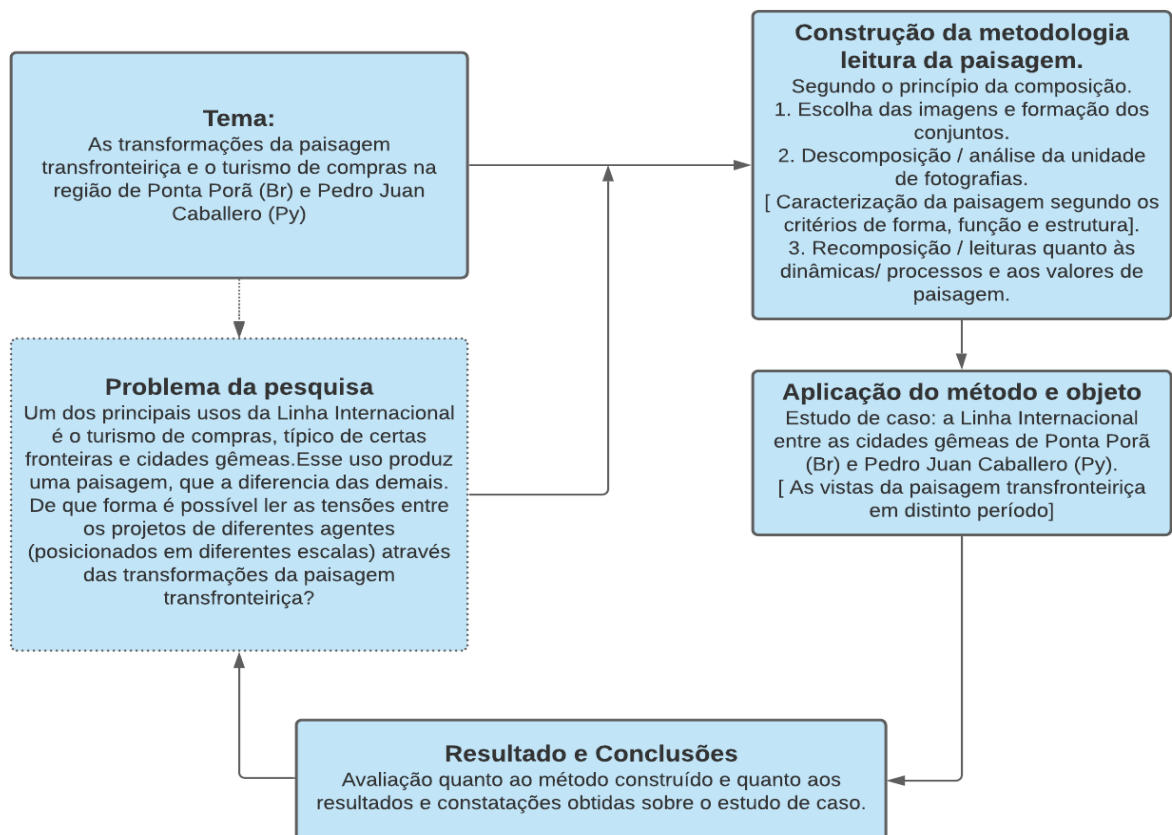
Essa diversidade entre os aspectos urbanos e sociais se deu em função das estratégias para a atração de mercados internacionais e consumidores para o território localizado enquanto pluralidade de existências socioeconômicas e culturais. A segmentação da paisagem, apresentada neste trabalho, tem como proposta demonstrar quão diversas são essas expressões socioespaciais que são um resultado dos processos que atuam nas formas estruturais a partir das ressignificações das suas funções ao longo do tempo. As rugosidades estruturais visíveis na paisagem se entrelaçam às inovações como forma de se manterem coesas nesses espaços; colocando em um mesmo plano elementos do passado que convivem no território com a modernidade. Essa leitura é uma proposta de grande contribuição para a leitura da paisagem transfronteiriça, pois trazemos nas imagens elementos como a cena urbana, as memórias coletivas do ser/ estar na fronteira, a condição fronteiriça, perceptível nas relações sociais que estão impressas nas paisagens de PP e PJC. Trazemos muitas imagens que refletem esses elementos do urbano, do cultural que se destacam nas fotografias.

A temática e os períodos temporais analisados são referências de concepções de uma territorialidade marcada por iconografias atravessadas pelo multiculturalismo. Para Martins (2009), a fronteira não se restringe à fronteira geográfica ela pode se apresentar nos âmbitos cultural, visões de mundo, espacial, étnica e principalmente a fronteira do humano, argumentando que a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. Nesse contexto podemos destacar as transfronteiridades como fator de distinção. Quando tratamos de valores da paisagem, nos referimos ao teor simbólico e que são notados nas existências dos fronteiriços, que são parte do contexto da fronteira e dos seus costumes e modos de vida. Isto é, para ser fronteiriço é necessário reconhecer-se como parte dessa elaboração sociopolítica e territorial que transcende os limites estabelecidos politicamente.

As imagens selecionadas são um recorte que busca exemplificar esses processos institucionalizados, que se mesclam aos processos autônomos que constituem as paisagens transfronteiriças. Esses que prosperam entre elementos como a flexibilização das leis, a porosidade das fronteiras. Para além de fatores como a clandestinidade, e a força do imaginário geográfico que remetem à violência e à criminalidade que, de fato, estão disseminados por todos os espaços sociais, não somente nas margens dos territórios.

A ênfase no "transfronteiriço" - em lugar de fronteiriço - indica uma atenção especial aos processos que envolvem ambos os lados da fronteira (Dorfman; Lara-Valencia; Velozo, 2020) em termos de suas concepções teóricas e estruturais. A ideia inicial é descrever a partir da percepção das paisagens como: Paisagem Transfronteiriça Urbana (PTU), Paisagem Transfronteiriça Histórica (PTH), Paisagem Transfronteiriça Turística de Compras (PTTC), Paisagem Transfronteiriça Cultural (PTC). Com base nas metodologias disponíveis e apresentadas nesta seção, elaboraremos as classificações a partir das fotografias captadas durante o trabalho de campo, observando os critérios de formato da fotografia, temas / assuntos e o período temporal da produção das imagens (MAUAD, 1996). Assim, a reflexão que pretende este trabalho surge a partir da necessidade de melhor compreender as cidades gêmeas em relação às dinâmicas constituintes de suas paisagens interpretando-as através dos vestígios espaço-temporais encontrados nas fotografias ao analisarmos as paisagens, enquanto expressões desses processos. No Quadro 6 temos um esquema com o desenho geral da tese.

Quadro 6 - Desenho da Tese, 2019



Elaboração: Janaina Teixeira, 2021.

3.1.1 Recursos Operacionais e Metodológicos

A paisagem transfronteiriça foi o nosso objeto de estudo, suas transformações através dos anos analisando a forma, a função, a estrutura e dinâmicas/processos destas paisagens na Linha Internacional das cidades gêmeas de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Com relação aos instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: câmera fotográfica; papel para croquis; smartphone para gravar as entrevistas, registro de imagens; notebook para armazenamento de dados e processamento de informações, pesquisa na internet, Google Earth, redes sociais, periódicos locais. Para enriquecer o debate e aprofundar as articulações teóricas sobre as trocas de informações, foram realizados contatos de forma livre, não caracterizando entrevistas formais, pois não é o intuito desta pesquisa. Juntado aos conteúdos de publicações, em jornais, revistas, acervos históricos, materiais audiovisuais, materiais historiográficos, além de buscas em rádios locais com conteúdo relacionados às cidades gêmeas (músicas, eventos populares, festas religiosas), as quais foram relevantes no entendimento das representações de formas e estrutura das paisagens transfronteiriças em termos socioculturais e geopolíticos.

A aplicação dessas categorias à pesquisa sobre PP-PJC nos auxiliou a elaborarmos a percepção da complexidade de nossa proposta de tese, uma vez que as análises das imagens requerem o contexto proposto por Verdum e Berque (2007) que são as classificações das distintas paisagens no âmbito da percepção descritiva, pois Ponta Porã e Pedro Juan Caballero estão imersas nessas realidades que as aproximam no contexto regional e socioterritorial. Os estudos de Mauad (1996) nos instrumentalizam para termos um olhar mais técnico para a concepção de fotografia, enquanto ferramenta de informação, ou linguagem não textual, mas que por si só comunica uma construção humana de intersubjetividades materializadas nas paisagens transfronteiriças.

Nesse sentido, também nos ajudam na argumentação os trabalhos de Costa e Ribeiro (2013), pois o exercício de reflexão antes de captar as imagens e torná-las fotografias de paisagens com a finalidade de resgatar o valor da imagem como diálogo e prática do ser geógrafo é uma retomada aos momentos em que captar imagens de interpretá-las é um estudo sobre paisagens construídas e avaliadas geograficamente desde seu processo de estruturação no espaço, até a sua apresentação em outros espectros de contextualização no âmbito da pesquisa por imagens dessas paisagens. Gottmann (1947) desenvolveu trabalhos de profundas discussões sobre as interfaces do território, por vezes a serviço do Estado, em níveis extremos, como o território que estava articulado em função dos conflitos geopolíticos. Até a

conceituação do território que se prestaria a “cimento social” que tinha a função de agregar os povos em termos religiosos e de nacionalismos ufanistas. Nesse sentido, a paisagem de fronteira atua em sintonia com alguns desses argumentos, visto que tem um papel de fixar sentimentos de pertencimento e em muitos momentos justificados pela religiosidade e pelos ideais sócio-históricos e culturais que visam justificar tais hábitos e comportamentos de toda uma coletividade.

Esses estudos em confluência são necessários, para que possamos entender que as paisagens transfronteiriças estão eivadas de processos, contínuos em multiescaridade e que são notáveis na observação e descrição de suas formas, funções, estruturas e dinâmicas interpenetradas nas arquiteturas, nos marcos e marcas da fronteira de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, à medida que essas transformações se fazem rugosidade e se renovam na forma de um Shopping Center, ou de um monumento à personagem heroica em local de destaque, como a recordar seus feitos aos que passam e observam sua eloquente imagem na paisagem.

Nesse sentido, o trabalho de Dorfman; Lara-Valencia; Velozo, (2019), está para esta pesquisa como o processo de entendimento de para onde se destinam as próximas investigações sobre os espaços transfronteirizados e que são muitas vezes destituídos de identidade local, sendo que são plenos de alteridade. Esses estudos que partem de comparações entre regiões distintas que são atravessadas por multiterritorialidade e conflitos, não só remetem a ideia de fronteira e cidades gêmeas, mas também para a análise dos processos que desencadearam essas conformações territoriais distintas e que incitam movimentos de territorialização e de desterritorialização nas fronteiras de países como Estados Unidos e México em Nogales-Nogales marcada pelas tensões do constante fluxo migratório. E nas cidades gêmeas de Aceguá (Bra) –Acegua (Uy) com sua diversidade e interdependência comercial de uma fronteira distinguida pela porosidade, por vezes imperceptíveis.

3.2 O TRABALHO DE CAMPO I

O trabalho de campo é uma etapa importante da pesquisa, pois nos coloca em contato com o espaço produzido, com as paisagens e suas representações; e conseqüentemente, com as nossas expectativas. É onde temos a oportunidade de constatar ou refutar as nossas teses, por meio de observações e investigação *in loco* como forma de destrinchar os detalhes dos objetos em análise e de exercitar a familiaridade/ proximidade com o contexto socioespacial estudado. As saídas de campo são parte imprescindível para a pesquisa na Geografia, pois

parte-se do princípio de que o pesquisador deve ir até a área de estudo para poder fazer observações, anotações e buscar elementos que o auxiliem a fazer as elaborações e análises nesses percursos investigativos. Com base no contato com as categorias de análise *in loco*, para que mais do que teorizar o geógrafo possa ter uma experiência prática e como exercício de vivenciar distintas territorialidades. Somente após as visitas ao campo é que pode retornar ao laboratório para escrever as suas interpretações e resultados. Dessa forma é que a pesquisa ganha corpo formado de teoria e prática, a práxis, em que o trabalho empírico nos auxilia na problematização da pesquisa e nos seus desdobramentos.

Planejamos o trabalho de campo para logo após a banca de qualificação de tese; visto que, não havia efetuado esse que seria a primeira visita à área de estudo, das duas até então previstas no cronograma. A segunda estaria prevista para o mês de abril de 2020, porém, em função do surgimento e avanço do vírus SARS-COV 2 e decretação da pandemia de COVID-19 em março, não pudemos retornar ao campo, por conta do fechamento das fronteiras e suspensão de viagens aéreas.

O trabalho de campo na região de fronteira entre PP e PJC ocorreu no período de 10 a 28 de outubro de 2019. Cabe destacar que contei com ajudas de custo oferecidas pela UFRGS; uma, referente à apresentação de trabalho no VII Seminário Internacional de Estudos Fronteiriços que se realizou de 07 a 09 de outubro de 2019 em Corumbá (MS). E a outra também graças à apresentação de trabalho completo no 17º IRFG, um Congresso Internacional sobre Integração Regional, Fronteiras e Globalização no Continente Americano, de 29 de outubro a 02 de novembro de 2019, realizado em Foz do Iguaçu, PR. Ou seja, toda a parte do levantamento de dados, registros fotográficos, percursos guiados pelas cidades, a visita ao Parque do Cerro Corá e a Reserva Arqueológica de Gasory foram feitos nessas ocasiões, assim como as entrevistas, elaboração do diário de campo.

Trabalhos como o da professora Dirce Suertegaray deram destaque à importância da etapa do campo para os (as) geógrafos (as), pois enquanto pesquisadores (as) dos fenômenos que envolvem o espaço geográfico e suas interações socioeconômicas e territoriais, ir a campo é mobilizar saberes e reinterpretar distintas realidades e isso é uma práxis diária e um propósito do (a) pesquisador (a);

A pesquisa de campo constitui para o geógrafo um ato de observação da realidade do outro, interpretada pela lente do sujeito na relação com o sujeito. Esta interpretação resulta de seu engajamento no próprio objeto de investigação. Sua construção geográfica resulta de suas práticas sociais. Neste caso, o conhecimento não é produzido para substituir outros processos. Ele alimenta o processo, na medida em que desvenda as contradições na medida em que as revela e, portanto, cria nova

consciência do mundo. Trata-se de um movimento da geografia engajada nos movimentos, sejam eles sociais agrários ou urbanos. Enfim, movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (SUERTEGARAY, 2002, p. 3).

Para a qualificação do trabalho de campo, optamos por fazer visitas guiadas, pela Prof.^a Marilene Ribeiro (IFMS - Ponta Porã), Aline Brito (Pedro Juan Caballero) e de Jonas Ariel de Souza (FUNCESPP), em como reafirmar percursos não guiados pelas cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Por meio de um esquema básico, pensamos em entrevistas de temas diversos, através de conversas com profissionais da área do ensino, da pesquisa acadêmica e dos setores da cultura e da área técnica local. São destacados nessa região o processo de incremento das trocas comerciais e do turismo de compras, que atraem visitantes estrangeiros para essas áreas de comércio na Linha Internacional, além do Centro Popular de Compras, reformado na linha divisória da fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Essa região de fronteira também conta com *Shoppings Centers*, como o Planet e o Shopping China, com seus produtos com alta diversidade e multimasas internacionais que atraem um público com poder aquisitivo elevado.

A pesquisa de campo foi elaborada para obter informações por meio de observações em três níveis: direta, indireta e participativa, em diferentes momentos do trabalho de campo, para termos a experiência de vivenciarmos a paisagem fronteiriça, sua diversidade, multiculturalidade e percebermos os hibridismos linguísticos e culturais. A análise de dados coletados no campo, na fronteira de Ponta Porã com Pedro Juan Caballero estabelecendo contrapontos entre o passado e o presente, destacando as rugosidades e os novos usos das estruturas, observando como se dão essas dinâmicas da paisagem na fronteira, ao passo que, nos dão suporte técnico para interpretar essas transformações socioespaciais na Linha Internacional entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.

Essas práticas se inscrevem no campo de poder de maneira relacional, como propugnara Michel Foucault (SAQUET, 2020). Essas tessituras produzidas por autores, mais ou menos delimitáveis e territorialidades que se inscrevem nas dinâmicas políticas, econômicas e culturais “[...] o próprio sistema sêmico é marcado por toda uma infraestrutura, pelas forças de trabalho e pelas relações de produção, em suma pelo modo de produção” (RAFFESTIN, 1993, p. 144). No referencial teórico, estabelecemos relações entre os diários de campo, as impressões a partir das entrevistas e conversas com os professores/as e colegas que trabalham com a temática da fronteira sob a ótica da cultura, do direito, da história e principalmente da condição fronteiriça, que por meio das suas práticas é possível distingui-las de outras formas de relacionar-se com a cidade.

É possível pensar uma metodologia de interpretação das imagens, uma vez que, compomos uma linha do tempo com fotografias que retratam desde o surgimento dos primeiros povoados com suas estruturas incipientes até a consolidação como cidades conurbadas de economias complementares, de multiculturalismos impressos em suas iconografias.

O diário de campo foi um relatório, no qual foram sendo escritos os relatos das atividades desenvolvidas a cada dia. Esse foi efetuado em forma de escrita livre, composto por esboços, croquis, textos pré-analisados, impressões e resumos de observações de campo e questionamentos. Teve com finalidade auxiliar no planejamento dos roteiros de entrevistas e como caderno de memórias. Os encontros e eventos tiveram parte relevante no diário, pois a cada atividade surgiam novas referências bibliográficas, outros contatos com professores e profissionais e novos lugares para conhecer e outras pessoas para conversar sobre paisagem transfronteiriça. Todas as indicações foram catalogadas no diário de campo por data e local, para facilitar a recuperação das informações. Foram juntadas às escritas as fotografias e as referências indicadas ou que foram citadas nos eventos e encontros. Ressaltamos que os contatos foram traçados em redes a partir de alguns colaboradores ou como "bola de neve", quando vai se agregando mais envolvidos, como grande parte dos trabalhos é desenvolvida.

Nesse sentido, fazer essa análise com base em aspectos paisagísticos e turísticos e como potencialidade desta região ressalta a importância de associar a construção histórica às características locais, que tornam a historiografia desse lugar algo único, uma vez que para (Lamberti *et al*, 2017) o seu potencial para o turismo de contemplação ainda é pouco explorado economicamente na região de fronteira de Ponta Porã com Pedro Juan Caballero.

Durante esses encontros, procurei identificar por meio das conversas com as pessoas, os elementos que me auxiliassem a compor o perfil do (a) fronteiriço (a), da pessoa que reside, trabalha, estuda, e que construiu sua vida na fronteira de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Entre os aspectos mais investigados estão o cotidiano dessas pessoas. Tentei criar um contexto para que pudessem responder de forma espontânea às perguntas. Foram colocadas questões que o entrevistado poderia expor seu ponto de vista e se posicionar com relação ao que foi perguntado. Perguntas sobre aspectos socioeconômicos, culturais e históricos. Procurei saber também o grau de satisfação com o local onde vivem e possíveis deficiências da região de fronteira, bem como aspectos positivos e negativos de se viver na fronteira. Entendo que seja importante destacar que foram conversas informais, à exceção da entrevista com o Professor Sacha Aníbal Cardona Benítez, autor do livro “A la sombra de los Perobales: Historia del poblado de Punta Porã - Génesis de dos ciudades 1870-1902”, (2019),

que me concedeu duas entrevistas sobre as questões históricas de formação de Pedro Juan Caballero e durante a visita à Casa Museo Reminiscências. Nessas entrevistas, foram efetuadas perguntas sobre o processo histórico, econômico regional e cultural.

Foi realizado o trabalho de campo entre os dias 10 e 28 de outubro de 2019, e incluiu visitas ao sítio arqueológico do Cerro Corá, ao Museu Francisco Solano Lopez e à Laguna Punta Porã (primeiro nome da cidade de Pedro Juan Caballero – Paraguai), aos *Shoppings* China e Planet e a Casa Museo Reminiscências no Paraguai. Além do Parque dos Ervais, Centro de Eventos da Prefeitura de Ponta Porã, à Fundação de Cultura e Esportes de Ponta Porã (FUNCESPP), ao Centro Popular de Compras na Linha Internacional, à igreja Matriz na Paróquia São José de Ponta Porã.

Foram feitas visitas ao Departamento de Cultura de Pedro Juan Caballero, para a entrevista com o Historiador Professor Sacha Aníbal Cardona Benítez, à casa da Sr.^a Graciela, mãe do Jonas Ariel Cantaluppi, ao ateliê do artista plástico Júlio Cesar Alvarez. Visitamos também o Mercado Público de Pedro Juan Caballero e a Gobernación e seus prédios que abrigam os poderes legislativos e judiciários. Também foram feitas caminhadas pelas ruas circunscritas à Linha Internacional para fazer as observações do comportamento dos vendedores ambulantes, comerciantes, clientes, usuários dos serviços públicos, transporte coletivo, caracterizando um movimento pendular. Foram observados também os estudantes, que vinham de Pedro Juan Caballero (PY) para assistirem as aulas do lado brasileiro em Ponta Porã, em um evidente movimento pendular entre as cidades gêmeas. Para a qualificação do diário de campo, serviu como objeto de análise o avanço na pesquisa, as observações registradas juntamente com as impressões nos auxiliaram na construção dos capítulos e nas interpretações dos fenômenos sociais e geopolíticos que se dão na paisagem fronteira. Ao percorrer as ruas, conversar com as pessoas, observarmos o comércio local e suas interdependências entre as cidades gêmeas é possível qualificar o diário referente ao trabalho de campo.

Em conjunto com a metodologia de Lara-Valencia, que nos auxilia na análise dos territórios transfronteirizados optamos por fazer as descrições das imagens apoiando-nos no uso de textos científicos de referência para a temática apresentados nos trabalhos de Verdum e Fontoura (2009), que trata sobre a Produção de Diagnóstico de Leitura de Paisagem que está disposta em partes de forma muito didática no texto. Sobre o entendimento de paisagem. Na ciência, a concepção de paisagem tem se diferenciado, como as associações que são feitas com as noções de país, lugar, unidade territorial e porção da superfície de terra firme. No limiar da sua elaboração como referencial de expressão artística e de análise das relações

entre sociedade e natureza, duas construções lógicas são apresentadas na conceituação de paisagem:

- Como a imagem que representa a vista de um recorte espacial, expressa na arte produzida a partir do século XVII, com significado pictórico/ subjetivo, com a finalidade de expressar elementos associados à natureza e à vida do cotidiano da (s) sociedade (s) humanas; nesse sentido, a paisagem seria a soma de muitos olhares, e não só um ponto de vista, como no caso do artista que a produziu;
- como a porção de superfície terrestre vista em seu conjunto e como o produto de uma área modificada pelas forças geológicas e geomorfológicas, com significado objetivo, onde buscamos compreender a origem da forma, de estrutura e da funcionalidade associadas a um número específico de elementos da natureza (VERDUM; FONTOURA, 2009, p. 9-10).

Entre as análises estão contempladas a percepção de concepção da paisagem, roteiro metodológico para realizar a leitura da paisagem e as diversidades regionais identificadas através da leitura desta paisagem. A metodologia foi selecionada a partir de experimentos e observações de outros trabalhos, que partem da análise das imagens para alcançar os objetivos de descrever explicar a percepção da paisagem em termos de coletividade. Trabalhos como GOMES e PARENTE (2013) destacam os quadros geográficos e mais tarde a fotografia como documento histórico de um contexto expresso nas paisagens de forma multiescalar. A partir do pensamento de Augustin Berque (1998) é possível identificar elementos da paisagem que ora são marcas, ora são matrizes. E isso é o processo de construção da paisagem como elaboração fixa, das obras arquitetônicas, rugosidades; e o fluido, que se manifesta nos sucessivos processos que sobrepõe tecnologias materializadas no espaço em face às necessidades humanas de modernização.

O conjunto de fotografias selecionadas é a base para a análise dessa proposta de trabalho metodológica. Ao nos aproximarmos dos trabalhos de Paulo Cesar da Costa Gomes e de Letícia Ribeiro Parente desde os Quadros Geográficos até a sistemática de desenvolver a técnica de captar imagens de forma descentralizada da figura do autor. E principalmente, no intuito de produzir uma imagem com caráter documental ao retratar uma iconografia da paisagem no papel da cena pública em um contexto histórico-temporal conectado aos processos que o constituíram. O relatório de campo I está no primeiro anexo deste trabalho. Com detalhes dos percursos dia a dia, conta com alguns diálogos e mais fotografias referentes a esse período. Na sequência temos as observações do campo II bem como suas contribuições referente ao período pós pandemia. Apresentamos os percursos até o segundo campo e os impactos da pandemia na paisagem transfronteiriça e PP-PJC.

3.3 O TRABALHO DE CAMPO II

O trabalho de campo II deu-se entre os dias 20 e 24 de setembro de 2023. Planejamos e refizemos os percursos como meio de revisitarmos esses espaços e percebermos se houve ou não transformações da paisagem transfronteiriças desde a última observação em outubro do 2019. Ressaltamos que o propósito deste segundo campo foi fazermos uma comparação entre dois momentos espaço-temporais, independente de mudanças efetivas, fomos buscar aspectos de uma paisagem transfronteiriça, que é dinâmica e que está imersa em processos que envolvem rearranjos territoriais. Tais projetos que acompanham os acordos e acertos políticos regionais. Elaboramos um roteiro para que pudéssemos ter uma visão panorâmica destes percursos, conforme o Quadro 7 na sequência.

Quadro 7 - Roteiro de Campo II, 2023

| Roteiro para o campo de PP-PJC de 20 a 24 de setembro. | |
|---|--|
| Ponta Porã | Pedro Juan Caballero |
| Av. Brasil | Laguna Punta Porã - Lago em Pedro Juan Caballero |
| R. Antônio João - Centro | Mercado Municipal de Pedro Juan Caballero |
| Parque dos Ervais | Centro Cultural Intendente Carlos Dominguez |
| Fundação de Cultura e Esportes de Ponta Porã - FUNCESPP | Shopping Planet Outlet |
| Linha internacional | Linha internacional |
| Prefeitura de Ponta Porã | Shopping China Importados |
| Comércio local entorno da Linha Internacional | Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro |
| Hotel próximo a Estação Rodoviária | Gobernación de Amambay |

Elaboração: Janaina Teixeira, 2023.

Esse quadro foi uma tentativa de demonstrar equilíbrio entre os locais observados, por estarem localizados no entorno da Linha Internacional de PP-PJC, e relativamente próximos entre si. Ao longo daquela semana percorri esses trajetos a pé, fotografando, fazendo observações, comparando com o campo anteriormente realizado. Com relação ao primeiro campo ficaram de fora deste roteiro o Espacio Reminiscencia- Casa Museo e a Reserva Eco Arqueológica de Gasory ambos em PJC, em função do tempo limitado. E a Reserva Eco Arqueológica era bem mais distante em relação aos outros pontos de observação.

Partimos de Porto Alegre – RS dia 19 de setembro às 2:30 da manhã, e cheguei a Ponta Porã às 19h., entre horas de avião e de ônibus foram 17 horas de viagem no total. A proposta foi que além de visitar aqueles espaços, também conversássemos com o professor e historiador, Sacha Aníbal Benítez Cardona. Nos encontramos no Centro Cultural Intendente Carlos Dominguez, antigo prédio da municipalidade de PJC, revitalizado em 2020. E nos

reunimos também com o professor Me. Yhulds Giovani Pereira Bueno, mestre em Desenvolvimento Regional e de Sistemas Produtivos, Polo Ponta Porã, com quem tive uma conversa por Google Meet. Foram encontros muito produtivos e percebeu-se que a pandemia provocou grande impacto na região, principalmente, nos setores econômicos e de turismo, da educação, em função do fechamento das fronteiras, esses ficaram muito prejudicados.

Fiz a maioria destes percursos investigativos desacompanhada, por isso preferi circular no entorno da Linha Internacional, até três ou quatro ruas para o interior de cada cidade. Percebi que as pessoas eram curiosas, mas não me abordaram, nem questionaram a minha presença. Os feirantes e vendedores, sim, eles têm uma abordagem bem típica de captação de clientes. Foi uma semana muito produtiva, pude me reconectar com esses espaços e captar as mudanças e obter novas percepções sobre as representações espaço-territoriais de fronteira. Apesar das dificuldades inerentes ao ato de fazer pesquisa empírica no Brasil, este retorno a PP-PJC foi muito compensador em linhas gerais.

O trabalho de campo II requereu o empenho de verbas financeiras e tempo. Solicitei afastamento do serviço público por vinte e cinco dias, e fiz um empréstimo no valor de dez mil reais para poder arcar com as custas deste segundo trabalho de campo. Neste valor foram incluídas passagens aéreas, hospedagens, alimentação, passagens de ônibus, táxi, transporte por aplicativo. Visto que não obtive subsídios de qualquer instituição de fomento à pesquisa, para esta etapa do trabalho. Nem para participar da oitava edição do Seminário Internacional de Estudos Fronteiriços (VIII SEF), que foi realizado entre os dias 25 e 28 de setembro de 2023 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campus Pantanal) na cidade de Corumbá. Participei como apresentadora de pôster - resumo intitulado: " Percepções das Paisagens Fronteiriças: Um estudo a partir das experiências em Aceguá/Acegua, São Borja/Santo Tomé e PP e PJC", que teve o custo de Cento e Sessenta Reais a inscrição. Estive nesse evento como representante deste trabalho em dupla, com o também geógrafo M.e Edgar Garcia Velozo, que naquela oportunidade, estava a trabalho/ estudo no Kentucky, estado da região sudeste dos EUA.

Importante destacar que os valores despendidos ao longo de todo o processo de feitura deste trabalho, foram considerados parte do investimento na pesquisa de doutoramento, com foco na produção acadêmica de excelência como única finalidade. É sabido que a atividade de pesquisa é desvalorizada no Brasil, entendo que, se tivesse recebido algum incentivo das agências de fomento, como uma bolsa de pesquisa, poderia ter produzido este trabalho de doutorado com dedicação exclusiva. E de acordo com os prazos estipulados pelo regimento do POSGEA/IG/UFRGS, conforme estabeleceu o artigo 36. Além da pandemia, que

dificultou o andamento dos cronogramas, ainda fiquei desempregada nesse meio tempo. São questões que nos atravessaram durante os percursos investigativos da tese.

De fato, fui agraciada com uma bolsa de pesquisa da CAPES entre os anos de 2014 e 2016, durante o mestrado. Atuei como Técnica – Nível Médio – Geoprocessamento, como servidora civil temporário, no 1º Centro de Geoinformação – DCT – DSG (Ministério da Defesa – Exército Brasileiro)¹⁵, entre 22 de janeiro de 2018 e 31 de maio de 2019. E fui bolsista de Apoio Institucional no Projeto “Promoção da Equidade Étnico-racial no SUS”, pela FAURGS entre os anos de 2019 e de 2020. Nesse sentido, foi perceptível os impactos e a diferença, que o financiamento, ou a ausência desse, nas pesquisas, pode derivar na trajetória dos pós-graduandos. Em 07 de junho de 2021 fui nomeada ao cargo de Técnica – Administrativa da Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Ainda que tivesse uma jornada semanal de 40 horas, fiz a pesquisa em paralelo nesse meio tempo.

Destarte, os trabalhos de campo são imprescindíveis para a pesquisa em geografia, e requerem recursos materiais, que muitas vezes não estão disponíveis a todos (as). É importante salientar que esse trabalho é fruto de muita luta e dedicação.

No próximo tópico temos as contribuições do campo II das imagens das paisagens transfronteiriças obtidas, neste período, e uma breve discussão sobre a janela de oportunidades surgidas com as obras implementadas em função dos editais do Fundo Financeiro para Desenvolvimento da Bacia do Prata (FONPLATA) e as repercussões para PP-PJC e no contexto da fronteira e da linha internacional. Assim como os processos que deram origem ao campo II com um intervalo de quatro anos do primeiro campo ocorrido em outubro do ano de 2019, em comparação a este de setembro de 2023.

3.3.1 Contribuições do Campo II

Ao longo dos últimos cinco anos o Brasil e o mundo passaram por consideráveis processos de transformação sociopolítica e geoconômica e de comportamento. Ascensão de governos de extrema direita no país e no exterior, tentativas de golpes de estado, pandemia de Covid-19, conflitos por disputas territoriais e de hegemonia nos continentes europeu, asiático e africano, foram foco de atenção permanente dos grandes agentes de informação internacionais, reproduzidos no Brasil, pelos detentores das mídias locais. As medidas de

¹⁵ Primeiro Centro de Geoinformação - 1º CGEO, a Diretoria de Serviço Geográfico (DSG) é o órgão de apoio técnico-normativo do Departamento de Ciência e Tecnologia (DCT). Disponível em: <<https://1cgeo.eb.mil.br/>>. Acesso em 11 de nov. de 2023.

prevenção ao contágio pelo Coronavírus – 19, deflagradas no ano de 2020, promoveram o que foi denominado o novo normal. Foram adotadas medidas profiláticas tais como: uso de máscaras, isolamento / distanciamento social, higienização das mãos com a aplicação de álcool em gel. O alto índice de infectados e de mortalidade pela doença, entre os anos de 2020 e 2021, acarretou permanente estado de atenção da sociedade civil, na carência de recursos e problemas de gestão das sucessivas crises sanitária, política e econômicas. Além do temor de colapso dos sistemas de saúde, uma vez que não havia vacinas produzidas em larga escala e os tratamentos disponíveis eram meramente paliativos. Esse cenário impactou diretamente nos fluxos comerciais, nas modalidades de consumo e nas formas como as pessoas passaram a se comunicar, neste período colocou-se em prática o trabalho remoto e o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Importante destacar que esse período foi marcado por ataques de desinformação, disseminação de fake news, com o avanço do negacionismo e do movimento antivacinação, os quais tiveram impactos profundos nos indicadores de mortes por Covid.

De acordo com os levantamentos do OpenDATASUS e 10 de março de 2023, o Brasil teve 37.827.912 casos de Covid-19 e um total de 705.962 óbitos. (Painel Coronavírus <<https://covid.saude.gov.br/>>, 2023). Escrevi um artigo sobre os impactos da Covid-19 na saúde da população negra no Brasil, em parceria com Luciane de Oliveira Machado¹⁶ intitulado: As consequências da pandemia de covid-19 na saúde da população negra, 2021. Neste artigo, o método utilizado foi uma análise documental com base nos Boletins Epidemiológicos da Covid-19 n. 18, 19, 20, 21, 22 e 23, produzidos pelo Ministério da Saúde, entre os meses de março a setembro de 2020, pois somente a partir destes que foram apresentados dados sobre raça/cor. Ao analisarmos os documentos observando o recorte racial, identificamos em detalhes os processos que desencadearam o avanço desproporcional dos óbitos entre pessoas negras, em comparação com as pessoas autodeclaradas brancas, no período.

No entanto, em se tratando de mortalidade por Covid-19 no mundo, há controvérsias, em função da coleta de dados ser difícil. A Organização Mundial de Saúde (OMS) estimou no dia 05 de maio de 2023, que a Covid-19 tenha deixado "pelo menos 20 milhões" de mortos¹⁷, praticamente o triplo do balanço oficial. A grande variedade de métodos de contagem e a sensibilidade política destas estatísticas tornam impossível saber o número de mortos. O

¹⁶ Mestre em Informática na Educação (IFRS), possui graduação em Pedagogia – habilitação Orientação Educacional – Universidades Integradas Ritter dos Reis, graduada em Língua Portuguesa pela Universidade Luterana do Brasil e Licenciada em Educação Física – Faculdade Leonardo da Vinci. Contato: luegil14@gmail.com.

¹⁷ Fonte: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2023/05/05/interna_internacional,1490390/a-dificil-coleta-de-dados-sobre-as-mortes-por-covid-no-mundo.shtml> acesso em 04 de out. de 2023.

número oficial de mortos pela Covid informado pela OMS até maio de 2023 era de 6,9 milhões, segundo seu site, que é atualizado continuamente. Mas os pesquisadores da agência de saúde das Nações Unidas explicam, em artigo publicado na revista "Nature" em dezembro, que os dados estão distantes da realidade. Por falta de infraestrutura de saúde, alguns países demoram muito mais do que outros para detectar o vírus e, portanto, notificá-lo como causa mortis. Os critérios também variam muito de um país para o outro. A OMS se baseou na medição do "excesso de mortalidade" para compensar a falta de dados confiáveis e comparáveis. O excesso de mortalidade é a diferença entre o número de mortes reais e o número estimado de mortes na ausência de uma pandemia.

A organização calculou que, apenas no período 2020-2021, quase 15 milhões de pessoas morreram no mundo de Covid ou de "outros problemas de saúde para as pessoas que não tiveram atendimento porque os sistemas sanitários estavam sobrecarregados devido à pandemia.". Em 05 de maio de 2023, o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, revisou para cima esta cifra, em entrevista coletiva. "Pelo menos 20 milhões" de pessoas haviam morrido desde o começo da pandemia (Estado de Minas – Internacional, 2023).

Como relação às formas de enfrentamento da pandemia na fronteira PP-PJC, no caso do governo do Paraguai adotou medidas restritivas, para evitar o contágio pela Covid-19, uma vez que não havia vacina, e depois as poucas doses que foram enviadas ao país eram insuficientes para imunizar toda a população paraguaia. Dada as características do governo do Paraguai as medidas de prevenção como: o distanciamento social e o uso de máscaras, assim como a proibição de trânsito por pessoas e mercadorias na linha internacional, foi respeitado. Em função das características do governo em que as decisões se deram de forma centralizada, no sentido de proceder ao fechamento das fronteiras para impedir a disseminação do vírus na população. Com a chegada de um volume cada vez maior de vacinas, a população foi imunizada e as normas de fechamento da fronteira foram progressivamente se flexibilizando, até que se reestabeleceram os fluxos comerciais na região, principalmente, na Linha Internacional. Desta forma a fronteira foi aberta integralmente, após a pandemia. O fluxo comercial e de pessoas se tornou cada vez mais frequente. As lojas voltaram a receber turistas e os serviços estão funcionando, após um período de restrições do trânsito na fronteira, causados pela pandemia.

A faixa de fronteira de PP-PJC tornou-se um campo de obras urbanas, nos últimos dois anos (2022-2023). Em conversa com representantes da área de engenharia da prefeitura de PP verificamos que os projetos que foram sendo implementados entre os anos de 2023 e 2024, foram fruto de uma política que está em desenvolvimento desde 2022, visto que os

governos tinham os programas de melhorias orçados, e que com o advento do Fundo Financeiro para Desenvolvimento da Bacia do Prata (FONPLATA) na região, puderam ser postos em prática nos últimos semestres. As obras vão desde a duplicação de avenidas, saneamento básico, pavimentação de ruas até a revitalização de prédios do patrimônio como o Castelinho da Brigada, que está sendo restaurado. E o prédio da Fundação de Cultura e Esportes de Ponta Porã - FUNCESPP, que foi a antiga estação ferroviária, também está sendo reformado.

O Quadro 8 lista os editais que estavam em implantação e que financiam as obras observadas em campo.

Quadro 8 - Editais das obras financiadas com o FONPLATA, 2022, 2023 e 2024.

| OBRAS EM PONTE PORÃ | ESTATUS | DATA DE TÉRMINO |
|---|----------------|--|
| Execução das obras de implantação do polígono da Linha Internacional do Município de Ponta Porã/ MS. | Encerrado | finalizado em 19/12/2022 |
| Execução dos serviços de revisão de projetos e supervisão de obras do Programa Fronteira do Futuro. | Encerrado | Finalizado em 16/12/2023 |
| Execução do serviço de auditoria externa independente do Programa de desenvolvimento de Faixa de Fronteira do Município de Ponta Porã - Fronteira do futuro Ponta Porã / MS, no município de Ponta Porã, referente aos exercícios de 2020, 2021 e 2022. | Encerrado | Finalizado em 30/07/2023 |
| Concorrência pública nacional (LPN) Nº 002/2020. Contratação de empresa para execução das obras de reforma e ampliação do Centro Cultural, em atendimento à solicitação da Unidade de Execução do Projeto - UEP - FONPLATA. | Encerrado. | Data da Publicação: 18/06/2020 Data da Abertura: 28/07/2020 Data da Prorrogação: 10/08/2020. |
| Licitação pública internacional (LPI) Nº 001/2022 – Implantação do Polígono da Linha Internacional. Execução das obras de Implantação do Polígono da Linha Internacional do Município de Ponta Porã. | Cancelado | Data da Publicação: 08/08/2022 Data da Abertura: 14/09/2022 Data da Prorrogação: 28/09/2022 |
| Execução dos serviços de supervisão técnica e ambiental. | Cancelado. | |
| Licitação pública internacional (LPI) Nº 001/2020 para execução das obras de requalificação de vias no perímetro urbano do município de Ponta Porã / MS. | Encerrado. | Data da Publicação: 10/09/2020 Data da Abertura: 19/01/2021 Data da Prorrogação: 09/03/2021. |

Fonte: Prefeitura de Ponta Porã. FONPLATA. Disponível em:
<<https://pontapora.ms.gov.br/v2/fonplata-editais/>> Acesso em 26 de set. 2023.
Elaboração: Janaína Teixeira, 2023.

As benfeitorias nesses equipamentos públicos, como o calçamento das ruas, saneamento e esgoto e ampliação das estradas são importantes, são providenciais. Pois além de dar visibilidade política ao gestor, trazem melhorias ao fluxo de mobilidade urbana e

benefícios sociais. Ainda que o que traria mudanças mais eficazes seria melhorias no sistema educacional, ainda muito deficitário, e ensino de história e cultura locais, para que os jovens se sintam motivados a permanecer e trabalhar em PP e não emigrar; como destacou o professor Yhulds Giovani Pereira Bueno, historiador e profundo conhecedor da trajetória de Ponta Porã. Percebemos ao longo dos últimos cinco anos (2019-2023) os efeitos de uma pandemia e dos processos que desencadearam convulsões sociais causados pelos diversionismos em contextos políticos e investidas da extrema direita sobre os direitos sociais e liberdades, as custas de tantas conquistas obtidas com lutas travadas pelos movimentos sociais. De fato, os neofascismos voltaram a assombrar uma conjuntura global de democracias fragilizadas, por ataques oriundos de revisionismo histórico e discursos de ódio, vastamente disseminados nas redes sociais e nas mídias de grande alcance, com alguns poucos nichos de resistência.

Na região de fronteira entre PP – PJC, por meio dos institutos de fomento como o Fundo Financeiro para Desenvolvimento da Bacia do Prata (FONPLATA), os projetos de infraestrutura e melhoramento da mobilidade, arruamento e demais obras de Ponta Porã que estavam estagnadas, estão sendo implementados. O que, de fato, também beneficia PJC, sua cidade gêmea, em termos de visibilidade local e na facilitação dos fluxos e trocas comerciais na região. Pois as praças de PP estão sendo revitalizadas, sem grandes intervenções na convivência dos comerciantes da Linha Internacional. Ainda que nos editais do FONPLATA constem datas de encerramento, as obras estão em fase de execução, e tem previsão de finalização, de acordo com a equipe da comissão de Engenharia de obras de PP, programada para o ano de 2024.

O contexto pandêmico prejudicou o desenvolvimento da pesquisa, pois parte considerável da proposta consistiu em uma dupla visada sobre essas paisagens transfronteiriças de PP-PJC. Seja nas investigações sobre as representações iconográficas; seja nas análises comparativas das imagens selecionadas no campo I e que previa um campo II em nosso cronograma. Este último prejudicado pelos fechamentos das fronteiras entre o ano 2020 e meados do ano de 2022. Além das obras para revitalização das praças no entorno da Linha Internacional do lado brasileiro, houve a inauguração do Centro Cultural Intendente Carlos Domingues do lado paraguaio, em 2020. A PTU está sendo remodelada graças aos projetos de implementação das obras de repavimentação das ruas e vias de acesso à Linha Internacional. O Castelinho da Brigada Militar está sendo reformado para dar lugar a um museu da história de Ponta Porã, com provisão para inauguração para final de 2024. Essas mudanças afetam

ainda que indiretamente a PTTC e a PTC, pois visa melhorar a experiência de estar na fronteira, tanto aos turistas, quanto para nesta vive seu dia a dia.

As cidades gêmeas¹⁸ são aquelas em que o território do município faz limite com o país vizinho e sua sede se localiza no limite internacional, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação com uma localidade do país vizinho. (NEIFRO, 2024). O conceito brasileiro de cidade gêmea designou desta forma o número de trinta e três cidades, em função de suas distinções de línguas e conexões com as cidades fronteiriças. Conforme uma portaria de 2014 que especifica como são e quais são as cidades gêmeas nacionais. De acordo com a portaria de 2016, uma atualização do documento de 2014 as cidades gêmeas são aquelas que são cortadas por linha de fronteira, articulada ou não por obras de infraestrutura, e que devem ter mais de dois mil habitantes. A regra que determina a o conceito de cidade gêmea não especifica necessariamente com qual país faz essa faz fronteira, sendo por isso um ato unilateral do Brasil. Em linhas gerais poucas modificações tendem a ocorrer nas interações entre as cidades gêmeas, pois essa legislação dentre outros regramentos urbanos, visa ao estímulo do livre comércio e da circulação de mercadorias e de serviços nas regiões fronteiriças.

¹⁸ Para se entender o conceito de cidade gêmea é importante ter a noção de zona de fronteira. Em linhas gerais, a zona de fronteira é composta pelas "faixas territoriais" de cada lado do limite internacional, caracterizadas por interações que, embora internacionais, criam um meio geográfico próprio de fronteira, só perceptível na escala local/regional das interações transfronteiriças. Disponível em: < <http://neifro.sepog.ro.gov.br/Conteudo/Exibir/43>>. Acesso em 01 de abr. 2024.

4 AS PAISAGENS DE PONTA PORÃ E DE PEDRO JUAN CABALLERO DE 1870 A 1900

Neste capítulo apresentamos uma breve análise do que foram os anos da Guerra do Paraguai dos conflitos que deixaram muito mortos e das consequências para o povo paraguaio e para os demais países participantes dos combates: Brasil, Uruguai e Argentina, além dos desdobramentos nas políticas internas de cada nação como a contribuição para o processo de impulsionamento da abolição de escravidão no Brasil, muito em função do descontentamento dos escravizados que lutaram por liberdade no exército brasileiro, nas frentes de batalhas. Esses, ao retornarem para o Brasil ainda viam seus compatriotas escravizados vivenciando um contexto de exploração na lógica do colonialismo. E destacamos uma análise sobre a participação das mulheres paraguaias na Guerra Guasú, como também ficou conhecido o conflito. Essas se tornaram um símbolo de resistência e memória dessa guerra sanguinária, que mudou a trajetória geopolítica do Paraguai. Além do que cada país envolvido ganhou ou perdeu nessa guerra em termos econômicos e territoriais.

4.1 DA GUERRA ÀS PAISAGENS FRONTEIRIÇAS

Uma breve história da Guerra do Paraguai para contextualizar a formação da memória viva da fronteira entre Paraguai e Brasil se faz necessária para compreendermos a construção do imaginário sócioterritorial dessa região. A grande guerra, a Guerra Guasú, a guerra da Tríplice Aliança ou a Guerra do Paraguai foi um dos grandes eventos bélicos no século XIX e o principal grande conflito entre nações sul-americanas no qual o Brasil se envolveu ao longo de sua história. Foi um conflito longo, de 1864 a 1870, e sangrento, que ceifou a vida de milhares de pessoas, entre brasileiros, argentinos, uruguaios e paraguaios (VAS, 2014). Em 02/12/1864 a cidade uruguaia de Paysandu é sitiada por terra e por água pelo exército do general uruguaio Venâncio Flores, com o apoio do governo argentino e do império do Brasil. Essa agressão significa a ruptura do equilíbrio regional na região da Bacia Platina, porque a Banda Oriental era a única garantia com que contava o Paraguai para a sua navegação exterior. A deflagração oficial da Guerra do Paraguai, em 1865, se deu em razão da interferência do Brasil na guerra civil do Uruguai, ajudando a derrotar os Blancos que eram aliados do governo paraguaio. Dessa forma, o Paraguai entrou na guerra; como já era um estado altamente militarizado, gerou uma desproporção, pois o exército paraguaio era muito

mais expressivo do que as demais nações envolvidas. Dessa forma, entraram na guerra Argentina e Uruguai, que não tinham tradição bélica e contavam com poucos soldados. Assim o Brasil precisou aumentar o seu exército, o que fez com que se endividasse com a Inglaterra, que emprestou dinheiro para implementar as tropas brasileiras. A Inglaterra lucrou financeiramente com a Guerra do Paraguai, ainda que não tenha contribuído diretamente para a sua deflagração. O Brasil passou a voluntariar homens para o conflito, em torno de 130 e 200 mil, inclusive escravizados. O governo do Brasil prometeu a liberdade aos escravizados, o que fez surgir um mal-estar institucional, pois assim que os soldados que recebiam a liberdade retornavam para as suas famílias, percebiam que o sistema escravocrata se mantinha inalterado, uma vez que seus familiares continuavam sob o jugo da escravidão. Isso gerou insatisfação nessa camada da população, pois, nesse caso, o exército se tornou uma instituição libertadora e pró-abolicionista.

Esse contexto social que se manifestava contrário à escravidão, fez com que mudasse a mentalidade dos soldados, produzindo um movimento pelo fim da guerra. Tais aspectos da guerra da Tríplice Aliança evidenciam o contraponto das relações de escravidão no Brasil, após o conflito, que será um dos estopins para a abolição da escravidão no Brasil.

Desta forma, marcadas por conflitos territoriais devido aos interesses do Brasil pela Bacia Platina, pois os rios eram importantes por suas rotas fluviais, ocorreram sucessivas batalhas no sentido de conter os ímpetus expansionistas do Paraguai e das suas tentativas de forçar uma saída para o mar. Há divergências sobre os motivos que originaram a Guerra do Paraguai, uma vez que o Estado paraguaio era marcado por um regime ditatorial, governado pelo General Francisco Solano Lopez. Contudo, havia uma boa relação entre Paraguai e Uruguai (governo Blanco) que cedia os rios para o transporte dos produtos do Paraguai, que não possui saída para o mar. Com a queda dos aliados uruguaios, o Paraguai sentiu-se ameaçado em seus interesses econômicos e geopolíticos, em função das disputas pelas rotas fluviais. Pois os rebeldes colorados no Uruguai eram apoiados pelo Brasil e a Argentina, causando insatisfação no governo paraguaio em virtude dos seus interesses comerciais.

De fato, a guerra ocorreu entre os anos de 1864 (início dos conflitos e 1865 deflagração oficial da guerra) e 1870, momento em que sobrevieram batalhas que se espalharam por territórios fronteiriços entre Paraguai, Uruguai, Brasil e Argentina. Como os conflitos iniciaram em 1864, pois o Uruguai entrou em uma guerra civil entre *Blancos* e colorados entram em disputa pelo poder, que teve intervenção arbitrária do Brasil na política interna de outro país. O Paraguai, que era aliado do partido dos *Blancos* em função de acordos comerciais, teve os seus aliados removidos do poder local. Assim, o Paraguai começou a

retaliar o Brasil, confiscando navios brasileiros. Um dos episódios mais marcantes fora o sequestro de um navio brasileiro onde estava o presidente da província do Mato Grosso, que foi preso e morreu seis semanas depois numa prisão paraguaia.

O Paraguai invadiu o estado do Mato Grosso, ao invés de acessar pelo Rio Grande do Sul, onde as tropas foram expulsas rapidamente, ao passo que no Mato Grosso as batalhas foram mais constantes e duradouras, como o Cerco de Dourados. Como o Paraguai tinha contratos que envolviam o transporte de seus produtos pelo mar, se utilizava das relações com o Uruguai, que ficaram interrompidos pela ascensão dos colorados. O Paraguai queria atacar o Rio Grande do Sul pela retaguarda, sem a permissão da Argentina, partiram para o confronto direto, forçando a passagem. O exército paraguaio invadiu o território argentino, deflagrando a Guerra da Tríplice Aliança entre Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai. Como o exército do Paraguai era mais expressivo, havia uma confiança na vitória. Contudo, não contaram com o suporte financeiro da Inglaterra para a implementação dos exércitos, com a convocação dos voluntários. O Brasil passa a vencer algumas batalhas como a Batalha do Riachuelo, fazendo o exército paraguaio colocar-se em posição de defesa. A batalha do Tuiuti, umas das mais sangrentas, marcou a saída do Duque de Caxias (patrono do exército), pois não viu mais sentido na guerra, abandonando-a, sendo sucedido pelo Conde d'Eu, marido da princesa Isabel. Um personagem emblemático foi Antônio João, um dos líderes dos primeiros ataques, esse liderou os 15 brasileiros que lutaram contra 300 paraguaios na batalha do Rio Dourados (ALADIM, 2020).

Após a ameaça do expansionismo paraguaio ser abrandada, com a retomada dos territórios perdidos, a guerra se resumiu a uma caçada a Solano Lopez, que foi capturado e morto na batalha de Cerro Corá. Durante o Segundo Reinado no Brasil imperou a ideia do desejo expansionista de Solano Lopez no Paraguai, também se cogitou os interesses da Inglaterra. Pois o Paraguai estava se desenvolvendo por causa do modelo de capitalismo que aplicava, contudo, seu desenvolvimento bélico e militar sobressaía. Durante algum tempo o Brasil esteve com as relações rompidas causada pela Questão Christie, que fez com que o Brasil rompesse politicamente com a Inglaterra em função do apoio inglês às leis contra a escravidão ou abolicionistas. Existem muitos fatores envolvidos no processo que deflagrou a Guerra do Paraguai. Atualmente chegou-se a um consenso de que a Guerra do Paraguai foi um resultado do processo de consolidação das nações que compõem a Bacia Platina, foi uma consequência dos processos de formação dos países que tinham conflitos iminentes, mas também dessas brigas territoriais. Em linhas gerais, todos tinham interesses e levariam alguma vantagem com a guerra.

Para Doratioto (2002), as causas da Guerra do Paraguai devem ser buscadas na política regional. A guerra foi um desdobramento previsível de uma política exterior "agressiva", que aproximou o Paraguai do Partido Blanco uruguaio, em detrimento dos interesses do Brasil e da Argentina. Fatores políticos internos desses dois países - a ascensão de um gabinete liberal no Brasil e a vitória de Mitre sobre Urquiza - favoreceram a aproximação, inusitada para a época, entre Brasil e Argentina. Não se trata de negar a influência exercida e os benefícios obtidos pela Grã-Bretanha durante o conflito, mas de retirar dos fatores do conflito "Os interesses imperialistas ingleses" (DORATIOTO, 2002). No final da guerra, o governo passou a recrutar meninos para lutar, além das perdas territoriais, perdas de homens, jovens, mulheres.

A Guerra do Paraguai encerrou-se definitivamente quando o ditador paraguaio Francisco Solano López foi morto por soldados brasileiros, na Batalha de Cerro Corá, travada em março de 1870. A guerra deixou um grande rastro de destruição no Paraguai e contribuiu para o endividamento do governo brasileiro, além de ter marcado o início da decadência da monarquia do Brasil. Como derrotado, o Paraguai amargou uma ocupação pelas tropas brasileiras até 1876 e perdeu territórios para Brasil e Argentina. O conflito que resultou na morte de cerca de 50 mil brasileiros, 18 mil argentinos e mais de 28 mil paraguaios (DORATIOTO, 2002). Grande parte das mortes foi causada por doenças que atingiram soldados e a população durante o conflito.

Identificamos elementos que nortearam a evolução da guerra como elementos de interesses geopolíticos, idealismos, e até mesmo traços de nacionalismos, os quais conduziram os rumos de toda a nação que esteve envolvida nessas batalhas sangrentas.

Entendemos que todos perderam em diferentes proporções. O Brasil passou por um desgaste político do imperador Don Pedro II, por insistir na captura e morte de Solano Lopez, mas integrou parte do território que hoje corresponde ao estado do Mato Grosso do Sul. A guerra terminou, pois não havia mais sentido, arrastou-se até a caçada e assassinato do Marechal Solano Lopez o que contribuiu para torná-lo um mártir. E assim teve fim. Consolidação definitiva do território nas fronteiras do Uruguai e na Argentina e o Brasil recuperou seus territórios.

De fato, o Paraguai foi penalizado com a perda de territórios e teve sua ambição de conseguir uma saída independente para o mar frustrada. Além de seguir sofrendo as consequências de sair de uma guerra dizimado, que reverberaram nas gerações que se seguiram, deixando marcas na existência e na memória coletiva de sua população. Com o fim da guerra, os territórios foram definidos entre Uruguai, Argentina e Brasil. A Guerra foi

perdida pelo Paraguai porque esse se desgastou pelo longo tempo, as sucessivas batalhas demandaram grandes gastos e investimentos de recursos, que ficaram escassos à medida que os anos se seguiam. Eram muitas as frentes de batalha, assim como os processos de ter de enfrentar três países vizinhos que, ainda que não tivessem tanto poderio de armamentos e de soldados, estavam dispostos a fragilizar o contingente paraguaio por meio dos ataques espaçados e bloqueando suas tentativas de acesso pelos dos rios navegáveis, que compartilhavam com Argentina e Uruguai.

Para o Paraguai, além das perdas humanas, houve grande perda material, já que a maior parte dos confrontos ocorreu em solo próprio. Argentina e Uruguai tiveram a consolidação definitiva das fronteiras de seus territórios, além de seus governos locais com a derrota dos federalistas na Argentina e com o fim dos embates entre *Blancos* e *Colorados* no Uruguai. O Brasil anexou uma parte do Paraguai e recuperou o estado do Mato Grosso. A questão da abolição gera uma contradição na política interna, que ainda preservava práticas escravistas. E na forma como o exército não é reconhecido e a participação política por parte do governo imperial. Tanto que o exército se torna republicano e em 1889 o exército proclamou a independência da república contra a monarquia por meio de um golpe.

As paisagens marcadas por fatos históricos e um sentimento de desconfiança em relação aos brasileiros, que se perpetuou nas relações fronteiriças. A Guerra do Paraguai faz parte da história recente da América Latina, por isso é muito comum que sempre que o Paraguai é tema de assuntos e pesquisas, a Grande Guerra é citada, como um elemento que remete a um conjunto de ideias pré-estabelecidas, que se consolidou sobre o país, o qual recaiu toda a culpa e assim como as penas pelo combate. Identificamos vieses de pesquisa distintos e abordagens que se modificaram ao longo dos anos. Na medida em que elementos inéditos emergiram das investigações iconográficas e documentos da época, deram novos rumos ao entendimento do que representou a Guerra do Paraguai em termos territoriais e socioculturais. Em um primeiro momento, se consolidou a ideia de que o motivo da guerra seria que a Grã-Bretanha, em seus interesses em manter relações exclusivas com o Paraguai, promoveu um cenário de animosidade entre os vizinhos. E teria insuflado um governo paraguaio, uma superpotência que despontava na América Latina, a desafiar a hegemonia regional. Contudo, pesquisas como as elaboradas por Francisco Doratioto (2002) demonstraram que Grã-Bretanha até se beneficiou do conflito, mas não teria contribuído diretamente para a conflagração da Guerra entre os países sul-americanos.

Em certo momento, esses estudos apontam que a potência europeia, tentou apaziguar a situação, mas não obteve êxito. Visto que os intentos imperialistas de Solano Lopez e seus

rompantes expansionistas ocasionaram um estremecimento nas relações geopolíticas locais e desencadearam na guerra.

O diplomata Edward Thornton, representante britânico na Argentina e Paraguai, escreveu ao chanceler paraguaio José Berges uma carta que comprova o desinteresse da Grã-Bretanha na eclosão de uma guerra entre o Paraguai e seus vizinhos. A disposição do representante britânico de colaborar para evitar o conflito entre Brasil e Paraguai é uma das muitas surpresas guardadas na obra do historiador Francisco Doratioto, que desfaz um dos maiores mitos a respeito da Guerra do Paraguai: o de uma guerra que teria sido provocada pelos interesses "imperialistas" britânicos. Construído inicialmente pelo revisionismo histórico paraguaio, a valorização da figura de Solano López chegou ao paroxismo no final dos anos 1960, quando intelectuais nacionalistas e de esquerda o elevaram à condição de líder anti-imperialista. Uma geração inteira de brasileiros concluiu seus estudos secundários e mesmo de nível superior acreditando que o Paraguai alcançou um bom nível de desenvolvimento após a independência, possuía um projeto autônomo e equilibrado de crescimento e que foi destruído pela Tríplice Aliança, por representar uma ameaça aos interesses ingleses na região. A Grã-Bretanha teria se utilizado do Brasil, da Argentina e do Uruguai para pôr fim ao projeto paraguaio (VIDIGAL, 2008, p. 197).

A Guerra do Paraguai ou Guerra da Tríplice Aliança tem um espaço muito relevante na memória da população paraguaia, pois os seus resultados deixaram marcas nas representações socioespaciais do país, além de aprofundar as desigualdades econômicas e a pobreza. As batalhas, ocorridas muitas dessas em solo paraguaio, fizeram desses territórios paisagens que remetem aos conflitos armados mais sangrentos da América do Sul. Além das baixas humanas, ressaltam-se as perdas materiais territoriais e de recursos naturais resultantes da dominação dos países vizinhos, além das perdas territoriais. Como o Paraguai foi derrotado e seu líder maior Marechal Solano Lopez foi assassinado, ficou na memória paraguaia a imagem de um herói que entregou sua vida em nome da libertação do país. Essa identidade heroica se cristalizou através de homenagens em nomes de ruas, avenidas, praças e monumentos ao grande representante da liderança na Guerra Guasú. Essa imagem se distingue ao pesquisarem-se os documentos, e ao observarmos a própria historiografia do governo ditatorial de Solano Lopez, que como estrategista iniciou a guerra em nome dos interesses econômicos e regionais e em busca de expansões dos negócios internacionais.

São versões dicotômicas que destacam as muitas possibilidades de interpretação da história, principalmente em função da ótica de quem faz a análise dos fatos de um evento complexo e desestabilizador como uma guerra. De acordo com ponto de vista adotado, são apresentadas distintas leituras discursivas, as quais nos provocam a reflexão com base em um contexto geopolítico e social, com a possibilidade de revisar ou revisitado a história a luz de novos documentos e interpretações. Essas interpretações que se correlacionam e com uma investigação desapaixionada da história que passa a servir como espaço para uma reflexão

atual sobre os desdobramentos da Guerra do Paraguai nos processos de regionalização e de territorialidade política e cultural.

Portanto, a Guerra da Tríplice Aliança teve relevante participação na formação da memória coletiva do povo paraguaio. Pois muitos dos confrontos mais violentos se deram no território do Paraguai, relacionando-o a existência e vivência de uma guerra em casa – em seu território. Nesse sentido, cada monumento erguido em saudação ao simbolismo dos heróis de guerra nas praças e parques, cada placa festiva em lembrança das batalhas, os lugares como o Cerro Corá e o local marcado como sendo onde foi encurralado e morto o Marechal Solano Lopez, são, até os dias atuais, pontos de visitação e espaço de ressignificação dos mais bárbaros e violentos episódios de confrontos entre vizinhos em nome das disputas territoriais e geopolíticas do século XIX. E assim as consequências da Guerra do Paraguai estão presentes no imaginário da população local e nas paisagens transfronteiriças. Seja sinalizando onde ocorreram batalhas, seja nas representações dos mártires e figuras históricas que fizeram parte da construção do idealizado nacionalismo paraguaio, como a Rua Antônio João localizada no Centro, Ponta Porã - MS, impressos nos livros e nos guias turísticos de ambas as cidades fronteiriças.

4.1.1 A Presença da mulher na Guerra do Paraguai

A memória coletiva da população paraguaia está permeada pelas reminiscências dessa guerra. Com país devastado por batalhas violentas, as mulheres foram alguns dos sobreviventes e se tornaram registros vivos desse período histórico. Ao longo da guerra as mulheres tiveram participação relevante, porém foram invisibilizadas e somente receberiam algum destaque, quando a imprensa usava a imagem da mulher como uma coadjuvante ‘prestadora de serviços’ aos homens durante as batalhas. Em sua grande maioria eram mulheres sem nome, nem sobrenome; retratadas de forma pejorativa, com forte cunho sexista e racista. De maneira a exaltar apenas algumas poucas representantes do universo feminino, em função de serem consideradas senhoras respeitáveis geralmente esposas ou filhas de ocupantes de cargos de alta patente do exército ou do governo. Ou mulheres comuns que ficaram conhecidas por seus atos de bravura e de abnegação, quase idealizadas na imagem de heroínas, pelos jornais locais.

Para Flores (2010, p.23), como em todas as guerras a mulher é a parte fraca. Para o homem a glória, para a mulher sempre restou a desconfiança, o medo, desconforto, estupros,

trabalhos pesados, fome e privações em todos os sentidos. E para aquelas mulheres sobreviventes ainda restaria o duro fardo de reconstrução do país pós-guerra.

Embora, majoritariamente, os homens se alistassem, as mulheres movidas pelo sentimento patriótico, aderiram como voluntárias de diversas maneiras: aprontando os filhos e enviando-os para o serviço militar, outras se incumbiram de bordar bandeiras nacionais e as ofereciam às tropas de voluntários que partiram para a luta, outras ainda serviram como enfermeiras nos "hospitais de sangue."¹⁹, locais improvisados sem higiene e com superlotação. Uma personagem feminina ganhou destaque nesse meio, Ana Néri, baiana e de elevado poder aquisitivo.²⁰ Como dois dos seus três filhos eram médicos, ela escreveu ao presidente da Província da Bahia para acompanhar os filhos na guerra e se ofereceu para trabalhar como enfermeira, por ter conhecimentos sobre ervas medicinais. Então o presidente, Manoel Pinto de Souza Dantas a contratou como enfermeira brasileira. Conforme Flores (2010), este pioneirismo a faria Matriarca da Enfermagem e precursora da Cruz Vermelha Brasileira.

Diversas mulheres também serviram ao país costurando os uniformes das tropas do Exército. Eram, em sua maioria, mulheres humildes que recebiam uma baixa remuneração para prover as peças dos uniformes e assim sustentar suas famílias. Importante ressaltar que essas costureiras tiveram grandes habilidades em improvisar quando a matéria-prima de confecção se tornou escassa. Essas estratégias contribuíram para sustentar os países durante o longo período do conflito. A participação feminina no maior conflito da América Latina teve, sem dúvida nenhuma, no período pós-guerra a sua importância minimizada e por vezes até negligenciada. Num cenário típico masculino "as mulheres foram banidas de estudos que possibilitam retirá-las de sua invisibilidade." (ORTOLAN, 2006). No entanto, as notícias da guerra que eram veiculadas pela imprensa buscavam retratá-las como guerreiras espartanas, fortes e destemidas.

De fato, a apropriação do feminino pela imprensa paraguaia, tinha como objetivo formar no imaginário dos paraguaios a figura da heroína, que deveria servir de exemplo de

¹⁹ Junto ao campo de batalha eram instalados os "hospitais de sangue", construções modestas, em sua maioria barracas ao ar livre, carentes de leitos, médicos, remédios, alimentos e higiene. FLORES, Hilda Agnes Hübner. Mulheres na Guerra do Paraguai. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p.50.

²⁰ Ana Néri, baiana de Cachoeira de Paraguaçu, nascida a 13 de dezembro de 1814, de família abonada. Seus pais, José Ferreira de Jesus e Luiza Maria das Virgens, batizaram-na com o nome da Ana Justina Ferreira. Aos 23 anos se casou com o oficial português, Capitão de Fragata Isidoro Antônio Néri. FLORES, Hilda Agnes Hübner. Mulheres na Guerra do Paraguai. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 53.

superação e bravura. No Paraguai recebeu destaque o jornal Cabichuí²¹, que divulgava informações sobre a Guerra e promovia ações patrióticas e de incentivo à participação popular. Além de reforçar estereótipos racistas, contra as mulheres e seus opositores.

No Brasil a imprensa também teve um papel de incentivo ao alistamento voluntário, mas ao contrário da imprensa paraguaia, que defendia a figura da mulher soldado²², predominou a defesa de que a mulher deveria ajudar na guerra exercendo as mesmas funções que realizavam em casa, permanecendo à sombra dos homens, tal pensamento retrata a forte imposição patriarcal da época²³. A participação das mulheres em suma, foi colocada em segundo plano, pois as figuras femininas ocupavam um lugar de subalternidade, plantando cozinhando, cuidando dos feridos, comercializando e até mesmo carregando a pé a carga das tropas e seus filhos; isto é, raramente na linha de frente dos combates, por isso sua presença caiu no esquecimento²⁴. Uma das revelações da historiografia sobre a participação das mulheres na Guerra do Paraguai trazem à tona as injustiças sofridas por essa parcela da população durante os conflitos²⁵.

De fato, as tropas paraguaias e as brasileiras registraram a presença das mulheres, tanto é que a historiografia contemporânea deu o nome de exército invisível. Composto por esposas, amantes, companheiras, mães e prostitutas, que somente teriam visibilidade se tivessem realizado algum ato de bravura, no entanto, quando muito citavam apenas o primeiro nome e usavam apelidos racistas para descrevê-las:

A preta Ana, mulher de um soldado, prevenira os cuidados da administração militar nesta obra caridosa. Colocada durante o combate no meio do quadrado 17º, ela se desvelara com todos os feridos, tirando ou rasgando das próprias roupas o que

²¹ Cabichuí, publicado em Paso Pucú e tendo alcançado a localidade de San Fernando, surge em 1967 e teve 97 edições. Nesse jornal redigido em espanhol e guarani, além das informações sobre a Guerra, reuniões patrióticas ou ações heroicas de homens e mulheres no país, difundia e satirizava os "negros" brasileiros e contra o "negrito" D. Pedro II. ORTOLAN, 2007, p. 19.

²² Sobre Jovita Feitosa, jovem brasileira de 17 anos, de família simples que cortou os cabelos e se apresentou ao Exército. Logo descoberta, virou notícia e sua história chegou aos jornais, dividindo opiniões. Jovita chegou à patente de sargenta (DOURADO, 2005, p.95-97).

²³ A ofensa mais grave à dignidade dos homens que se prezam e à daqueles que militarão é sem dúvida a presença da jovem Jovita Alves Feitosa nas fileiras do batalhão de voluntários do Piahy [...] a mulher poderá servir quando muito para formar um ou outro cartucho, um ou outro cantil de água [...] não poderá jamais lançar mão de um sabre a bater-se quando se apresentam as ocasiões 9MATOS, K. Jovita Feitosa, p.20 Apud DOURADO, p.97).

²⁴ As mulheres que foram vistas e mencionadas pelos memorialistas, que tiveram direitos a nomes e sobrenomes, destacavam-se individualmente por serem casadas com homens que pertenciam à elite imperial, como, por exemplo, Ana Néri, casada com o comandante do Distrito Militar do Baixo Paraguai e Dona Senhorinha, casada com Guia Lopes. DOURADO, 2005, p.17.

²⁵ Ao contrário do que pensamos, a presença feminina não se restringiu a uma minoria. Eram mulheres de várias nacionalidades, e estavam presentes durante todo o conflito. Apesar disso eram discriminadas e não recebiam determinados direitos, reservados apenas aos homens [...] formavam um contingente que não tinha direito a remédios, abrigo, cuidados e eram submetidas a violências simbólicas (explícitas e implícitas) MARIN, 2005 in DOURADO, 2005, p. 10.

faltava para os curativos ou ligaduras: proceder tanto mais digno de nota e de admiração quanto fora o da maioria das companheiras miserável. Escondidas quase todas sob as carretas, ali disputavam lugar com horrível tumulto (TAUNAY, 2011, p. 85).

Destarte, os registros de mulheres brasileiras na Guerra do Paraguai foram predominantemente marcados por mulheres invisíveis com raríssimas exceções e ainda com destaque às senhoras respeitáveis. Na história paraguaia os memorialistas colocam a presença das mulheres com maior amplitude, sendo em sua maioria divididas, conforme a historiografia, em dois grupos específicos: *residentas*²⁶ e *destinadas*²⁷.

A presença feminina foi amplamente estimulada e acolhida pelo governo paraguaio. Ao exaltar os feitos das mulheres paraguaias Solano López tinha dois objetivos, o primeiro era manter a tropa motivada e o segundo era difundir o menosprezo e temor ao inimigo ao ser preciso engajar as mulheres nos campos de batalha. Segundo PALHANO; SOUZA & MARIN (2016) entre as heroínas paraguaias podemos destacar *Francisca Cabrera*²⁸, *Barbara Alen* e *Dolores Caballero*²⁹. Os feitos dessas mulheres paraguaias eram noticiados na imprensa com diversas ofensas as tropas brasileiras, pois afirmavam a bravura das mulheres prontas para a batalha em detrimento aos "macacos" negros brasileiros.

A presença feminina na Guerra do Paraguai foi por muito tempo desconsiderada. Sua participação fora ofuscada pelos homens, que tiveram seus feitos eternizados, pelos memorialistas da época. Na maioria das obras podemos notar de forma velada algumas mulheres sendo mencionadas, mas somente na contemporaneidade foram apresentados trabalhos e pesquisas focadas no esforço destas mulheres nas frentes de batalha.

²⁶ As *residentas* eram mulheres sobre as quais não recaíam acusações de traição. Suas famílias não estavam vinculadas às conspirações contra o presidente Solano Lopez. Acompanhavam o exército como auxiliares, cuidando dos feridos e executando as tarefas que lhes fossem dadas, inclusive o de acompanhar o trabalho das *destinadas*. ZAMBONI, V. As mulheres paraguaias na guerra entre a Tríplice Aliança e Paraguai: A flexibilização das fronteiras de gênero (1868-1870), p. 1198.

²⁷ As *destinadas* eram mulheres paraguaias cujos membros da família ou até elas, de forma direta foram acusadas de traição contra Solano Lopez e o país. Eram tratadas como prisioneiras, e realizavam os trabalhos mais pesados necessários à manutenção do exército paraguaio. ZAMBONI, V. As mulheres paraguaias na guerra entre a Tríplice Aliança e Paraguai: A flexibilização das fronteiras de gênero (1868-1870), p.1198.

²⁸ O *Cabichuí*, periódico paraguaio, anunciou o ato de heroísmo de D. Francisca Cabrera: que ao notar que os soldados brasileiros estavam próximos, se escondeu no mato com seus quatro filhos pequenos. Para se defender possuía apenas uma faca e falou para o seu filho mais velho que, se caísse em mãos inimigas, deveria continuar lutando. CABICHUÍ, 12 de agosto de 1867, ano 1, p.4 Apud ORTOLAN, 2006, p. 91.

²⁹ O mesmo *Cabichuí* relatou a aventura de ambas as mulheres no momento em que "limpavam o suor do rosto e cuidavam do gado", foram atacadas por um monstruoso jaguar. Mataram-no apenas com uma faca, um cinto e um pedaço de pau, oferecendo a pele do animal ao Marechal Solano López. CABICHUÍ, 22 de junho de 1868, ano 2, n. 91, p.3-4 Apud ORTOLAN, 2006, p. 91.

A presença da mulher na guerra foi frequente para incentivar o patriotismo e para manter as tropas animadas. Como exemplo, temos a idealização da mulher pelos jornais que cobriam os eventos da guerra, ao exaltar a sua coragem por meio de imagens que mexiam com o imaginário local. Ainda assim, foram poucas as mulheres que tiveram seus nomes mencionados, sendo utilizados termos depreciativos e racistas. Tendo suas vozes silenciadas no pós-guerra, pois não eram consideradas relevantes. Portanto, sobrou para as mulheres o papel de reconstruir o país, em função do grande número de mortos, majoritariamente de homens, foi incumbido a elas povoar as terras devastadas e retornar para as tarefas domésticas. Nesse sentido, a participação da mulher na Guerra foi muito mais ampla e significativa do que o contexto sócio-histórico nos permitiu alcançar, por meio dos registros e memoriais de época. Esse contexto promoveu o apagamento da presença feminina, como escolha de uma sociedade patriarcal, marcada pelo preconceito contra as mulheres, apesar dos inúmeros atos de coragem e superação destas poucas representantes durante a Guerra Guasú. No próximo item apresentamos as paisagens de PP – PJC no período de 1870 e 1900, que ainda detém os resquícios do pós-guerra e o avanço da produção ervateira na região, que teve grande relevância para alavancar a economia local e como forma de colocar PP-PJC no cenário das grandes produtoras e comercializadoras de erva mate na América Latina.

4.1.2 As paisagens de Ponta Porã e de Pedro Juan Caballero de 1870 a 1900

Ao refletirmos sobre a constituição das paisagens fronteiriças, nos damos conta de que todos os espaços que passam por um processo de territorialização suportam as consequências de uma desterritorialização, simultaneamente, e tornam a se reestruturar territorialmente. Uma vez que tanto os lugares quanto as suas referências históricas apresentam as características do que foi seu papel, sua função social. O objetivo principal desta pesquisa é analisar as transformações das paisagens fronteiriças entre Pedro Juan Caballero (PY) e Ponta Porã (BR) a partir do olhar da *outsider*, de alguém que não se autoidentifica com o ‘ser fronteiriço’, mas, sente-se implicado (a) ao processo de entender como se dão as mudanças a partir das funções, formas, dinâmicas e estrutura imersa no contexto da fronteira, com todas as suas complexidades. É papel do geógrafo que se propõem a explicar tais relações. No trabalho de campo, percebemos que estar numa região de trânsito e de trocas comerciais e culturais imbricadas nos coloca em contraposição ao processo de acomodação e resistência ao estranho, independentemente da condição do observador, seja esse o (a) forasteiro (a).

Ao pensarmos em mecanismos de investigação sobre as paisagens fronteiriças, percebemos que o processo de transformação envolve uma série de eventos com base nas mais diversas motivações de caráter econômico, político e social e, sobretudo, territorial – enquanto sinônimo de poder instituído – assim as fronteiras sempre foram e ainda são percebidas como cenários de disputas, conflitos e contestações históricas. E a fronteira entre Brasil e o Paraguai não é diferente; pois sua configuração surgiu a partir de necessidades econômicas de sobrevivência mútua, uma vez que os povoados se aproximaram ao longo das décadas por interesses comerciais em comum e logo entrecruzaram as existências ao tornarem-se parte uma fronteira interconectada.

A fundação dos pequenos povoados vizinhos desencadeou uma existência em clima de tensão e de interdependência, dada a sua condição fronteiriça, suas fragilidades e potenciais competitivos frente ao vizinho. Os arquivos históricos chamam a atenção pelos depoimentos dos primeiros moradores, articuladores políticos e econômicos, que relataram as dificuldades de se fazerem presentes e permanecerem nessa região, dada a precariedade dos recursos técnicos disponíveis. Esse olhar para o outro território fez com que, ao longo do tempo, tanto em Pedro Juan Caballero, quanto em Ponta Porã se naturalizasse o fato de esta proximidade ser causa e consequência de uma vivência de transfronteiridades.

Alguns aspectos identitários são fortemente notáveis como os distintos idiomas (guarani, espanhol e português), que são falados em ambos os lados da fronteira (mais constantemente no lado paraguaio e por paraguaios, por questões de interesses nas trocas comerciais), dadas as relações de parentesco e casamentos internacionais muito comuns na região. Todavia, persiste a sensação de desconfiança entre paraguaios e brasileiros em virtude das reminiscências da Guerra Guasú (a Grande Guerra) dos avanços das fronteiras agrícolas sobre as terras dos camponeses e dos povos originários nas bordas do Paraguai, por parte dos pequenos e médios produtores agrícolas brasileiros, nas últimas três décadas, fez acirrar-se essa tensão, que une passado e presente em torno dos limites territoriais, poder de mando/decisão e interesses políticos e comerciais.

Essa ocupação ou invasão dos solos paraguaios ao sul do país e os novos usos comerciais na fronteira norte, são elementos que fazem emergir ressentimentos e desconfortos entre os vizinhos paraguaios e brasileiros, estes últimos interpretados, muitas vezes, como desonestos, aproveitadores e saqueadores das terras alheias. Ao passo que paira sobre a identidade paraguaia o preconceito, a discriminação e o estranhamento do outro, que é tão próximo e que carrega uma trajetória de vida com signos e símbolos muito diferentes dos brasileiros.

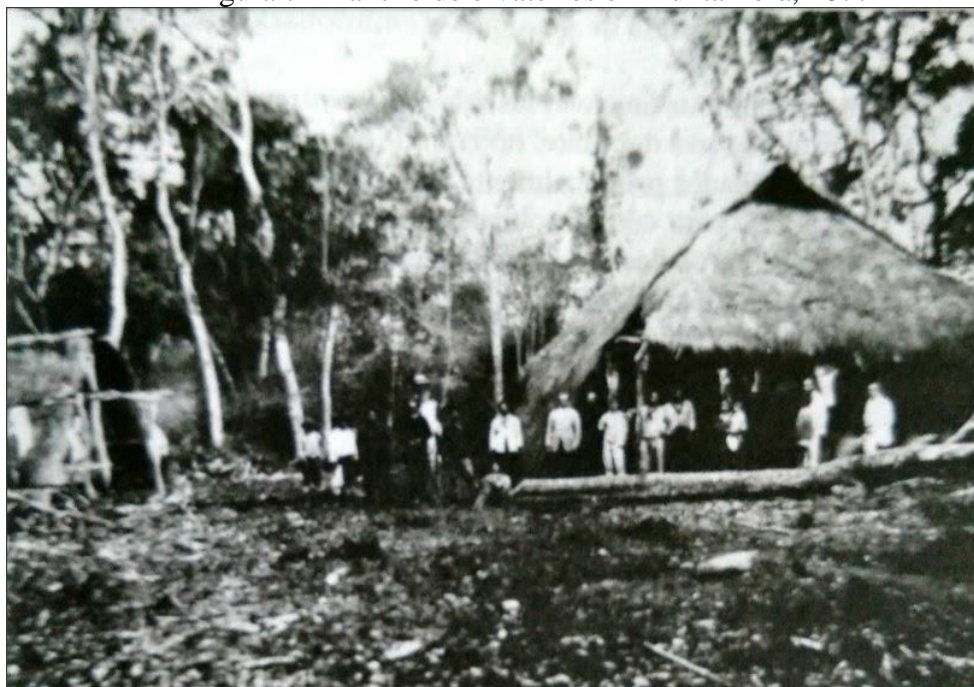
Nesse sentido, a ideia de que na fronteira existe um trilinguismo corrente, de que todos falam três idiomas é algo um pouco equivocado, pois muitos brasileiros não falam espanhol. E da mesma forma muitos paraguaios não falam português, nem mesmo o espanhol. Visto que a língua materna é o guarani. Ao passo que, na região de fronteira o português é muito difundido, pois os turistas e consumidores são principalmente brasileiros. Como estratégia de atrair os compradores, os vendedores falam o português, assim como os vendedores ambulantes transitam bem entre o português e o espanhol em função das estreitas relações comerciais. Enquanto os brasileiros resistem em falar o espanhol, porque não entendem ou creem que é difícil de aprender. O idioma português para os paraguaios é uma ferramenta de trânsito entre os territórios no tocante às relações internacionais e de comércio transfronteiriço.

Bueno (2019) analisa a implementação do Programa Escolas Interculturais de Fronteiras (PEIF) e aponta que se trata de uma política específica para a região de fronteira buscou na formação de professores, os meios de solidificar a integração regional no âmbito do Mercosul. Enquanto proposta de formação intercultural de professores buscando a construção da identidade fronteiriça e a valorização das diferenças. Em suas considerações finais Bueno, 2019 destaca que o PEIF foi descontinuado, pois o governo ainda carece de empenho em buscar políticas públicas de ensino efetivamente integradas regionalmente;

Arrisca-se pontuar que a fronteira, por ser um espaço peculiar, apresenta de um lado um país, no caso o Paraguai, com sua cultura e histórico bilíngue (espanhol e Guarani) assegurado em lei, e por outro lado o Brasil, com suas limitações linguísticas, de país monolíngue, e essas duas realidades distintas se unem por uma fronteira seca, onde apenas uma rua separa os dois países. Nesse sentido, a descontinuidade do PEIF como uma política supranacional denota a falta de preocupação dos países envolvidos com o processo de integração regional (BUENO, 2019, p.1713).

Então percebemos que a ideia de um trilinguismo pleno é uma falácia, visto que está restrito a determinados setores da vida na fronteira e não acompanha a real necessidade de integração ou implementação de políticas supranacionais que visa ao combate às desigualdades sociais. Um marco do processo de economia local na região foi a produção de erva mate que ao longo de muito tempo foi fator determinante para os assentamentos e instalações de trabalhadores nesse setor. Ainda que de forma incipiente, os primeiros trabalhadores começaram a se fixar na região por meio de seus ranchos ervateiros que produziam e exportavam para todos os países vizinhos. Como na figura 7, podemos ver as primeiras instalações produtoras de erva-mate em Punta Porã (atual Pedro Juan Caballero - PY).

Figura 7 - Rancho de ervateiros em Punta Porã, 1877³⁰



Fonte: Benítez, 2019.

Na década de 1880 surgiu o primeiro povoado espontâneo fundado por José Tápia Ortiz, que vem a ser considerado o fundador de Punta Porã (nome antigo de Pedro Juan Caballero (PY)), iniciado com uma casa de câmbio. O comércio ganhou força em 1898 por causa do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Paraguai, assinado em 1872, renovado em 1883 e expirado em 1898.

Em janeiro de 1872 o Brasil e o Paraguai assinaram 4 tratados: um de paz, outro de limites, um terceiro de extradição e finalmente o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, assinado em Assunção em 18 de janeiro de 1872. Seu conteúdo era o usual em tal espécie de tratados, regulando práticas comerciais, os direitos dos cidadãos, e atuação de agentes consulares etc. O tratado de livre comércio limitava-se aos produtos "do solo e da indústria" de cada um dos lados da fronteira - tal estipulação visada favorecer a reconstrução tanto de Mato Grosso como do Paraguai, que haviam sido devastados durante a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). No período considerado, embora tenha sido significativo o contrabando (favorecido pela permeabilidade das fronteiras), assim como o comércio de gêneros de terceiros

³⁰ Rancho yerbatero en la zona de Punta Porã, principios del siglo XX. Se observa a la izquierda uno de los cobertizos utilizado como morada de los trabajadores y el rancho donde las bolsas de yerba aguardan en momento de ser transportadas. Entre los presentes algunos caballeros bien trajeados, son los dueños del yerbal, también aparecen menores y una pobre mujer con un niño en los brazos, compañera del infortunio del "minero" (CENPA), (BENÍTEZ, 2019).

países (introduzidos em Mato Grosso a partir do Paraguai), os gêneros de produção local foram efetivamente negociados nos termos dos tratados, de modo a beneficiar as duas partes. (QUEIRÓZ, p.01, 2017).

Uma das principais características desse tratado era o que vinha exposto no artigo 15:

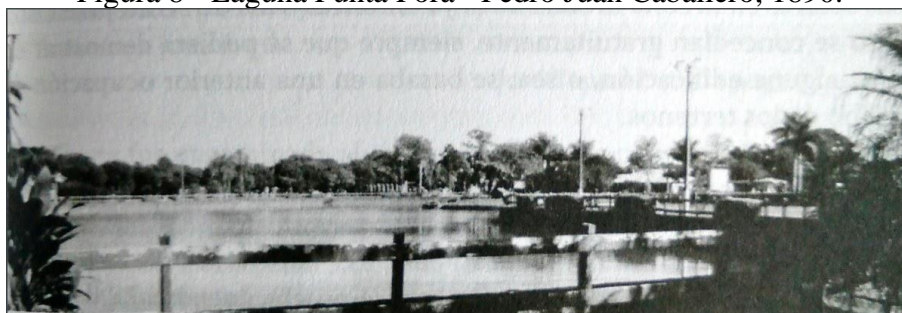
Com fim de aproveitarem os elementos especiais que, para o desenvolvimento do comércio e da indústria dos dois Estados, oferecem as circunstâncias da vizinhança de seus territórios e da facilidade das comunicações entre eles, convêm as altas partes contratantes em que **serão isentos de todos e quaisquer direitos de importação os produtos do solo e da indústria do Paraguai que forem introduzidos diretamente na Província de Mato Grosso** pelos portos do seu litoral e portos da fronteira terrestre habilitados para o comércio estrangeiro, e **reciprocamente os produtos do solo e da indústria da Província de Mato Grosso que forem introduzidos diretamente no Paraguai** pelos portos do seu litoral e portos da fronteira terrestre habilitados para o comércio estrangeiro (cf. o texto do tratado publicado pelo Decreto nº 4.913, de 27/03/1972, que o promulgou, destaques do autor). (QUEIRÓZ, 2017, p.03).

Caracterizava-se como um dos únicos tratados que apresentaram tais cláusulas comerciais em termos de acordos internacionais entre países da América Latina e o Brasil no século XIX. Segundo Queiroz (2017), houve proposta semelhante em um tratado entre Brasil e Bolívia em 1887, mas que não chegou a vigorar. No entanto, o dirigente das produtoras Erva Mate Industrial reclama de concorrência desleal com os empresários ervateiros do Mato Grosso, que não pagavam impostos, como a Companhia Mate Laranjeira, ao transitarem com suas carretas pelos territórios paraguaios, para a negociação com os países vizinhos. Com o fim do tratado econômico, em 1890, surgiu o comércio clandestino, pois os produtos vindos da Europa não podiam passar para o lado brasileiro sem pagar impostos, mas graças à porosidade da fronteira e aos interesses dos participantes dos negócios ilícitos, passavam pelos caminhos não monitorados.

Assim as pessoas se deslocavam até *Punta Porã* [Pedro Juan Caballero] para comprar os produtos importados. Nesse sentido, não podemos afirmar que os ervateiros tenham, de fato, contribuído para a fundação da cidade, pois estes possuíam concessões para exploração das terras por 10 anos, logo se beneficiaram da política de terras vazias, e a forma como se davam as relações de trabalho e as negociações de erva-mate não garantiam a possibilidade de criar um povoado, propriamente dito. Tanto que, quando começaram a chegar os primeiros gaúchos houve um grande descontentamento por parte dos ervateiros estrangeiros, que produziam em terras concedidas pelo governo. Como a produção era feita por trabalho não assalariado, alguns em situação de escravidão por dívida, não havia contingente populacional para fundar um povoado, nem mesmo estabilidade naquele contexto de cultura e comércio da erva-mate direcionada para a exportação.

Com a derrota total, o Paraguai aceitou as conformações territoriais estabelecidas pelo tratado da Tríplice Aliança em relação às fronteiras com o Brasil. Em 1874 ficam reabertos os caminhos mais próximos para o abastecimento entre o norte e o sul do Paraguai. Todo o escoamento era feito pela cidade de Concepción, por meio do porto. Esse se tornou ponto de entrada dos produtos, muitos trânsitos comerciais, de produtos vindos da Europa e norte-americanos e por onde se fazia o fluxo ervateiro, pois não havia caminhos naquela época em direção ao Paraguai. Na sequência temos a figura 9 que retrata um grupo de trabalhadores das ervateiras denominadas de matulas, “Transportista del San Pedrano Ramírez en la “matula””. A Laguna de Punta Porã, na figura 8 fora convertida em local de pouso, por tratar-se de uma das rotas ervateiras, considerada uma área conveniente para descansar antes de seguir para o Mato Grosso temos esta fotografia da Laguna Punta Porã (PJC):

Figura 8 - Laguna Punta Porã - Pedro Juan Caballero, 1890.



Fonte: Benítez³¹, 2019.

³¹ Un sector de la Laguna Punta Porã, urbanizada en 1996 en gobierno Municipal de don Eusebio Filemón Valdez, es sin dudas el lugar histórico más emblemático de la Ciudad, a 700 metros al Nor Oeste de ella fue edificada por don José Tápias Ortiz la casa que dio origen a la capital del Amambay, esa edificación por su localización era la primera a ser avistada por el viajero que llegaba a Punta Porã por el paso de Bella Vista, bordeando la frontera (BENÍTEZ, 2019). En esta imagen captada en la década de 1890, detenidos a la vera del camino entre Concepción de Punta Porã destino al Mato Grosso en el momento de compartir la “matula”. Eran los años de labor de transportista del San Pedrano Ramírez que gracias a la pluma de su sobrino Natalicio Olmedo se llevó el mérito de fundador que no le corresponde (Colección Guerrero Gracia) (BENITEZ, 2019 p. 186).

Figura 9 - Transportista del San Pedrano Ramírez en la “matula”, 1890.



Fonte: Benítez³², 2019.

Em primeiro de dezembro de 1899 foi criada uma comissaria, em Punta Porã que firmou a presença oficial do Estado após a Guerra, instituindo um território paraguaio. A empresa ervateira que tinha o monopólio denunciou a produção de forma clandestina da ervamate, como meio de assegurar seu poderio e combater a concorrência local.

Uma grande contribuição para a análise documental desse período nos foi disponibilizada pelo professor Yhulds Bueno, que dedicou mais de dez anos de pesquisa para

³² En esta imagen captada en la década de 1890, detenidos a la vera del camino entre Concepción de Punta Porã destino al Mato Grosso en el momento de compartir la “matula”, que é farnel, alforje com comida para viagem. Eran los años de labor de transportista del San Pedrano Ramírez que gracias a la pluma de su sobrino Natalicio Olmedo se llevó el mérito de fundador que no le corresponde (Colección Guerrero Gracia) (BENITEZ, 2019 p. 186).

refazer os caminhos os quais resultaram na constituição historiográfica de Ponta Porã (BR). Tanto conversando com professor Sacha sobre a fundação de Pedro Juan Caballero (PY), quanto ao reler os materiais disponibilizados pelo professor Yhulds, percebem-se as semelhanças nas trajetórias, nas formas como são relacionados os vilarejos de mesmo nome: Punta Porã (PY) e Ponta Porã (BR), essas que fazem a descrição de um tempo em que tudo era desconhecido, muitas famílias se deslocavam em busca de um lugar melhor para se estabelecer e produzirem por meio de seu trabalho.

Destaca-se que a história de Ponta Porã é marcada pela necessidade de ser reconhecida como município, de estar consolidada como parte legítima do território nacional. Isso se evidencia pela busca de um marco fundador, o que teve sua consagração quando militares se estabeleceram nestas regiões. O que antes era posto como ponto de observação ou controle dos limites e fronteiras, aos poucos se tornou símbolo de interação internacional, no local. Interessante é a forma como esses eventos são descritos e apresentados com um olhar histórico espacializado nesse contexto de paisagem fronteiriça. Os avanços sobre terras devolutas, as carências que marcam o processo de desbravamento e urbanização se fazem presentes, também na fronteira com todas as suas transformações socioespaciais (encantos e desencantos). Entende-se essa construção sociológica e histórica como elemento importante para compreensão desta paisagem de fronteira, partindo do entendimento de Verdum (2016), sobre esses processos de concepção da paisagem:

A abordagem fenomenológica significa constantes desafios para os estudos da paisagem: compreendê-las enquanto imaginação e enquanto representação social. Enquanto imaginação, a paisagem se constrói visualmente, mas não necessariamente se atendo a um processo ótico. A transformação da paisagem em imagem se dá em processos de representação social, que podem ser expressos em narrativas, na literatura, na música, na fotografia, na pintura, no cinema e em tantas outras formas. As ações de perceber e representar a paisagem passam por valores estéticos, plásticos e emocionais em relação ao meio. E interpretar essas imagens e representações pressupõe a compreensão de uma determinada matriz cultural (VERDUM, 2016, p.133).

Em entrevista com o professor Sacha Aníbal, historiador e pesquisador em Pedro Juan Caballero, este destaca que as transformações na paisagem urbana foram muito grandes na região de fronteira, por esse motivo tem-se muito pouco patrimônio histórico preservado em função do avanço da alta especulação imobiliária, uma vez que muitas casas em madeira que faziam parte do catálogo historiográfico foram demolidas. Destaca-se o fato de a fronteira ser seca, com um livre trânsito (pessoas, mercadorias, serviços), e que existe um sentimento de que “a fronteira não nos separa, mas sim nos une” (Cardona Benítez, 2019). Ainda que exista,

como o professor comenta “uma capa de verniz sobre as relações” em que paira uma série de preconceitos de parte a parte. Nas classes mais populares têm-se como língua materna o guarani e depois o português em virtude da proximidade com o país vizinho, pelo comércio e por último o espanhol, que assim como o guarani são idiomas oficiais no país.

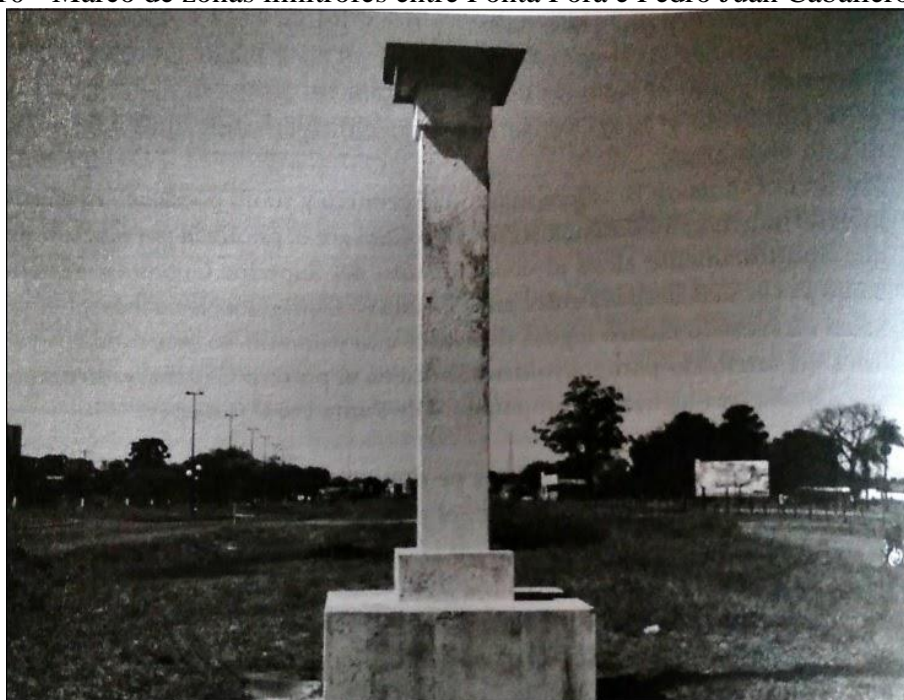
No que tange à infraestrutura, Pedro Juan Caballero era menos desenvolvida em comparação à Ponta Porã. Percebia ao se observar as ruas que eram esburacadas, ao passo que Ponta Porã era mais conservada. Com o florescimento do comércio em Ponta Porã com a chegada das linhas ferroviárias³³ em 1950, teve como principal consequência a queda dos fluxos comerciais em Pedro Juan Caballero.

Ao analisarmos o processo histórico e socioeconômico que constituíram as bases das fundações das duas cidades, lembramos a figura do campesinato pobre e despossuído que viajou longos e tortuosos caminhos com sua família para as regiões das bordas do Paraguai. As distâncias antigamente eram quase intransponíveis, percursos que levavam dias até se alcançar um povoado. Nesse sentido, essa realidade está registrada em arquivos históricos do período das fundações dos povoados que antes eram pontos de paragem para o descanso do gado e dos viajantes. Como rapidamente se tornou ponto estratégico para as paradas para reabastecimento e repouso, logo ganhou status de povoado, e sede de distrito, até que se reivindicasse, dado o número de habitantes distribuídos, categoria de cidade, de acordo com a legislação regional.

O povoamento e a ocupação dessa região estiveram relacionados com disputas e conflitos em torno da posse de terras cujas conotações extrapolam as esferas política, social e econômica. Tanto a Guerra do Paraguai como a posterior exploração da erva-mate, correspondem a acontecimentos que foram preponderantes para a definição dos aspectos socioeconômicos de ambas as cidades (LAMBERTI, 2006). Esses registros nos dão uma boa representação do início de um processo de urbanização, de trânsito da paisagem de fronteira. Na sequência, fotografia da Figura 10 um dos marcos que registraram as primeiras demarcações impostas pelo tratado de 1872.

³³ A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB) era uma companhia ferroviária brasileira que operava uma rede ferroviária de bitola métrica (um metro de distância entre os trilhos) com extensão de 1622 quilômetros, construída na primeira metade do século XX. Sua linha-tronco vai de Bauru até Corumbá, na divisa com a Bolívia, onde faz integração com a rede ferroviária boliviana até Santa Cruz de la Sierra. Possui um ramal da estação Indubrasil, em Campo Grande a Ponta Porã, na divisa com o Paraguai, e outro de Corumbá ao porto de Ladário. Disponível em: <<https://www.pontaporaemdia.com.br/noticia/6899/linha-ferrea-de-ponta-pora-e-de-1950>>. Acesso em 19 de nov de 2022.

Figura 10 - Marco de zonas limítrofes entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, 1872.



Fonte: Benítez, 2019.

Formação Administrativa de Ponta Porã: foi um distrito criado, com a denominação de Ponta Porã, pela Resolução Estadual n.º 255, de 10-04-1900, subordinado ao município de Nioac. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911 o distrito de Ponta Porã figura no município de Nioac. Elevado à categoria de município com a denominação Ponta Porã, pela Resolução Estadual n.º 617, de 18-07-1912, sendo desmembrado do município de Nioac. Sede no antigo distrito de Ponta Porã. Constituído do distrito sede. Instalado em 25-03-1913. Pela Lei n.º 658, de 15-06-1914, é criado o distrito de Dourados e anexado ao município de Ponta Porã. Nos quadros de apuração do recenseamento geral de 1-IX-1920 o município aparece constituído de 3 distritos: Ponta Porã, Dourados e Nhuverá. Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937 o município aparece constituído de 6 distritos: Ponta Porã, Antonio João, Cabeceira do Apa, Carapé, Lagunita e Paranhos. Pelo Decreto-lei Estadual n.º 208, de 26-10-1938, é criado o distrito de Patrimônio União e anexado ao município de Ponta Porã. No quadro fixado para vigorar no período de 1949 a 1943 o município é constituído de 6 distritos: Ponta Porã, Antonio João, Cabeceira do Apa, Carapós, Lagunita e Patrimônio União. Pelo Decreto-lei Federal n.º 5.812, de 13-09-1943, foram criados 5 territórios federais, entre os quais o de Ponta Porã. No quadro fixado para vigorar no período de 1949 a 1943 o território federal de Ponta Porã é constituído de 6 distritos: Ponta Porã, Antonio João, Cabeceira do Apa, Carapós, Lagunita e Patrimônio União. Pelo Decreto-lei Federal n.º 9.055, de 12-03-1946, é criado o distrito de Iguatemi, com terras desmembradas dos distritos de Amambai e Antônio João, e anexado ao município de Ponta Porã. O mesmo Decreto altera a denominação do distrito Patrimônio União para Amambai. E, ainda, cria o distrito de Bocajá, anexando-o ao município de Ponta Porã. Por Ato da disposição constitucional transitória promulgado, a 18-09-1946, foi extinto o território de Ponta Porã, voltando à categoria de município do Estado de Mato Grosso. Pela Lei n.º 131, de 28-09-1948, são desmembrados do município de Ponta Porã os distritos de Amambai e Antonio João, para constituírem o novo município Amambai. Pela Lei Estadual n.º 135, de 30-09-1949, é criado o distrito de Eugenio Penso, com terras desmembradas do distrito de Cabeceira do Apa, e anexado ao município de Ponta Porã. Em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o município aparece constituído de 4 distritos: Ponta Porã, Bocajá, Cabeceira do Apa e Eugênio Penso. Pela Lei Estadual n.º 702,

de 15-12-1953, é criado o distrito de Rio Verde do Sul e anexado ao município de Ponta Porã. Pela Lei Estadual n.º 370, de 31-07-1954, o distrito de Iguatemi foi transferido do de Ponta Porã para o município de Amambaí. Em divisão territorial datada de 1-VII-1955 o município aparece constituído de 5 distritos: Ponta Porã, Bocajá, Cabeceira do Apa, Eugenio Penso e Rio Verde do Sul. Pela Lei Estadual n.º 1.121, de 17-10-1958, é criado o distrito de Sanga Puitã e anexado ao município de Ponta Porã. Pela Lei Estadual n.º 1.163, de 20-11-1958, é criado o distrito de Laguna Carapã e anexado ao município de Ponta Porã. Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município aparece constituído de 7 distritos: Ponta Porã, Bocajá, Cabeceira do Apa, Eugenio Penso, Laguna Carapã, Rio Verde do Sul e Sanga Puitã. Pela Lei Estadual n.º 2.142, de 18-03-1964, é desmembrado do município de Ponta Porã o distrito de Eugênio Penso, elevado à categoria de município. Em divisão territorial datada de 31-XII-1968 o município é constituído de 6 distritos: Ponta Porã, Bocajá, Cabeceira do Apa, Laguna Carapã, Rio Verde do Sul e Sanga Puitã. Pela Lei Estadual n.º 3.686, de 13-05-1976, é desmembrado do município de Ponta Porã o distrito de Rio Verde do Sul. Elevado à categoria de município com a denominação Aral Moreira. Em divisão territorial datada de 1-I-1979 o município é constituído de 5 distritos: Ponta Porã, Bocajá, Cabeceira do Apa, Laguna Carapã e Sanga Puitã. Pela Lei Estadual n.º 78, de 12-05-1980, o distrito de Bocajá foi transferido do município de Ponta Porã, para constituírem o novo município de Douadina. Em divisão territorial datada de 1988 o município é constituído de 4 distritos: Ponta Porã, Cabeceira do Apa, Laguna Carapã e Sanga Puitã. Pela Lei Estadual n.º 1.261, de 22-04-1992, é desmembrado do município de Ponta Porã o distrito de Laguna Carapã, elevado à categoria de município. Em divisão territorial datada de 1995, o município é constituído de 3 distritos: Ponta Porã, Cabeceira do Apa e Sanga Puitã. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2014. Fonte: Ponta Porã (MS). Prefeitura. 2015. Disponível em: <http://www.pontapora.ms.gov.br/?p=cidade-perfil#>. Acesso em: jul. 2015. (IBGE, 2024).

Este breve resumo da formação administrativa de Ponta Porã demonstra as mais distintas configurações que esse município teve, ao longo das últimas décadas. Seja por fatores políticos, seja por questões de ordem econômica, são perceptíveis as idas e vindas destas municipalidades e seus rearranjos administrativos. Processos sucessivos de delimitações de ordem socio territorial com legislações atualizadas de ano em ano, resultaram nessa conformação da cidade de Ponta Porã, ainda muito vinculada aos seus antigos distritos. Fato que é comum em regiões de fronteira marcadas por uma fluidez em seus limites municipais, ainda que existam legislações que busquem estabelecer uma organização estatal.

Portanto, foi um período marcado por muitas mudanças de ordem político-administrativa, de mesmo modo, nas relações econômicas com os países vizinhos, os quais também passaram por processos de transformações territoriais e de readequações às práticas da geopolítica mundial, atrelada aos mercados globais.

4.2 Un poco de aquí se encuentra allí, y acá no es tan distinto

No contexto territorial de cidades gêmeas é perceptível a dinâmica comercial no território da fronteira por meio da reexportação de produtos importados de países asiáticos,

européus e norte-americanos³⁴ na conurbação de Ponta Porã - Pedro Juan Caballero. Após período marcado por grandes mudanças na economia regional abordados nos trabalhos da professora Eliana Lamberti (2006) que apresentaram as relações econômicas entre as cidades gêmeas de Ponta Porã – Pedro Juan Caballero, desde a política de reexportação dos produtos dos países asiáticos para a revenda nos *free Shops*, até as expectativas de uma economia direcionada para fronteira enquanto um polo turístico. Os processos de transformação das paisagens transfronteiriças no sentido de agregar valor aos projetos que por meio dos recursos naturais e culturais tornam-se atratores de investimentos nesta região. Conforme destacou Lamberti, 2006;

Após o declínio da exportação ervateira no outro lado da linha internacional, a cafeicultura passa a corresponder à base econômica de Pedro Juan Caballero, sendo que em 1953 a dinâmica urbana e rural é reforçada com a instalação da Companhia Americana de Fomento Econômico - CAFÉ. Contudo, a falência dessa empresa ocorre poucos anos depois, como resultado de sucessivas perdas da produção de café em decorrência de intempéries climáticas (como geadas). Com o declínio da cafeicultura, ganham impulso a partir de 1960 as atividades relacionadas com o cultivo da maconha (*marihuana*), cana-de-açúcar e exploração madeireira. Posteriormente, a desaceleração da atividade madeireira será acompanhada pelo crescimento do turismo na fronteira com base na comercialização de produtos importados. Essa atividade, segundo Goiris (1999) será a mais promissora e duradoura em Pedro Juan Caballero e a economia regional será sustentada pela venda de produtos importados dos países asiáticos, europeus e norte-americanos. (LAMBERTI, 2006).

A observação da realidade se mescla com a teoria a partir do resgate histórico da formação econômica e da atividade, cafeeira, madeireira³⁵ e reexportadora no território de fronteira e na sequência, o resgate dos principais fatores tanto do ponto de vista econômico, como social e político que corroboraram para o desenho atual do território investigado e apresentam-se enquanto agentes dessa realidade (LAMBERTI, 2006). A consolidação de um processo de modernização no Paraguai não foi possível porque "... las reformas clásicas del capitalismo, tales como la reforma agraria, la reforma tributaria y la reforma social" (GOIRIS, 2004, p.27) não se realizaram³⁶. Podemos inferir que estes sejam alguns dos possíveis motivos pelos quais essa região tomou esse rumo, ao invés de transforma-se em uma plataforma de produção para exportação como os Tigres Asiáticos;

³⁴ Contribuíram para o crescimento dessa atividade os investimentos em infraestrutura dos dois lados da linha internacional: a pavimentação de ruas e estradas, a chegada da ferrovia até Ponta Porã na década de 1950 e a construção do aeroporto também em Ponta Porã em 11 de março de 1955.

³⁵ Bem como a comercialização desses produtos de forma ilícita (contrabando).

³⁶ Com relação à burguesia fraudulenta, Goiris (2004) defende que no Paraguai a corrupção sistêmica, oficial e estatal é institucionalizada e resulta em gargalos econômicos, instabilidade política, ausência de democracia e aumenta o poder da ação dessa burguesia e do crime organizado.

“Após a Guerra do Chaco, o processo de modernização e recuperação econômica do país proposto pelas lideranças políticas estava pautado no autoritarismo, conservadorismo e militarismo, formando um modelo oposto a uma modernização em moldes progressistas. A participação da elite dominante que estava organizada corporativamente tinha como discurso a reconstrução e modernização de cima para baixo, no entanto não apresentaram propostas concretas e produtivas. Além do mais, não previa a participação popular, nem processos políticos amplos e democráticos. A diferença entre as normas e políticas nacionais estimulou a definição de Pedro Juan Caballero como entreposto comercial.” (LAMBERTI, 2006).

A identidade cultural do Paraguai transpõe-se no Brasil, pois muitas tradições locais estão presentes em território nacional como o costume do tereré, das danças, da música, da faixa paraguaia, da culinária (chipas, cocido paraguayo, sopa paraguaia), é comum na fronteira em ambos os lados. Dada essa proximidade com Brasil, que influencia também os hábitos paraguaios através da dramaturgia (dos canais de televisão brasileiros que têm muita audiência na fronteira), dos programas das rádios com sua programação musical e jornalística e dos próprios brasileiros que vivem, transitam e consomem os produtos vendidos no Paraguai. Atualmente essa relação de união de esforços se fez necessária, apesar das marcas deixadas pela Grande Guerra³⁷ na população e em seu território bem como na memória coletiva. Essa região tornou-se um polo atrativo de outras nacionalidades como coreanos, libaneses, chineses, alemães que se integraram aos hábitos locais.

Em muitos momentos, as cidades se caracterizam como uma conurbação, legítimas cidades gêmeas. A conurbação configura-se como uma área urbana composta por um grupo de cidades organizadas. A partir dessa característica, outras podem ou não estar presentes, como a hierarquia; a autonomia do ponto de vista das atividades e da administração; a contiguidade das edificações, independente dos limites administrativos territoriais; junção das franjas de dois centros urbanos por meio da ocupação contínua e a dependência e especialização funcional. (LAMBERTI, 2006). Por exemplo, no momento de perpetrar políticas de segurança na fronteira, demanda ações articuladas entre as duas cidades. Entre as quais a BR-463/MS, importante rota de turismo do Mato Grosso do Sul, o trecho, que vai do km 70,50 ao km 93 e está localizado entre os municípios de Dourados e Ponta Porã. A rodovia é importante rota do turismo no estado, porque segue até a divisa com o Paraguai, em Pedro Juan Caballero, onde os turistas realizam compras no país vizinho. Em 2022 a rodovia teve 22,5 quilômetros restaurados, as obras foram realizadas pelo Ministério da Infraestrutura,

³⁷ Goiris explica que a ocupação militar do território paraguaio pelos países vencedores (incluindo o Brasil) após o término da guerra, influenciou a política do país de acordo com seus interesses. Tal situação pode ter exemplificada pela constituição de natureza liberal-oligárquica do ordenamento jurídico e econômico que concedia privilégios exclusivos aos estrangeiros com relação à propriedade de terras.

por meio do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), e o investimento total do Governo Federal no empreendimento foi de R\$ 3,2 milhões³⁸. Segundo o Ministério dos Transportes, o trecho da BR – 463/ MS passou por manutenção rodoviária, além de serviços de aplicação de micro revestimentos e execução de reparos ao longo da pista. Outro benefício desta reforma é mais conforto aos usuários e redução do número de acidentes na região que é destaque no agronegócio, tanto no setor sucroalcooleiro quanto na produção de grãos.

Pedro Juan Caballero também se beneficia com a obras de urbanização e revitalização da Linha Internacional. As obras³⁹ devem valorizar e elevar o significado turístico e comercial da Linha Internacional, atraindo moradores e visitantes para esse espaço que une as duas cidades, além de trazer mais segurança e acessibilidade (Agência de notícias MS, 2023). Essa interação entre os países destaca a interdependência e complementaridade econômica. Outro fator relevante para a inserção da região de fronteira nos mercados de fluxos de mercadorias e serviços, foram as melhorias na infraestrutura da cidade vizinha Pedro Juan Caballero. E de forma mais expressiva que a cidade paraguaia apresentou crescimento e densidade populacional consideráveis nas últimas décadas. Na tabela na sequência podemos notar o incremento populacional de Pedro Juan Caballero entre os anos de 1975 e 2021, e o quanto contribuiu para as trocas comerciais e para as transformações da paisagem transfronteiriças entre PP-PJC;

Tabela 1 - População de Pedro Juan Caballero, 1975 - 2021

| População ao Longo do Tempo de Pedro Juan Caballero | | | | | |
|--|------------------------|------------------------|------------------------|------------------------|------------------------|
| Anos 1975 a 2021 | | | | | |
| Dados | 1975 | 1990 | 2000 | 2015 | 2021 |
| População | 32,349 | 55.238 | 73.769 | 97.066 | 123.784 |
| Dens. Pop. | 6,14 / km ² | 10,5 / km ² | 14,0 / km ² | 18,4 / km ² | 33,5 / km ² |

Fonte: <https://pt.city-facts.com/pedro-juan-caballero/population> / <https://pt.db-city.com/Paraguai--Amambay--Pedro-Juan-Caballero>. Elaboração: Janaína Teixeira, 2023.

Notou-se o importante aumento da população pedrojuanina ao longo dos anos e o consequente processo de participação na economia da fronteira. As campanhas para atacar as

³⁸ Fonte: BR-463/MS. Disponível em: <<https://www.gov.br/transportes/pt-br/assuntos/noticias/2021/10/governo-federal-entrega-revitalizacao-em-trecho-da-br-463-ms>>. Acesso em 13 de abril de 2023.

³⁹ A obra emblemática vai beneficiar diretamente o turismo de compras, e tornar o município - que fica na fronteira com a cidade paraguaia de Pedro Juan Caballero - um destino ainda mais atrativo. A execução do projeto Fronteira do Futuro é financiada pelo Fonplata (Fundo Financeiro para Desenvolvimento da Bacia do Prata) com investimento de R\$ 85 milhões. Fronteira do Futuro: Governo de MS garante recurso de contrapartida para financiar obra emblemática. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ms.gov.br/fronteira-do-futuro-governo-de-ms-garante-recurso-de-contrapartida-para-financiar-obra-emblematica/>>. Acesso em: 03 de jun. 2023.

endemias, de forma coordenada na fronteira, também requerem uma conjunção de esforços dada à proximidade socioespacial e a interdependência econômica. A partir de 2015, embora o comércio estivesse em baixa, o surgimento das universidades de medicina, em Pedro Juan Caballero, deu sustentação à economia, pois tornou-se atrativo pelo preço das mensalidades, ainda que esse nicho comercial ainda carecesse de todas as prerrogativas necessárias, como os devidos reconhecimentos internacionais para que fossem asseguradas a formação acadêmica ou garantisse que esses cursos realmente fossem de boa qualidade, pois as aulas eram em espanhol, as residências nos atendimentos em guarani e são poucas Instituições de Ensino Superior (IES) reconhecidas pelo Ministério da Educação (MEC) do Brasil.

Esse processo de avanço das IES tornou-se um promissor nicho, uma fábrica de fazer dinheiro, como destaca o professor Sacha. Pois atraem os alunos de diversas localidades do Brasil com a promessa de uma formação que está envolta em uma aura de status com as facilidades de se viver em uma região de fronteira. Ainda são discutíveis as condições de pagamento desses cursos e a real viabilidade do exercício profissional, todavia, no momento, essa parcela da novíssima população, que estuda em PJC e reside em PP têm gerado mercado consumidor por meio do trânsito de familiares desses alunos, que tomaram conta dos pensionatos, hotéis e casas de estudantes em Ponta Porã. Uma vez que os aluguéis são mais baratos e o fato de estarem residindo no Brasil transmite segurança e bem-estar, ainda que necessitem atravessar a fronteira todos os dias para assistir às aulas. Segundo o professor Sacha Cardona, um dos aspectos que mais chama a atenção é que nessa região da fronteira entre Brasil e Paraguai existe um multiculturalismo muito presente, pois muitas famílias estrangeiras que chegaram há um século se integraram e aderiram aos hábitos e costumes locais.

A identidade cultural é tão forte que penetra em direção ao Mato Grosso do Sul, produzindo algumas pequenas rixas tais como o privilégio exclusivo do tereré, sobre a origem da faixa pantaneira, que se assemelha muito a faixa paraguaia; mas, num contexto geral, a fronteira Ponta Porã e Pedro Juan Caballero é um exemplo de grupos de empresários que emergem socialmente em uma região de fronteira, enquanto empreendedores e detentores do poder financeiro e comercial local. Em conversa com o professor e historiador Sacha Aníbal Cardona, foi possível compreender o que significou a Grande Guerra ou Guerra Guasú para o povo paraguaio, o quanto essas batalhas resultaram em perdas de vidas humanas e de recursos naturais e territoriais e consequente perda de potencial competitivo economicamente no panorama mundial. Ainda que persistam essas lembranças da guerra, percebe-se na região de fronteira entre Pedro Juan Caballero e Ponta Porã uma relação de boa convivência em termos

regionais. Mesmo a fronteira sendo marcada por momentos tensos de violência por ser rota do tráfico Internacional de drogas ilícitas, armas, e por ser alvo de grande atenção por sua posição geopolítica, em virtude das geografias imaginárias que hospeda, frequentemente, como cenário de ações violentas, como, de fato o é em certos momentos.

Contudo, é importante ressaltar que essa região de fronteira não se restringe ao narcotráfico ou aos crimes relacionados ao comércio ilegal de drogas e outros ilícitos. Pois, como comentou o professor Sacha “Essa fronteira é um exemplo para o mundo, de civilidade, de convivência e acolhida do que é diferente e a tendência é que continue assim” (Sacha Cardona, historiador, 2019). De fato, destaca-se na região da linha internacional da fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero o multiculturalismo, a diversidade de cores, aromas e sabores. Assim como os hábitos muito específicos do lugar-fronteira, que todos que chegam logo vão agregando aos seus cotidianos. Essa conurbação entre cidades gêmeas que inicialmente mostrou-se providencial, também chegou a gerar temores de que se não houvesse a regulamentação e delimitação territorial, as cidades poderiam facilmente fundir-se, tal era a complementaridade e interdependência entre elas.

Durante a pesquisa de campo percebemos os avanços sociais na região de fronteira tanto com relação às mudanças ocorridas a partir da queda do setor ervateiro, que perdeu seu nicho de mercado para a indústria argentina e a sul-rio-grandense (RS/ Brasil), após longo período de concorrência e dificuldades. O movimento de trânsito para comércio de compras locais, inicialmente com caráter de complementaridade entre as economias vizinhas deu novo rumo e por um bom tempo assegurou a existência econômica local. Conforme observou Lamberti, 2006;

Assim como o mundo é regido pela competitividade, o comércio reexportador também o é e expõe uma relação dialética entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. A divisão territorial do trabalho na fronteira indica uma relação com o mercado nacional brasileiro e global bem definida de modo que a atividade econômica do lado do Brasil é preponderantemente agropecuária e está voltada ao abastecimento das outras regiões do país, seja para transformação e consumo nacional ou exportação; enquanto Pedro Juan Caballero (assim como Ciudad del Este, guardadas as devidas proporções) tem a função de realizar a circulação de mercadorias globais (LAMBERTI, 2006).

Dessa forma, podemos inferir que as medidas tomadas pelos governos para coibir o comércio local fronteiriço, ao pôr fim ao tratado de livre comércio, o criminalizou, e contribuiu para a sua pretensa imagem de região de ilegalidades. Essa relação comercial se deu de forma a atender as necessidades regionais de um contexto político e econômicos específicos da fronteira. O que com o tempo ficou conhecido como polo de compras de importados, produtos feitos em países da Ásia, de qualidade duvidosa, até o surgimento dos

Free Shops para atender aos estrangeiros, turistas e visitantes ocasionais, na contemporaneidade. Esses processos passados marcam na paisagem e refletem de forma relevante nas transformações das paisagens. Pois incidem diretamente nas decisões estatais e nos modelos de negócios envolvendo agentes público e privados em escala local e extra local.

No capítulo 5 colocamos em prática por meio das análises das imagens captadas na região de fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Apresentamos os detalhes dos campos I e II com destaque para os percursos e subjetividades da paisagem. Elaboramos uma classificação das imagens em paisagem transfronteiriça histórica (PTH), paisagem transfronteiriça urbana (PTU), paisagem transfronteiriça cultural (PTC) e a paisagem transfronteiriça de turismo de compras (PTTC), a partir da seleção de imagens captadas durante a realização dos trabalhos de campo entre os anos de 2019 (1ª pesquisa de campo) e 2023 (2ª pesquisa de campo). Nos resultados elaboramos análises sobre o contexto das transformações da paisagem transfronteiriça, com um olhar para a presença do Estado entre os agentes determinantes nas formas como esse território é usado e apropriado por estes agentes.

5 AS TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM TRANSFRONTEIRIÇA

As transformações na paisagem transfronteiriça são processos que resultaram de distintos usos e do dinamismo destes locais. Os processos econômicos e socioterritoriais pautam as transformações locais, a partir das necessidades do Estado, enquanto gestor de recursos financeiros e humanos, direcionados para interações extra locais com a disponibilidade destes recursos é viabilizada a implementação de projetos urbanos e modelos de negócio que se estabelecem nesses espaços transfronteirizados. Nesse sentido, o conceito de paisagem transfronteiriças contribui para o entendimento dessas dinâmicas de uso, apropriação do espaço para a reprodução do trabalho, a partir do avanço de processos cada vez mais tecnificados.

A ideia inicial é descrever a partir da percepção das paisagens como: Paisagem Transfronteiriça Urbana (PTU) que são os elementos arquitetônicos que compõem as cidades gêmeas e seus equipamentos urbanos e estruturas instaladas que são representações de poder e organização socioespacial. Muito frequentes as PTUs são um convite aos percursos pois agregam prédios novos e antigos que convivem na paisagem transfronteiriça. A Paisagem Transfronteiriça Histórica (PTH) é caracterizada pelos elementos simbólicos nacionalismos e referências de uma fronteira que fora cenário de batalhas, fazendo referência a Guerra do Paraguai. A história de PP-PJC está resguardada em museus que contam sobre as trajetórias dos heróis, dos acervos de artistas contemporâneos, além dos elementos associados à memória da coletividade. Ao passo que a Paisagem Transfronteiriça Turística de Compras (PTTC) está direcionada ao comércio e aos fluxos de negócios e logística que geram o movimento à fronteira. Os componentes como a rua dos pneus, as faculdades de medicina, as lojas no entorno da linha internacional, podemos citar restaurantes, lojas de vestuário, farmácias lotéricas, oficinas mecânicas, o comércio de eletroeletrônicos e Shoppings centers compõem as PTTC dando a visibilidade à região fronteira. A Paisagem Transfronteiriça Cultural (PTC) caracteriza-se pelos museus, monumentos arquitetônicos, aos murais que reproduzem a trajetória de PJC e de PP até a configuração atual, com iconografias como o monumento das cuias, símbolo de integração internacional, as praças de PJC ornamentadas com as iconografias dos heróis das batalhas da Guerra Guasú.

Com base nas metodologias disponíveis e apresentadas nesta seção, elaboraremos as classificações a partir das fotografias captadas durante o trabalho de campo, observando os critérios de formato da fotografia, temas / assuntos e o período temporal da produção das imagens (MAUAD, 1996). Assim, a reflexão que pretende este trabalho surge a partir da

necessidade de melhor compreender as cidades gêmeas em relação às dinâmicas constituintes de suas paisagens interpretando-as através dos vestígios espaço-temporais encontrados nas fotografias ao analisarmos as paisagens, enquanto expressões desses processos.

5.1 AS PAISAGENS TRANSFRONTEIRIÇAS URBANAS - PTU

As paisagens transfronteiriças urbanas – PTUs são cenário de constantes disputas por diferentes atores sociais, sendo possível notar a presença de outras temporalidades, perceptíveis nos traçados arquitetônicos dos casarões, nos demarcadores territoriais e seus limites. Assim como nas iconografias e representações simbólicas expressas nas paisagens captadas, as quais convivem em sinergia com foco nas trocas econômica e comerciais na região da fronteira.

Apresentamos as transformações da paisagem transfronteiriça através das imagens de fronteira entre PP-PJC, que constituem os cenários de fluxos de pessoas e mercadorias. A partir destes analisaremos os processos que deram origem às transformações tais como a geopolítica dos mercados globais na fronteira como a inserção das fábricas maquiladoras em PJC. Os projetos de revitalização da linha internacional com a retirada das Casillas da linha imaginária que dividia as cidades de PP-PJC. A proposta de explorar a paisagem de fronteira como polo turístico de compras por meio de um facilitador cambial como é o caso de PJC. O avanço de um modelo de negócio direcionado para as universidades de medicina em PJC que atraem estudantes brasileiros, os quais em sua maioria optaram por residir em PP, em função dos aluguéis serem mais em conta do lado brasileiro, em comparação com o custo das moradias em PJC.

Os projetos de remodelação da linha internacional e das praças, Figura 11e nas vias no centro da cidade de PP, com os investimentos do FONPLATA, que promoveram a ida de recursos de maquinário como: escavadeiras hidráulicas, motoniveladora, tratores de esteira, retroescavadeiras, pás carregadeira, minicarregadeiras, miniescavadeiras; além de material de construção civil e mão de obra para a região, na Figura 12. E a parte da logística que envolve o transporte e armazenamento dos materiais, na Figura 13. Todos esses elementos transformam a paisagem transfronteiriça, pois estão visíveis nas placas que anunciam as obras e as fontes de investimento como nas imagens da Linha Internacional, em fase de implantação. E nas fotografias de antes, em 2019 e mais recentemente no ano de 2023 nas fotografias da restauração do prédio do 4º Batalhão da Polícia Militar, ‘Castelinho’ e na sede

da FUNCESPP no primeiro campo de outubro do ano de 2019 e no segundo campo em setembro do ano de 2023, na Figura 15, na Figura 17 e na Figura 18 na sequência;

Figura 11 - Placa da obra na Linha Internacional, PJC-PP, PTU - 2023.



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

As ruas tiveram os seus pavimentos renovados, as praças receberam novas mudas de árvores e as calçadas foram refeitas pois estavam em mau estado de conservação. Essas obras fizeram parte desse processo de revitalização das paisagens transfronteiriças, pois estão intimamente ligados aos projetos que visam a atração turística para esses espaços.

Figura 12 - Homens trabalhando na pavimentação da rua. PTU, 2023.



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 13 - Placa da obra na Linha Internacional, PJC-PP, PTU 2023.



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

O Castelinho, como é conhecido o prédio de quase 100 anos, que sediou do 4º Batalhão da Polícia Militar, em Ponta Porã, ficou por longo tempo desocupado e sem função social. Ainda que seja um prédio tombado pelo Patrimônio histórico, estava em avançado estado de degradação, conforme as fotografias Figura 14 e Figura 16 destacaram. Em matéria da revista online foram divulgados detalhes dos tramites como: o orçamento da obra, os

responsáveis técnicos e previsão de reinauguração, assim como a proposta de tornar-se um museu, após a restauração. Vejamos a reportagem do jornalista Adriel Mattos para a UOL⁴⁰, em 2022:

Restauração do Castelinho de Ponta Porã sobe para R\$ 4,3 milhões. A Agesul (Agência Estadual de Gestão de Empreendimentos de Mato Grosso do Sul) alterou o valor do contrato para obras de restauração do antigo prédio do 4º Batalhão da Polícia Militar, o “Castelinho”, em Ponta Porã. O extrato do termo aditivo foi publicado na edição desta segunda-feira (21) do DOE (Diário Oficial Eletrônico). O serviço, que estava custando R\$ 3,6 milhões, vai para R\$ 4,3 milhões. O acréscimo é de R\$ 640,1 mil. A assinatura do aditivo foi em 9 de novembro, pelo secretário de Estado de Infraestrutura, Renato Marcílio da Silva, e pelo representante da empresa Estúdio Sarasá Conservação e Restauração, Marcelo Ramos Sarasá Martin. O prédio tem quase 100 anos e, após a reforma, será um museu. A licitação foi lançada em novembro de 2021, com previsão inicial de R\$ 4 milhões. Em dezembro, o Estúdio Sarasá foi escolhido para executar a obra, ao custo de R\$ 3,6 milhões. O contrato foi assinado em fevereiro de 2022, com a ordem de serviço sendo emitida na mesma ocasião. A empresa tem um ano para concluir os trabalhos, ou seja, até fevereiro de 2023. O Castelinho foi construído no final dos anos 1920, na região da antiga estação ferroviária. Entre 1943 e 1946, serviu como sede do governo do Território Federal de Ponta Porã. Foi ainda cadeia pública e quartel da Polícia Militar, função que perdeu na década de 1990. Desde então, o prédio estava abandonado. (AGESUL, 2022).

A matéria informou que havia uma previsão de conclusão da obra em fevereiro de 2023, todavia, as imagens das fotografias na Figura 15, Figura 17 e Figura 18 apontam o estado da restauração em setembro do ano de 2023, demonstrou visível atraso na conclusão. Na fotografia da Figura 14 temos uma imagem do ‘Castelinho’ antes do início das reformas.

Figura 14 - Prédio do 4º Batalhão da Polícia Militar, Castelinho entre PP, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

⁴⁰ Fonte: Disponível em: <<https://midiamax.uol.com.br/politica/transparencia/2022/restauracao-do-castelinho-de-ponta-pora-sobe-para-r-43-milhoes/>>. Acesso em: 21 de out. de 2023.

Figura 15 - Placa da obra de restauração do prédio do 4º Batalhão da Polícia Militar, Castelinho entre PP, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 16 - Prédio do 4º Batalhão da Polícia Militar, 'Castelinho' (Fundos), PP, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Figura 17 - Prédio do 4º Batalhão da Polícia Militar, Castelinho (fundos) em fase de restauração, PP, 2023.



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 18 - Prédio do 4º Batalhão da Polícia Militar, Castelinho, em fase de restauração, (lateral) em PP, 2023.



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Identificamos que as obras de restauração do prédio ‘Castelinho’, também mobilizaram as reformas que foram feitas na Fundação de Cultura e Esporte de Ponta Porã FUNCESPP. No trabalho de campo I realizado em outubro de 2019, identificamos a valorização da cultura e da memória locais, e um espelhamento, pois ambas as cidades

gêmeas visam à preservação de espaço de divulgação da história com foco nas socializações das práticas culturais. Como nas fotografias, figuras 19 e 20, das atividades culturais que eram desenvolvidas na FUNCESPP em outubro de 2019, na sequência:

Figura 19 - Oficinas de música nas dependências do prédio da FUNCESPP, PP, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Figura 20 - Oficinas de artes nas dependências do prédio da FUNCESPP, PP, 2019



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

No campo II, ao irmos até a sede da FUNCESPP, notou-se que estava bem vazia, o prédio contava apenas com um vigilante, que se abrigava no interior de um veículo no pátio interno do prédio, conforme a fotografia, na Figura 22. O vigilante me orientou que fosse até a Prefeitura, para que obtivesse maiores informações de onde estava a equipe da FUNCESPP. Entramos em contato com a equipe que trabalha na FUNCESPP para procurar informações sobre o acervo da antiga estação ferroviária, pois na oportunidade em que estivemos na sede

em 23 de setembro do ano de 2023, estava fechado para as reformas. Por WhatsApp recebemos as seguintes informações sobre as obras e sobre o acervo, pelo Diretor de Cultura de Ponta Porã, Sr. Éder Rubens da Silva, da FUNCESPP:

Pergunta: Com relação ao acervo da antiga ferrovia, onde ficou?

Resposta: Em relação ao acervo, quando foi repassada ao município para funcionar a Fundação de Cultura e Esporte em 2007, até onde tenho conhecimento não foram repassados acervos objetos, fotos ou material histórico. Manteve-se a fachada com a antiga estética e nesta nova reforma e revitalização também se mantiveram as características originais do prédio no que tange a sua fachada e estética.

Pergunta: Sobre as obras de restauração da FUNCESPP tem uma previsão de quando estará concluída?

Resposta: A data para entrega prevista até dezembro desse ano (2023). Pode ser até a data programada, ou estendido o prazo.

Pergunta: Sobre as obras de restauração abrangem a antiga estrada de ferro?

Resposta: A restauração abrangeu o prédio onde funciona os setores administrativos e projetos culturais e esportivos, bem como auditório. E as obras também trataram da ampliação de espaço sem alterar o antigo prédio.

Pergunta: E se a fachada será reformada também?

Resposta: A fachada será mantida em formato original.

Pergunta: Podes me dizer se estão ocorrendo as oficinas que eram ministradas na FUNCESPP, se sim. Onde estão essas atividades?

Resposta: Oficina de violão Oficina de Flauta Doce, Centro de Convenções de Ponta Porã. A Banda Municipal no Centro Comunitário Kamel Saad. (Entrevista, 26/09/2023 e 04/11/2023).

Em função da reforma no prédio da antiga estação rodoviária, atual sede da FUNCESPP, a equipe estava trabalhando no Centro de Convenções ao lado do Hospital Regional de PP. Por isto, e pelas demandas de trabalho do entrevistado, optou-se por fazermos a entrevista por WhatsApp em 26 de setembro de 2023. Na figura 22 temos a fachada da FUNCESPP, com uma pintura em tons claros, diferente da anterior com os letreiros nas cores de azul e vermelho. Existiu a intenção de preservação da estrutura, mas do conteúdo histórico da antiga estação ferroviária, pouco se falou. Podemos inferir que seja em função de as decisões serem descentralizadas, ou decididas por setores distintos da administração pública. Nesse sentido é válida a reflexão de Nogué, (2006) referente à paisagem e sua constituição;

A paisagem é um reflexo das funções que secularmente foram outorgadas. Fundamenta-se nas formas e estruturas que foram herdadas, como por exemplo os padrões urbanos, a estrutura fundiária, as tipologias de assentamento no território, a distribuição histórica de certas atividades produtivas, as infraestruturas hidráulicas, a rede viária e outras estruturas de comunicação e transporte. A sobrevivência dessas marcas no território contribui para definir o caráter de uma determinada paisagem e a identidade de um território e são elementos básicos que deverão ser levados em conta na posterior ordenação da paisagem (NOGUÉ, 2006, p.18).

Assim, as paisagens são produtos dessas transformações que por meio do trabalho, dos processos, se sucedem no território e promovem tais mudanças espaço temporais na medida que avançam os projetos urbanísticos e de cunho socioeconômico. No caso da antiga estação ferroviária de PP houve uma sucessão nas formas de transporte na região, o que resultou na perda de interesse na manutenção de uma estação ferroviária em PP, na figura 21. Em função de uma valorização dos modais rodoviários que predominou na mobilidade e circulação nas malhas urbanas e interurbanas no Brasil. Isso resultou em uma nova paisagem, a partir de novos usos destas infraestruturas preexistentes.

Figura 21 - Fachada da FUNCESPP anterior ao período da reforma em PP, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

As fachadas dos prédios históricos representam na paisagem os processos de reconfiguração dos usos e das formas de apropriação destes imóveis ao longo das décadas. Tanto no ano de 2019 ainda com uma pintura clássica, quanto em 2023 já com uma cobertura mais neutra, conforme a figura 22, em termos de identidade visual a FUNCESPP está estampada como referência histórica com forte apelo à memória local. Próxima do centro da cidade de PP e de PJC, tem uma ligação profunda com a ideia de ser elemento da paisagem transfronteiriça e um marcador socio territorial simultaneamente.

Figura 22 - Fachada da FUNCESPP fechada em função das reformas estruturais do prédio, PP, 2023.



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 23 - Lateral do prédio da FUNCESPP vazio em função das reformas estruturais do prédio, PP, 2023.



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Identificamos nessas obras uma necessidade de melhoria para fins de preservação do patrimônio e de valorização da cultura e da memória locais, e um espelhamento, pois as cidades gêmeas mantêm-se em consenso no que se refere à manutenção destes espaços de divulgação da história com foco nas socializações das práticas culturais.

Percebemos que os agentes políticos e da gestão pública em escala municipal e estadual atuaram conjuntamente, na tomada de decisão e nas articulações para implantarem-se as obras, tanto na restauração do Prédio do 4º Batalhão da Polícia Militar (Castelinho) quanto na reforma na sede da Fundação de Cultura e Esporte de Ponta Porã FUNCESPP. Estes atores sociais são proponentes de mudanças nas paisagens transfronteiriças, assim como a administração de PJC promoveu a restauração da antiga prefeitura de PJC, que deu lugar ao Centro Cultural Intendente Carlos Dominguez, 2021.

Investimentos em infraestrutura como FONPLATA, projetos urbanísticos que valorizam as paisagens e os patrimônios históricos são os fatores determinantes, enquanto forças de expansão, regulação, aproximação, união, representados por elementos como as iconografias e as transfronteiridades locais.

No próximo tópico tratamos da geopolítica dos mercados globais na fronteira com atenção às fábricas maquiladoras em PJC, que atuam na região de fronteira, graças aos incentivos dos governos locais e em função da disponibilidade de recursos naturais,

incentivos fiscais e mão de obra barata. Temos uma entrevista com o professor Dr. Carlos Busón Buesa, que atualmente realiza pesquisa pós doutoral na UEMS na área de Desenvolvimento Regional e de Sistemas Produtivos com o projeto Caminho para os Ervais e a Paisagem Cultural Ervateira (UEMS, 2023). Em conversa tratamos dos processos que deram origem às paisagens transfronteiriças que estão pautados sobre os dois eixos principais da nossa investigação que são: a produção da memória enquanto espaço de disputa, do patriarcado, das oligarquias, como a família Cognorno de grande influência como uma das famílias representantes do poder econômico local. E o segundo eixo, que é o comércio e as formas de promoção destes espaços de atração turística. São os critérios que determinaram as identificações como paisagem transfronteiriça ao longo dessa pesquisa. Pois identificou-se que na fronteira de PP-PJC as formas estruturais da paisagem conduzem as pessoas por um centro de consumo. E a contribuição do projeto URBAL I e URBAL II, que financiou a revitalização da Linha Internacional com foco na atração do turismo de compras na região de fronteira.

5.2 A GEOPOLÍTICA DOS MERCADOS GLOBAIS NA FRONTEIRA: DOS MONOPÓLIOS INTERNACIONALIZADOS ÀS MAQUILAS TIPO EXPORTAÇÃO.

Os projetos urbanísticos são direcionados por agentes públicos com o intuito de trazer para essa região dos capitais e investimentos locais e estrangeiros. Na escala local é possível identificar elementos de conflito entre o pequeno comércio e os grandes empresários que têm tendência a monopolizar os setores nos quais atuam na fronteira como âmbito de comércio de artigos alimentícios, supermercados, nos setores privados e no controle dos *Shoppings Centers* e de lojas de departamento destinado aos turistas.

Em entrevista com o Professor Carlos Busón, em 22 de outubro de 2019, este afirma que a alta do dólar desencadeou uma crise de consumo na linha Internacional. Em função da vinculação do dólar ao setor econômico local, essas variações influenciam diretamente nas trocas comerciais e no cotidiano de pontaporanenses e pedrojuaninos. Ele destaca a importância das observações de campo para refletir sobre as formas como as cidades gêmeas se estruturam a partir das condições geopolíticas e sociais de integração e complementaridade. Caminhando pela área comercial, que faz divisa entre Ponta Porã e Pedro Juan, percebe-se que são poucos os compradores, isto é, os brasileiros se afastam, pois, vir ao Paraguai, mais especificamente a PJC, já não é mais vantajoso comparando-se a outros momentos. O interessante é que o professor explica as características da cidade fazendo um zoneamento das

quadras como locais de adensamento de consumidores (poucos) e dos estudantes de medicina que são mais presentes na Linha Internacional, que ocupam as quadras próximas. Busón destaca que existe uma territorialidade comercial visível como o trecho dos pneus e produtos automotivos como locais que se destinam aos clientes específicos. E o comércio de ‘bugigangas’ como se refere o professor Busón em sua fala.

Essas relações de alta e de baixa procura por mercadorias na Linha Internacional são perceptíveis. Associado às memórias de outro tempo em que ainda não havia ocorrido a remodelação local e seu processo de gentrificação/ higienização, que é resultado das parcerias entre a União Europeia e alguns países latinos por meio do projeto URBAL I e URBAL II e URBAL III (em fase de elaboração, 2019), que buscava dinamizar o comércio local e atrair mais consumidores com maior poder aquisitivo⁴¹.

Antes havia um burburinho constante de brasileiros, conforme Busón “Era um comércio limitado com uma espécie de favela na linha”. O professor descreve o processo de urbanização da cidade em direção ao *Shopping China*⁴², comentou sobre o mercado Fortis, muito parecido com um centro de distribuição, pois vende em grandes quantidades para o varejo local. O professor Busón ressalta a importância de olhar para as transformações do espaço urbanizado, que refletem as características de uso, apropriação e remodelação, pautados pelos interesses dos setores comerciais.

O comércio local vive na primeira e segunda linha para o Brasil. Não obstante, tem bastantes lojas adentro que são para os paraguaios. Desde o Fortis, antes era tudo mato até o China (Shopping) tem uma zonificación comercial bem curiosa. Minha linha de pesquisa é outra, mas eu sempre bisbilhoto com detalhe o entorno. Compare

⁴¹ PROJETO LINHA INTERNACIONAL: UNIÃO DE DOIS POVOS. O projeto Linha Internacional, deu-se através do URB-AL III, Programa de Cooperação Regional da Comissão Europeia com a América Latina. O objetivo geral é a contribuição para o incremento do grau de coesão social e territorial no seio das coletividades sub-nacionais e regionais na América Latina. Seus objetivos específicos são de promover políticas públicas que possam se converter em modelos de referência capazes de gerar debates e possibilitar soluções aos governos da América Latina que desejem promover dinâmicas de coesão social. O Projeto da Linha Internacional surge desde 2008 e inicia-se em 2009 a partir da preocupação das autoridades das duas cidades dada ao aumento dos problemas causados pelo comércio informal na linha. Com a aprovação da execução do projeto pelo programa URB AL III, inicia-se a obra. Este Projeto visa a reurbanização do espaço comum entre as duas cidades-gêmeas também prevê mudanças no âmbito social e criação de uma identidade própria, para a gestão conjunta de ambas as cidades levado a cabo através do programa URB-AL III financiada em grande parte pela União Europeia e gerenciado pela Diputación de Málaga- Espanha, da ONG Paz y Desarrollo e a instituição responsável pela obra é a Prefeitura Municipal de Ponta Porã tendo como sócio a Municipalidade de Pedro Juan Caballero. (SOUZA; MONDARDO (2016).

⁴² El mayor y más tradicional comercio de importados del Paraguay. Shopping China es una empresa familiar, fundada en 1933 en la ciudad de Pedro Juan Caballero - Paraguay. Actualmente, posee tres sucursales ubicadas estratégicamente en ciudades fronterizas de Paraguay, además, tiendas free shop en Bolivia y Uruguay. La compañía se ha convertido en un referente de excelencia en el mercado de importados y se enorgullece de ofrecer productos de alta calidad. Fonte: <<https://www.shoppingchina.com.py/institucional>>.

as duas cidades, você ficará surpresa. Uma dinâmica única. Lembra bastante cidades da UE, os supermercados também são interessantes; O Maxi é uma visita. Isso foi onde era o Shopping China, que são dos mesmos donos: a família Cognorno, assim como o Fortis, os postos da Petrobrás, essa rede de supermercados. Fizeram bons investimentos (...), (BUSÓN, 2019, Entrevista).

E ainda falamos sobre as diferenças nas taxas de câmbio e sobre o poderio de determinadas famílias no Paraguai. E o quanto são comuns os monopólios e cartéis detentores dos serviços dos bens privados e o quanto essas relações estão permeadas por interesses econômicos na região de fronteira. São altamente concentradores de renda, além de diversificarem com franquias como McDonalds, Burger King e KFC sem que a maioria das pessoas perceba. Como perguntei sobre as diferentes variações de câmbio o professor destaca que;

Sempre ganham no câmbio, os Cognorno têm um banco próprio também, pois eles controlam todas as etapas do produto quando chega no PY, tem um porto próprio em Assunção. Antes se vendiam rifles de assalto na China, assim a coisa melhorou. Esses importavam armas para o exército, segundo me contaram. Você achava de tudo. Também tem fazendas de carne (a que se vende no Maxi). Interessante ver o crescimento (BUSÓN, 2019, Entrevista).

Comentou ainda que, no trabalho do seu grupo de pesquisa, estão cartografando as paisagens culturais por meio do mapeamento dos itinerários utilizados pelos indígenas e espanhóis com o intuito de dinamizar propostas para a região fronteiriça, ressaltando o seu potencial turístico.

Até o Rio Paraná era território da coroa espanhola. Aqui falam muito do Tratado de Madri, mas ele não era válido, teve o Tratado del Pardo e depois San Ildefonso, depois passou a ser Paraguai e depois Brasil. A guerra aqui ainda tem repercussão 150 anos depois, o que chama a atenção. Sim, o potencial (turístico) é enorme (BUSÓN, 2019, Entrevista).

E o quanto são estreitos e pouco transparentes esses mercados controlados, que nada têm de desarticulados ou dispersos na fronteira PY-BR. Nesse sentido, todos os mercados estão mapeados territorialmente e devidamente dominados, por uma meia dúzia de famílias/conglomerados, as quais estão fixadas no território, por distintos graus interdependência e muito vinculadas ao mercado internacional. Essas formas de integração econômica, funcional e formal, estão dentro do contexto que Santos (2004) chama de circuitos da economia urbana, enquanto a funcionalidade se enquadra mais na lógica do circuito inferior da economia, as articulações econômicas presentes na integração formal estão, em sua maioria, em um contexto do circuito superior da economia (SILVA, 2021).

Existe o controle local da produção, do comércio de consumo no varejo e no atacado que está conectado por meio de contratos, acordos e relações com os mercados transnacionais. Como o professor Carlos Busón comenta, é possível encontrar todas as marcas famosas do mundo na fronteira, a disponibilidade garante o conforto e os privilégios do consumo amplo, mesmo estando situados longe dos grandes centros tecnológicos e modernos. Portanto, muitas das ruas são planejadas para que as pessoas as percorram olhando para uma paisagem transfronteiriça marcada pelos comércios e pelas ofertas de produtos diversos expostos ao longo do caminho que é plano e que tem um caráter padronizado de indução dos turistas ao consumo. De fato, é possível ter essa tecnologia e modernidade na fronteira, por isso esse magnetismo e apelo às compras, que percebemos nesses locais, que oferecem muitas possibilidades nessa paisagem que agrega distintas intencionalidades, apesar das profundas desigualdades sociais.

5.2.1 Os projetos de internacionalização por meio da dinâmica das Empresas Maquiladoras de Exportação

Os processos evolutivos que desencadearam os avanços tecnológicos e de interesses sobre as bordas territoriais, no que tange principalmente às fronteiras, passaram por grandes mudanças geoestratégicas, culturais e sociais. Segundo Berque (1998), a paisagem, enquanto marca e matriz, é um reflexo dos sucessivos processos de retrabalho sobre esses territórios, transfigurados nas formas como estão dispostos os marcos legais e simbólicos presentes na paisagem.

A paisagem de PP-PJC remete a cidades vizinhas do interior, onde se busca o convívio e as relações de boa vizinhança, diplomáticas e, na maior parte do tempo, respeitadas, dada a profunda relação de complementaridade econômica e socioespacial. A cidade de PP-PJC está entre as cidades que já foram atrativas, passaram por período de recessão e tiveram grandes perdas de arrecadação, em virtude de acordos comerciais malsucedidos, principalmente, com os negócios que envolveram o governo brasileiro. Como na alta regulação da produção ervateira, que acabou beneficiando as economias argentina e brasileira, no tocante ao processo de distribuição e taxação de impostos. As proximidades das economias fronteiriças impuseram duras derrotas históricas ao Paraguai, tanto é que, até os dias atuais, o país vem enfrentando dificuldades de inserção nos mercados internacionais e resiste em função de uma dependência dos investimentos internacionais.

Uma das alternativas aplicadas, além do turismo de compras, das universidades - mais especificamente de Medicina -, que atraem muitos brasileiros, eram as implantações de fábricas maquiladoras, empresas estrangeiras que utilizam os recursos humanos e naturais do Paraguai para produzir produtos semiprontos para as indústrias têxteis e embalagens plásticas de garrafas de Politereftalato de etileno (PET⁴³). Ainda com um maquinário precário oriundo das empresas que contrataram os serviços das maquilas, o Paraguai não teve acesso à tecnologia de ponta para a produção industrial em larga escala, por isso seus ganhos estão nas taxas de contratação das maquiladoras.

As péssimas condições dadas aos funcionários que trabalharam, como: galpões mal ventilados, carga horária exaustiva e fragilização de direitos, são alguns dos motivos para a alta rotatividade entre os trabalhadores que buscavam melhores salários e dignidade nas relações trabalhistas. Embora seja uma das metas do programa apresentado pelo governo paraguaio, a implantação das maquiladoras para a inserção nos mercados internacionais e qualificação da mão de obra local, ainda está longe de ser uma realidade nas maquilas de Pedro Juan Caballero (PY). Como bem destaca Godoy e Lamberti (2020);

Do ponto de vista da infraestrutura, a maioria das edificações é alugada, ou seja, são galpões adaptados para fins industriais, não tendo estrutura apropriada que refere, por exemplo a ventilação e iluminação. No aspecto tecnológico, os maquinários usados são importados das matrizes contratantes indicando transferências e reaproveitamento de planta industrial (AGUERO; LAMBERTI, 2020, p.103).

Muitas vezes não se revelam de pronto onde estavam localizadas as fábricas, muitas delas funcionam em fundos de quintais, em antigos depósitos, que passam despercebidos na paisagem. Percebeu-se que as maquilas surgem como uma forma de reforçar a divisão internacional do trabalho, visto que países pobres seguem sendo os fornecedores de mão de obra barata e recursos naturais, ao passo que outras nações em condições menos ruins (como o Brasil, por exemplo) exploram a pobreza nessas relações contratuais e trabalhistas desiguais, enquanto essas lhes forem lucrativas. Percebeu-se, também, como os trabalhadores tinham receio de falar em entrevistas sobre como funcionam as fábricas maquiladoras, assim como darem depoimentos, muitos evitavam entrar em detalhes, mas destacaram que as maquilas recebem a matéria prima e o maquinário das importadoras e produzem a base do

⁴³ Polietileno tereftalato, ou PET, é um polímero termoplástico patenteado em 1941 por dois químicos britânicos, John Rex Whinfield e James Tennant Dickson, formado pela reação entre o ácido tereftálico e o etileno glicol. Utiliza-se principalmente na forma de fibras para tecelagem e de embalagens para bebidas. Disponível em: <<https://www.reciclasampa.com.br/artigo/tudo-que-nunca-te-contaram-sobre-reciclagem-de-garrafa-pet>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

que, em uma próxima etapa, se tornará uma garrafa PET ou base para peças de vestuário nas matrizes, tapetes e tintas. Restou evidente que, ainda que tivesse apresentado um projeto de desenvolvimento socioeconômico e de desenvolvimento industrial, o governo paraguaio conseguiria demonstrar avanços no PIB e nas receitas financeiras. Contudo, esses resultados não se observaram em termos sociais e de qualificação dos trabalhadores paraguaios, visto que até mesmo os técnicos que consertavam as máquinas eram profissionais de outros países.

Muito do que foi apresentado com relação às fábricas maquiladoras, enquanto parte das cadeias produtivas globais, em Pedro Juan Caballero, parte de análises e dos resultados obtidos na pesquisa de Vivian Letícia Agüero Godoy em seu trabalho de conclusão de mestrado intitulado “Lei de Maquila e a dinâmica produtiva no território fronteiriço de Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai): novos espaços industriais (2020)”. Em relação aos avanços da tecnologia no mercado internacional, destacaram-se as potencialidades ou vantagens comparativas entre países industrializados com tecnologia. Em contraponto, existem os países subdesenvolvidos ou em vias de industrialização que têm como vantagem os recursos naturais, mão de obra barata. Os países periféricos criam desregulamentações legais e incentivos fiscais no sentido de atrair investidores que busquem a deslocalização de indústrias para os países com regramentos trabalhistas e leis ambientais menos rígidas. Criam espaços industriais, como por exemplo, Pedro Juan Caballero (PY), que está entre os territórios em que estão sendo implantadas as leis de maquilas, que são a deslocalização dos países desenvolvidos dentro de uma hierarquia. Cada país cria suas próprias estratégias como uma via para a industrialização como forma de criar postos de trabalho.

Percebeu-se, contudo, que a especialização de mão de obra e qualificação dos profissionais e, por sua vez, uma rede de circularidade de recursos ainda é incipiente. As maquilas têm similaridades com as Zonas Francas e as Zonas Econômicas Especiais e até mesmo os free shops, como forma de se desenvolverem economicamente, embora os fluxos estejam restritos à importação de produtos semi-industrializados, além das commodities (soja). Percebe-se que, apesar dos esforços em termos de crescimento social, as maquiladoras têm contribuído pouco para mudar essa realidade.

Nesse sentido, podemos compreender por que o município de Pedro Juan Caballero ainda é bastante dependente do comércio internacional e das trocas comerciais com Ponta Porã, uma vez que as fábricas maquiladoras representam algum retorno em termos do PIB do Paraguai. Porém, no âmbito dos ganhos salariais e de melhoria da qualidade de vida da população, ainda enfrenta problemas sociais e econômicos como o desemprego, o subemprego e carências de formação/ aperfeiçoamento para o mercado de trabalho dos

jovens. O país adotou uma política de inserção na dinâmica das cadeias produtivas globais, que o mantém em permanente insegurança e desvantagem em comparação com os demais parceiros comerciais. A Figura 24 mostra uma maquila em Pedro Juan Caballero (PY), localizada nas bordas da cidade, como as demais concentravam-se em espaços improvisados e que buscam passar despercebidos, como a fábrica de tintas, (que são quase que imperceptíveis na paisagem).

Figura 24 - Fábrica de tintas em Pedro Juan Caballero (PY), PTU, 2019.



Fonte: Godoy, 2019.

Ao se observar a fachada dessa fábrica, percebe-se como não há destaque para as atividades fins do estabelecimento. Em face dos baixos salários, os trabalhadores se obrigam a realizar jornadas de trabalho além das horas regulares para poder garantir uma remuneração mais adequada com as suas necessidades de subsistências.

Assim, as indústrias maquiladoras aplicam práticas mercadológicas para aumentar a produtividade como: políticas de metas e de desempenho aos empregados. A fotografia do interior da fábrica mostra as funcionárias trabalhando em pé, em más condições sanitárias, em ambiente mal ventilado e sem ergonomia, conforme a Figura 25.

Figura 25 - Funcionárias trabalhando em maquiladora localizada em PJC, PTU, 2019.



Fonte: Godoy, 2019.

Nesse local funcionava uma maquila que produzia tapetes para exportação. Com uma configuração simples que sistematiza uma forma de instalação que conseguiu se estabelecer nos locais por meio de acordo econômicos entre países, porém que gerou impacto no meio ambiente e nas relações de trabalho locais, esses eram claramente relativizados em nome da ideia de desenvolvimento econômico local. O Estado buscou estabelecer vínculos com os mercados globais por meio desses polos de produção fabril, que reproduziram as relações da divisão internacional do trabalho (DIT), em que nações ricas entravam com o investimento e os meios de produção, ao passo que os países em desenvolvimento ofereciam como contrapartida a mão de obra barata e pouco qualificada, seus territórios e recursos naturais para a produção de bens semiacabados para a exportação. As maquilas de produtos têxteis eram as que mais apresentavam trabalho em condições de precarização, com a falta de ventilação provocada pelo excesso de calor já que as máquinas ficam ligadas o tempo todo, gerando mais aquecimento, o que, associada à exaustiva carga horária, gerava muitos afastamentos e adoecimento dos trabalhadores. Existia também uma divisão por gênero nas maquilas, por exemplo, as fábricas dos materiais têxteis que produziam tapetes e entretelas concentravam massivamente mulheres, ao passo que nas maquilas que fabricam as pré-formas, são os homens que predominavam no quadro de funcionários.

Esse foi apenas um dos diversos exemplos do processo de transformação dos usos dos solos urbanos em termos socioeconômicos e geopolíticos, são imagens muito impressionantes

das condições de trabalho e como os territórios podem ser reorganizados em prol dos interesses econômicos em escala mais ampla, visando à inserção nos mercados globais.

Conseguiu-se ter uma noção do quanto a paisagem está constantemente sujeita aos tensionamentos econômicos e interesses locais e extra-locais, que influenciam diretamente nas decisões políticas, na regulamentação desses espaços de gestão, onde a opção pela inserção nos mercados globais pode implicar retrocessos em direitos sociais e trabalhistas para uma parcela da população imersa em tramas de exploração e precarização do trabalho, em nome de um suposto “desenvolvimento econômico”, à custa do empobrecimento dos povos latino-americanos. O maior impacto das maquilas não foi o reflexo na qualificação da mão de obra ou no aumento do potencial competitivo do Paraguai nos mercados mundiais, mas sim a perpetuação dos modelos combinados de supressão dos direitos sociais e superexploração-precarição do trabalho nos países em desenvolvimento, como forma de acumulação do capital e manutenção dos fluxos de mercados financeiros globais.

Ainda que, inicialmente, as intenções do Estado paraguaio, em seu planejamento, fossem as melhores possíveis, entendeu-se que persistiram a ideia racista e determinista das vocações territoriais nas economias globais. Ao se aproximar desse contexto, percebe-se que a fronteira entre PP-PJC não se restringiu aos free shops, ao comércio formal e informal, ao contrabando e ao tráfico de drogas. Essa região concentra uma série de microcentros de serviços, negócios e fluxos de pessoas que movimentam a economia local, por meio de seus trabalhos e consumos, além das contínuas tentativas de internacionalização desses espaços e das tensões por soberania da fronteira. No artigo de Godoy, Souza e Lamberti, (2020) "As fronteiras territoriais e Sociais das cidades gêmeas de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY): a comercialização do espaço urbano fronteiriço", percebeu-se esse avanço dos processos de financeirização do solo urbano, o qual faz acirrar a segregação espacial e social na zona de fronteira, assim como a necessidade de um planejamento urbano eficiente em favor da preservação do direito à cidade.

Segundo Silva (2021), desde os anos 1970, essa fragmentação do solo urbano tem um propósito voltado aos interesses do mercado imobiliário. Ao citar o trabalho de Oliveira (2010b), ele afirma que os anos de 1970 e 1980 foram marcados pelo crescimento no fluxo de capitais para compra de terras baratas do lado paraguaio e pela concentração fundiária do lado brasileiro, contribuindo para a ocupação de espaços afastados do centro de Ponta Porã, sendo que somente na década de 1970, foram criados onze bairros.

Essa ampliação do espaço urbano "consolidou espaços vazios, obrigou a construção de equipamentos públicos (água, luz, asfalto, etc.), foi onerando seus custos, ficando cada vez

mais dispersa e envolta em uma extraordinária especulação imobiliária" (OLIVEIRA 2010a, p.247). Corroboram para tais observações o trabalho de Silva (2021) que destaca que:

Esse adensamento de Pedro Juan Caballero sofreu alterações a partir do início do século 20. O baixo preço da terra paraguaia, comparado à brasileira, tem contribuído para que muitos produtores rurais desenvolvam suas atividades no lado paraguaio, aumentando o êxodo rural, associado ao próprio crescimento urbano das duas cidades e da procura por moradia mais barata, têm influenciado o traçado urbano na cidade paraguaia com o crescimento de bairros pobres nas áreas periféricas. Essa realidade contribuiu para que o lado brasileiro tivesse mais instrumentos e equipamentos urbanos (SILVA, 2021, p.375).

Manter essas questões em mente nos obriga a ampliar os eixos de investigação e a entender por que essas paisagens tendem a ser estigmatizadas, quando em verdade, elas existem em virtude de seu potencial de interconexão entre corredores econômicos, vias de escoamento de mercadorias, mercados de transformação como as maquilas, fluxo de estudantes de medicina na Linha Internacional, até o comércio popular que mantém o trânsito dos consumidores na fronteira seca como um traço marcante que compõe a paisagem local. Cabe a reflexão que além de ser um acordo econômico expresso na paisagem, as maquilas são elementos que transformam essa fronteira a partir da sua forma, função, dos processos e das estruturas envolvidas nesses acertos comerciais, que modificam regramentos ao criar mecanismos de controle nesses/desses espaços, ainda que remotamente, por um agente externo que alocou essa territorialidade para o beneficiamento das suas mercadorias fora dos domínios industriais e governamentais de origem. Percebeu-se as grandes dificuldades do governo paraguaio em promover a implantação de uma cadeia industrial detentora de tecnologias próprias. E que conseguisse associar melhorias nos direitos trabalhistas e aprimoramento dos profissionais, que estão nesse setor de transformação.

No sentido de oportunizar condições de trabalho e de preservação dos recursos humanos e ambientais. Os planos de instalação do capital internacional que visam às localidades e os mercados estratégicos em escala extra-local, representam uma maneira de estabelecer vinculações entre países por meio de realocações de produção de (semi) manufaturados como as pré-formas para países da América Central, América Latina e de África. Esses processos de transformação do espaço urbano se refletem na paisagem transfronteiriça, pois denotam novos usos, formas distintas de apropriação e de interação com a configuração territorial. Eles se disseminam em nome de uma proposta de inserção no mercado global, que lamentavelmente preserva as relações de desequilíbrio comercial e exploração dos recursos naturais e humanos em países periféricos.

As imagens fazem parte da PTU pois agregam características sociais e urbanas de um conjunto de elementos arquitetônicos que compõem essa paisagem onde podemos perceber as mudanças por meio das remodelações e distintas formas de reaproveitamento desses espaços como foi o caso da antiga estação rodoviária de PP que cedeu espaço para a Fundação de Esporte e Cultura de Ponta Porã (FUNCESPP). Esses investimentos na preservação destas instalações que ganham novo significado para a cidade compõem a paisagem transfronteiriça urbana de PP-PJC. Outro aspecto importante a tratar é a análise perceptiva da paisagem transfronteiriça urbana que abrange o percurso da Linha internacional como instrumento de integração, de trocas comerciais e como símbolo de presença do Estado.

Figura 26 - Fotografia de rua próxima à linha internacional, 2019 e na sequência o mesmo trecho em obras - PTU, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Figura 27 - Fotografia de rua próxima à linha internacional - PTU, 2023.



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Conforme a figura 26 e na figura 27, destacam estas obras de requalificação das avenidas e ruas que compõem a linha internacional foram providenciais; no sentido de melhorar a mobilidade urbana e para dar maior visibilidade ao centro da cidade e seu entorno. E para trazer um novo olhar para essa região que é um centro de compras e polo turístico relevante para a região. Dadas as características sócio – territoriais das paisagens transfronteiriças, as obras seguem em meio ao fluxo contínuo das cidades, como na figura 28. As mudanças foram feitas em função dessas demandas sociais por implementação dos projetos que estavam engavetados por conta da falta de recursos orçamentários e da pandemia da Covid-19 que prejudicou os governos, em função das crises sanitária e econômicas. Com investimento como o FONPLATA os programas de governo puderam ser implantados e finalmente, efetivados.

Figura 28 - Base para calçamento de rua próxima à Linha Internacional - PTU, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

No trabalho de campo II pudemos fazer observações e captar as imagens do Estádio Lic. Roberto Acevedo - Campeones de Amambay, na figura 29 e figura 30; da Laguna Punta Porã, na figura 31, figura 32 e na figura 33. A reintrodução da carreta campesina, que em 2019, estava em reforma, retornou à praça da Laguna Punta Porã, na figura 36. E do Museo Intendente Carlos Dominguez, nas figuras 34 e 35, o mercado público, na figura 38 e a Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na figura 37, que fazem parte da paisagem transfronteiriça urbana em PJC.

Figura 29 - Estádio Municipal Campeones de Amambay - PTU, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

30 - Figura Estádio Municipal Campeones de Amambay - PTU, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 31 - Laguna Punta Porã, PJC - PTU, 2019



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Figura 32 - - Laguna Punta Porã PJC - PTU, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 33 - Laguna Punta Porã, PJC - PTU, 2023.



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 34 - Centro Cultural Intendente Carlos Domínguez, PJC - PTU, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 35 - Fachada do Centro Cultural Int. Carlos Domínguez, PJC - PTU, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 36 - Carreta Campesina, ao lado da laguna Punta Porã, PJC - PTU, 2023



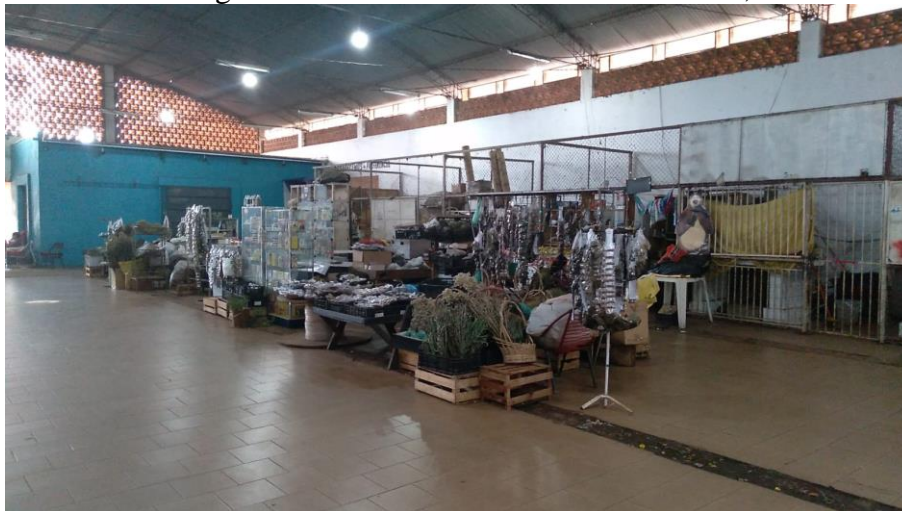
Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 37 - Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro PJC - PTU, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 38 - Mercado Público de PJC - PTU, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Na figura 39 a fotografia de uma das faculdades de medicina, conhecida pela sigla UCP (Universidad Columbia del Paraguay) que está localizada no centro de PJC a alguns metros da Linha Internacional.

Figura 39 - Universidad Columbia del Paraguay, PJC - PTU, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 40 - Monumento artístico próximo a Laguna Punta Porã, PJC - PTU, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 41 - Monumento artístico próximo ao Parque do Ervais, PP - PTU, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023

Nas imagens anteriores, na figura 40 e na figura 41 foi possível notar a ideia do espelhamento entre as cidades gêmeas. Em 2019, no primeiro campo não havia essas intervenções artísticas que expressavam o amor pela cidade. Mas tão logo uma cidade adere ao artefato, a outra também fez uso desse recurso em um local de muito trânsito de pessoas. As próximas três fotografias são uma prática de foto sequência, uma composição de uma cena quadro a quadro, cuja técnica foi desenvolvida em uma oficina de fotografia ministrado pela professora Leticia Parente Ribeiro, em 2019. A proposta era construir uma história no formato de um texto imagético composto somente com imagens nas figuras, 42, 43, 44 e 45 na sequência:

Figura 42 - Foto sequência A cena pública I. Laguna Punta Porã, PJC – PTU



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 43 - Foto seqüência A cena pública II. Laguna Punta Porã, PJC – PTU



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 44 - Foto seqüência A cena pública III. Laguna Punta Porã, PJC – PTU



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 45 - Foto seqüência A cena pública VI. Laguna Punta Porã, PJC – PTU



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

As imagens captadas são expressão de um olhar de uma observadora – pesquisadora que é atravessada por interseccionalidades⁴⁴ e que por meio de escolhas que envolveram aspectos da subjetividade, para compor as imagens com um olhar afetivo, para essas formas de existência que se expressam em uma territorialidade tão distinta.

O trabalho de campo apresenta a possibilidade de fazermos uma composição a partir do empírico, e por isso, somos também parte dessa construção da paisagem – imagem a partir de uma percepção subjetiva. Conforme Ruy Moreira, 2012 descreveu, esse movimento de deslocar-se para observarmos como os olhos de dentro, com curiosidade e de maneira destemida, nos conduz a enxergar além daquilo que está posto nos aproximando de forma corpórea do nosso fazer simbólico no mundo real;

Reprodução das experiências acumuladas e transformadas em um campo amplo de estado de subjetividade, que conduz o ato da percepção de fora, ao mesmo tempo que é por esta ativada, numa reciprocidade biunívoca de espaço e imagem que leva a que se formem seja uma imagem externa e uma imagem interna, seja um espaço externo e um espaço interno, que só no seu movimento e transposição linguística se bifurcam como um de dentro e um de fora distintos. Frutos que são o de fora o mundo do sujeito e o de dentro o mundo subjetivado, porque no fundo são o produto de um corpo que experiencia o todo do mundo com sua múltipla dimensão do sujeito real. E que a razão e o símbolo arrumam ao seu distinto feitio, dicotomizando o espaço, tal qual a imagem, num duplo de um espaço externo (mundo objetivado) e um espaço interno (mundo subjetivado), mal escondendo tratar-se de uma vivência integralizada, ao tempo que diferenciada do todo pelo corpo, seja no sentido do percebido e seja do concebido. Portanto, num entendimento a um só tempo onto-epistêmico e que razão e signo tendem sempre a ver com uma relação dicotômica de próximos - distanciados. Mesmo que, mais à frente, corrigido pela reafirmação unitária do corpo, tudo por fim dialeticamente se resolva num só movimento de dentro-fora idênticos (MOREIRA, 2012 p. 96).

Moreira traduz o processo criativo que tem como premissa integrar os mundos interno, o dentro e o mundo externo, o fora. Nesse sentido, temos como alternativa colocar a nossa própria existência nas composições das imagens das paisagens que nos propomos a captar numa paisagem de um determinado espaço. É importante que estejamos atentas às nossas características que o autor denomina vivência integralizada, que deverão estar a serviço desta subjetividade criadora. Somos sujeitas potentes, que propõem outras práticas de subjetivação

⁴⁴ Interseccionalidade é uma ferramenta metodológica disputada na encruzilhada acadêmica. Trata-se de oferta analítica preparada pelas feministas negras. Conceitualmente ela foi cunhada pela jurista estadunidense, a professora da teoria crítica de raça Kimberlé Crenshaw, no âmbito das leis antidiscriminação. É uma ferramenta teórica e metodológica usada para pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, e as articulações decorrentes daí, que imbricadas repetidas vezes colocam as mulheres negras mais expostas e vulneráveis aos trânsitos destas estruturas. (AKOTIRENE, 2020).

através de entrecruzamentos de vivências, com o feminismo negro, com os debates sobre gênero, classe e raça.

E como um esforço para romper com a dependência epistemológica ocidental e com o pensamento teórico metodológico dominante. Abrindo espaço para novos olhares a partir dos estudos decolônias e do pensamento afrocentrado. Na sequência apresentamos a caracterização de paisagem transfronteiriça cultural – PTC, tratamos das iconografias e o quanto essa evolui, conservando as marcas de um tempo pretérito, ou como descreveu o Prof. Milton Santos, são paisagens que sustentam as rugosidades ou sobreposições de distintos tempos notáveis no espaço social, PTC é passado, presente e persistente.

5.3 PAISAGENS TRANSEFRONTEIRIÇAS CULTURAIS - PTC

As paisagens transfronteiriças culturais – PTC são conjuntos de imagens as quais emergem de um olhar dos aspectos histórico-culturais que associados aos elementos políticos e econômicos fizeram florescer na fronteira representações e símbolos nacionais e de interação entre culturas que agregam aspectos das culturas brasileira e paraguaia em uma região que pode ser percorrida a pé. Com fortes referências dos povos originários e das heranças étnicas de outros povos que se instalaram na fronteira, as famílias abastadas buscaram reproduzir os modos de uma sociedade de hábitos refinados à semelhança do que estivera em voga na Europa à época, no sentido de evidenciar uma cultura também elevada apesar da distância dos grandes centros culturais.

As fotografias, que compõem o trabalho foram captadas entre os meses de outubro e novembro de 2019 e entre os dias 20 e 24 de setembro de 2023. Sendo essas selecionadas em momentos diferentes, em distintos espaços, os quais são perceptíveis por meio da configuração da paisagem fronteira, por vezes destacando as imagens do cotidiano e em outros momentos focada nas iconografias e representações do espaço social como meio de localização/ identificação das distintas territorialidades presentes na fronteira. Nesse sentido, são os lugares que passam informações, são discursos do espaço produzido, muito particulares desse recorte regional, ainda que estejam relativamente próximos uns dos outros, e conseqüentemente, da Linha Internacional. Percebe-se que os usos, as formas como as pessoas se estabelecem localmente e os objetos são dispostos, de acordo com o propósito, com uma intencionalidade, expostos em seus contornos comerciais e culturais em destaque. Identificamos facilmente que a fronteira é um cenário produzido para as práticas comerciais, para o visitante, turista, o estrangeiro, ou pautada pelas relações exteriores ou inter-regionais,

para as trocas no mercado, no câmbio. As variações são evidentes, pois uma parte dessa estrutura está direcionada para o consumo de artigos de luxo, o que requer um poder aquisitivo considerável, destinado ao público que frequenta o *Shopping China*. Nem todos os moradores de Pedro Juan Caballero ou de Ponta Porã vão esse estabelecimento, em função dos valores dos produtos. Os moradores costumam ir ao Shopping Planet, que é mais acessível e menos elitizado para os parâmetros locais.

A grande maioria corresponde ao comércio popular de compras para o consumo imediato, como roupas, calçados, bazar, eletroeletrônicos. Notamos os pequenos comércios, as inúmeras mercearias, locais que vendem comidas prontas, carnes assadas, frutas e verduras, que sustentam o sistema doméstico na fronteira.

O contexto socioeconômico e territorial a Linha Internacional abrange as profundas relações de pertencimento dos habitantes com essa paisagem, em suas falas e comentários identificamos o quanto o estar na fronteira transcende a mera condição de morador (a) – trabalhador (a), mas evoca uma construção social que está implicada com o espaço vivido, concebido e percebido por intermédio da paisagem de fronteira em suas interações expressas. Certamente, estar na Linha Internacional entre PP e PJC e andar pelas ruas de Ciudad del Este e atravessar a ponte para chegar a Foz do Iguaçu despertam sensações muito distintas, em termos de velocidade dos fluxos econômicos e das formas como se dão as trocas comerciais, pois são construções socioespaciais muito específicas. Porém, em ambas notamos uma forma de viver na fronteira, com suas mazelas e belezas; suas dinâmicas e processos culturais e geopolíticos.

Como ponto relevante desse transitar por entre centros urbanos de fronteira e cidades gêmeas desperta um desejo de revisitar, olhar mais atentamente e observar o conjunto dos aspectos naturais e sociais, os quais dão concretude ao conceito do que é essa paisagem transfronteiriça. Essa que se busca ajustar-se às expectativas do observador, que a cada momento tem seus paradigmas postos em xeque, uma vez que a paisagem se transforma, pois está continuamente buscando suprir as necessidades de acomodação, ao passo que preserva elementos do passado. Como no trecho de Verdum, (2016), que apresenta essa conformação a partir da memória:

A memória é um dos agentes que determina a crescente complexidade da paisagem, uma vez que se acumula em estratos ao longo do tempo. Nas pedras, nas dobras e no simples caminhar do viajante se deposita uma infinidade de histórias, que por um lado compõe a paisagem tal como se apresenta fisicamente, e por outro, geram uma diversidade causada por esta multiplicidade de leituras. Esta superposição ocorre em diferentes medidas, e pode crescer em lugares onde a paisagem se construa a partir

de dicotomias ou dualidades, tais como: o urbano-rural, o passado-presente, a natureza-sociedade, o individual-coletivo, o teórico-prático, o subjetivo-objetivo. Importante salientar que as pesquisas que adotam a abordagem fenomenológica iluminam o constante movimento de uma sociedade moldar a paisagem, ao mesmo tempo em que é moldada por ela. É na relação complexa retroalimentar de modificação do objeto pelo sujeito e do objeto modificando o sujeito, que a paisagem como um todo nos é dada a conhecer (VERDUM, 2016, p. 134).

Percorrendo as ruas das cidades de Ponta Porã e Pedro Juan percebeu-se a necessidade de demarcar os espaços e de reforçar as cores locais como forma de mostrar-se presente na paisagem como referência de relevância arquitetônica desse conjunto, que caracteriza esse espaço social. Neste trabalho, destacamos o Centro Cultural Intendente Carlos Dominguez que foi inaugurado em 24/07/2020, no Município de Pedro Juan Caballero, Departamento de Amambay, o antigo edifício da prefeitura, que foi restaurado, onde funciona o mais novo museu da cidade. Este conta com um acervo primoroso com referências da história e da cultura local até exposições permanentes da arte contemporânea regional. Na sequência, na figura 46, apresenta-se uma fotografia do prédio anterior à reforma e uma retirada do portal de notícias local do Museu no dia da inauguração. Enquanto equipamento arquitetônico que compõem a Paisagem Transfronteiriça Cultural (PTC), pois passou por um processo de remodelação para dar espaço a uma nova proposta de uso e ocupação para esse espaço que é muito próximo à Linha Internacional e atrai turistas que apreciam prédios históricos, remodelados, isto é, com uma nova formatação, caracterizando outras funções para uma estrutura remanescente de outro tempo, que desempenhava outras relações com a paisagem transfronteiriça. Um bom exemplo disso é a remodelação da antiga sede da prefeitura de PJC, que após muitos anos em desocupação, foi reformada e ganhou uma nova função em julho de 2020, na figura 46. O antigo prédio foi reformado e transformado em um museu de obras regionais contemporâneas, que destaca trabalhos de artistas locais e de toda a América latina. Além de preservar um acervo de produções que contam a história de fundação do povoado, até adquirir o status de cidade, que intercambia influências com PP. Essa interdependência desperta expectativas que vão além das rivalidades fronteiriças, pois faz emergir outras linguagens socioterritoriais na paisagem, que ao se renovar em termos de valor arquitetônico e cultural ressignifica esses elementos, que se convertem em espaços de memória e história e de expressão artística para as gerações futuras. Figura 46 em complemento;

Figura 46 - Edifício da Comuna de Pedro Juan Caballero antes da reforma e ser convertido em Museu de arte contemporânea e do folclore local, PTC, 2019



Fonte: Janafna Teixeira, 2019.

Figura 47 - Edifício da Comuna de PJC restaurado e convertido em centro cultural, PTC, 2020.

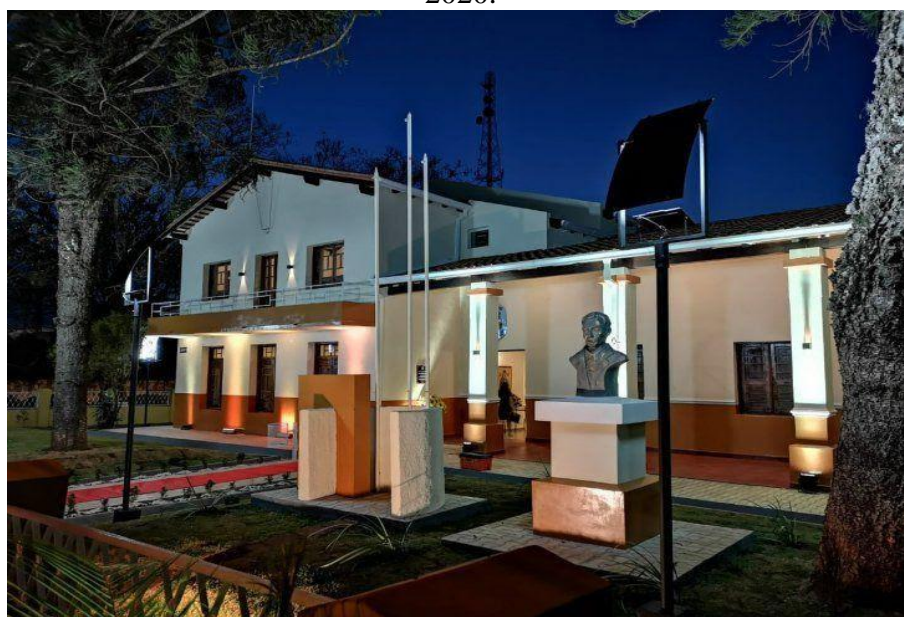


Foto: Marciano Candia. www.ultimahora.com, 28/07/2020.

Quando estivemos na cidade de Pedro Juan Caballero, percebemos o quão próximos eram as cidades e como eram vantajosas as relações de intercâmbio no âmbito do comércio e do turismo, pois existe essa conformação das cidades gêmeas que atrai o interesse dos visitantes, assim como a necessidade de serem referências para si mesmas sem desprezar a existência e complementaridade com a cidade de PP.

Em 20 de setembro de 2023 visitei o Museu Centro Cultural Intendente Carlos Dominguez, inaugurado em 2021, antes o prédio era a sede da Comuna de PJC, ou prefeitura.

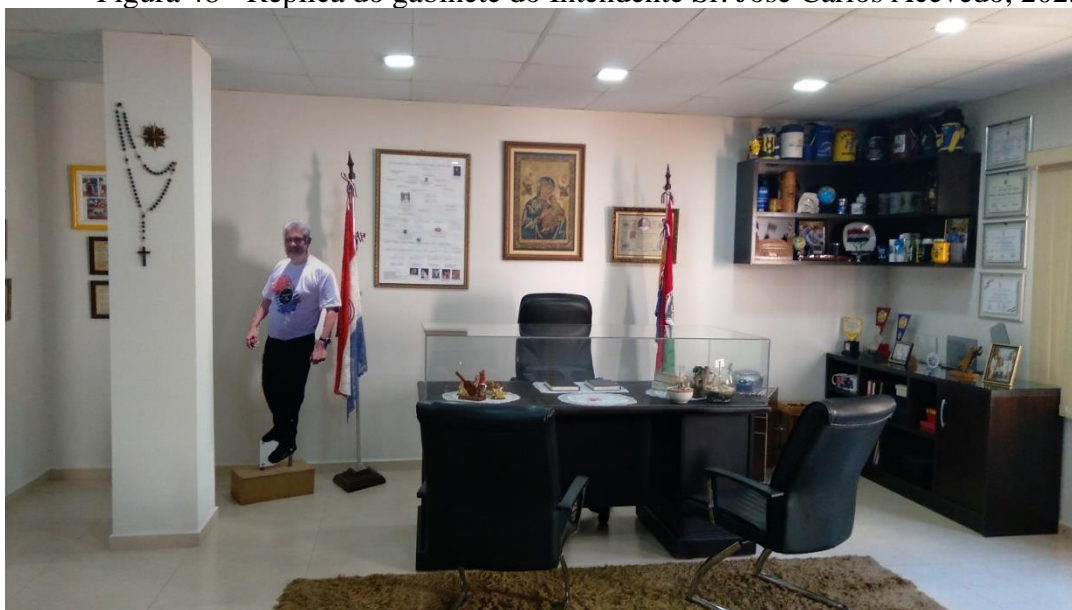
Após longo tempo desocupado, o prédio passou por reforma e revitalizado, deu espaço ao Museu. O museu conta com galerias com acervos de fotografias, pinturas e artes indígenas como utensílios de caça e para uso doméstico. A galeria da história da Guerra da Tríplice Aliança ou Guerra do Paraguai, com retratos dos heróis de guerra, uniformes e documentos como cartas e correspondências dos líderes das batalhas.

Conta com uma galeria em homenagem ao período pujante do cultivo e exportação da erva mate. Com destaque para a Companhia de Erva Mate Laranjeira. Além das galerias em memória dos líderes políticos e personagens detentores do poder aquisitivo, grandes empresários proprietários de terras locais. Esses representantes das oligarquias locais foram apoiadores dos governos ditatoriais da época, deram suporte aos projetos de governo, graças a sua influência na região de PP-PJC. Esses representantes da elite local eram muito influenciados pelas revistas de moda e jornais que vinham da Europa, o que consequentemente, determinava os costumes das famílias abastadas de PP-PJC, como o hábito inglês de tomar o chá das cinco. Na sequência, apresentamos as fotografias das obras que estão expostas no Centro Cultural de PJC. Estas são produções de diversos artistas locais e internacionais. Como o eixo 1 que foi analisado neste trabalho, versou sobre a produção da memória locais, destacou as territorialidades em disputa, em função do domínio do patriarcado, fundamentado no poder das oligarquias remanescentes do período colonial, apresentamos uma seleção de imagens que remetem a esse momento histórico, que foi a base para a consolidação dos primeiros povoados nas cidades gêmeas de PP-PJC.

Além de elementos da contemporaneidade como uma sala toda caracterizada como o gabinete do intendente José Carlos Acevedo, prefeito de Pedro Juan Caballero, que fora assassinado⁴⁵ após um violento atentado contra a sua vida, ocorrido em PJC. Na sequência a réplica do gabinete do intendente.

⁴⁵ Fonte: G1. Morre José Carlos Acevedo, prefeito de Pedro Juan Caballero. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2022/05/22/morre-jose-carlos-acevedo-prefeito-de-pedro-juan-caballero.ghtml>>. Acesso em 14 de janeiro de 2024.

Figura 48 - Réplica do gabinete do Intendente Sr. José Carlos Acevedo, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023

Figura 49 - Exposições de fotografias e utensílios, trajetórias e histórias dos povos originários no Museu de arte contemporânea e do folclore local, PTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Na figura 50, percebeu-se a forte presença dos povos originários na região, com seus rituais, festejos e costumes ancestrais. Estes que deixaram sua contribuição cultural e os frutos dos seus trabalhos como técnicas de plantio, maneja do solo; o hábito de beber o tereré, que tem como matéria – prima a erva mate, conforme a figura 50.

Figura 50 - Exposições de fotografias e utensílios, trajetórias e histórias dos povos originários no Centro Cultural Intendente Carlos Dominguez de arte dos povos originários e do folclore local, PTC, 2023.



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Os aspectos históricos do Paraguai como a Grande Guerra, ou Guerra Guasú, que representou muitas perdas ao país, assim como por períodos de grandes embates geopolíticos e por disputas por territórios, marcaram a memória coletiva, especialmente os massacres e as perdas humanas. Além disso, um imaginário de heróis notórios como o Marechal Solano López, conforme a fotografia na figura 51 que até os dias atuais é homenageado nas cidades que foram os cenários das batalhas, como o Cerro Corá, onde Solano López foi capturado e assassinado pelos inimigos. Além dos nomes dos heróis de guerra, também se destacou a figura da esposa de Solano Lopez, Sr^a Elisa Lynch, na figura 52;

Figura 51 - Marechal Francisco Solano López (1827-1870) destaque entre os heróis da Guerra do Paraguai, (1864- 1870), Centro Cultural Intendente Carlos Dominguez, PTC, 2023.



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 52 - Fotografia da esposa do Marechal Solano López, Sr^a Elisa Lynch e na parte inferior, expositor com armamentos de utilizados na Guerra do Paraguai. Acervo do Museu Centro Cultural Intendente Carlos Dominguez de PJC, PTC, 2020.



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Na sequência temos a galeria que faz referência ao período de auge das grandes companhias que produziam e exportavam erva mate na região, as quais se notabilizaram pelo

modelo de negócio que se utilizou dos recursos naturais e humanos abundantes para prosperar. Contudo, a concorrência com a erva-mate argentina e os fatores geopolíticos e econômicos com o Brasil, fizeram com que esses negócios deixassem de ser tão atrativos, conforme a figura 53, na sequência.

Figura 53 - Fotografia trabalhadores da produção ervateira. Acervo do Museu Centro Cultural Intendente Carlos Dominguez de PJC, PTC, 2023



Fonte: Janafna Teixeira, 2023.

Figura 54 - Gravura de trabalhadores da produção ervateira, também retratado em croquis e pinturas. Acervo do Museu de PJC, PTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 55 - Fotografia trabalhadores da produção ervateira, também retratado nas pinturas.
Acervo do Museu de PJC, PTC, 2023.



Fonte: Janafina Teixeira, 2023.

As fotografias retratavam as condições dos trabalhadores que exerciam as atividades de plantio, colheita e o transporte da erva-mate pelas companhias ervateiras, por meio das carroças, como na pintura anterior. A fotografia na figura 56 retrata o grande volume de erva mate que cada trabalhador suportava nos ombros durante as jornadas de trabalho.

Figura 56 - Trabalhador com fardo de erva mate sobre os ombros. Acervo do Museu de PJC, 2023.



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Ao analisarmos as imagens depois de quatro anos do primeiro trabalho de campo, percebemos o quanto são relevantes os registros para essa pesquisa, pois foi uma forma de

aplicarmos um novo olhar sobre estas paisagens. Observamos com mais atenção aos detalhes, à riqueza de informação que passou despercebidos durante os primeiros percursos por PP - PJC. Dentre os detalhes abordados, estão os diversificados acervos artísticos dispostos nas instalações do Centro de Cultura, nas galerias das obras contemporâneas, de artistas plásticos locais, como o Sr. Júlio Cesar Alvarez Sosa; exposições de quadros, objetos pessoais de personalidades importantes como políticos, proprietários de terras, pessoas ligadas aos governos e às classes dominantes. Assim como os membros das elites locais, seus familiares, que se destacaram nas artes, na cultura e educação, visto que se tratava de uma região muito pobre em entretenimentos interculturais e eventos refinados, eram restritos a grupos seletos de intelectuais e das camadas ilustradas.

Notou-se que essas personalidades foram tornadas memoráveis em função das suas relações parentais e de influência política e financeira, fortemente marcada pela posse de terras. A imagem da mulher nessas representações históricas são lugares de subalternidade e de abnegação, isto é, ou a mulher é a esposa de algum militar influente do exército, ou não se casou, como as três senhoritas da Família Montiel Ortellano, que dedicaram as vidas ao magistério (na fotografia da Figura 57 temos as personagens retratadas). Em ambos os casos recebem lugar de apreço nos memoriais como esse do Centro Cultural.

Figura 57 - Porta-retratos de família na réplica do quarto de uma das irmãs Montiel Ortellano, 2023.



Fonte: Janafina Teixeira, 2023.

As obras de arte expostas no Centro Cultural compõem um mosaico sócio-histórico da fronteira de PP-PJC. Com um acervo que abarca desde a herança dos povos originários até os trabalhos pós-modernos, é um convite à reflexão e ao aprofundamento nesta paisagem transfronteiriça. Um dos aspectos mais marcantes da fronteira é a fluidez do trânsito, das

peessoas, os trabalhos se fazem em fluxos e esse apelo ao movimento, ficou prejudicado no contexto da pandemia de COVID-19 entre os anos de 2020, 2021 e 2022 o que propiciou o retorno da pesquisa empírica para mais observações. Em conversa com professores e pesquisadores em visita a Ponta Porã e Pedro Juan, em 2019, relatam que alguns segmentos da Linha internacional teriam sido interditados e até mesmo teriam recebido cercas de arame farpado e tiveram a fiscalização reforçada para garantir que a população respeitasse as normas de restrição na região de fronteira PP - PJC. São comuns os relatos de um comércio informal de produtos que eram levados até a cercas erguidas na linha internacional, e o quanto alguns gêneros tiveram os seus preços inflacionados, por conta das medidas que inviabilizaram a livre circulação, durante a pandemia. O posicionamento do governo paraguaio mostrou-se providencial, pois entendeu que não teria a mesma capacidade de atender aos infectados pelo coronavírus (covid-19), em caso de disseminação da doença na região de fronteira. Dessa forma, o governo paraguaio adotou o sistema de fechamento das fronteiras, como forma de minimizar os impactos da pandemia no país. Com base nessas medidas sanitárias observamos mudanças na paisagem local, visto que naquele momento ainda não havia sido criadas as vacinas contra o covid-19.

O propósito do campo II foi comparar as paisagens transfronteiriças em suas dimensões do ponto de vista econômico em função do turismo de compras nesse período. Identificamos que em termos de hábitos, ao longo desses quase dois anos de enfrentamento ao Covid-19, e o convívio com um contexto pandêmico na linha de fronteira, modificou drasticamente em função do fechamento da fronteira de PP-PJC. Certamente foram adotadas medidas de restrição de acesso e práticas comerciais como o *drive-thru* e o *delivery* tornaram-se mais frequentes, assim como em outras partes do mundo. Ao passo que os meios de transportes e os serviços ditos essenciais, se mantiveram, pois deste dependia economicamente grande parte da população de faixas de renda mais baixas.

Nas observações pude notar que a vida na fronteira é fluida e ágil, tanto Ponta Porã, quanto Pedro Juan Caballero são cidades dinâmicas e interconectadas. Contudo, nem esse modo de vida escapou ileso ao contexto de uma crise sanitária global. Por ser fronteira PP-PJC passaram por sérias restrições de trânsito de mercadorias e de serviços, o que somente se normalizou após a lenta flexibilização do controle nas fronteiras.

Nesse meio tempo assistimos a vídeos institucionais e matérias jornalísticas locais, que tratam da pandemia na região de fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan. Percebo a tensão que se instalou em função das necessidades de sobrevivência econômica frente ao medo de exposição ao coronavírus (covid-19) de uma população que já vinha de uma série de

precariedades socioeconômicas, que deram um tom de carência e instabilidade permanente à região.

Para concluirmos este item retomemos os principais tópicos dentre os quais destacamos as paisagens enquanto construtos de um passado de grandes conflitos territoriais, os quais foram capazes de forjar um povo, por meio de suas vivências e memórias. O avanço das empresas produtoras de erva mate trouxe os primeiros negócios localizados na região de PP-PJC, os transportadores e *viajeros* que ressignificaram a paisagem local, enquanto ponto de descanso estratégico dos trabalhadores. Os negócios e pontos de passagem que possibilitavam alcançar mercados distantes da fronteira eram considerados de grande relevância para aquele tipo de comércio. Das grandes companhias ervateiras, ao comércio das mercadorias as mais diversas, tornaram a região um polo de compras de trânsito dos produtos industriais e agrícolas que eram efetivamente produzidos na zona de fronteira e outros eram importados de revendidos pelos Paraguaiois que faziam aqueles caminhos em seus trajetos de ir e vir entre um país e outro, estabelecendo o que ficou conhecido como o fluxo de transporte de mercadorias clandestinas, as quais não passavam pelas alfândegas para fins de não serem tarifadas, entre o Paraguai e o Brasil.

Esse transitar acabou se tornando um problema fiscal e de que passou a ser tratado como questão de segurança internacional, visto que as mesmas rotas que eram utilizadas para atravessar mercadorias como itens importados da Europa e alimentos; também passou a ser caminho aproveitado para o tráfico de drogas e armas entre os países vizinhos. Assim as cidades como PP e PJC, por serem fronteiriças e estarem frequentemente nas manchetes e jornais como locais de apreensão de drogas, assassinatos e ilícitos receberam a fama de inseguras e violentas ao longo dos anos. Produzindo um fenômeno denominado de criminalização das fronteiras e de seus habitantes. Os processos de comercialização dos produtos locais e importados deram ao território fronteiriço status de polos atrativos de toda a ordem de negócios lícitos e ilícitos até incorporar um estigma, enquanto facilitador dos fluxos de mercadorias e de serviços direcionados para esses mercados.

Na sequência apresentamos as análises das imagens – paisagens e as avaliações das cidades de PP e PJC sob a ótica da produção de paisagens transfronteiriças por meio de imagens e fotografias históricas e atuais, com foco para as formas, funções, estruturas e processos relacionados nessa dinâmica. E faremos a classificação entre paisagem transfronteiriça de turismo de compras (PTTC), por intermédio das imagens.

5.4 PAISAGEM TRANSFRONTEIRIÇA TURISMO DE COMPRAS - PTTC

Atualmente as paisagens de fronteiras estão mais próximas dos projetos de remodelação das estruturas comerciais ou equipamentos de comércio local, por meio de fundos de investimentos internacionais, com foco na atração de consumidores do país vizinho e novos investidores para a Linha Internacional entre PP-PJC. E associados ao turismo de compras em PJC e a proliferação de universidades de medicina que atraem estudantes de outras localidades em função das mensalidades acessíveis e da proximidade com Ponta Porã. Por meio das figuras 58 e 59, na sequência, podemos visualizar uma universidade em frente a outra em PJC e a Universidad Central do Paraguai com a fachada em obras. A análise das imagens das paisagens transfronteiriças e as representações sócio-históricas e iconográficas, na linha internacional é uma iconografia da paisagem transfronteiriça, pois agrega as formas multiculturais às estruturas desenhadas para a atração turística e comercial.

A maneira como as lojas estão dispostas no intuito de dar visibilidade ao turismo de compras a quem busca as mais variadas mercadorias. Por exemplo, temos as lojas de pneus que são emblemáticas, ao ocupar um setor da linha que se estende dos Shoppings China e Planet até as regiões centrais de PP – PJC. O comércio dos pneus consolidou-se na linha e juntamente com esse nicho de mercado, estão associadas lojas de autopeças e equipamento para motocicletas, postos de venda de combustíveis, as oficinas mecânicas, com pontos de descarte desses materiais e retificação de pneus. Ao passo que, do lado brasileiro, notou-se carros e caminhões estacionados e as trocas dos pneus sendo feitas por ali mesmo, em plena via, conforme as figuras 67, 72 e 76.

Figura 58 - Universidad del Norte (UNINORTE) em frente à Universidad Politécnica y Artística del Paraguay (UPAP), PJC, 2023.



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 59 - Universidade Central do Paraguai (UCP), PJC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

As universidades estão concentradas em PJC, mais especificamente na linha internacional. Marcam o espaço urbano as IES, assim como as lojas especializadas em comercializar apostilas, livros e jalecos, entre outros materiais relacionados, destinados aos estudantes dos cursos de medicina. As universidades de medicina são um ‘case de sucesso’ de um negócio que floresceu na região de fronteira, em função de todos os fatores apresentados anteriormente.

Com o advento da pandemia de coronavírus - 19, podemos identificar uma política de intervenção nos fluxos de trânsito locais e mais especificamente na fronteira, no sentido de barrar a disseminação da Covid-19 em território paraguaio. As paisagens transfronteiriças se fazem presentes nas características audiovisuais das campanhas de conscientização pró isolamento social. A seleção das imagens e a trilha sonora da campanha publicitária, que foi desenvolvida pela Secretaria de Comunicação do governo paraguaio, remetia à necessidade do distanciamento social com a mensagem que o problema seria superado, e que todos deveriam permanecer confiantes no retorno à normalidade, com os povos unidos novamente.

Figura 60 - Loja de Pneus nas proximidades do Shopping China, PJC, PTTC, 2023.



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Conforme destacou Lamberti, 2006 o ramo de pneumáticos é composto por empresas de grande porte (aproximadamente 05) e por empresas que promovem, segundo os entrevistados, concorrência desleal, já que trabalham com produtos recauchutados, usados e riscados (LAMBERTI, 2006). Percebemos nas lojas de multimarcas muito próximas umas das outras, o que evidencia a competitividade, a nacionalidade dos produtos é variada: europeia, japonesa, chinesa, brasileira, alemã. E os consumidores são predominantemente os brasileiros da região do Mato Grosso do Sul.

Figura 61 - Rua da Loja de Pneus nas proximidades do Shopping China, PJC, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 62 - Loja da Pneu Goodyear próximo ao Shopping China, PTTC, 2023.



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 63 - Pneus sobre a calçada na Linha Internacional, PP-PJC, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 64 - Loja de Pneus próximo ao Planet Outlet, PP-PJC, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 65 - Comércio de pneus na Linha Internacional, PP-PJC, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

E a diversificação de serviços ofertados nesses locais como nos anúncios com as seguintes mensagens: “alineamiento y balanceo, cubiertas para autos, auto piezas.”. Essas ofertas atraem os consumidores para a linha internacional, conforme a figura 66 na sequência.

Figura 66 - Loja de pneus na Linha Internacional, PP-PJC, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 67 - Grande volume de pneus expostos, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 68 - Loja de pneus na Linha Internacional, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 69 - Rua com lojas de pneus enfileiradas, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 70 - Lojas de pneus na Linha Internacional, PP-PJC, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 71 - Comércio de pneus na Linha Internacional, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Com algumas variações entre modelos de pneus, os fabricantes destes, as dimensões das lojas, se é acoplada a oficinas mecânicas, ou se atendem na rua mesmo. Conforme os detalhes das fotografias, o volume de material impressiona, pois os pneus são acondicionados sobre um mezanino, no interior do estabelecimento, conforme a figura 72; por exemplo. Neste

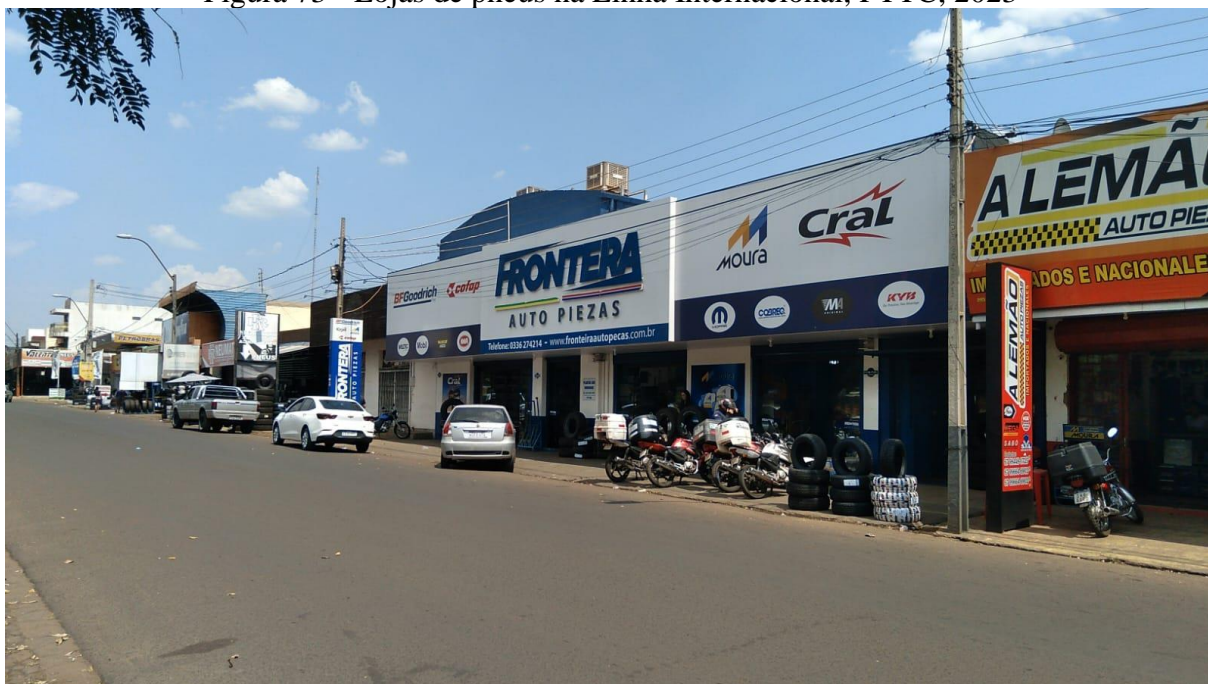
sentido é interessante notar como os pneus estão dispostos, nas calçadas para exposição. As fachadas são muito coloridas com letreiros grandes, as formas de pagamento estão bem visíveis. Destacou-se a grande oferta deste tipo de produto e o apelo ao consumo que se aplica a esse recorte territorial, o qual lança mão de todos os recursos para se fazer notar em meio a um mercado cada vez mais globalizado e sujeito a instabilidades como crises financeiras, econômicas e comerciais.

Figura 72 - Loja e oficina de pneus na Linha Internacional, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 73 - Lojas de pneus na Linha Internacional, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 74 – Comércio movimentado na Linha Internacional, PTTC, 2023.



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 75 - Vendedores ambulantes na Linha Internacional, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 76 - Loja de pneus, com detalhe para funcionário trocando um dos pneus da caminhonete sobre a calçada, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

O trecho da rua com as lojas de pneus e seus derivados retratou os elementos de interação e de trocas comerciais na Linha Internacional. Notou-se uma organização de um comércio ordenado, que se complementa entre as cidades fronteiriças. Trata-se de um

comércio permanente e de fluxo constante de mercadorias e serviços que circulam de um lado ao outro da fronteira. Podemos notar pelos diálogos, a presença de mulheres e de crianças entre os pneus e peças automotivas. Observamos as placas dos carros de origem de cidades do Brasil e do Paraguai que circulam despreocupadamente pelas ruas na fronteira. Na forma como os produtos são expostos sobre as calçadas com organização muito semelhante em todas as lojas da rua, e na forma como os pneus estão dispostos, tem um método de atração de consumidores que circulam pelas ruas da linha internacional.

Figura 77 - Comércio na Linha Internacional, PTTC, 2023.



Fonte: Janafina Teixeira, 2023.

Figura 78 - Comércio na Linha Internacional, circulação de pessoas e carros, PTTC.



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 79 - Comércio na Linha Internacional, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 80 - Comércio na Linha Internacional, lojas de artigos de bazar, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 81 - Comércio ao lado de uma loja de multimarcas, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 82 - Comércio na Linha Internacional, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 83 - Lojas com produtos nacionais e importados na linha internacional, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 84 - Comerciantes que ocupam a praça para vender poltronas e cadeiras, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 85 - Comércio na Linha Internacional, trabalhadores que fazem entregas de motocicletas e bicicletas, PTTC, 2023



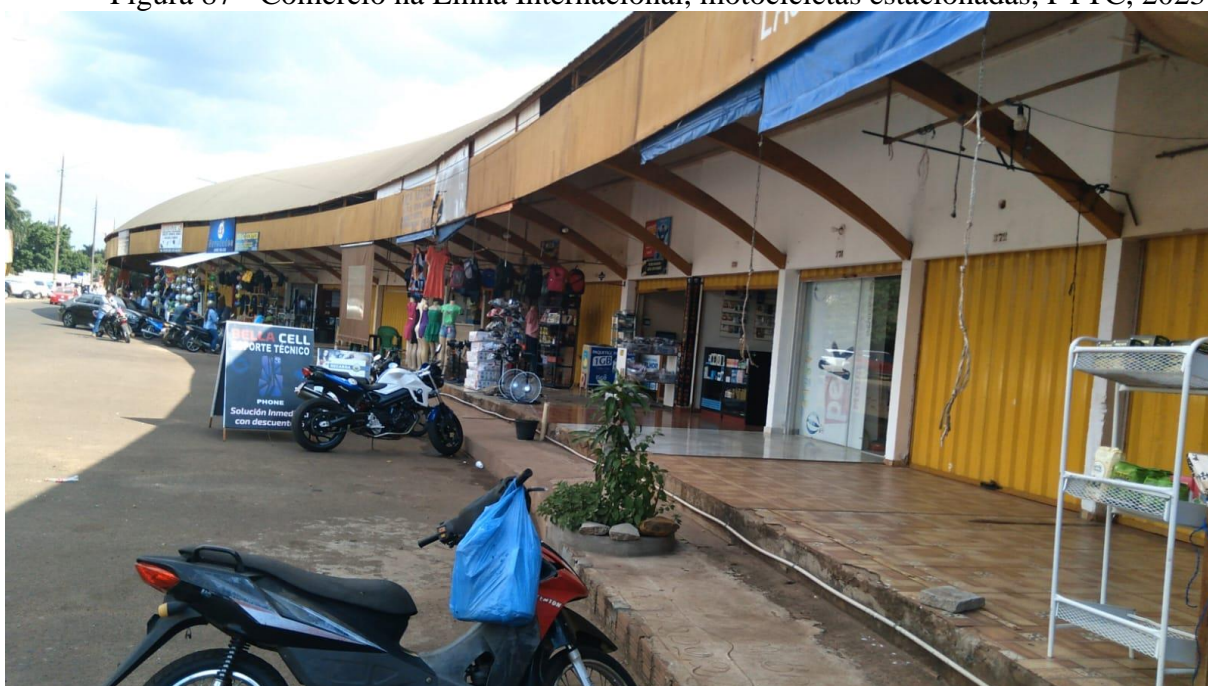
Fonte: Janaína Teixeira, 2023

Figura 86 - Comércio na Linha Internacional (final de tarde), PTTC, 2023



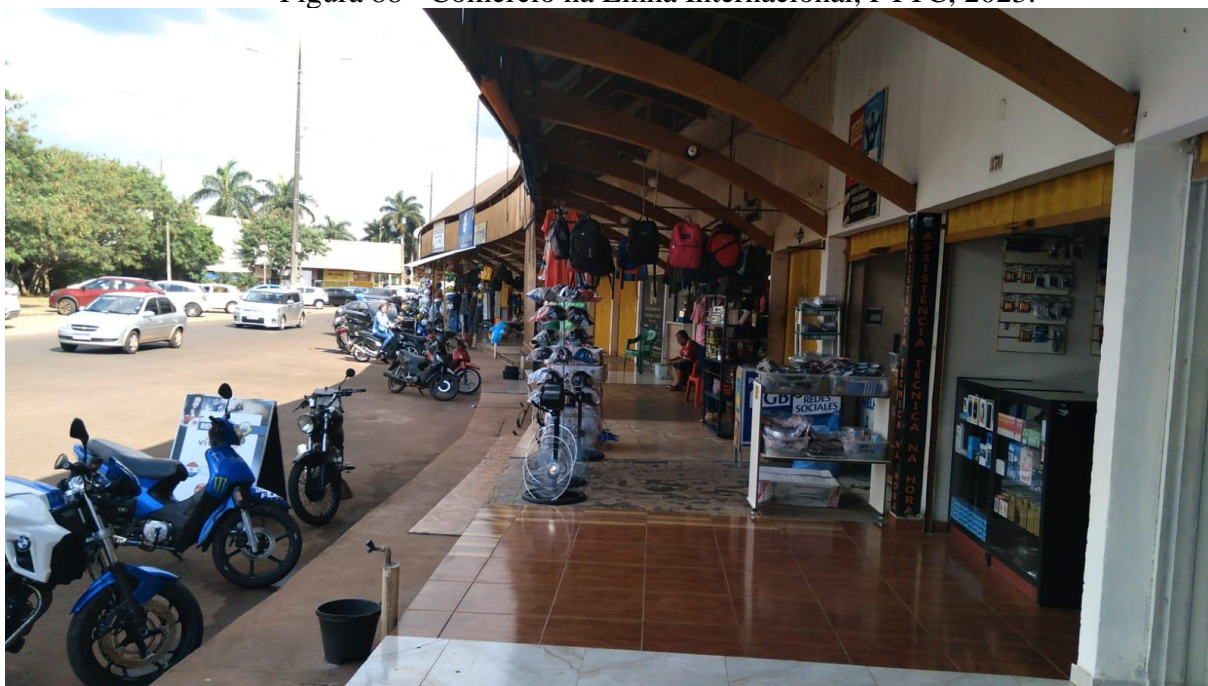
Fonte: Janaína Teixeira, 2023

Figura 87 - Comércio na Linha Internacional, motocicletas estacionadas, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023

Figura 88 - Comércio na Linha Internacional, PTTC, 2023.



Fonte: Janaína Teixeira, 2023

Figura 89 - Fluxos de veículos em ambos os lados da fronteira, PTTC, 2023



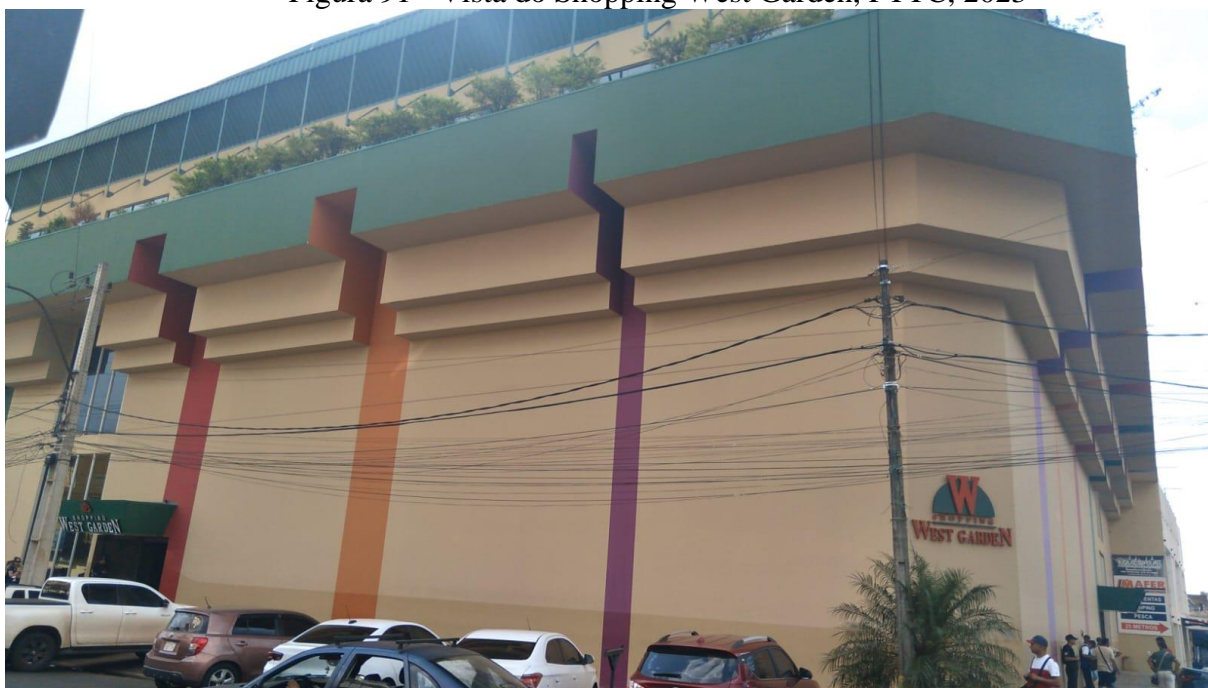
Fonte: Janaína Teixeira, 2023

Figura 90 - Comércio na Linha Internacional, proximidades do Shopping West Garden, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023

Figura 91 - Vista do Shopping West Garden, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023

Figura 92 - Detalhe para a segurança no entorno do Shopping West Garden, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023

Figura 93 - A cena pública da paisagem fronteiriça, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023

Figura 94 - Comércio na Linha Internacional, a cena pública, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023

Figura 95 - Loja de eletroeletrônicos, comércio na Linha Internacional, PTTC, 2023



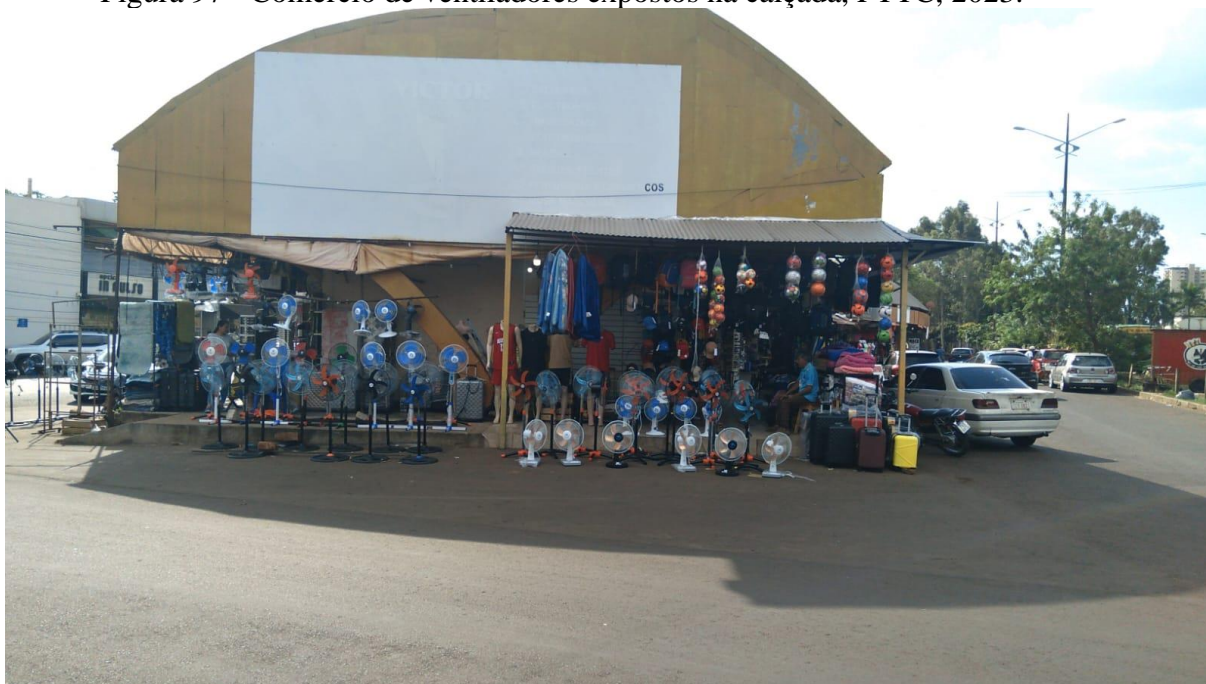
Fonte: Janaína Teixeira, 2023

Figura 96 - Circulação de pessoas nas imediações da Linha Internacional, PTTC, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023

Figura 97 - Comércio de ventiladores expostos na calçada, PTTC, 2023.



Fonte: Janaína Teixeira, 2023

A ideia de paisagem transfronteiriça, nos revela os aspectos estruturais que as transformações socioeconômicas imprimem no espaço ao longo do tempo, com base em escolhas ancoradas em justificativas complementares e correlativas aos interesses dos agentes locais e extra locais, sendo o Estado mais um dos atores que influenciam nas transformações das paisagens transfronteiriças. As fotografias são centrais nesta discussão, pois estas trazem todo o vigor e a trama que encenamos nessa pesquisa.

As imagens estão presentes de forma incisiva para trazer a atmosfera dos percursos, dos aromas das longas caminhadas sob o sol de PP-PJC. Estas fotografias são registros de uma busca por vivências transfronteiriças, são testemunhas da minha inquietude, focada nos relatos, nos olhares, nos fazeres da fronteira, sua lógica e propósitos por vezes mesquinhos, noutras, apaixonantes. Na próxima seção trataremos da classificação das paisagens transfronteiriças históricas e suas características.

5.5 PAISAGEM TRANSFRONTEIRIÇA HISTÓRICA - PTH

Percebemos que houve poucas modificações nas estruturas dos prédios de uso estatal como as prefeituras de PP, a Gobernación, nas fachadas dos prédios públicos, se preservou as formas, visto que é uma maneira de manter a ideia da paisagem fixa com elementos que

remetem a solidez e austeridade. Uma exceção à regra, foi o prédio da Câmara municipal de PP que recebeu nova pintura e remodelação da fachada, que recebeu uma espécie de pórtico.

Figura 98 - Mural com referências de elementos históricos de PP na fachada da Câmara Municipal de PP - PTH, 2019



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 99 - Mural na fachada reformada da Câmara Municipal de PP – PTH, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

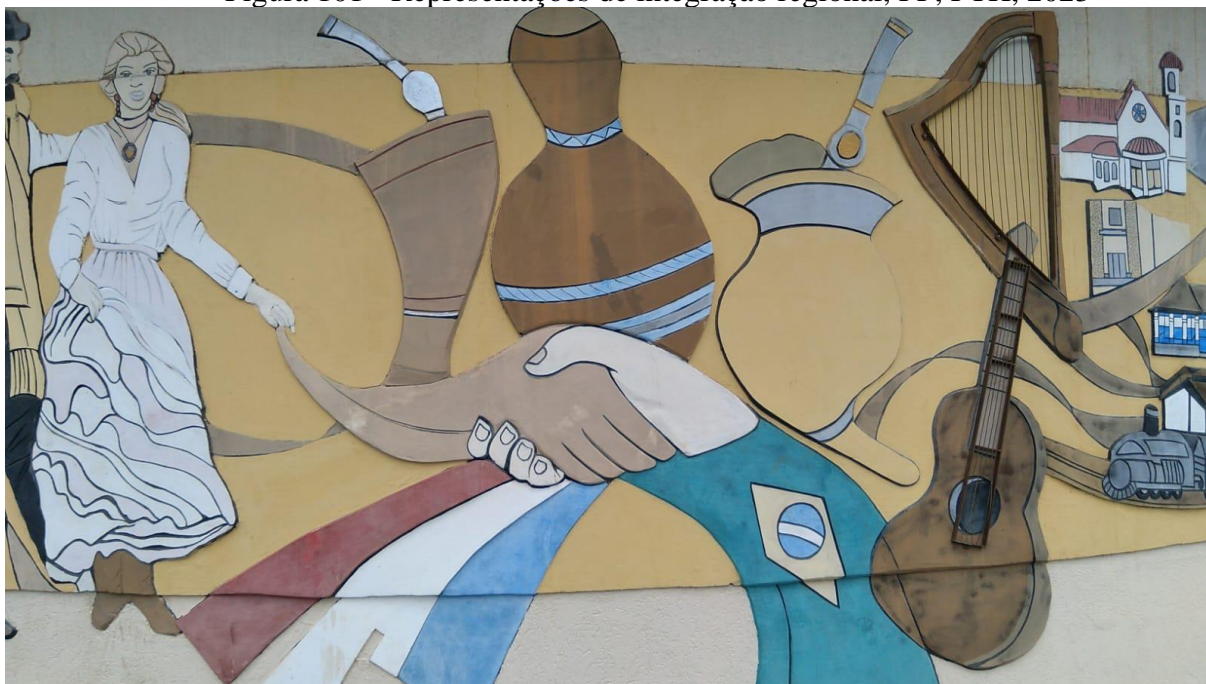
Na fachada estão preservadas as referências de elementos simbólicos que reforçam a integração entre PP-PJC. Com destaque para os monumentos arquitetônicos, para o patrimônio cultural local e para o multiculturalismo que fez uma mescla entre a harpa paraguaia, com a viola pantaneira, do tereré com o chimarrão. No sentido de exaltar uma atmosfera de harmonia e amistosidade entre os povos. Classificamos como paisagem transfronteiriça histórica, pois o painel remete ao contexto histórico de formação dos primeiros povoados que se estabeleceram na região e das tradições que reproduzem nas festividades e nos hábitos locais, na Figura 100 e na Figura 101 podemos visualizar os detalhes.

Figura 100 - Referencias do patrimônio histórico de PP-PJC na Câmara Municipal - PTH, 2023



Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

Figura 101 - Representações de integração regional, PP, PTH, 2023



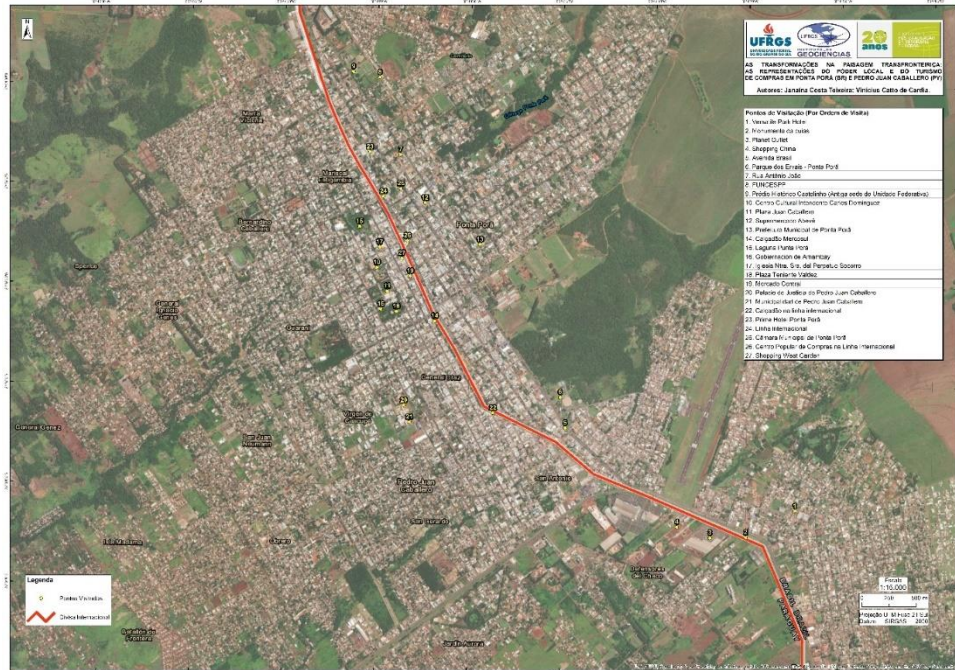
Fonte: Janaína Teixeira, 2023.

A classificação em paisagem transfronteiriça urbana (PTU), paisagem transfronteiriça cultural (PTC), paisagem transfronteiriça histórica (PTH), e paisagem transfronteiriça de turismo de compras (PTTC), são algumas das minhas contribuições metodológicas nessa pesquisa. Pois ao fazermos as observações com base em critérios técnicos ao examinarmos os documentos públicos como os editais do Fundo Financeiro para Desenvolvimento da Bacia do Prata (FONPLATA), que por meio das obras está transformando a paisagem urbana na Linha Internacional. Com relação a paisagem histórica foi possível notar as iconografias socioespaciais por intermédio dos novos usos da FUNCESPP no Castelinho da Polícia Militar (será transformado em museu), que estão sendo revitalizados, para que a história da cidade seja também preservada para que as futuras gerações possam acessá-las. A paisagem transfronteiriça de turismo de compras caracteriza-se como um dos eixos desta pesquisa, pois o traçado urbano foi projetado, para induzir e conduzir ao consumo nos centros comerciais de PP-PJC.

Na sequência apresentamos o mapa temático que foi elaborado a partir das análises dos percursos e das observações dos aspectos mais relevantes das transformações da paisagem transfronteiriça. Este mapa tornou-se realidade a partir da ideia de que importante cartografar e levar essa experiência aos demais. O propósito dessa investigação de quase sete anos, marcadas por muitas incertezas e percalços, foi levar a ideia de paisagem como conceito de

espaço transfronteirizado, que se constituiu de características *sui generis*, de pertencimento, complementaridade e interpenetração comercial e cultural. E de tensões por questões hegemônicas e de soberania territorial.

Figura 102 - Mapa temático - Percursos entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, 2023



Fonte: Teixeira e Cardia, 2023.

Elaborar o mapa temático com os percursos em pontos plotados são importantes para o entendimento dos locais enquanto construções que nos remetem aos objetivos desta tese. E ao fazer a classificação das paisagens transfronteiriças urbanas (PTU), paisagem transfronteiriça culturais (PTC), paisagem transfronteiriça históricas (PTH), e paisagem transfronteiriça de turismo de compras (PTTC), enquanto contribuições metodológicas nesta pesquisa. Pois ao fazermos as observações com base em critérios técnicos ao examinarmos os documentos públicos como os editais do Fundo Financeiro para Desenvolvimento da Bacia do Prata (FONPLATA), que por meio das obras que transformam as paisagens na Linha Internacional e o seu entorno.

Com relação a paisagem histórica foi possível notar as iconografias socioespaciais por intermédio dos novos usos da FUNCESPP no Castelinho da Polícia Militar (será transformado em museu), que estão sendo revitalizados, para que a história da cidade seja também preservada para que as futuras gerações possam acessá-las. A paisagem transfronteiriça de turismo de compras caracteriza-se como um dos eixos desta pesquisa, pois

o traçado urbano foi projetado, para induzir e conduzir ao consumo nos centros comerciais de PP-PJC.

A paisagem transfronteiriça histórica é composta por agentes que se destacaram por suas representações de heroísmo e por manter estreitas relações com o poder estatal. Muitos empresários receberam homenagens e foram beneficiados com títulos de terras, graças a suas contribuições e esforços para a manutenção de governos ditatoriais. Esta elite era representada por icônicos proprietários de terras, donos de companhias ervateiras, cafeicultores. Estes foram retratados por artistas, tiveram os seus feitos eternizados em livros, placas e memoriais em centros culturais e museus. Mais tarde, com a derrocada das monoculturas destes setores produtivos na região, sucederam os fazendeiros, os empresários do ramo da logística do comércio e da indústria na faixa de fronteira, sem que o domínio das terras e o controle da narrativa fossem abandonados, visto que até os dias atuais percebe-se monopólios de poder e alta concentração de riqueza distribuídas entre algumas poucas famílias quatrocentonas da região. Estas (famílias) que exercem influência nas decisões da gestão pública, nos projetos de lei, na economia locais, pois estão conectados aos mercados internacionais e do ramo das importações e exportações na fronteira PP-PJC. São donos dos Shoppings Centers, Outlets, operadores do sistema financeiro, fornecedores de produtos e serviços ao poder público. Podemos notar uma amálgama entre o Estado e os agentes do setor privado, que têm participação ativa nos negócios transfronteiriços e na vida pública, seja por suas iconografias na PTH, seja em função das estratégias desenvolvidas ao longo do tempo tais como: o racismo, o machismo e o apagamento dos povos originários locais, em prol da manutenção dos próprios privilégios de classe.

Portanto este trabalho destacou aspectos sociais, econômicos e geográficos das paisagens transfronteiriças. As suas características e especificidades sem perder de vista a integralidade do contexto de fronteira, com todos os seus embates e tensões entre os distintos agentes os quais compartilham essa região. O comércio está interconectado com o turismo que sofre influência dos projetos estatais associados ao mercado internacional, de maneira ampla e abrangente. Tais elementos estão implicados em uma territorialidade que se expressa na paisagem que nos envolve e que percebemos como única e múltipla simultaneamente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisei a paisagem transfronteiriça para que, ao apropriar-me do conceito, pudesse, por meio da minha escrita, levar esse saber as demais pessoas, que se interessam por esse tema. E assim ampliar o debate sobre os Estudos Fronteiriços, para além dos espaços acadêmicos. Visto que, o conhecimento somente atinge o seu legítimo propósito, quando compartilhado com a comunidade. Reconhecemos que o conceito de paisagem evolui e se modifica com o tempo.

Enquanto mulher negra, autodeclarada preta, periférica, latina na academia, trabalhei um tema inusual, que é a fronteira de PP-PJC, mais especificamente a paisagem transfronteiriça, que são as representações de vivências que transcendem a regulamentação e os identificadores territoriais. Na condição de pós-graduanda, proveniente do sul do Brasil, busquei refletir a respeito de PP e PJC e as relações entre essas cidades gêmeas, também caracterizadas por sua conurbação urbana. Estes conjuntos de aspectos sociopolíticos, econômicos e culturais trouxeram elementos de aproximação semântica e epistêmica às minhas práticas de pesquisa. Pois a minha corporeidade é também transfronteiriça, por toda minha trajetória acadêmica transitei pela POSGEA da UFRGS e pelos espaços de pobreza e violência da periferia da zona sul de Porto Alegre, tenho marcadores sociais e uma ancestralidade negra, que me precedem, ainda percebidos como incomuns nos espaços acadêmicos. E pelo fato de, ao estar em um lugar, mas ser memória e referência de outros espaços de vivência, me fizeram transfronteiriça nessas paisagens de saberes e sabores tão distintos, de aprendizados e de investigações epistêmicas. Enfrentei muitas dificuldades no percurso e na elaboração desta pesquisa. Refletir sobre a relevância do tema; com base em subjetividades e interseccionalidade a este inerente. Até que entrecruzei caminhos e escolhas ao meu lugar de fala. Foram muitos os percalços, no entanto fui resiliente, persisti.

A fronteira de PP-PJC foi estigmatizada por muitos anos como uma região desprovida de segurança pública e como um território de ilegalidades em função das práticas do contrabando que se deram na região. E pela porosidade da fronteira PP-PJC por onde transitam todos os tipos de mercadorias lícitas e ilícitas; e da parca fiscalização. Informações vinculadas pelas mídias de comunicação, que recorrentemente apontam as fronteiras como *locus* de práticas criminosas e de banditismo social, se tornou comum. O que produziu um imaginário da fronteira, que reforça estereótipos e preconceitos. No entanto, após ter convivido com as pessoas locais, conversar com os moradores, trabalhadores residentes, percebi que esta região transfronteiriça tem problemas e dificuldades inerentes ao meio

urbano; em um contexto de profundas desigualdades sociopolíticas e econômicas, também comuns a todos os municípios de países empobrecidos. De fato, as fotografias remetem ao contexto de extrema desigualdade social que assola os países latino-americanos, caribenhos e africanos, em linhas gerais, a superexploração do trabalho, os baixos salários, e as situações indignas a que são submetidos os trabalhadores e trabalhadoras segue sendo um problema social relacionado, predominantemente, a economias vulnerabilizadas e políticas insuficientes de proteção ambiental e de seguridade social, frente ao sistema capitalista mundializado.

Contudo; o que diferencia PP-PJC é a existência de uma linha internacional, uma fronteira viva para compartilhar entre estas municipalidades por fazerem parte de países diferentes. São os novos olhares para essa paisagem transfronteiriça, com todos os seus atravessamentos intersubjetividades. São um permanente desafio à nossa percepção, por meio das imagens e suas representações das paisagens transfronteiriças.

Ao apropriar-me do conceito de paisagem transfronteiriça, percebi pontos de contato entre as dinâmicas de transfronteiridade muito relacionadas aos processos de organização social da linha internacional, em seus elementos de interação entre as intermunicipalidades fronteiriças. Essa que estava embasada em práticas de (re) existência, segurança, trocas comerciais, movimentos de busca por inserção nos mercados globais, através dos seus atores comerciais e políticos. Tais práticas configuram-se como as engrenagens em um contexto pós pandêmico, focado na busca por novos mercados e estabilidade econômica.

Podemos inferir que processos de revitalização, oriundos de projetos estatais, que atuam em parceria com agentes do setor privado, possibilitaram a transformação da forma, função estrutura e dinâmica da paisagem transfronteiriça. À medida que cidades gêmeas compartilham equipamentos públicos como: escolas, postos de saúde, as universidades. Desta forma as relações de complementaridade e a interdependência, constituíram-se como estratégias para superar as crises econômicas em escala local. Tanto PP, quanto PJC têm entre seus objetivos em comum a inserção nos mercados globais, a partir de seus ativos econômicos e culturais.

Desta forma as paisagens se diferenciam por meio das suas distintas representações, as paisagens classificadas em PTU, PTC, PTTC e as PTH como demarcadoras dos agentes do poder local nas figuras de ícones da Guerra Guasú, representados nos heróis de guerra, e mais tarde nas personagens das oligarquias e detentores do capital financeiro e das terras em Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. As repercussões destas transformações nas paisagens transfronteiriças estão intrinsecamente relacionadas às práticas do comércio por meio do turismo de compras, vinculadas à riqueza da multiculturalidade da região de fronteira. A

paisagem transfronteiriça urbana (PTU) é aquela que congrega espaços transfronteirizados, pois ao interconectar por meio das ruas e dos meios físicos, por vias urbanas são imprescindíveis para a mobilidade das pessoas locais e extra locais. A paisagem transfronteiriça Turística de Compras (PTTC) são as que contribuem com o movimento dos visitantes e fluxos comerciais na região. A paisagem transfronteiriça cultural (PTC) corrobora para os eixos culturais da memória representados nas paisagens de fronteira. E a paisagem transfronteiriças históricas (PTH) caracterizam-se como aquelas que enfatizam os monumentos históricos e de integração regional e da potência dos agentes locais que se consolidaram por meio dos homenageados ícones como: Mariscal Francisco Solano Lopes, capitán Joao Antônio da Trindade, capitán Pedro Juan Caballero e Don Jorge Casaccia – destacada figura do mundo empresarial, proprietário de terrenos - entre outros; os quais representam o poder local enquanto nicho político e econômico detentores das forças que influenciam nas decisões sobre o território.

O trabalho mostra os aspectos de uma paisagem transfronteiriça por meio das fotografias que destacaram o cotidiano da fronteira, as ruas, os caminhos por onde transitam brasileiros, paraguaios, brasiguaios, coreanos, libaneses, descendentes dos povos Guarani Kaiowá, e outros grupos étnicos, os quais circulam por essa região. Os argumentos que usamos estão concretizados nas imagens, fotografias e croquis que constituíram esse trabalho tratam: de forma, função, estrutura e processos constitutivos da paisagem. As paisagens transfronteiriças são compostas por representações de um modo de vida de fronteira, que está em constante adaptação aos interesses socioeconômicos, sem perder de vista o forte apelo aos elementos históricos e culturais da fronteira, como riqueza a multiculturalidade local. Elaborar um mapa temático e refazer esses percursos, despertou em mim, a ideia da corporeidade em movimento existente na paisagem transfronteiriça. Este mapa temático tornou-se realidade a partir da ideia de que importante cartografar e levar essa experiência aos demais. O propósito dessa investigação de quase sete anos, marcadas por muitas incertezas e percalços, foi levar a ideia de paisagem como conceito de espaço transfronteirizado, que se constituiu de características *sui generis*, de pertencimento, complementaridade e interpenetração comercial e cultural. E de tensões por questões hegemônicas e de soberania territorial.

Observar os processos de transfronteirização por meio desses dois eixos oportunizou identificarmos os motores que moldaram a paisagem transfronteiriça que são a memória coletiva instrumentalizada pelo Estado como a produzir um amálgama de religiosidade, tradição e história de um povo fronteiriço que cultiva hábitos e costumes comuns da fronteira

de PP-PJC. E, simultaneamente, constitui-se de uma fronteira aberta sem muros, sem barreiras físicas e que se mostra como um polo de atração turística por meio do seu comércio de compras, de ruas interconectadas, que promovem um fluxo constante de prestadores serviços, produtos importados de diversas localidades. Em um conjunto de lojas, que formam uma sequência ininterrupta de pequenos comércios que ocupam as calçadas com produtos como: pneus, chapéus, redes, utensílios domésticos e roupas, muitos calçados; além dos eletroeletrônicos e acessórios, os mais variados.

Nesse sentido, analisamos as transformações da paisagem transfronteiriça a partir da intervenção do Estado, por meio de projetos urbanísticos e obras de infraestrutura, que visaram à atração de turistas para o Centro Popular de Compras por meio da gentrificação da Linha Internacional, de projetos de mobilidade das vias urbanas e revitalização das praças localizadas na região central de PP. A Linha Internacional após a remodelação reúne um valor arquitetônico que materializa a ideia da fronteira como local de trocas e de multiculturalidade. Vive-se muito na e da fronteira a partir destes marcadores sócio territoriais, os quais expressam-se na paisagem transfronteiriça.

Analisamos os processos que deram origem às transformações da paisagem transfronteiriça entre Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY). Assim como os fatores determinantes para nos processos de intervenção sócio territorial, representados por elementos como as iconografias e a transfronteiridades locais. Com base em seus agentes privados, representados por empresários, proprietários de terras, e agentes burocráticos ligados à governança. E ao mercado financeiro associados aos projetos de interesses do Estado, que atuam na região fronteiriça.

Ainda enquanto proposta de futuros desenvolvimentos seria a elaboração de um atlas consolidado com informações de características transfronteiriças, tais como: índices de saúde, educação, Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), saneamento básico, investimentos em ciência e tecnologia por região transfronteiriça. Proposto pelas pesquisadoras Sylvia Hernandez e Maira E. Alvarez (University of Texas - San Antonio) no V Colóquio UNBRAL FRONTEIRAS 'A fronteira é um banco de dados', em 26 de setembro de 2023. Esses indicadores seriam gerados a partir de um banco de dados constituído de forma coletiva entre interlocutores de América Latina. Tais trabalhos gerariam sinergia entre os agentes participantes, visto que, ainda é um desafio tratar de transfronteiridades, sem a produção de infográficos com dados integrados, entre outros recursos tecnológicos. No sentido de suscitar uma cartografia colaborativa nas cidades gêmeas. Esses materiais teriam como finalidade difundir e democratizar os produtos na era digital, a partir dos países do hemisfério Sul global.

Ao buscarmos parcerias no aprofundamento das nossas pesquisas; seja na academia, seja na extensão, podemos obter ganhos reais para o avanço dos estudos transfronteiriços.

E a elaboração de um estudo sobre a Reserva Arqueológica Gasory – Parque Nacional Cerro Corá, visto que nos percursos fizemos alguns recortes para que pudéssemos analisar com profundidade os aspectos observados e postos em destaque. Destarte, ficaram de fora do campo II as observações por meio de revisitas à reserva arqueológica do Gasory, à comunidade indígena Itaguazú, e ao Parque Nacional Cerro Corá em Pedro Juan Caballero (PY) visto que, o campo I fora realizado em 19 de outubro de 2019. Essa visita que teve a duração de um dia inteiro, foram compartilhados diálogos muito produtivos tive contato com os alunos do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Ponta Porã, muito curiosos e com características plurirregionais e étnicas. E com os professores da UFMS-PP. No campo I observamos a rica biodiversidade de insetos, artrópodes e aves e da flora. Notou-se o alto índice de preservação da reserva que é habitada por uma comunidade indígena, que tem seu território e seus costumes protegidos.

Seria interessante visitar esses espaços de preservação do meio ambiente e do patrimônio histórico e pré-histórico da região de PJC. Em face de sua rica biodiversidade e do alto grau de preservação das formações geomorfológicas. Uma proposta seria fazer uma análise dos impactos do ecoturismo na região, por ser um roteiro que está na lista de pontos de visita mais reconhecidos de PJC, em função de proximidade com o Parque Nacional Cerro Corá, local onde o Marechal Francisco Solano López foi capturado e assassinado no final da Guerra da Tríplice Aliança, ou Guerra Guasú.

7 REFERÊNCIAS

- AGUERO GODOY, V. L.; LAMBERTI, E. A Lei de Maquila e a dinâmica produtiva no território fronteiriço de Pedro Juan Caballero (Paraguai). *Revista MERCOSUR de políticas sociales*, [s.l.], v. 4, p. 159-175. 2020. <https://doi.org/10.28917/ism.2019-v4-159>.
- AGUERO GODOY, V. L. Maquila e a dinâmica produtiva na fronteira Brasil/Paraguai: a indústria de Mato Grosso do Sul e do Departamento de Amambay em discussão Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e de Sistemas Produtivos) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. 2020.
- AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. -- São Paulo: Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.
- ALBUQUERQUE, J.L.C. A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010.
- ALBUQUERQUE, K.N.S. Paisagem e representação: a Amazônia nos relatos do casal agassiz (1865-1866), 2013. Disponível em: <<http://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/2787/1/Kassiane%20Nascimento%20da%20Silva%20Albuquerque.pdf>>. Acesso em 18 dez. 2021.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo Estrutural. [Feminismos Plurais / coordenação de Djamilia Ribeiro]. São Paulo: Pólen, 2019.
- ARAÚJO FILHO, R.; CARNEIRO FILHO, C.P.; OLIVEIRA, T.C.M. A Consolidação da Fronteira Sul-Mato-Grossense e as Relações com o Paraguai ao Longo dos Diferentes Períodos da História Brasileira. *GeoPantanal, Corumbá*, v. 14, n. 27, p. 145-165, 2019.
- ARAÚJO FILHO, R.; CARNEIRO FILHO, C.P.; OLIVEIRA, T.C.M. Planejamento urbano e territorial em cidades gêmeas na fronteira BrasilParaguai: Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. In: CONTINI, Alaerte Antonio Martelli; CARNEIRO FILHO, Camilo Pereira; PREUSSLER, Gustavo de Souza (org.). *Fronteiras e Direitos Humanos em Perspectiva*. Curitiba: Íthala, p. 133-148, 2019.
- ARAÚJO FILHO, R. Por uma linha imaginária a realidade se constrói: Interações Transfronteiriças e Planejamento Urbano entre Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai). Dourados (MS), 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/4434/3/RobsondeAraujoFilho.pdf>>. Acesso em 03 jan. 2022.
- ARREOLA, D. Border. *City Ideé Fixe*. *The Geographical Review*, [s.l.], v. 86, n.3, p.356-369, 1996.
- ARREOLA, D.D. The Mexico: US borderlands through two decades. *Journal of Cultural Geography*, [s.l.], v.27, n. 3, p. 331-351, 2010.
- ARREOLA, D. La Cerca y Garitas de Ambos Nogales: A Postcard Landscape Exploration. *Journal of the Southwest*. Border cities and culture. Arizona, 2001.
- ASU. Arizona State University. Escola de Ciências Geográficas e Planejamento Urbano. Daniel Arreola. Disponível em: <<https://sgsup.asu.edu/daniel-arreola>>. Acesso em: 13 abr. 2021.
- BALLER, L. Fronteira e fronteiriços: a construção das relações socioculturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014). Tese (Doutorado em História) Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados-MS: UFGD, 2014.
- BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA R.L.; ROSENDHAL, Z. Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. p. 84-91, 1998.
- BERQUE, A. Les raisons du paysage: de la Chine antique aux environnements de synthèse. Paris: Hazan, 1995.
- BERQUE, A. Paisagem-marca, Paisagem-matriz: Elementos da problemática para a Geografia Cultural". In: CORREA, R.L.; ROSENDAHL, Z. Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 1998.

BOHN GASS, S.L.; VERDUM, R. Subsídios ao zoneamento ambiental do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3763-23357-1-PB.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2022.

BRAMBILLA, C. Exploring the Critical Potential of the Borderscapes Concept. *Geopolitics*, [s.l.], v.20, n. 1, p. 14-34, 2015.

BRAMBILLA, C.; HOLGER, P. Iborder, Borderscapes, Bordering. *Society + Space*, 2015. Disponível em: <<https://societyandspace.org/2015/03/05/iborder-borderscapes-bordering-chiara-brambilla-and-holger-potzsch/>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

BRAMBILLA, C. Explorando o potencial crítico do conceito de Borderscapes. *Geopolítica*, [s.l.], v. 20, 2015 - Edição 1: Borderscapes: From Border Landscapes to Border Esthetics, 2015. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14650045.2014.884561?scroll=top&needAccess=true>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

BUENO, M. L. M. C. Configurações na fronteira entre Brasil/Paraguai e a organização do programa escolas interculturais de fronteira (PEIF). *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 14, n. esp.3, p. 1702–1716, 2019. DOI: 10.21723/riaee.v14iesp.3.12755. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12755>. Acesso em: 12 out. 2021.

BUENO, Y. Memória Fotográfica da cidade de Ponta Porã através do tempo.2015. Disponível em: conesulnews.com.br/entretenimento/memoria-fotografica-da-cidade-de-ponta-pora-atraves-do-tempo/149999/. Acesso em: 03 jan. 2022.

BUURSINK, J. The binational reality of border-crossing cities. *GeoJournal*, [s.l.], v. 54, n. 1, p. 7-19, 2001.

CARDIN, E.G. Sacoleiros e laranjas na tríplice fronteira: uma análise da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo. Tese (Mestrado em Sociologia) Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. Araraquara, 2006.

CARDONA, S.A.B. A la Sombra de los Perobales - História del Poblado de Punta Pora Genesis de dos ciudades. 1870-1902. Asuncion: Imprenta Salesiana, v. 500, 2008.

CARNEIRO, C.P. As fronteiras do Brasil e as pontes como mecanismo de integração. 2021. Disponível em: <https://www.idesf.org.br/2021/11/18/as-fronteiras-do-brasil-e-as-pontes-como-mecanismo-de-integracao/>. Acesso em: 18 nov. 2021.

CARNEIRO, C.P. A. Calçadão Mercosul Centro Popular de Compras. Linha internacional. 2021. Disponível em: <https://www.idesf.org.br/2021/11/18/as-fronteiras-do-brasil-e-as-pontes-como-mecanismo-de-integracao/>. Acesso em: 30 dez. 2021.

CASTRO, D.G. Significados do conceito de paisagem: um debate através da epistemologia da geografia, 2007. Disponível em: < <https://www.pucsp.br/~diamantino/PAISAGEM.htm>>. Acesso em: 04 jan. 2022.

COELHO, L.C. Revelando a paisagem através da fotografia: construção e aplicação de um método: Porto Alegre vista do Guaíba. 2011. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/40403>>. Acesso em: 26 mar. 2021.

CONTI, J.B. Os geógrafos e as paisagens. Universidade de São Paulo – Brasil.

DGEEC Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos. Disponível em: <<https://www.ine.gov.py/publication-single.php?code=NzY=>>>. Acesso em: 25 mar. 2022.

DEFFONTAINES, P.; AZEVEDO, A. Paisagens de Mato Grosso (desenhos e comentários). *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros n. 24, p. 99-104, 1956.

DELL'AGNESE, E. Sarajevo come paesaggio simbolico. *Rivista Geografica Italian*, [s.l.], v. 111, n.2, p.259-283, 2013.

- DELL'AGNESE, E.; SZARY, A.A. Borderscapes: From Border Landscapes to Border Aesthetics. *Geopolitics*, [s.l.], v. 20, p. 4-13, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/273960346_Borderscapes_From_Border_Landscapes_to_Border_Aesthetics>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- DORATIOTO, F. Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- DORFMAN, A. Contrabandistas na fronteira gaúcha: escalas geográficas e representações textuais. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Geografia. Florianópolis, 2009.
- DORFMAN, A.; LARA-VALENCIA, F.; VELOZO, E.G. Paisagem transfronteiriça: Ensinando e pesquisando em ambas Aceguás e ambos Nogales. *Revista da ANPEGE*. ISSN 1679-768X, v.16, n.30 (2020). Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/444-180-PB.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2021.
- DORFMAN A.; FELIX, J.M.; FILIZOLA, R. Ensinando fronteiras: projetos estatais, representações sociais e interculturalidade. Porto Alegre: Diadorim Editora, 2021.
- DOURADO, Maria Teresa Garritano. Mulheres comuns, senhoras respeitáveis: A presença feminina na Guerra do Paraguai. Campo Grande, MS. Ed. UFMS, 2005.
- FERRARI, M. As noções de fronteira em Geografia. *The Concepts of Border in Geography*. *Revista Perspectiva Geográfica*, [s.l.], v.9, n.10, 2014.
- FERRETTI, F. As origens da noção de “fronteiras móveis”: limites políticos e migrações nas geografias de Friedrich Ratzel e Élisée Reclus. *Continentes (UFRRJ)*, [s.l.], v. 2, n. 4, 2014. Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/revistaconti/index.php/continentes/article/view/38.ffhal-01052298f>>. Acesso em: 08 jan. 2022.
- FIOCRUZ. Especial O Ministério da Saúde e o PNI | A cor da desigualdade: a Política de Saúde da População Negra. Disponível em: <[https://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/2478-especial-o-ministerio-da-saude-e-o-pni-a-cor-da-desigualdade-a-politica-de-saude-integral-da-populacao-negra.html#:~:text=Segundo%20dados%20da%20Pesquisa%20Nacional,2022%20\(IBGE%2C%202022b\)](https://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/2478-especial-o-ministerio-da-saude-e-o-pni-a-cor-da-desigualdade-a-politica-de-saude-integral-da-populacao-negra.html#:~:text=Segundo%20dados%20da%20Pesquisa%20Nacional,2022%20(IBGE%2C%202022b).>)>. Acesso em 07 de out. 2023.
- FLORES, Hilda Agnes Hübner. Mulheres na Guerra do Paraguai. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- FRONTEIRA do PCC: vida, violência e tráfico em Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. MOV.doc, UOL, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iElirSkImh0>>. Acesso em: 01 mai. 2020.
- FUNDAÇÃO DE CULTURA E ESPORTES DE PONTA PORÃ - FUNCESPP. Disponível em: <<https://pontapora.ms.gov.br/v2/category/fundacao-de-cultura-e-esportes-de-ponta-pora/>>. Acesso em: 12 mai. 2021.
- GODOY, V.L.; SOUZA, T.F; LAMBERTI, E. As fronteiras territoriais e sociais das cidades-gêmeas de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY): a comercialização do espaço urbano fronteiriço, *SEMITEC 2*, [s.l.], v. 4, n. 5, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/2943-16946-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.
- GOIRIS, F.A.J. Descubriendo la frontera: Historia, Sociedad y Política en Pedro Juan Caballero. Espanha, 1999.
- GOMES, P. C. C.; RIBEIRO, L. P. A produção de imagens para a pesquisa em geografia. *Espaço e Cultura (UERJ)*, [s.l.], v. 33, p. 27-42, 2013. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/8465/6275>>. Acesso em: 01 mai. 2020.
- GOMES, P.C.C. Quadros geográficos: Uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 2017.

- GOSGROVE, D. A geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo das paisagens humanas. In: CORRÊA, R.L.; ROSENTHAL, Z. (Orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- GOTTMANN, J. La Fédération Française. Montreal: L'Arbre, 1947.
- GOTTMANN, J. La Politique des États et leur géographie. Paris: Librairie Armand, Colin, 1952.
- GUERRA Guasú (HD) - Capítulo 01, 02, 04. [Youtube]. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=YmtkwVK3fTY> >. Acesso em 14 mai. 2021.
- GUERRA do Paraguai – Tudo o que você precisa saber (História do Brasil pelo Brasil) Débora Aladim. [YouTube]. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=oISI5OwOXXI> >. Acesso em: 29 mai. 2021.
- GUERRA do Paraguai. História do mundo, [s.d]. Disponível em: < <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-do-paraguai.htm> >. Acesso em: 29 mai. 2021.
- HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização e as “regiões-rede”. Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia. Curitiba: AGB, 1994.
- HAESBAERT, R. Des-territorialização e Identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste. Niterói: EdUFF, 1997.
- HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR. Vol. 3. Rio de Janeiro: ANPUR, 2001a
- HAESBAERT, R. Le mythe de la déterritorialisation. Géographies et Cultures n. 40. Paris: L'Harmattan, 2001b.
- HAESBAERT, R. A multiterritorialidade do mundo e o exemplo da Al Qaeda. Terra Livre n. 7. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros. 2002a
- HAESBAERT, R. Fim dos territórios ou novas territorialidades? In: LOPES, L.; BASTOS, L. (org.) Identidades: recortes multi e interdisciplinares. Campinas: Mercado de Letras. 2002b.
- HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi- territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.
- HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. CONFERENCE, 2004. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>>. Acesso em: 12 abr.2021.
- HAESBAERT, R. Conceitos fundamentais da Geografia. GEOgrafia. Niterói, Universidade Federal Fluminense, v. 21, n 45, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Desktop/textos_conceitos_e_Investiga%C3%A7%C3%B5es_teoricas/CONCEITO_DE_REGIAO_HAESBAERT.pdf> Acesso em: 09 abr. 2021.
- HAESBAERT, R.; MONDARDO, M. Transterritorialidade e antropofagia: territorialidades de trânsito numa perspectiva brasileira -latino-americana, Cidade: Rio de Janeiro editora, GEOgrafia, 1996.
- HISTÓRIA: As causas da Guerra do Paraguai - PGM 11. YouTube. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Q5Yxrh9MX8Q> >. Acesso em: 29 mai. 2021.
- IDEM-TIDADES da Fronteira. Facebook, 2021. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Idem-tidades-da-Fronteira-114622316849102/>>. Acesso em 22 de jun. de 2020.
- IBGE. Ponta Porã. Histórico / Censo (2020). Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/ponta-pora/historico>>. Acesso em 08 de out. de 2023.
- LA BLACHE, P.V. Princípios de geografia humana. Lisboa: Cosmos, 1954.
- LA BLACHE, P.V. As características próprias da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, p. 37-47.

LAMBERTI, E.; SATTI, E.D.C.; CHAPARRO J.B.; PIVA, S. Desenvolvimento, turismo e economia criativa: algumas conexões a partir da realidade fronteiriça de Ponta Porã/MS. GEOFRONTER, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/1728-6827-1-PB.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.

LAMBERTI, E. Dinâmica comercial no território de fronteira: reexportação e territorialidade na conurbação Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Campus Aquidauana, Aquidauana, 2006.

LEFEBVRE, H. O direito à cidade. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

MACHADO, L.O. Estado, territorialidade, redes: cidades gêmeas na zona de fronteira sul-americana. In: SILVEIRA, M. L. (Org.). Continente em chamas: globalização e territórios na América Latina. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.

MACHADO, L.O. Limites e Fronteiras: da Alta Diplomacia aos Circuitos da Ilegalidade. In: Território nº 8, Jan/jun. LAGET/UFERJ, 2000.

MACHADO, L.O. Limites, Fronteiras, Redes. In: STROHAECKER, Tânia Marques. et al. (Org.). Fronteiras e Espaço global. Porto Alegre: AGB-Seção Porto Alegre, 1998.

MACHADO, L.O. O Controle Intermitente do Território Amazônico. In: Território nº 2, Jan/jun. LAGET/UFERJ, 1997. p: 19-32.

MARTINEZ, G.P; TOURRAND, J. Paisagem e intensificação da pecuária na Amazônia: Novas dinâmicas espaço-temporais na escala do estabelecimento agrícola. Revista Confins (Paris), [s.l], n. 33,2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/12551>. Acesso em: 12 dez. 2021.

MARTINS, J.S. Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.

MARTINS, P.C. S. dos; CARNEIRO, C.P.F. Integração regional e as cidades gêmeas no estado de Mato Grosso do Sul (cap.1). In. CONTINI, A.A.M.; PREUSSELER, G.S. de; NOZU, W.C.S.(ORGS.). Fronteiras e Direitos Humanos - Análises Interdisciplinares. Curitiba: Íthala, 2021

MARTINS, P.C.S. Atividade turística no território fronteiriço de Pedro Juan Caballero/PY: breves considerações. V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – SeminTUR, 2008. Disponível em: <https://www.ucs.br/ucs/tpIVSeminTur%20eventos/seminarios_semintur/semin_tur_5/trabalhos/arquivos/gt14-07.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2022.

MARTINS, P. C. S. A formação do território turístico de Pedro Juan Caballero (Paraguai). Dissertação (Mestrado) – UFMS. Programa de Mestrado em Geografia, (Aquidauana - MS), 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/DISSERTAOPATRCIAMARTINS2007.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2022.

MAUAD, A.M. Através da imagem: fotografia e história interfaces. Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n.2, p.73-98, 1996.

MONDARDO, L. M. “Identidades na fronteira (trans) territorial entre Brasil e Paraguai: olhares das relações de contato e de contraste”. Tempos Históricos, s. l], v. 12, n. 2, 2000. Disponível em: <http://e- revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/2215>. Acesso em: 13 abr. 2021.

MOREIRA, R. Geografia e práxis. A presença do espaço na teoria e na prática geográficas. São Paulo. Ed. Contexto, 2012.

NOGUÉ, J; SALA, Pere. Protótipo de Catálogo de Paidaje. Bases conceptuales, metodológicas y procedimentales para la elaboración de los Catálogos de Paisaje de Cataluña. Olot y Barcelona: Observatório del Paisaje de Cataluña, 2006.

NOGUÉ, J. Paisaje, territorio y sociedad civil Ladescap, Territory and Civil Society. DOI: 10.5418/RA2011.0707.0001. Revista da ANPEGE, [s.l], v. 7, n. 7, p. 3-12, 2011 ISSN 1679-768 X. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6535>. Acesso em: 18 ago 2021.

NOGUÉ, J. [Aula Castelao Filosofia - YOUTUBE]. Joan Nogué i Font. Límites e fronteiras. Pensar o território desde as marxes. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=iPBYSQpz3Ig>>. Acesso em: 19 set. 2021.

NUNES, C. A paisagem como teatro. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). Paisagem e Turismo. São Paulo: Contexto, 2002.

ORTOLAN, F.L. Imagens do Feminino na Guerra do Paraguai. MÉTIS: história & cultura, v 5, n. 9, p. 83 – 95, jan./jun. 2006.

OLIVEIRA, T.C.M. A lógica espacial do território fronteiriço - os casos das aglomerações de Ponta Porã - Pedro Juan Caballero e Ladário-Corumbá-Puerto Quijarro-Puerto Suarez. In: SEBRAE/MS (Org.). Mato Grosso do Sul sem fronteiras - características e interações territoriais: Brasil - Bolívia - Paraguai. Campo Grande: Sebrae, 2010a, p. 239-255.

_____(Coord.). Perspectivas para o meio ambiente urbano: GEO Ponta Porã. Campo Grande, 2010b.

OLIVEIRA, A A. (Org.). Conab. Companhia Nacional de Abastecimento. A cultura do trigo. – Brasília: Conab, 2017. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/uploads/arquivos/17_04_25_11_40_00_a_cultura_do_trigo_versao_digital_final.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2022.

PALHANO, H.M.L.; SOUZA, R.A.O. de; MARIN, J.R. A atuação das mulheres na Guerra do Paraguai: entre mitos e história, muitas personagens importantes. XIII Encontro Regional de História. História e Democracia: possibilidades do saber histórico. Coxins - MS - 08 a 11 de novembro de 2016. Disponível em: <http://www.encontro2016.ms.anpuh.org/resources/anais/47/1478226042_ARQUIVO_AatuacaodasmulheresnaGuerradoParaguaiCOXIM.pdf>. Acesso em 05 de out. 2023.

PONTA PORÃ. Formação Administrativa. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/ponta-pora/historico>>. Acesso em 20 de abr. 2024.

PONTA PORÃ. Registros históricos prefeitura de Ponta Porã, [s.d]. Disponível em: <<https://pontapora.ms.gov.br/v2/sobre-ponta-pora/registros-historicos/>>. Acesso em: 09 jan. 2022.

RAFFESTIN, C. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática. 1993.

RAFFESTIN, C. Uma concepção de território, territorialidade e paisagem. 2009. in: PEREIRA, S.R.; COSTA, B.P.; SOUZA E.B.C. (org.) Teorias e práticas territoriais: análises espaço-temporais. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

RAFFESTIN, C. Dalla nostalgia del territorio al desiderio di paesaggio. Elementi per una teoria del paesaggio. Firenze: Alinea, 2005.

RAJARAM, P. M.; GRUNDY-WARR, C. Borderscapes. Hidden Geographies and Politics at Territory's Edge. Minneapolis, University of Minnesota Press. 2007.

RÜCKERT, A.; GRASSLAND, C. Transfronteirizações: possibilidades de pesquisa comparada América do Sul-União Europeia. Revista de Geopolítica, [s.l], p. 90-112, 2016.

SANGUIN, A.L. Paisagens de fronteira: variações em um importante tema da geografia política, BGG, [s.l], v. 42, n. 2, p. 389-411, 2015.

SANGUIN. A.L. Géographie politique (La). Editora: Presses Universitaires France, 1977.

SANTOS, M. UMA DISCUSSÃO SOBRE A NOÇÃO DE REGIÃO, cap. 6. In _____ ESPAÇO E MÉTODO. 5. Ed. São Paulo: EDUSP, 1985.118p.

SANTOS, M. Estrutura, processo, função e forma, como categorias de método geográfico, cap.4. In. _____ ESPAÇO E MÉTODO. 5. Ed. São Paulo: EDUSP, 1985.118p.

- SANTOS, M. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Trad. Myrna T.R. Viana. São Paulo: São Paulo: EDUSP, 2004 [1979]. 433 p.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado: Fundamentos teóricos e Metodológicos da Geografia*. 6 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4 ed. 9. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal*. Record; 30 ed, 2000.
- SANTOS, M. *Por uma Geografia Nova: da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. Edusp; 6 ed, 2008.
- SANTOS, M. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.
- SANTOS, M. *Pensando o espaço do homem*. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SANTOS, M. *Da paisagem ao espaço: Uma discussão*. In: II Encontro nacional de ensino de Paisagismo em escolas de arquitetura e urbanismo do Brasil, 2, 1995, São Paulo. Anais do II ENEPEA. São Paulo: Universidade São Marcos/ FAUUSP, 1996a.
- SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.
- SANTOS, M. *O espaço do cidadão*. 2 ed. São Paulo: Nobel, 1992.
- SAQUET, M.A. A descoberta do território e outras premissas do desenvolvimento territorial. *Rev. bras. estud. urbanos reg.*, São Paulo, v.20, n.3, p.479-505, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbeur/v20n3/2317-1529-rbeur-20-03-479.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2021.
- SAQUET, M. A.; SILVA, S.S. Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território, *Geo UERJ*, [s.l], v.2, n.18, p. 24-42, 2008. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/viewFile/1389/1179>>. Acesso em: 14 abr. 2021.
- SAQUET, M.A. A renovação da geografia: a construção de uma teoria de território e de territorialidade na obra de Jean Gottmann. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/6595-19711-1-SM.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2021.
- SCHAMA, S. *Landscape and Memory*. Nova York: Vintage Books. 1996.
- SAUER, K.O. A Morfologia da Paisagem. In. CORRÊA, R.I.; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: ed. UERJ, 1998.
- SERPA, A. Milton Santos e a paisagem: parâmetros para a construção de uma crítica da paisagem contemporânea. *Paisagem ambiente. Ensaios*, São Paulo, n. 27, p. 131-138, 2010. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/77376-Texto%20do%20artigo-105899-1-10-20140326.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2021.
- SILVA, A. A. Introdução ao pensamento de Jean Gottmann. (Orgs.) Pierre Camu, Paul Claval, André-Louis Sanguin, Amaël Cattaruzza – Curitiba: CRV, 2017. 204p.
- SILVA, L.L.S. A pluralidade das paisagens de guerra. *Revista de Geopolítica*, [s.l], v. 9, n. 2, p. 13 - 28, 2018. Disponível em: <http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/view/208/202>>. Acesso em: 12 dez. 2021.
- SILVA, R.C.M. Significados da cultura e seus deslocamentos nas fronteiras nacionais: Três momentos-chave. *Boletim Gaúcho de Geografia*, [s.l], v. 43, n.1, 2016.
- SILVA, W.G. Interações fronteiriças das cidades gêmeas de Ponta Porã - Brasil e Pedro Juan Caballero - Paraguai. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/467528259-Iberografias-38.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2021.

SOHN, C.; LARA-VALENCIA, F. Borders and cities: Perspectives from North America and Europe. *Journal of Borderlands Studies*, [s.l.], v. 28, n. 2, p. 181-190, 2013.

SOUZA, M. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I et. al. (Orgs.). *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p.77-116.

SOUZA, M. *Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, J.A.C. "No soy de aquí, ni de afí. Yo soy!": Identidade territorial na fronteira entre Pedro Juan Caballero - Paraguai e Ponta Porã - Brasil. *Dissertação (Tese de mestrado em Geografia)*, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2018.

SOUZA, J.A.C.; MONDARDO, M.L. O processo de transformação da linha de fronteira de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY): da ocupação à modernização. VI Seminário Internacional América Platina, 2016. Disponível em: <http://eventos.sistemas.uems.br/assets/uploads/eventos/88a59795508e69486b5c940014affe2c/anais/5_2016-11-13_16-00-40.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2019.

SOUZA, J.A.C.; MONDARDO, L. O Processo de transformação da Linha de Fronteira de Ponta Porã – Brasil e Pedro Juan Caballero – Paraguai: da ocupação à modernização, 2017. *Revista Latinoamericana de Estudantes de Geografía*, Vol. 5, No. 1, 2017. pp. 2–15. Disponível em: <<http://releg.org/pdf/releg2017v5n1.pdf>>. Acesso em jan. de 2022.

SOUZA, J.A. C. A construção identitária na fronteira entre Pedro Juan Caballero – Paraguai e Ponta Porã – Brasil: por Uma identidade transfronteiriça. 2020. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/24742-90880-1-PB.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

SUERTEGARAY, D.M.A. Espaço geográfico uno e múltiplo. *Scripta nova revista electrónica de geografía y ciencias sociales Universidad de Barcelona*. Depósito Legal, v. 21, n. 93, p. 741-798, 2001. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-93.htm>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

TAUNAY, A. D. A Retirada da Laguna. Brasília, 2011. Edição do Senado Federal - Vol. 149. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/580874/000970217_Retirada_Laguna.pdf> Acesso em 14 de out. de 2023.

TEIXEIRA, J.C. Turismo de compras e paisagem fronteiriça em Pedro Juan Caballero (PY) e Ponta Porã (BR). 2019. Disponível em: <<http://unbral.nuvem.ufrgs.br/portal/items/show/3764>>. Acesso em: 11 dez. 2021.

TEIXEIRA, J. C., & Machado, L. de O. (2021). AS CONSEQUÊNCIAS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA. *Identidade!* 26(1 e 2), 347–370. Recuperado de <https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/Identidade/article/view/1211>. Acesso em: 04 de out. 2023.

TORRECILHA, M.L. Gestão compartilhada como espaço de integração na fronteira Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai). *Dissertação (Tese de mestrado em Geografia)*, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-09122013-112517/publico/2013_MariaLuciaTorrecilha_VCorr.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2022.

UNBRAL FRONTEIRAS. Portal de Acesso Aberto das Universidades Brasileiras sobre Fronteiras e Limites. Disponível em: <<http://unbral.nuvem.ufrgs.br/site/>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

VALLET, E. *Borders, Fences and Wall: State of Insecurity*. Farnham, Ashgate. 2014.

VAZ, B.B. Guerra do Paraguai: leituras indispensáveis. (Bibliografia Comentada). In: *Café História*, 2014. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/guerra-do-paraguai/>>. Acesso: 28 abr. 2021.

VELOZO, E.G. A leitura de paisagens transfronteiriças como recurso para a construção de políticas territoriais de fronteira. Anais do XIV ENANPEGE... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/77767>>. Acesso em: 19 mar. 2022.

VERA, H. El país de la sopa dura: Tratado de Paraguayología II. 5 ed. Servilibro. Asunción - Paraguay, 2017.

VERDUM, R.; FONTOURA, L.F.M. Temáticas rurais: do local ao regional. SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

VERDUM, R., VIEIRA, L., PINTO, B.F. e da SILVA, L.A. Paisagem: leituras, significados e transformações. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2012.

VERDUM, R.; VIEIRA, L.F.S.; PIMENTEL, M.R. As Múltiplas Abordagens para o Estudo da Paisagem. Espaço Aberto, PPGG - UFRJ, v.6, n.1, p. 131-150, 2016. ISSN 2237-3071. Disponível em: <[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/5240-11388-1-SM%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/5240-11388-1-SM%20(2).pdf)>. Acesso em: 06 abr. 2021.

ZAMBONI, V. As mulheres paraguaias na guerra entre a Tríplice Aliança e Paraguai: a flexibilização das fronteiras de gênero (1868-1870). XI Encontro Estadual de História. História - Memória - Patrimônio. 23 a 27 de junho de 2012. Universidade Federal de Rio Grande (FURG) - Rio Grande - RS - Brasil. Disponível em: <http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/18/1346362014_ARQUIVO_ArtigoANPUH2012.pdf>. Acesso em 14 de out. de 2023.

APÊNDICE A: Relatório de campo - visita técnica às cidades de Ponta Porã (Br) e Pedro Juan Caballero (Py) 10 de outubro a 28 de outubro de 2019.

Saída de campo para reconhecimento do território, paisagem fronteiriça dia 1. Cheguei à cidade de Ponta Porã às 22:10 do dia 10/10/2019. Iniciei tirando algumas fotos da vista do meu ponto de partida Rua Tiradentes 89, Centro (Imagens em anexo). As caminhadas pela região foram necessárias para a ambientação e percepção dos aspectos socioculturais. Para verificar as características econômicas que se destacam na paisagem. Por três horas percorri a região gentrificada destinada ao comércio popular de compras, tanto do lado paraguaio, quanto do lado brasileiro. Foram observadas as formas de interação de ambos os lados, a movimentação das ruas paraguaias, “seu burburinho” e movimento de carga e descarga de mercadorias, pessoas de todas as idades, que caminhavam com algumas sacolas de compras mais fortemente impulsionadas pelo feriado do Dia da Criança, dia 12/10. Também do lado do comércio paraguaio é possível notar o trânsito constante, quase caótico, de veículos particulares, e se comprovou (in locus) que realmente do lado paraguaio os condutores e seus passageiros que trafegam na condição de motocicletas raramente utilizam capacete; ao passo que, no lado brasileiro todos os motociclistas usam o capacete, bem como os seus caronas (independentemente da idade). Um fato curioso que representa os hábitos e a força de uma regulamentação em uma das cidades, enquanto no país vizinho essa lei é ignorada.

Ao efetuar as compras da semana em um supermercado do lado paraguaio, conversei com uma atendente, que me relatou que mesmo sendo nascida em Ponta Porã, gosta de trabalhar e de morar em Pedro Juan Caballero, pois vive-se bem. Relatou que filhos dela estudavam em Pedro Juan, pois acreditava que no futuro terão mais chances de ter uma vida melhor. Conversei com uma vendedora em uma loja de roupas no lado paraguaio, essa comentou que se os governantes estivessem mais interessados no bem comum, a cidade de (Pedro Juan Caballero) estaria mais bem cuidada, quando comentei sobre o caso de Porto Alegre. Observei que convivem dois momentos comerciais significativos de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, que são as lojas que vendem pneus são presença marcante no cenário da calçada paraguaia, fazendo referência a um momento em que o dólar estava alto e muitos brasileiro vinham para comprá-los. Algo que não tem sido tão comum devido a alta da moeda norte-americana. Contudo, desponta no âmbito dos serviços na região fronteiriça as Instituições de Ensino Superior privadas especializadas em Formação de médicos, que atraem muitos brasileiros que desejam cursar medicina no Paraguai.

Em aproximadamente três horas caminhando e fazendo observações podemos notar as instituições sob o título de universidade ofertando o curso de medicina por meio de banners, outdoors, e placas em frente aos estabelecimentos. Podemos notar IESs como: UCP – Universidade Central do Paraguai, UPG - Universidad Privada del Guairá, UASS - Universidad Sudamericana, UNINTER - Universidad Internacional Tres Fronteras e a UCD - Universidade Central Del Paraguai, UNINORTE - Universidad del Norte PJC, UPAP - Universidad Politécnica y Artística del Paraguay. A barreira do idioma ainda é um dos fatores de repulsão, no entanto, essas universidades atraem pelos valores das mensalidades que chegam a custar em média 10% do valor de uma mensalidade no Brasil⁴⁶.

Na volta vim pelo lado brasileiro, que é triste de ver, muitos estabelecimentos fechados, malcuidados, muitos desocupados, com um aspecto desolador, moradores em situação de rua. Porém, mais para o interior do centro a cidade tem mais organização é mais sistematizada, menos orgânica do que PJC, que funciona muito mais em função das atividades e trocas comerciais que ocorrem na linha internacional (limítrofe entre Brasil e Paraguai).

Conversei ainda na rodoviária de Campo Grande com uma ex-aluna do curso de medicina que segundo ela, após 8 meses de curso não conseguiu “adaptar-se a metodologia” do curso e acabou desistindo, hoje faz graduação em nutrição em Dourados (MS).

Naquele dia em conversa com a minha colega de quarto fiquei sabendo que ela é estudante de medicina em PJC há dois anos. De fato, esses movimentos de jovens que vêm cursar medicina no Paraguai mudou a dinâmica local dessa conurbação fronteiriça. É que está fazendo a economia se movimentar nesse momento, segundo C., taxista há 21 anos em Ponta Porã. Esse afirmou ainda que o número de visitantes-compradores caiu drasticamente com a alta do dólar, que nunca havia visto o comércio tão vazio de clientes.

⁴⁶ Fonte: UPAP. Disponível em: < <https://www.soulmedicina.com.br/medicina-exterior/5/upap/pedro-juan-caballero/paraguai/>>. Acesso em 04 de nov. de 2023.

Fotografia 1. Vista da Pousada onde estive hospedada, 2019



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 2. Vista da cidade de Ponta Porã, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 3. Vista de quem olha em direção à fronteira Brasil Paraguai, 2019



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 4. Vista de quem olha em direção à fronteira Brasil Paraguai, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 5. Rua transversal à linha internacional, Ponta Porã (MS).



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 6. Painel entre uma igreja e uma escola, a rua General Díaz, PJC, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 7. Placa em homenagem ao fortalecimento das políticas de aproximação fronteiriça, em uma praça na linha internacional, maio de 2010.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Relatório de campo dia 2. Foi feriado nacional no Brasil, porém no Paraguai era dia útil. Saí para fazer mais uma caminhada de reconhecimento no campo. Fiz algumas observações percorri alternadamente as ruas do lado paraguaio e o lado brasileiro

comparativamente as ruas de Ponta Porã estavam mais vazias, alguns poucos estabelecimentos abertos somente as farmácias, e as lojas de grande porte como: Magazine Luiza, Americanas e Casas Bahia estavam funcionando. Fui até o lado paraguaio e o movimento somente não estava igual ao do dia anterior, pois os brasileiros não foram às compras (parece uma pretensão, mas não é). Os supermercados estavam funcionando normalmente, em Ponta Porã. Caminhei por duas horas no entorno da linha internacional, fiz alguns registros fotográficos.

Fotografia 8. o circo que está na cidade de Ponta Porã e ao fundo um prédio em construção em Pedro Juan Caballero, com uma bandeira do Paraguai no alto.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 9. Monumento a Virgens de Los Pobles em uma praça de PJC, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 10. Monumento a Virgens de Los Pobles em uma praça de PJC, 2019



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 11. Monumento a Virgens de Los Pobles em uma praça de PJC, 2019



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

O fluxo de veículos diminuiu um pouco, mas o CPC estava em pleno funcionamento; sempre fica a mesma pergunta se realmente há compradores para tantas mercadorias, tantas

roupas e uma série artigos domésticos. Passei por uma loja de artigos de bazar onde havia uma placa dizendo: “Se necessita funcionaria”. Notou-se um movimento de constante renovação deste cenário em termos do comércio formal. Ao pesquisar as referências bibliográficas temos uma boa noção do contexto social e econômico dessa região conurbada de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, porém quando percorremos essas ruas percebemos uma relação intrínseca que envolve essas cidades, as pessoas transitam de um para o outro sem serem importunadas, somente alguns vendedores ambulantes de trufas de chocolate ficam à espreita para oferecer a quem passa. Por um momento em que estava andando pelas ruas, eu não sabia definir se estava em Ponta Porã ou em Pedro Juan, então comecei a me guiar pelas placas, mas ainda assim não tive certeza. Então reparei em algumas lojas de pneus, e percebi que estava em Pedro Juan Caballero. O comércio estava em plena atividade, mas as placas se alternavam em português e espanhol. Fiquei por dez minutos nessa situação, depois comecei a retornar pelos mesmos caminhos já conhecidos.

Enquanto conurbação urbana, Ponta Porã e Pedro Juan Caballero são muito próximas em seus hábitos, sua rotina, pois dividem os mesmos habitantes que coabitam ainda que em memória ambos os lugares. Sempre fazendo referência aqui ou lá, para se identificar ou para se distinguir, esse estar / ser de lá ou de aqui permeiam as relações diuturnamente. Fiz o exercício de ficar transitando de lá para cá e foi muito interessante. Pois possibilitou olhar para as cidades por ângulos diferentes, e perceber que existem dessemelhanças, mas é como se essas se diluíssem em um processo de interdependência, o qual não se restringe a condição econômica. As pessoas aprendem desde muito cedo a conviver com moedas diferentes (negociam em dólar, guaranis e reais). E os fuso-horários distintos, algo que obriga os estudantes de medicina, que moram em Ponta Porã e estudam em Pedro Juan, a estarem sempre atentos “aos horários”.

A construção deste relatório é importante para registrar as experiências de campo, ainda estou fazendo algumas análises de leituras que compõem o referencial teórico, mais especificamente a tese do professor Marcos Mondardo, 2018. Mas, sem dúvida a possibilidade de estar aqui, andar por essas ruas, sentir os cheiros de Ponta Porã (churrasco), e de Pedro Juan (um misto de gasolina, diesel, borracha).

Relatório de campo dia 3. (13/10/2019) - Fiz o PPT do 17º IRFG e inseri algumas fotografias do campo. Conversei com aluna de medicina, do quarto semestre. D. jovem paulista que após algumas verificações/orçamentos para ingressar no curso de medicina de sua cidade, percebeu que os custos seriam muito altos, o que inviabilizaria sua formação no Brasil. Então, por indicação de um amigo da família, decidiu estudar medicina no Paraguai.

No começo foi difícil (disse ela), teve de superar o preconceito de estudar em um país latino, e no primeiro ano eram muitas as disciplinas, comentou que juntamente com ela acessaram nessa IES um total de 80 alunos. Atualmente são 60 matriculados, já havia sabido que os índices de evasão são altíssimos, tanto pela distância de casa, quanto pelos gastos de permanência no curso. D. comentou que é monitora de uma disciplina, porém não ganha desconto nas mensalidades. São poucos os alunos bolsistas, sendo que esse benefício só é concedido a paraguaios natos, por meio de um convênio com a Itaipu Binacional, que disponibiliza bolsas para jovens desde o ensino médio. Contudo, para os brasileiros que compõem entre 80% e 90% dos matriculados não existe previsão de alguma possibilidade de desconto. Conversando com D. percebe-se a lógica mercadológica seguida por essas nove IESs que estão localizadas todas em Pedro Juan Caballero, seu carro-chefe são os cursos de medicina, seus clientes preferenciais são os brasileiros na faixa etária dos 25 aos 45 anos. Os métodos de ensino buscam atrair clientes pela facilidade de acesso (não tem vestibular) e a aproximação com as grades curriculares aplicadas no Brasil. Contudo, ainda carecem de credenciamentos, como o Revalida, que ainda gera dúvidas nos alunos. Isto é, se ao final do curso poderão através de uma prova validar seu diploma, para poder exercer medicina no Brasil.

Questionei se não seria melhor morar em Pedro Juan Caballero, D. informa que prefere Ponta Porã, pois é mais em conta viver em PP. O custo de vida é mais baixo. Então está se adaptando ao processo de migração pendular, morando em PP e estudando em PJC (com uma hora de diferença), pois vai a pé para a faculdade e mora em um pensionato no Centro da cidade. Ao final da tarde, fomos à missa das 19h., ela cantava no coral da igreja, interessante a participação massiva de famílias inteiras, bem-vestidas, perfumadas, que vão às missas. Ao final o orador informa quanto foi valor da coleta daquela missa, nesta que estava presente teve os valores de R\$ 824,00 e G\$1.116,00 Guaranis. D. comentou que tem muitas doações em dólares também e tudo é contabilizado separadamente. Em Porto Alegre não informam quando foi a arrecadação e a presença nas missas não é tão expressiva.

Viver em Ponta Porã para poder estudar em Pedro Juan Caballero é uma realidade de muitos brasileiros atualmente; pessoas vindas de São Paulo, Bahia, entre outros locais do Brasil, para estudar no Paraguai. Eu mesma fui questionada algumas vezes se estava aqui estudando medicina.

Relatório de campo dia 4 - 14/10/2019 - Em um percurso de aproximadamente duas horas, fiz observações na rua Tiradentes, uma rua muito extensa que liga uma base do exército ao centro da cidade de Ponta Porã. A paisagem vai se modificando drasticamente conforme

direcionamo-nos para áreas mais periféricas da cidade. Evidentemente, percorremos uma única rua, porém essa observação nos possibilitou uma contextualização de como a cidade se formou, suas características históricas, notamos algumas casas de madeira, uns poucos prédios em construção, (indicando uma leve verticalização do tecido urbano, a predominância de igrejas pentecostais, um comércio local desaquecido. Alguns vazios urbanos, que intercalam com casas de classe média alta (podemos notar pela qualidade dos materiais utilizados e pela altura dos muros e formas de cercamentos. Poucos são os trabalhadores visíveis, os trabalhadores de construção civil, alguns poucos estabelecimentos comerciais abertos. Muitas árvores frutíferas nas calçadas, muitos cachorros, de todos os portes. Interessante observei que nas placas que indicam os nomes das ruas, existem propagandas de uma IES localizada em Pedro Juan Caballero, por mais que não estejamos procurando referências as tais faculdades estão presentes no cotidiano da cidade. Ainda que exista uma faculdade em Ponta Porã, notou-se uma concorrência expressiva nesse setor.

Fotografia 12. Faculdades Integradas de Ponta Porã, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 13. Igreja Batista em Ponta Porã, 2019



Fonte: Janáfina Teixeira, 2019.

Fotografia 14. Igreja Batista, na rua Tiradentes, Ponta Porã, 2019



Fonte: Janáfina Teixeira, 2019.

As ruas de comércio intenso, próximas à linha internacional, cedem lugar à escultura clássicas e árvores frutíferas, que dão um ar bucólico para a rua Tiradentes.

Fotografia 15. Escultura na Rua Tiradentes, PP, 2019.



Fonte: Janaina Teixeira, 2019.

Conforme a fotografia anterior segundo relatos existem dois anjos que guardam a quadra de uma propriedade privada, com detalhe que estas esculturas estão dispostas na via pública.

Fotografia 16. Praça em uma das vias próxima da área militar de PP, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 17. Praça em uma das vias próxima da área militar de PP, 2019



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 18. Arvore frutífera em uma das vias próxima da área militar de PP.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Podemos notar na mesma rua uma série de características urbanas, com detalhes muitas vezes imperceptíveis, que os diferenciam das demais conformações no mesmo contexto socioespacial. Conforme nos afastamos do centro comercial, podemos observar uma realidade ensimesmada de cidade do interior. Nas bordas da fronteira, vemos estabelecimentos que ressaltam outras tradições, outros jeitos de se expressar como o açougue localizado na esquina.

Fotografia 19. Estabelecimento comercial em esquina, PP, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Percebeu-se a importância de uma rua no cotidiano das pessoas. Por uma rua passa o trabalho, a história, os contrastes sociais e as rugosidades de tempos distintos que convivem e se encontram e trazem novos sentidos ao fazer da paisagem fronteiriça.

Fotografia 20. Brinquedo infantil no percurso da rua Tiradentes, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Relatório de campo dia 5 - 15/10/2019 Li o texto Manual de leitura da paisagem de Roberto Verдум e Luiz Fernando Mazzini, muito bom mesmo. Esse apresenta metodologias de análise e investigação com foco na paisagem a partir de diferentes olhares, técnicas e de forma sistemática trabalha as questões histórico-culturais, refletir sobre a paisagem como uma construção com base no trabalho humano. Conversei por e-mail com a professora Marilene Da Silva Ribeiro⁴⁷ com o intuito de fazer uma entrevista sobre seu conhecimento sobre a história de Ponta Porã. Essa me convidou para ir em uma roda de conversa sobre História de Ponta Porã, informou ainda que serão memorialistas os participantes: Yhulds Bueno (Geógrafo) e o artista plástico Júlio César Alvarez. Destacou que o evento fazia parte de um workshop de fotografias, que realizado no auditório da prefeitura municipal.

Relatório de campo 6 (16/10/2019) - O evento foi muito proveitoso, aprendi muito com as falas dos palestrantes. Encontrei com a Aline Brito, bacharel em administração e mestra em Desenvolvimento Regional. Conversamos brevemente pelo whatsapp e fomos ao Shopping para comprar um pendrive. Nos conhecemos no VII SEF de Corumbá (MS) e ela ficou de me enviar alguns materiais que utilizou durante a feitura de sua dissertação de mestrado. Fomos rumo ao Shopping China, conversamos todo o caminho sobre o meu

⁴⁷ Possui graduação em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2001) e mestrado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2005). Atualmente é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul, Campus Ponta Porã. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Indígena, atuando principalmente nos seguintes temas: história indígena, pantanal, guató, conflitos fundiários e índios.

trabalho. Ela me indicou alguns livros e me passou materiais que gravamos no pendrive. Chegamos ao Shopping China, verificamos que os pendrives estavam caros, devido à alta do dólar. Tiramos algumas fotos e resolvemos pesquisar no Shopping Planet, que segundo a Aline era mais em conta.

Fotografia 21. Shopping China, Pedro Juan Caballero, Py, 2019.



Fonte: Janáína Teixeira, 2019.

Fotografia 22. Shopping China, Pedro Juan Caballero, Py, 2019.



Fonte: Janafina Teixeira, 2019.

Nas fotografias do Shopping China notamos que o estacionamento estava bem movimentado, ainda que, esteja presente o discurso de queda no consumo naquele período.

Fotografia 23. Shopping China, em PJC, 2019.



Fonte: Janafina Teixeira, 2019.

Fotografia 24. Entrada da cidade de PP, e a Divisa entre Brasil e Paraguai, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

A Aline me fotografou para que ficasse registrado o campo, ela foi muito solícita e me ajudou muito com os manterias e com o primeiro tour pelos Shoppings Centers da fronteira de PP-PJC.

Fotografia 25. Entrada da cidade de PP, e a divisa entre Brasil e Paraguai, 2019.



Fonte: Aline Brito, 2019.

Fotografia 26 – Família transportada na caçamba de uma caminhonete, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Destacamos elementos paisagísticos muito interessantes, os quais somente se vê na região de fronteira, como pessoas sendo transportadas de forma irregular livremente. Fomos para casa da Aline, tomamos café, e conversamos sobre nossos trabalhos, sua dissertação e os percalços, e desejo de seguir carreira como administradora, ainda que nesse momento esteja difícil ingressar no mercado de trabalho. Trocamos umas ideias, e consegui dois livros importantes emprestados e mais um pendrive cheio de teses, dissertações e artigos para ler e selecionar. Foi uma manhã muito produtiva, pois agendamos um café com a professora Eliana Lamberti⁴⁸ (UFMS) e uma possível parceria na produção de um artigo, visto que nossos temas dialogavam em diversos momentos. À noite participei do WorkShop de fotografia no salão de atos da Prefeitura Municipal de Ponta Porã. Muito interessante a proposta desta noite era contar a história da fundação da cidade de Ponta Porã a partir de um olhar histórico marcado pela fluidez e pelos interesses políticos e econômicos que marcaram fortemente a proximidade com o Paraguai e seu caráter fronteiriço. Os palestrantes por meio de um olhar

⁴⁸ Graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1999). Especialista e mestre na área de Desenvolvimento Regional pela UFMS, doutora em Economia do Desenvolvimento pela UFRGS. Atualmente é professora titular da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e pesquisadora dos temas relacionados ao desenvolvimento regional, relações socioeconômicas em região de fronteira (Brasil / Paraguai) e Direito & Economia. Integrante dos grupos de pesquisa: Centro de Análise e Difusão do Espaço Fronteiriço (Cadef/UFMS) e Turismo: gestão, planejamento e desenvolvimento (Planged Tur/UEMS).

fotográfico e historiográfico narram a trajetória de pequena vila da cidade de Ponta Porã, que cresceu à sombra da já consolidada economicamente, Pedro Juan Caballero, no Paraguai. Famosa pela produção ervateira, Ponta Porã teve grandes empresários, investidores que se dedicaram em fazer prosperar seus negócios em Ponta Porã, todavia foram vencidos pela concorrência do vizinho Paraguai e pela produção gaúcha. Porém, o município ainda sustenta o título de Princesinha dos ervais.

Fotografia 27. Palestrantes Sr. Júlio Cesar, Prof. Yhulds, Prof.^a Marilene, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 28. Palestrante Sr. Júlio Cesar, artista plástico, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Interessante esse costume de colocar as bandeiras lado a lado nos eventos, no sentido de marcar as transfronteiridades desta paisagem. A mesa foi composta por representantes de ambos os países, além de brasiguaios. Percebi uma tradutora em LIBRAS que prestava auxílio a uma pessoa com deficiência auditiva na plateia.

Relatório de campo 7 - 17/10/2019. Visita ao Parque dos Ervais. Conforme especificado nas instruções o ônibus sairá da frente do Banco do Brasil em frente ao Parque dos Ervais. Fiquei curiosa para ver se seria muito longe do local em que estou hospedada, fui a pé. Identifiquei o local e aproveitei o momento uma quinta feira quente para conhecer o Parque dos Ervais. Na entrada reparei em um senhor que parecia vigiar a entrada, falou que o parque é muito visitado, por crianças, jovens e adultos, que praticam esportes, caminhada e exercícios. O fato de Ponta Porã não possuir a mesma quantidade de praças que Pedro Juan Caballero (cada bairro possui uma praça) faz com que os pontaporanenses utilizassem bastante o Parque dos Ervais, espaço de lazer com área verde, quadras de vôlei futebol, basquete, circuito para correr, horto florestal e centro de eventos. De fato, um projeto que mudou as características do bairro, conversando com um dos trabalhadores do Parque, Senhor Luís (natural de Dourados, 52 anos, solteiro), que trabalha há um ano no setor de conservação do parque. Esse comentou que aprecia seu trabalho, que muitas pessoas visitam o parque diariamente, muitos vem fazer atividade física, maioria adultos. Esse comentou que o parque

recebe visita de escolas e alunos das faculdades da região. Muitos visitantes ao longo do dia e à noite, pois esse fecha às 21h.

Interessante destacar a presença do hotel Frontier e de uma agência do Banco Brasil bem em frente ao Parque dos Ervais. Na sequência uma imagem com um exemplar de erva mate na entrada do parque.

Fotografia 29. Entrada do Parque com as recomendações aos visitantes.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Ao caminharmos pelo parque percebeu-se que estava bem cuidado, que era frequentado por diversos públicos (em sua maioria crianças e jovens), que ocupavam as

quadras de esportes e as árvores. Notei que o espaço também é utilizado de cenário para a produção de ensaios fotográficos infantis. Esse clima de descontração e de contato com a natureza, destoa somente de uma grande área de propriedade do exército que era vizinha do parque. Local onde não se viu ninguém, somente a área cercada com a sinalização de “Proibido ultrapassar área militar”. Como tratava-se de uma área de acesso restrito, não pude fazer registros de imagem.

Fotografia 30. Lago artificial no Parque dos Ervais, PP, 2019.



Fonte: Janáina Teixeira, 2019.

Fotografia 31. Parque dos Ervais, lago, 2019



Fonte: Janafina Teixeira, 2019.

Fotografia 32. Parque dos Ervais, travessia sobre o lago, 2019



Fonte: Janafina Teixeira, 2019.

Fotografia 33. Parque dos Ervais, travessia sobre o lago, 2019



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

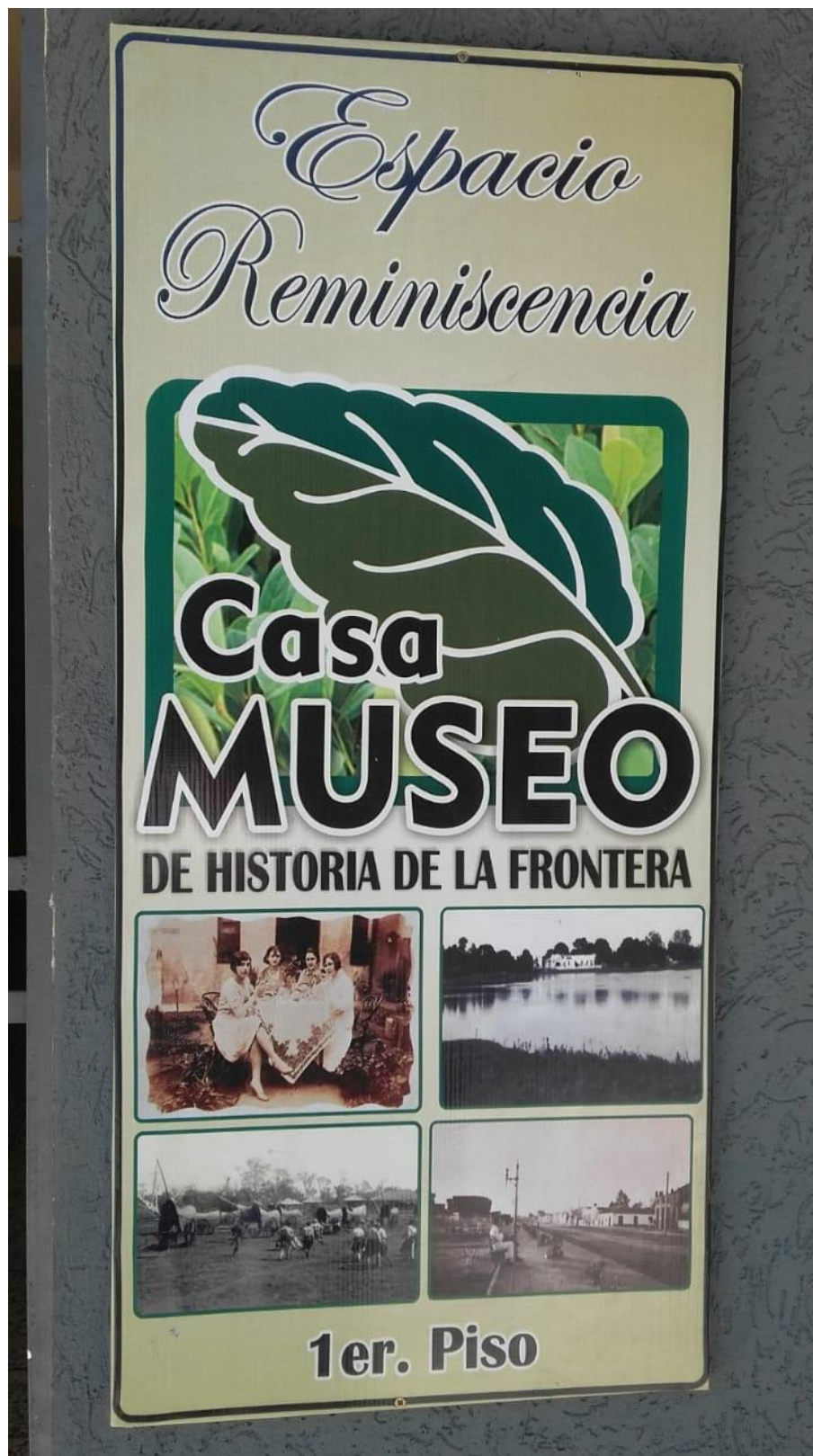
Visita ao Espaço Reminiscencia Casa Museo em Pedro Juan Caballero (Py) - Combinei de ir hoje à tarde no Espaço Reminiscencia Casa Museo de Historia de la Frontera. Fui recebida pelo proprietário Sacha Aníbal, que é professor de história e secretário de Cultura de Pedro Juan Caballero (Py). Seu acervo é muito diversificado, pois tem peças que fazem referência a formação histórica do Paraguai, de Ponta Porã e de Pedro Juan Caballero. Além de artefatos pré-históricos, artesanato indígenas, da cultura guarani e utensílios domésticos do início do século XX. O acervo está distribuído em seis salas de exposição. Neste podemos encontrar obras de arte francesa, latino-americana, inglesa e muitos trabalhos de brasileiros e artistas locais. São obras de inestimável valor histórico e etnográfico, pois o foco dos trabalhos são as pessoas que viveram e que contribuíram para a preservação dessa história.

Questionado sobre a procedência das obras Sacha comentou que algumas são doações outras ele próprio arrematou em leilões. Fazer esse tour historiográfico é um retorno ao passado político e cultural de PJC. Encontramos as reminiscências da família real brasileira, o caminho de Cerro Corá, que marca o final da Guerra do Paraguai, as fotografias do início do século XX com o surgimento dos primeiros povoados da região de fronteira. Destacam-se os artistas plásticos, que se tornaram notórios por suas esculturas em bronze, assim como a arte barroca guarani. São muito interessantes essas relações de influências e interferências

européias, que se evidenciam tanto na parte documental nas relações jurídicas da época, quanto na forma como a história convencional fora narrada de forma naturalizada com o recibo de compra e venda de um negro escravizado. Ou na maneira de como o corpo da mulher é explorado, enquanto um objeto. O historiador conservava as heranças familiares, como um aprendiz. Esse preservava em um dos cômodos a cama que fora de sua bisavó, onde sua avó havia nascido; e retratos de família expostos, na segunda sala que me apresentou. Ou seja, a história de Pedro Juan Caballero se confunde muito com a história da família de Sacha Aníbal.

Foi uma visita em torno de uns 50 minutos, porém pude escutar as trajetórias das personagens históricas de PJC. E observar dois séculos de uma realeza criada aos moldes europeus, uma população arrastada para uma guerra sangrenta. E a simplicidade dos jovens povoados fronteiriços, que surgiram de uma demanda imperial. Na sequência fotografia da placa de entrada do Casa Museo.

Fotografia 34. Reminiscencia Casa Museo, PJC, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Relatório de campo 8 - 18/10/2019. Havia programado, pois estava agendada a visita à escola Rural indígena. Cheguei no ponto de encontro marcado e no horário que o Jonas avisou que passaria com o ônibus da prefeitura. Em virtude um imprevisto, não fomos.

Fiquei na porta da Escola Estadual Mendes Gonçalves por uma hora e 20 minutos. Então aproveitei o momento para fazer algumas observações sobre o perfil dos alunos, a maioria era levada por seus responsáveis, pais, mães. Todos os alunos com a camiseta verde da escola. Muitos chegavam a pé, porém a maioria vinha de carro ou moto. São crianças de todas as idades (na faixa dos 9 aos 16 anos aproximadamente). Notei que mais próximo do horário de início da aula, começam a chegar as Vans escolares, uma atrás da outra, não obstruíam o fluxo da rua totalmente, mas produziam um certo congestionamento momentâneo. Nos movimentos de desembarque dos alunos na porta da escola, se enfileiravam carros e motos que deixam uma criança, eram raros os casos em que desembarcam dois ou mais alunos de uma mesma família. Os professores e demais servidores de educação chegavam de carros ou motos, notei a diferença, pois havia o acesso ao estacionamento da escola destinada a eles. Os alunos que chegavam de moto, são predominantemente, paraguaios, pois se despedem em espanhol, ou em guarani com seus semblantes sérios e gestos carinhosos.

Percorri a Rua Antônio João até a altura da Rua General Santana, em torno de uma hora e meia de caminhada. A ideia era ir à Fundação de Cultura e Esporte de Ponta Porã (MS), algumas imagens da Rua Antônio João, com detalhe da placa informando que estamos no bairro centro, mas as áreas descampadas e vazios urbanos são uma constante na Rua Antônio João no entorno da FUNCESPP em Ponta Porã.

Fotografia 35 Rua Antônio João, Centro de PP, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 36. Entorno da Rua Antônio João, embora estivéssemos em perímetro urbano notamos a presença de terrenos vazios e recentemente “limpos” como são denominados usualmente nesta região.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 37. Secretaria Municipal de Obras Urbanismo a Rua Antônio João, Ponta Porã, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

A Rua Antônio João é extensa e concentra muitos pontos comerciais muitos pontos de venda de açaí, prédios de médio porte em construção, lojas de roupas, pequenos comércios populares e mercearias. Nessa rua percebemos uma base militar, instituições de ensino, escolas e cursos de idiomas. Em algumas fotos são notáveis as referências à fronteira como elementos comuns na paisagem. São constantes os elementos como símbolos, frases nos anúncios, a forma como estavam dispostas as formas de comunicação, os quais nos lembram que estamos em uma região de fronteira. Como nos outdoors na avenida, próximo ao Parque dos Ervais.

Fotografia 38. Outdoors na avenida Antônio João, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Notou-se a presença de bases do exército nessa região, pois atuam na demarcação dos territórios fronteiriços. Que as pessoas falam o espanhol a todo momento, são moradores locais e trabalhadores fronteiriços. Percebi que qualidade das calçadas variam muito, algumas novas e bem pavimentadas, outras antigas e desgastadas. Enquanto em alguns setores as calçadas simplesmente desapareceram, por causa do desgaste e pela falta de manutenção.

Havia combinado com a Vivian Letícia que me buscaria em Ponta Porã para irmos pegar o ônibus na rodoviária de Pedro Juan Caballero para irmos juntas para Foz do Iguaçu, para o evento do 17º IFRG. Fomos acompanhadas pela irmã de Vivia. Recebi o convite do Jonas Cantaluppi para visitar a Escola Local que ministra aulas para crianças indígenas e não indígenas, onde ele fazia trabalhos sociais juntamente com a Fundação de Cultura e Esportes de Ponta Porã. O intuito da visita era que eu pudesse interagir com os alunos fazer anotações e registros fotográficos para compreender o trabalho que era feito naquela escola, que buscava integrar as crianças indígenas para reduzir os impactos causados pelo preconceito e pela discriminação que sofriam socialmente. Em função de um contratempo, tivemos que adiar a visita. No outro dia visitamos a Escola Municipal Lydio Lima em Ponta Porã, que também participou de projetos em parceria com a FUNCESPP.

Fotografia 39. Esc. Mun. Lydio Lima, PP, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 40. Anexo da Esc. Mun. Lydio Lima, PP, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Captamos imagens do antigo Castelinho em outubro do ano de 2019. Este abrigou atividades do exército, foi utilizado como a cadeia e a delegacia locais. Naquele momento,

estava aguardando os trâmites para a restauração. As imagens constam no corpo do trabalho, por isso não serão repetidas nesse relatório.

Relatório de campo dia 9 - 19/10/2019 Tivemos a visita técnica à reserva arqueológica Gasory e ao Parque histórico Cerro Corá em Pedro Juan Caballero, no Paraguai. Promovido pelo Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Ponta Porã. Na sequência o Card do evento. O ponto de encontro da turma para aguardar a saída do ônibus foi na frente do Banco do Brasil próximo ao Parque dos Ervais. Na parte da manhã houve um nevoeiro que é normal nessa região.

Fotografia 41. CARD da Visita Técnica a Reserva Arqueológica



Fonte: Card do evento, IFMS-PP, 2019.

Fotografia 42. Ponto de encontro em frente à agência do Banco do Brasil, PP, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Na fotografia a seguir notamos a presença de formações geomorfológicas de morros testemunhos.

Fotografia 43. Na estrada a caminho da Reserva Gasory, PJC, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 44. Chegada à Reserva Arqueológica de Gasory, desembarque do ônibus



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 45. Reserva Arqueológica Gasory, PJC, Paraguai, 2019



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Para termos acesso à Reserva arqueológica de Gasory passamos pela Comunidade indígena Itaguazu, que é apoiada pelo programa de cadeias de valor inclusivas de

componentes indígenas e acordos de cooperação. Conforme descrito na placa na entrada da reserva.

Fotografia 46. Placa na entrada da Comunidade indígena Itaguazú, PJC. Depto. de Amambay⁴⁹.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 47. Visita a colônia Indígena Pai Tavytera, moradias dos indígenas.



⁴⁹⁴⁹ Amambay é uma subdivisão administrativa do Paraguai. A capital do Departamento é a cidade de Pedro Juan Caballero. Fonte: Disponível em: <<https://amambay.gov.py/amambay/>>. Acesso em 26 de out. de 2023.

Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Ao acessarmos a região tivemos a felicidade de nos deparar com um paredão de arenito, formada a partir de sedimentos compactados ao longo de eras geológicas que caracteriza uma sobreposição de material rochoso, que deu origem a essa formação sedimentar arenítica. A qual serve de pano de fundo para as escritas e desenhos de civilizações pré-históricas que habitavam essa região. São as artes rupestres que cobrem paredões inteiros com traços, símbolos de animais e elementos que fazem alusão a fertilidade e culto à feminilidade, como sinônimos de permanência. Essa região foi muito visitada pelas turmas do IFMS - Ponta Porã.

Fotografia 48. Reserva Eco Arqueológica Gasory: Inscriciones rupestres.



Fonte: Marilene Ribeiro, IFMS - Ponta Porã, 2019.

Por toda a extensão dessa formação rochosa é possível observar os desenhos, símbolos e traços que simulam animais como: peixes, marcas de patas de aves; o cotidiano das civilizações pré-históricas tais como a conformação familiar, nesse local que utilizavam como refúgio.

Fotografia 49. Reserva Eco Arqueológica Gasory: Inscrições rupestres.



Fonte: Marilene Ribeiro, IFMS - Ponta Porã, 2019.

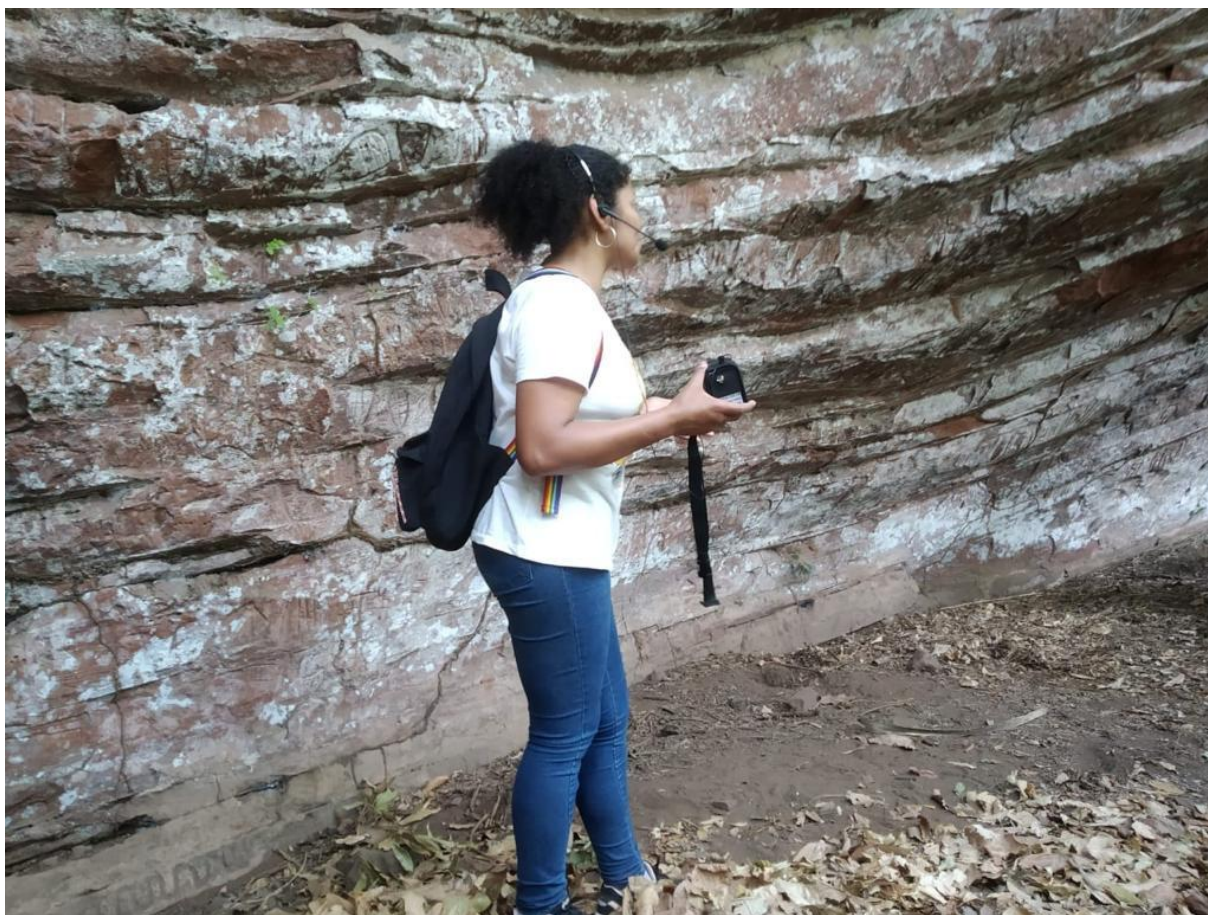
Fotografia 50. Arte rupestre impressa sobre formação arenítica.



Fonte: Marilene Ribeiro, IFMS - Ponta Porã, 2019.

O professor de Geografia que iria participar desse evento ficou doente e não pôde ir, então a professora Marilene pediu que eu fizesse uma breve explanação sobre a formação geomorfológica da região.

Fotografia 51. Reserva Eco Arqueológica e a formação geomorfológica.



Fonte: Marilene Ribeiro, IFMS - Ponta Porã, 2019.

Fotografia 52. Reserva Eco Arqueológica e a formação geomorfológica.



Fonte: Marilene Ribeiro, IFMS - Ponta Porã, 2019.

Fotografia 53. Formação rochosa: complexa de arte rupestre gravações em rocha.



Fonte: Marilene Ribeiro, IFMS - Ponta Porã, 2019.

Fotografia 54. Visita à comunidade Indígena Itaguazu.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Ao fundo formação de morro testemunho. Fomos recebidos com uma dança de boas-vindas entre os indígenas da comunidade. Participamos de uma breve fala (em guarani) do representante da comunidade, que agradeceu a visita. Na sequência fila para entrar na oca.

Fotografia 55. Visita à comunidade Indígena Itaguazu



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 56. Saída da Comunidade Itaguazú, casal de motocicleta passou pela turma



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 57. Turma se encaminhando para o ônibus.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Interessante observamos que toda a estrada era formada por uma areia fina, o que tornou o caminhar pesado e de difícil controle. Os alunos estavam atentos e perguntaram se eu estava na cidade estudando medicina, se eu era professora, e se estava vinculada ao IFMS. Pelo fato de ser a única negra no grupo os alunos queriam muito saber de qual parte do Rio

Grande do Sul eu vinha. Alguns alunos tinham parentes em Gravataí, Jaguarão e os professores que estavam lotados no IFMS - Ponta Porã eram de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e do Paraná. Notou-se uma multiplicidade de origens e sotaques e o número expressivo de alunos paraguaios naquela turma.

Visita ao Cerro Corá em Pedro Juan Caballero (Py) Local que em que ocorreu a última parte da Guerra do Paraguai, com o desfecho da morte de Solano Lopes. Visita ao museu de memórias da Guerra do Paraguai e a um dos túmulos do Marechal. E lanche coletivo com direito a sopa paraguaia e chipas.

Fotografia 58. Placa na entrada do Parque Nacional Cera Corá, PJC. Prof.^a Marilene Ribeiro (IFMS-PP)



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 59. Nos caminhos da batalha que antecederam a morte de Solano Lopes.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 60. Cerro Corá, palco das batalhas da Guerra da Tríplice Aliança.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 61. Rio Aquidabã, PJC (PY).



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 62. Alunos do IFMS – PP, na beira do rio.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 63. Alunos e professores na beira do rio.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 64. Alunos do IFMS – PP às margens do rio.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 65. Alguns alunos e professores entraram no Rio Aquidabã, PJC (PY).



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 66. Lanche coletivo para finalizar a visita ao Cerro Corá. E o ônibus ao fundo.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Ter participado dessa visita técnica foi muito produtivo, pois tive a oportunidade de conversar com professores e alunos que residiam, estudavam e trabalhavam em PP, ou em PJC. Foi dia de muitas trocas de aprendizados e experiências sobre as paisagens e suas

representações. Tivemos contato com culturas distintas, saberes ancestrais e práticas de ensino aprendido transdisciplinares. Isso colaborou para o exercício de novos olhares para as paisagens transfronteiriças.

Relatório de campo 9 - 20/10/2019 Os domingos eram muito quietos. Com alguns raros movimentos de carros que passavam, mas a impressão era de que nada acontecia. Aproveitei a quietude para fazer o plano de campo para a semana seguinte. Coloquei as perguntas para as entrevistas em um documento a parte para impressão. (Metodologia de pesquisa).

Relatório de campo 10 (21/10/2019) Entrevistei o professor Sacha Aníbal Benitez Cardona sobre a história da fundação de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. O professor Jonas Cantaluppi apresentou-me à equipe da FUNCESPP. Após almoçarmos na casa da mãe do Jonas, senhora Graciela. Visitamos a escola para apresentar o “Projeto Cultura na Escola” foi elaborada uma grade de horários para as atividades que seriam desenvolvidas no dia de Cultura na escola, na quarta-feira seguinte. Fomos ao mercado Público de Pedro Juan Caballero (PY).

Fotografia 67. Mercado público PJC estava vazio pois chovia e estava um pouco frio.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 68. Mercado público PJC estava vazio, pois chovia e estava um pouco frio.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 69. Mercado Público de PJC era bastante variado em produtos



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 70. Mercado Público de PJC, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

O Mercado público era bastante variado em produtos medicinais e alimentícios frutas e verduras. Com destaque para os tachos de gordura e para os sacos de polvilho, que são a matéria primas para a produção das chipas entre outras receitas. Retornei ao mercado em outra data, para observar em um dia de sol e calor para verificar se o volume e circulação de pessoas seria diferente da primeira visita.

Relatório de campo 13 (24/10/2019) Conversei com a professora Marilene Ribeiro que atuava no IFMS- Ponta Porã. Combinamos de irmos à feira próximo a prefeitura de Ponta Porã. É interessante como essa relativização de perto e longe muda de acordo com o lugar em que está, pois a feira na verdade trata-se do mercado público de Pedro Juan Caballero. Chegamos lá e a professora estava procurando um remédio para resfriado, pois sempre tratou de seus filhos com os compostos medicinais locais. Andamos pelo mercado a céu aberto, enquanto ela comenta o quanto esse espaço está alterado, antes (quando ela mais jovem e frequentava de forma recorrente) era mais restrito aos produtos naturais, às ervas medicinais, às farinhas de mandioca, às gorduras para o preparo das chipas. Hoje ficou surpresa ao ver tantos produtos importados, roupas, brechós. É muito diferente ainda preservar uma parte do que foi no passado e que atraía muitas pessoas para esse local. Notou que o espaço está mais vazio, pode ser que em virtude do horário que visitamos (em torno de 15:30/ 16h. no Py.). Soube que o movimento mais intenso se ocorre no período da manhã. Na sequência algumas fotos do mercado de Pedro Juan Caballero.

Fotografia 71. Mercado público com especiarias e produtos medicinais diversos.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 72. Mercado público com especiarias e produtos medicinais diversos.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 73. Mercado público de PJC, tonéis de gordura.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 74. Anúncio em guarani Poha Raity, que significa erva medicinal



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Nesse estabelecimento a professora Marilene encontrou o remédio que procurava. Na sequência fomos até a Gobernación, ao Palacio de Justicia e a Prefeitura. Havia passado

rapidamente por esses lugares sem me ater a alguns detalhes que pude prestar mais atenção, certo de que ainda cabem análises mais aprofundadas, porém existem imagens que falam por si mesmas. As duas próximas fotografias retrataram a Gobernación e o Palacio de la Justicia.

Fotografia 75. Palacio de Justicia, PJC.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 76. Palácio de Justicia, PJC.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Como era mês de outubro havia uma campanha de conscientização do outubro Rosa.

Fotografia 77. Prédios decorados com laços cor de rosa, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

E no Palacio del Gobierno também havia decoração em alusão a mesma ação publicitaria. Esses espaços destinados aos prédios de órgãos do Estado, ocupam vários metros quadrados. E estão localizados em espaços amplos no sentido de dar uma dimensão de controle e austeridade à paisagem. Como tem uma característica a exaltação do poder estatal.

Fotografia 78. Palacio del Gobierno Departamento de Amambay, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

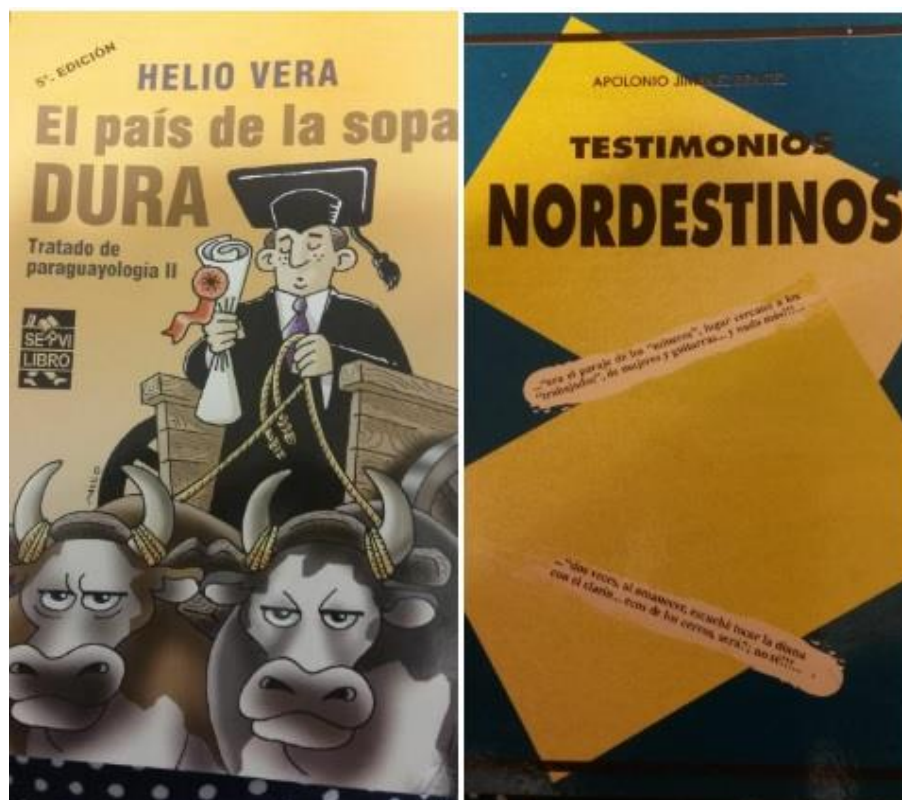
Fotografia 79. Monumento ao herói da Guerra do Paraguai.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Relatório de campo 14 (25/10/2019) Hoje fui as livrarias 4 Caballeros e Lugo para comprar uns livros que o Prof. Sacha me indicou. E um título que me chamou a atenção que faz referência à comida típica a sopa paraguaia.

Fotografía 80. Capas dos libros, PJC.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Elemento muito comum na paisagem era a presença da religiosidade que se fez presente em toda a cidade de Pedro Juan Caballero, que a imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, padroeira do município. Duas quadras para dentro da cidade (quem vem da linha Internacional podemos ver a igreja a paróquia e a escola de mesmo nome. Fui observando e registrando em fotos a presença da Santa em seis locais distintos. Sendo no muro da escola, em um estabelecimento comercial (casa de câmbio), em uma praça, em oratório ao lado prédio público do Departamento de Amambay, em uma loja que comercializa produtos religiosos em um painel exposto na Laguna Punta Porã.

Fotografias 81, 82 e 83 Composição de Alusões à Nossa Senhora do Perpetuo Socorro.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografias 84, 85 e 86 Composição de Alusões à Nossa Senhora do Perpetuo Socorro



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Relatório de campo 15 (26/10/2019). Fiz uma caminhada pelas ruas Antônio João, Tiradentes e Avenida Getúlio Vargas, para fazer mais algumas fotos de uns aspectos que achei interessantes. Como por exemplo da casa que era guardada por dois anjos um em cada esquina.

Fotografia 87. Mansão na cidade de PP, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 88. Mansão na cidade de PP, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Notou-se de fora que se tratava de uma casa suntuosa com colunas em granito e estátuas em mármore com palmeiras em frente, chamou-me a atenção pela riqueza de detalhes e requinte das peças e dos traços arquitetônicos, que misturavam ângulos retos e detalhes sinuosos.

Essa casa é interessante pois destoa de todas as demais casas simples, algumas de madeira parecendo ser muito antigas, dividem o mesmo quarteirão. Outro aspecto que chamou atenção era como elementos novos e antigos convivem naturalmente na paisagem fronteiriça.

Relatório de campo 16 (22/10/2019) – Naquele dia, encontrei a professora Eliana Lamberti, a Aline Brito, que me apresentou à professora. Foi uma conversa / orientação em grupo, pois no meio do encontro em um café em Ponta Porã, chegou a Natália Bogado, que que à época estavam produzindo um texto para uma revista sobre desenvolvimento regional.

Eu apresentei minha proposta de trabalho de tese das hipóteses levantadas, do problema de pesquisa. A professora Eliana achou muito relevante a proposta e disse que muitas vezes tem vontade de voltar a estudar as fronteiras. Li anteriormente a dissertação dela e me deparei com algumas dúvidas, que levei para o encontro, no Aromma Café. Foi muito enriquecedor conversar com ela, pois muitos dos conceitos e usos mudaram na percepção da Prof^a Eliana. Porém algo permanece, a necessidade de estudar as fronteiras e mais especialmente a fronteira Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, enquanto sociabilidade conurbada e legislação segregada, que dificulta as intervenções políticas que atendam às demandas locais, enquanto um polo de cultura amalgamada em uma regionalidade fronteiriça. Da mesma forma que Sacha comentara no dia anterior; muitas vezes as situações são resolvidas em um contexto extralegal, pois a legislação muitas vezes não abarca as características locais da fronteira e suas distintas formas de se influenciarem mutuamente. Com relação ao estudo das transformações da paisagem, a partir da abordagem de Milton Santos, Eliana achou interessante, pois trabalha os eixos superior e inferior, no sentido de entender que a informalidade faz parte dessa fronteira, sem deixar de coibir o ilegal. Comentei sobre as relações transfronteiriças as divergências históricas, do contexto histórico e contemporâneo dessa fronteira seca, cidade gêmea, que perpassada por tantos processos de metamorfose socioespacial.

A professora Eliana me recomendou o livro Comércio na fronteira Brasil - Paraguai de Eliana Lamberti e Patrícia Martins, ambas da Universidade estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e o Zoneamento Ecológico-Econômico de MS (ZEE-MS) de 28 de abril - 2017. Para o entendimento da ideia de uma diversificação do turismo de compras como uma nova versão de turismo de cultura, culinária, gastronomia e natureza para alavancar a economia da fronteira. A fala da professora Eliana foi muito importante para nortear alguns pontos que eu ainda tinha dúvidas. Ela me colocou em contato com o Professor Carlos Buson que também havia sido indicado pela Professora Marilene Ribeiro (IFMS - Ponta Porã) e pelo Professor

Camilo Carneiro (UFGD). Conversei com o professor Carlos Buson à tarde que me sugeriu um exercício de fazer uma observação da linha Internacional em ambos os lados e naquela noite por Whatsapp debatemos sobre as minhas observações e apontamentos, esse foi muito objetivo ao destacar a ausência de compradores e a perda de rentabilidade dos comerciantes em virtude do dólar alto. Em contraponto destacou os monopólios do empresariado que atua no comércio local, Carlos Buson destaca que um pequeno grupo de empresários domina os ramos dos Free Shops (Shopping China e Planet, além da rede Max de supermercados) e alimentício na região de fronteira e que esse grupo detém relações estreitas com o capital estrangeiro europeu e norte-americano. O professor Carlos Buson é grande conhecedor da fronteira Brasil - Paraguai vem se dedicando aos estudos fronteiriços a partir da base de dados nacionais e internacionais e atua na produção de diagnósticos cartografados sobre potencialidades e fragilidades regionais, por meio de dados sociológicos. São elementos importantes na paisagem fronteiriça o trilinguismo, as relações de trocas culturais, o aumento do número de estudantes de medicina brasileiros em IES em Pedro Juan Caballero (Py), que mudaram o cenário local, como o incremento da construção de imóveis tanto em Ponta Porã quanto em Pedro Juan Caballero.

A movimentação do comércio local em função das sete IESs instaladas em Pedro Juan Caballero (Py). Na parte da tarde fiz o exercício de observação da Linha Internacional no entorno do Centro Popular de Compras e nas praças Tenente Francisco Manuel Valdez e na Laguna Punta Porã ambas em Pedro Juan Caballero (Py).

Fotografía 89. Plaza Tte. Francisco Manuel Valdez, PJC, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografía 90. Plaza Tte. Francisco Valdez, PJC, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 91. Plaza Tte. Francisco Manuel Valdez, PJC, 2019



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 92. Laguna Punta Porã, com patos e carpas, PJC, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 93. Laguna Punta Porã, PJC, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Fotografia 94. Laguna Punta Porã, PJC, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

É muito emblemático à medida que caminhamos um pouco para além da linha internacional, em direção de PJC, nos deparamos com uma praça que rodeia uma laguna com toda uma beleza cênica e riqueza de elementos paisagísticos. Notou-se que foram introduzidos

patos e carpas para dar vida a Laguna Punta Porã, primeiro nome de Pedro Juan Caballero. Ao percorrer esses caminhos cruzamos com jovens que passeiam com seus cachorros, mães com seus bebês, moradores em situação de rua. Todos dividiam esse espaço, seja pela força do hábito, seja pelas amenidades deste local. Logo na entrada da Laguna tem um aviso de proibido nadar e pescar nesse local. A estrutura é boa, porém senti falta de bebedouros e de limpeza da Laguna. Destaca-se o contexto de um lugar para a prática contemplativa da paisagem.

Na próxima fotografia temos um conjunto de elementos que fazem referência à religiosidade, como um oratório em homenagem à Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, um monumento em forma de painel com as passagens da Guerra do Paraguai e seus heróis, e uma menção ao período de auge das grandes Companhias Ervateiras, por meio de uma Carreta Campesina que era utilizada para o transporte, da produção de erva mate. Naquela ocasião, a carreta esteve recolhida para manutenção.

Fotografia 95. Monumentos exaltando a memória e a história de PJC, 2019.

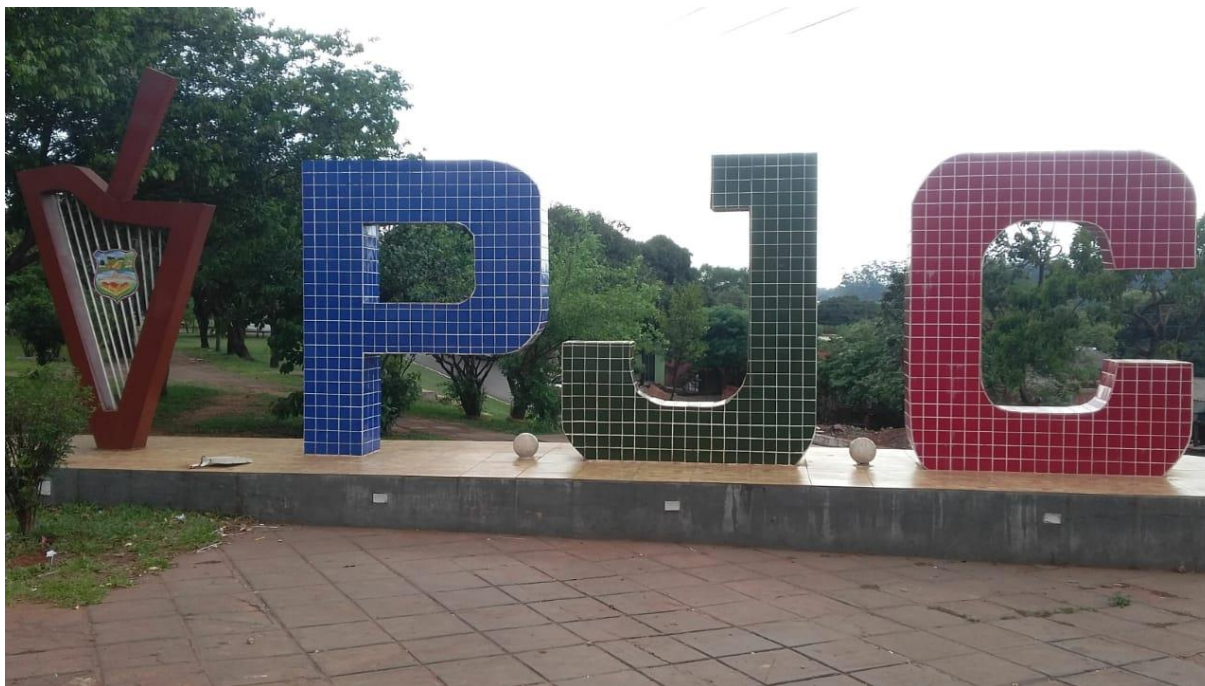


Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

À tarde fomos Vivian Leticia, sua irmã Lorena e eu até o departamento de migrações, para solicitar o permissão para irmos de ônibus pelo Paraguai ao 17º IRFG em Foz do Iguaçu. Foi muito tranquilo, em seguida fomos até a rodoviária do Paraguai, para comprar as

passagens. O ônibus vai até Ciudad Del Este, lá atravessaremos a Ponte da Amizade até Foz. Na sequência algumas fotos de Pedro Juan Caballero (Py).

Fotografia 96. Monumento em homenagem a harpa paraguaia, PJC, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019.

Este relatório era uma sequência do campo 15, pois escrevi as impressões e observações do dia anterior. Notei no caminho de Pedro Juan Caballero que estava em andamento um processo de expansão urbana *sui generis*. Uma vez que, os empresários do setor imobiliário adquirem terrenos muito baratos e sem nenhuma infraestrutura e construíram e negociaram esses imóveis com valores altos, para depois investir em infraestrutura. Em conversa informal com as estudantes de Letras e Administração Lorena e Letícia, residentes em Pedro Juan Caballero. Estas relataram que devido a grandes empreendimentos, como o Shopping China ou no caso, da Rodoviária uma área que por muito tempo estava estagnada naquele momento passou a ser urbanizada de forma bastante acelerada. Pois o preço da terra para os agentes imobiliários era muito baixo. Há ausência de equipamentos públicos como água encanada, saneamento básico. As casas começaram a ser construídas nas bordas dos terrenos e nas áreas mais distantes dos primeiros pontos de conexão aos serviços públicos da cidade. Esse movimento de expansão urbana foi muito semelhante ao que fora implantado no entorno do Shopping China. Uma vez que, toda a malha urbana que parte deste estabelecimento comercial teve a preferencial para o tráfego de veículos.

Ao passo que, para quem não estivesse em deslocamento em virtude de compras ou serviços direcionados para o Shopping China, não disporia de um fluxo rápido para o seu deslocamento. Tratava-se de uma lógica objetiva de existem pessoas que teriam mais direito à cidade do que outras. Desta forma o trânsito de Pedro Juan Caballero era tenso.

Elas comentaram que viver nesses novos imóveis era como morar em favelas, que diferente do bairro onde moravam, mais bem estruturado com uma infraestrutura de qualidade com escolas próximas, bancos e ruas asfaltadas e estabelecimentos comerciais de bairro. Elas destacaram que estão surgindo casas planejadas de alto luxo e que provavelmente os proprietários seriam traficantes ou “mexeriam com o tráfico”. Por óbvio essa desconfiança não era gratuita. Pois se deviam a pessoas que tiveram ascensão social muito rápida. Uma das garotas comentou: “E quando vai ver são professores.”. Comentaram que a prática de especulação imobiliária também era muito presente na região. Os terrenos eram negociados por valores irrisórios, mas para morar era uma careza. Ou seja, existem atravessadores que lucravam muito com mercados dos terrenos, ou melhor com a financeirização do espaço urbano, por meio da especulação que envolveria esse negócio. Relatório de campo 16 (27/10/2019) Estava andando pela cidade e observando, cada rua tem suas características umas mais modernas outras mais tradicionais. Hoje fui observar de perto um dos prédios mais altos do centro. E acabei me deparando com um painel restaurado recentemente na Câmara Municipal de Ponta Porã.

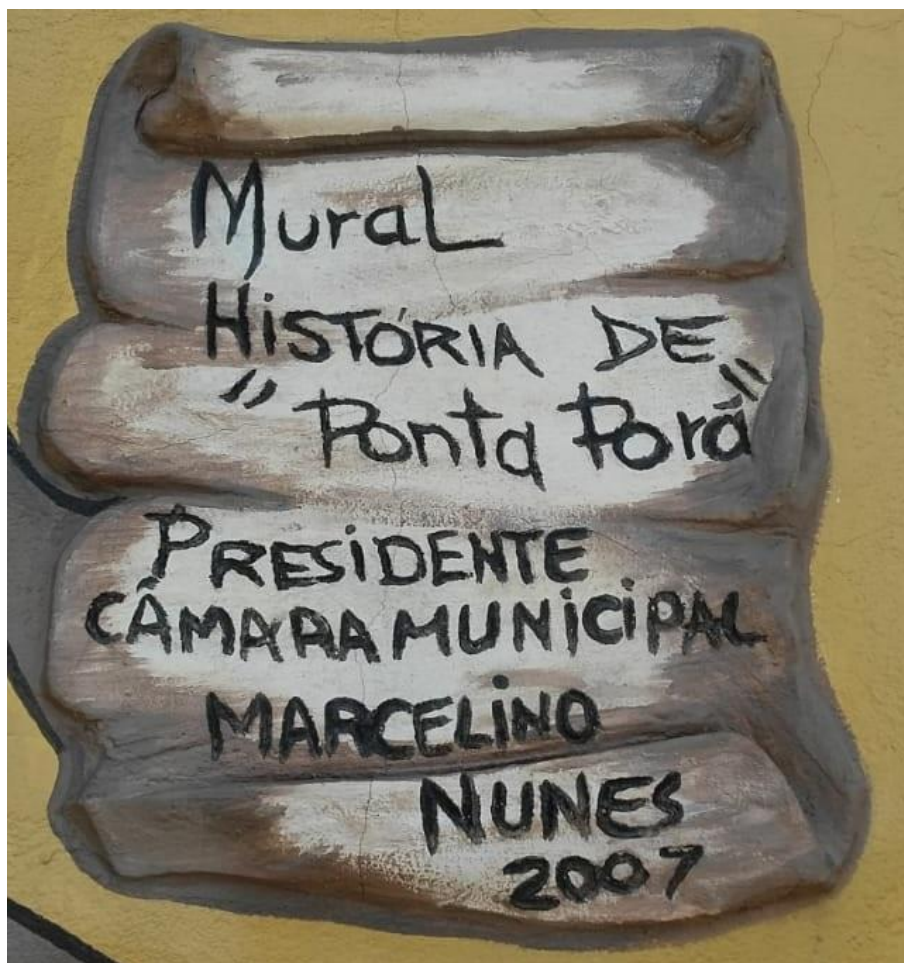
Fotografia 97. Painel com elementos da história e cultura na Câmara Municipal, PP.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Destaca-se a disputa pela autoria da obra por parte dos políticos locais. Como forma de deixar seu nome nas obras públicas. Essa prática é comum na cidade.

Fotografia 98. Mural da História de Ponta Porã, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 99. Mural da História de Ponta Porã, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

O gestor seguinte não deixou por menos e colocou seu nome no mural. Interessante que nesse mural está o prédio mais alto que fui fotografar, que fica na rua ao lado.

Fotografia 100. O prédio Itacolomi residencial destoa dos demais em Ponta Porã.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

E na frente do prédio mais alto tem uma igreja Maronita Católica Apostólica Romana, doada generosamente por um empresário da região (também tem nome do empresário Sr.

Pedro Sarkis Mezher na placa em frente à igreja). Na sequência a placa com os detalhes da doação.

Fotografia 101. Igreja Maronita em Ponta Porã, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 102. Igreja Maronita em Ponta Porã, 2019.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Em contraponto a essa igreja na outra esquina deparei-me com uma igreja evangélica também grande, mas mais aos moldes dos prédios evangélicos. O que chamou a atenção foi o Slogan que busca atrair mais fiéis com o mapa de plano de fundo.

Fotografia 103. Fachada de igreja evangélica em Ponta Porã, 2019



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Relatório 16 (28/10/2019) Algumas fotos do último dia de campo. Porque temos a nítida impressão, que no momento que estamos prestes a ir embora é que tiramos as melhores fotos, tempo está bom a paisagem se mostra com mais veemência e transparência para a nossa percepção.

Fotografia 104. Linha internacional comércio PP-PJC.



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Fotografia 105. Linha internacional comércio PP-PJC



Fonte: Janaína Teixeira, 2019

Considerações Finais

Podemos destacar alguns aspectos importantes sobre as cidades gêmeas de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, como os seus traços culturais e riqueza histórica. As transformações socioespaciais da região; na forma como a fronteira possui um dinamismo muito interessante e que essa se revela como um atrator ao consumo. Vive-se bem na fronteira, mas gasta-se muito também em termos gerais, pois existe um forte apelo ao consumismo.

Ter passado esses dias em Ponta Porã, visitando todos os dias Pedro Juan Caballero, suas praças, seus mercados, sua laguna Punta Porã e igrejas. Os diálogos e entrevistas com os professores educadores e historiadores, a equipe da FUNCESPP agregou muito ao meu trabalho. Conversei com estudantes e pesquisadoras, com profissionais autônomos. Esses diálogos de profundos saberes, em distintas áreas de atuação, foram imprescindíveis para o entendimento desta fronteira. Pois trouxeram novas formas de transitar em uma fronteira que se expressa em uma dialética multidirecional.

Um entendimento que até então era uma impressão, e converteu-se em constatação. E em uma construção social, impressa na paisagem transfronteiriça. Esses percursos resultaram em questionamento e novas ideias. Em comparação com o comércio de compras de Puerto Iguazu, muito mais frenético e marcado pelo ir e vir na ponte, se faz distinto. Não somente por trata-se de uma fronteira seca Pedro Juan Caballero e Ponta Porã são resultado de um processo histórico que, seja por força do contexto geopolítico, seja pelas relações estreitas com o vizinho, de interação e cultura imbricadas, as estratégias de vida, as culturas que se entrecruzam, fizeram florescer nessa região algo novo.

Ao se pensar a paisagem de fronteira, percebemos que se trata de uma existência fluida que transita pelo guarani, o espanhol e pelo português, em uma confluência nas linguagens, que buscam favorecer os mercados, os fluxos cambiais, no comércio local que é permanente da Linha Internacional.